

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Fernanda Flores Amorim Pereira

**Uma descrição do uso dos *apelidos* em Cláudio**

Belo Horizonte 2011

Fernanda Flores Amorim Pereira

Uma descrição do uso dos *apelidos* em Cláudio

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linha B

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani.

Dissertação defendida por FERNANADA FLORES AMORIM PEREIRA em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ e aprovada pela Banca examinadora constituída pelos Professores Doutores relacionados a seguir:

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani - UFMG**  
**Orientadora**

---

**Prof. Dr. Hildo Honório Couto - UnB**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Maria Cândida Costa Trindade de Seabra - UFMG**

*Aos claudienses, pelo espírito carinhoso,  
hospitaleiro e criativo de nossa gente.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de luz e amparo, agradeço pelo dom da vida e oportunidades concedidas a mim.

À professora Dr<sup>a</sup> Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani pela dedicação e paciência com que me orientou.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Cândida Costa Trindade de Seabra pela sugestão e crédito dado ao desenvolvimento dessa pesquisa.

Aos meus professores do ensino médio, graduação e pós-graduação pelo incentivo constante aos estudos.

Às diretoras Aldair Rodrigues, Alvanir Resende e coordenadoras Mirtes Gonçalves e Aldenir Resende, e aos demais colegas da E.E. Presidente Tancredo de Almeida Neves e Centro de Educação Sagrado Coração de Jesus, pelas palavras amigas, pelo incentivo e compreensão por algumas ausências.

Aos meus alunos e ex-alunos com os quais compartilhei muitos momentos de felicidade, mas também, de inquietações e angústia.

Aos meus pais, João Paulo e Solange, pelo exemplo de vida, pelo apoio e amor imensuráveis. Minhas irmãs, Ana Carolina e Bárbara, pela força e companheirismo. Ao demais familiares, pelas orações e pela confiança em mim depositada.

Ao meu noivo, Anderson Novaes, grande companheiro, por torcer por mim e acreditar em meu potencial. Além de compreender os momentos de ausência.

Aos amigos e colegas de pós-graduação Regina Tormin, Paulo César, Evilázia Ferreira, Márcia Cristina, Celso Reis, Neffer Luíza, Joviano Gonçalves, Maria Helena Soares, Zuleide Figueiras, Geovani Clementino com os quais compartilhei conhecimento, conquistas e sofrimentos.

À Noeme Vieira de Moura, Assessora de Cultura de Cláudio, e funcionários do “Museu Histórico e Artístico de Cláudio – Casa de Cultura Ídia Gregório Araújo”, que tão gentilmente, cederam-me materiais de pesquisa e muitas das fotos que ilustram esse trabalho.

À Carolina Rocha, que também me cedeu fotos do município, do acervo de “César Rocha Photographia”.

Aos meus informantes, pela recepção sempre gentil e carinhosa, e pela imensa contribuição à pesquisa.

Aos amigos e professores Me. Cláudio Duarte e Carolina Duarte pelas correções e disponibilidade em ajudar nessa etapa final do trabalho.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o hábito de apelidar na cidade de Cláudio, localizada na mesorregião Oeste de Minas e na microrregião de Divinópolis. Busca-se entender as motivações desse hábito, bem como sua amplitude, evolução, implicações ideológicas nas gerações claudienses. Orientada por conceitos que se extraem de diferentes campos – Lexicologia, Semântica, Onomástica, Antropologia Linguística e Sociolinguística, a pesquisa se desenvolveu a partir da análise qualitativa e quantitativa da *Apelista- Lista Telefônica* por *Apelidos*, o que permitiu classificar os antropônimos encontrados em *Apelidos*, *Hipocorísticos*, *Nomes com Referência*. Através da segunda análise, constituída de 59 entrevistas a pessoas nascidas e moradoras da cidade de Cláudio, verificou-se como esse hábito se atualiza em diferentes faixas etárias e gêneros, tanto do meio rural quanto do urbano. Os resultados obtidos por meio da pesquisa mostram a importância da referência e da afetividade na implementação desse hábito. Foi possível identificar, além disso, que a apelação, recurso muitas vezes usado para a expressão da afetividade, origina-se, de forma geral, no ambiente familiar e que o fator gênero interfere nesse fenômeno.

## **ABSTRACT**

The aim of this study is to analyze the habit of nickname people in Cláudio town, located in the middle region Minas' western and in the micro region of Divinópolis. Seeking to understand the motivations of that habit as well as its amplitude, evolution, ideological implications in the claudienses generations. Guided by concepts that are extracted from different fields - Lexicology, Semantics, Onomastics, Anthropology and Linguistics Sociolinguistics, the research was developed from the qualitative and quantitative analysis of *Apelista- Nicknames' Phonebook*, which is allowed to classify anthroponyms found in *Nicknames, Hypochoristic, Names with Reference*. By the second analysis, which consisted of 59 interviews with people who were born and live in Cláudio town, checked how this habit updates at different ages group and genders, both from the rural and the urban. The results obtained from the research show the importance of reference and affectivity in the implementation of this habit. It was possible to identify that the nicknames' use, a resource very often used to express affection, stems in general, in the familiar environment and that the gender factor interferes in this phenomenon.

## **LISTA DE FOTOS**

Foto 1: Igreja Matriz em 1912.....	16
Foto 2: Igreja Matriz em 1923.....	16
Foto 3: Igreja Matriz em 2010.....	16
Foto 4: Jardim Monte Castelo em 1960.....	29
Foto 5: Jardim Monte Castelo em 2010.....	29
Foto 6: Vista lateral da antiga estação ferroviária.....	43
Foto 7: Locomotiva na estação ferroviária.....	43
Foto 8: Museu Histórico- artístico de Cláudio e Casa de Cultura ‘Ídia Gregório Araújo’ .....	43
Foto 9: Inauguração COTECLA.....	59
Foto 10: Vista aérea da cidade de Cláudio.....	88
Foto 11: Vista aérea da cidade. Parque industrial ao fundo.....	88

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Brasão da cidade de Cláudio.....	15
Figura 2: Onomástica.....	18
Figura 3: Relação triádica.....	19
Figura 4: Referência.....	21
Figura 5: Logomarca Comemorativa – 100 anos de Cláudio.....	46
Figura 6: Localização de Cláudio e municípios vizinhos.....	52
Figura 7: O trabalho nas fundições claudienses .....	53
Figura 8: Capa do catálogo Telefônico 1978/9.....	58
Figura 9: <i>Apelista</i> 2009 (fragmento).....	58
Figura 10: Lista de assinantes da Companhia Telefônica de Cláudio (fragmento).....	59
Figura 11: Organograma: Informantes.....	61

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Relação e definição dos itens considerados antropônimos.....	24
Quadro 2: Categorias da <i>Apelista</i> .....	36
Quadro 3: Categorias <i>Apelista</i> .....	60

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização de Cláudio em Minas Gerais.....	45
---	----

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Identificação dos nomes categorizados na <i>Apelista</i> (Zona Urbana).....	64
Gráfico 2: Identificação da frequência das categorias analisadas na <i>Apelista</i> (Zona Urbana).	65
Gráfico 3: Identificação percentual de <i>apelido</i> e suas motivações – <i>Apelista</i> (Zona Rural)....	66
Gráfico 4: Identificação dos nomes categorizados na <i>Apelista</i> (Zona Rural).....	68
Gráfico 5: Identificação da frequências das categorias – <i>Apelista</i> (Zona Rural).....	68
Gráfico 6: Gênero predominante na <i>Apelista</i> - Urbana.....	69
Gráfico 7: Gênero predominante na <i>Apelista</i> - Rural.....	70
Gráfico 8: Avaliação do próprio <i>apelido</i> – Urbano.....	80
Gráfico 9: Avaliação do próprio <i>apelido</i> – Rural.....	81
Gráfico 10: Gênero dos responsáveis pela <i>apelidação</i> – Urbano.....	83
Gráfico 11: Gênero dos responsáveis pela <i>apelidação</i> – Rural.....	84

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Categorias presentes na <i>Apelista</i> – Zona Urbana.....	62
Tabela 2: Os hipocorísticos e seu processo de formação – Urbano.....	62
Tabela 3: Os <i>apelidos</i> e suas motivações – Urbano.....	63
Tabela 4: Quanto aos nomes com referência e sua motivação – Urbano.....	64
Tabela 5: Os hipocorísticos e seu processo de formação: Zona Rural .....	66
Tabela 6: Nomes com referência.....	67
Tabela 7: O gênero entre os nomes da <i>Apelista</i> – Urbano.....	69
Tabela 8: O gênero entre os nomes da <i>Apelista</i> - Rural .....	70
Tabela 9: Comparativo entre a frequência da referência – Urbano e Rural.....	71
Tabela 10: Categorias que se ilustram nas entrevistas- Urbano.....	73
Tabela 11: Categorias que se ilustram nas entrevistas- Rural.....	74
Tabela 12: Responsável por atribuir o <i>apelido</i> – Urbano.....	75
Tabela 13: Responsável por atribuir o <i>apelido</i> - Rural.....	75
Tabela 14: Período em que o <i>apelido</i> foi atribuído – Urbano.....	76
Tabela 15: Período em que o <i>apelido</i> foi atribuído- Rural .....	77
Tabela 16: A seleção do contexto de uso- Urbano.....	77

Tabela 17: A seleção do contexto de uso- Rural.....	78
Tabela 18: A existência de <i>apelido</i> na família– Urbano .....	78
Tabela 19: A existência de <i>apelido</i> na família- Rural.....	79
Tabela 20: Julgamento acerca da <i>Apelista</i> – Urbano .....	79
Tabela 21: Julgamento acerca da <i>Apelista</i> - Rural.....	80
Tabela 22: Avaliação do ato de apelidar- Urbano.....	82
Tabela 23: Avaliação do ato de apelidar- Rural.....	82
Tabela 24: Identificação do gênero entre as categorias – Urbano.....	84
Tabela 25: Identificação do gênero entre as categorias- Rural .....	84

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1 – OBJETO DE ESTUDO.....</b>	<b>17</b>
1.1. Os estudos sobre os nomes próprios.....	17
1.1.1. Onomástica.....	17
1.1.2. Terminologia nos estudos antroponímicos....	23
1.1.3. Estudos sobre os <i>apelidos</i> .....	25
<b>CAPÍTULO 2 – REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO.....</b>	<b>30</b>
2.1. A relação entre o léxico, língua e a cultura.....	30
2.2. Sociolinguística.....	31
2.3. Antropologia Linguística.....	32
2.3.1. Estudo das línguas em uso/contexto.....	34
2.4. Pressupostos metodológicos.....	36
2.4.1. Objetivos.....	36
2.5. Classificação da Lista Telefônica por <i>Apelidos – Apelista</i> .....	37
2.6. Entrevistas – Coleta de dados.....	40
2.6.1. A escolha dos informantes.....	40
2.6.2. As transcrições.....	42
<b>CAPÍTULO 3 – ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS DO MUNICÍPIO DE CLÁUDIO.....</b>	<b>44</b>
3.1. História do povoamento da região no tempo dos bandeirantes.....	47
3.1.1. As tropas de burros.....	49
3.1.2. As três sesmarias concedidas em Cláudio.....	49
3.1.3. Formação administrativa.....	50
3.1.4. Os imigrantes italianos.....	53
3.1.5. Os imigrantes do Oriente Médio.....	54
3.1.6. Histórico de Monsenhor João Alexandre.....	55
3.2. Sobre o sistema de telefonia e as listas telefônicas.....	57
<b>CAPÍTULO 4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>60</b>
4.1. Considerações iniciais.....	60
4.2. Análise da <i>Apelista</i> : Lista Telefônica por <i>Apelidos</i> .....	61
4.2.1. <i>Apelista</i> - Cláudio: Zona Urbana.....	61
4.2.1.1. Os hipocorísticos.....	62
4.2.1.2. Os apelidos.....	63
4.2.1.3. Quanto à referência.....	63
4.2.1.4. Nomes não-classificados.....	64
4.2.2. Conclusões – <i>Apelista</i> : Zona Urbana.....	65
4.3. <i>Apelista</i> – Monsenhor João Alexandre: Zona Rural.....	65
4.3.1. Os hipocorísticos.....	66
4.3.2. Quanto aos apelidos.....	66
4.3.3. Nomes com referência.....	67

4.3.4. Nomes não-classificados.....	67
4.3.5. Conclusões- <i>Apelista: Zona Urbana</i> .....	68
4.3.6. Gênero na perspectiva de quem recebe o <i>apelido</i> .....	68
4.4. Comparando dados.....	71
4.5. As entrevistas.....	72
4.5.1. Categorias que se ilustram nas entrevistas.....	73
4.5.2. Quanto à pessoa que atribuiu o <i>apelido</i> .....	74
4.5.3. Quanto ao período da vida em que foi apelidado.....	76
4.5.4. A seleção do contexto.....	77
4.5.5. Sobre a existência de <i>apelidos</i> na família.....	78
4.5.6. Opinião acerca da Lista Telefônica por <i>Apelidos: Apelista</i> .....	79
4.5.7. Quanto à identificação dada na nota de falecimento.....	80
4.5.8. Apreciação do próprio <i>apelido</i> .....	80
4.5.9. Avaliação do ato de apelidar.....	82
4.6. O gênero na perspectiva de quem atribuiu o <i>apelido</i> .....	83
4.7. Conclusões.....	85

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>89</b>
----------------------------------	-----------

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>91</b>
--	-----------

<b>ANEXO A.....</b>	<b>98</b>
---------------------	-----------

<b>ANEXO B.....</b>	<b>126</b>
---------------------	------------

## INTRODUÇÃO

A curiosidade e necessidade de se investigar o sistema onomástico-antroponímico do município de “Cláudio: Cidade dos *Apelidos*” são os motivadores para esta pesquisa. Sabe-se que através do léxico de uma comunidade é possível identificar elementos da cultura de um povo, seus valores e crenças, traços esses transmitidos a cada nova geração. Dessa forma, léxico, cultura e sociedade estão entrelaçados no presente estudo linguístico, como se busca demonstrar no capítulo 2.

Cláudio, um topônimo formado a partir de um antropônimo, desperta interesse quanto ao hábito, fortemente arraigado no dia a dia dos habitantes, de atribuir *apelido* e registrá-los em uma lista telefônica por *apelido – a Apelista*. Essa apelação é, no cotidiano do claudiense, o sistema oficial de nomes. Vale dizer que, no universo antroponímico, esse hábito não se refere apenas aos *apelidos*, mas também à atribuição de hipocorísticos e a nomes com referência.

Trata-se, portanto, de uma análise baseada em dados reais constituída que se organizam em dois *corpora* : o primeiro *corpus* constitui-se de dados extraídos da *Apelista - Lista Telefônica por Apelido*. O segundo *corpus* constitui-se de dados extraídos de entrevistas.

As hipóteses que nortearam nosso trabalho foram:

- a) Os nomes que compõem a *Apelista Urbana e Rural* ilustram diferentes categorias criadas nesse estudo;
- b) Por ser cidade independente, ou seja, com economia estabelecida e forte, e não apenas um povoado, poderá ser identificado o uso menos intenso dos *apelidos* no meio urbano em relação ao rural;
- c) Levando-se em conta o gênero, tanto na perspectiva de quem recebe o *apelido* quanto na de quem o atribui, o masculino será o gênero predominante, por fatores culturais;
- d) Uma vez que os entrevistados representam a zona urbana e rural, além de idades distintas, espera-se detectar semelhanças e diferenças no hábito de apelidar nesses dois meios, bem como, entre as faixas etárias, observando o efeito desse hábito em diferentes gerações;

Este estudo tem por finalidade, portanto, analisar o hábito de apelidar na cidade de Cláudio, zona urbana e rural, entender as motivações, sua amplitude, evolução, implicações ideológicas nas gerações claudienses, além de categorizá-los. Dessa forma, espera-se contribuir para o registro da história local.

Para atender ao objetivo proposto na pesquisa, organizou-se a dissertação de acordo com a seguinte estrutura:

No capítulo 1, **O objeto de estudo**, explicitamos os estudos sobre os nomes próprios, que pertencem ao campo da Onomástica, especificamente, da Antroponímia. Em seguida, apresentamos a terminologia utilizada nos estudos antroponímicos e citamos Fernández Leborans (1999), cujos termos adotamos nessa pesquisa. Abordamos a noção de nomear e a questão de sentido e referência entre os nomes próprios. Finalmente, apresentamos estudos anteriores sobre os *apelidos* em diversas línguas/culturas, em especial, o trabalho de Couto (1986; 2007) que ilustra o hábito de apelidar na cidade de Cláudio.

No segundo capítulo, **Referencial Teórico e Metodológico**, tratamos em um breve panorama, da fundamentação teórica. Primeiramente, apresentando a relação entre léxico, língua e cultura, e em seguida, homem, língua e sociedade. Fundamentos da Antropologia Linguística e o uso das línguas em uso/contexto correspondem a outra seção. Como trabalhamos com dados reais, temos como base a Sociolinguística. Nas próximas seções, apresentamos os objetivos desse estudo e após, os métodos e procedimentos utilizados na pesquisa relacionados tanto à classificação da *Apelista* quanto às entrevistas. Uma das seções corresponde à Classificação da Lista Telefônica por *apelido*. Em outra, tratamos das entrevistas, subdivididas em três partes: a coleta de dados, a escolha dos informantes e as transcrições.

No capítulo 3, trazemos **Os aspectos sócio-culturais do município de Cláudio**, desde o tempo dos bandeirantes, sua formação administrativa, além de uma breve história do distrito de Monsenhor João Alexandre e sobre o sistema de telefonia e listas telefônicas da cidade.

O capítulo 4, procedemos à **Análise e discussão dos resultados**, retomando principais aspectos discutidos nos capítulos anteriores e os resultados obtidos a partir da análise desenvolvida.

Por último, nas **Considerações finais**, retomamos aspectos principais, discutidos anteriormente, a respeito da cultura local, relacionados ao hábito de apelidar e de fazer seu registro.

## HINO À CIDADE DE CLÁUDIO

*Letra: Elmo de Azevedo Fernandes*

*Música: Jair Geraldo Nogueira*

*Salve, Cláudio, Cidade Carinho  
Salve, salve, ó preciosa mãe-terra!  
Exaltemos estrela altaneira;  
Tu fulges tão linda no oeste mineiro*

*Cidade bendita, fascínio  
De tardes fagueiras, de noites que brilham  
Chaminés, que de longe se avistam,  
Avisam ao anejo: eis nosso progresso!*

*No teu berço de heróis ancestrais  
Pioneiros ousados, sesmeiros sonharam.  
E nos sonhos, Paragem de Cláudio,  
Entre os montes, outeiros, nascias triunfal!*

*Teu povo vibrante e ordeiro,  
Que brinda de alcunha a gente irmã,  
Com fé traz radiante no peito  
A graça suprema de ser claudiense (bis)*

*Ali onde o trem apitava  
Abriga solene a memória dos filhos,  
Que um dia partiram em glória,  
Neste chão sagrado fizeram história*

*Tu és nosso orgulho, Senhora  
De rara grandeza destino fiel  
E o Senhor, lá do alto, contempla  
Tua casa, teus dias, ó terra gentil (bis)*



Figura 1: Brasão da Cidade de Cláudio

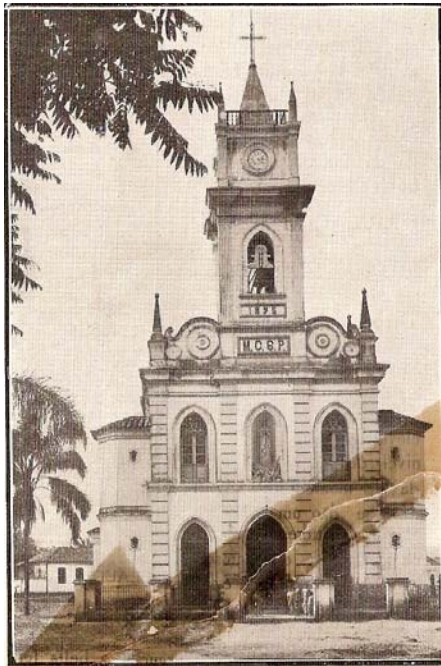


Foto 1: Igreja Matriz Nossa Senhora Conceição Aparecida de Cláudio -1912

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Artístico Histórico de Cláudio – Casa de Cultura “Ídia Gregório Araújo”.



Foto 2: Igreja Matriz Nossa Senhora Conceição Aparecida de Cláudio - 1923

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Artístico Histórico de Cláudio – Casa de Cultura “Ídia Gregório Araújo”.



Foto 3: Igreja Matriz Nossa Senhora Conceição Aparecida de Cláudio - 2010

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Artístico Histórico de Cláudio – Casa de Cultura “Ídia Gregório Araújo”.

## CAPÍTULO 1- O OBJETO DE ESTUDO

A cidade de Cláudio, localizada na mesorregião Oeste de Minas, na microrregião de Divinópolis, há tempos atrai a atenção das pessoas devido ao hábito peculiar de apelidar e de registrar estes nomes em um catálogo telefônico.

Sabe-se que o hábito de apelidar, como recurso muitas vezes usado para a expressão da afetividade, é típico de cidades pequenas e interioranas. O fato é que, entre os claudienses, esse costume de atribuir *apelido* não só é usual, como também peculiar por outro hábito a que deu origem: A cidade recebeu seus primeiros aparelhos telefônicos em 1964, e neste mesmo ano, na edição da primeira lista telefônica, as pessoas não tiveram sucesso em suas consultas, pois não conheciam os conterrâneos pelo nome, mas sim, pelo *apelido*. Foi, assim que, em 1968, que a lista telefônica ganhou uma nova versão: nomes próprios e *apelidos* entre parênteses. Em 1998, e até os dias atuais, a “*Apelista*” é atualizada anualmente, com aproximadamente 1400 assinantes apelidados.

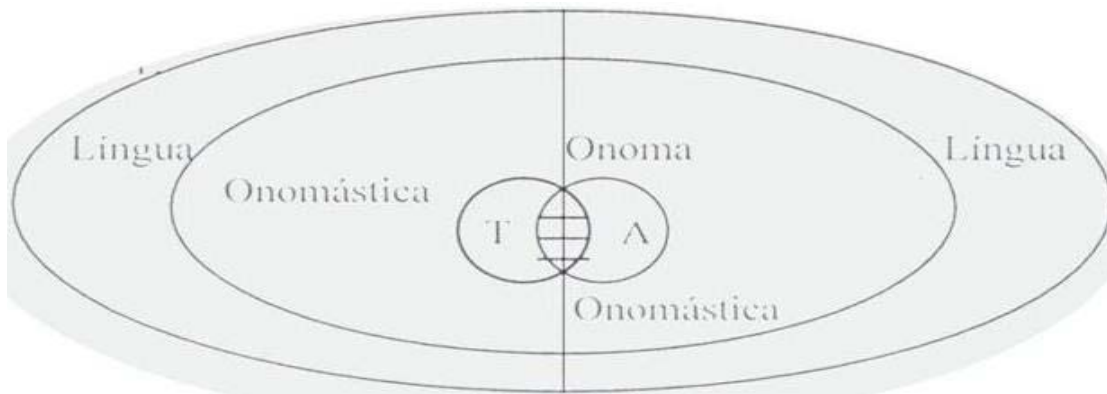
Esta pesquisa, portanto, é motivada pela curiosidade e necessidade de um aprofundamento deste estudo antroponímico, em busca do entendimento dessa característica peculiar da cidade em relação ao léxico, no que se procura entender sua origem, sua evolução e variação em relação a inúmeros fatores que definem essa comunidade de fala, ou seja, um estudo da extensão do uso dos *apelidos* em Cláudio.

### 1.1. Os estudos sobre os nomes próprios

A nomeação é uma atividade típica dos seres humanos. Através do léxico, o homem nomeia sua realidade, exprime seu universo e de sua sociedade, transmite conhecimento e o próprio patrimônio lexical para as gerações seguintes. Conhecida como ciência dos nomes próprios, a *Onomástica*, cujo interesse é o nome, constitui-se em dois campos semânticos variáveis - pessoa e lugar - como se apresenta:

#### 1.1.1. Onomástica

A *Onomástica*, que se integra a *Lexicologia*, tem como escopo o estudo dos nomes próprios em geral. Subdivide-se em duas áreas: a *Antroponímia*, cujo objeto de estudo são os nomes próprios individuais, sobrenomes, alcunhas ou *apelido*; e a *Toponímia*, com os estudos sobre os nomes próprios de lugares e suas motivações.



$T \cap A$   
 T= Toponímia  
 A= Antroponímia  
 $T \cap A$ = Intersecção  
 FIGURA 2 – Onomástica.  
 Fonte: DICK (1999:145)

A figura acima, como demonstra Dick (1999, p.145) ilustra os dois campos semânticos da Onomástica – toponímia e antroponímia- e seu ponto de intersecção, ou seja, a área chamada *onoma*. Para Dick (1998:103), à *Onomástica* interessa o *nome* – distinto da palavra –, pois se pressupõe um nomeador e um nomeado, uma representação externa à qual ele se une: “o nomeador (sujeito, emissor ou enunciador), o objeto nomeado (o espaço e suas subdivisões conceptuais, que incorpora a função referencial e sobre o qual recairá a ação de nomear), o receptor (ou o enunciatário, que recebe os efeitos da nomeação, na qualidade de sujeito passivo).”

Os estudos desta área, ainda hoje, constituem-se em ponto de controvérsia para a teoria da linguagem, principalmente quando se procura sistematizar o seu estatuto linguístico. De um modo geral, eles podem ser interpretados como instrumentos de investigação linguística e antrópica, encontrando uma forma de expressão adequada à sua natureza e ao seu objeto de trabalho específico, no campo do léxico dialetológico e terminológico.

Lyons (1979:429) afirma que a questão da nomeação, ou seja, a ligação entre palavras e coisas é assunto discutido há tempos:

Os filósofos gregos do tempo de Sócrates, e, em seguida, Platão, propuseram a questão nos termos em que ela geralmente se propõe até hoje. Para eles a relação semântica que liga as palavras às coisas é a de "denominar"; e a questão que daí decorre é a de saber se os "nomes" dados às "coisas" eram de origem "natural" ou "convencional" (...). No curso do desenvolvimento da gramática tradicional, tornou-se hábito distinguir entre o significado da palavra e a "coisa" ou as "coisas" por ela "denominadas". "

É importante lembrar, também, que é na camada lexical que as diferenças regionais se encontram mais facilmente marcadas. Isso significa que qualquer tentativa de descrever a linguagem de um grupo social resulta no conhecimento das bases culturais em que ele se assenta, de forma a se compreender todo o contexto cultural no qual as palavras são produzidas, uma vez que a linguagem está especialmente enraizada na realidade da cultura, dos costumes e da vida de um povo. Assim como afirma Dick (1996:167): “...os nomes, além de sua estrutura linguística, projetam também momentos culturais ou psicossociais vivenciados pelo grupo.”

Cultura, para Lyons (1981, p. 274), é o conjunto de conhecimentos adquiridos socialmente, ou seja, “o conhecimento que uma pessoa tem em virtude de ser membro de uma determinada sociedade”. Para ele, “cada sociedade tem a sua própria cultura e diferentes subgrupos dentro de uma sociedade podem ter sua própria subcultura distintiva”. Para Dick (1990, p. 178),

enquanto os topônimos definem e precisam os contornos de qualquer paisagem terrestre, os antropônimos se referem, com exclusividade, à distinção dos indivíduos entre si, no conjunto dos agrupamentos sociais, ao mesmo tempo que permitem e possibilitam aos núcleos assim constituídos a aquisição de uma personalidade vivenciada através da nomenclatura de seus membros.

Na onomástica, a necessidade de trabalhar com o contexto, ou seja, o referente, pode ser explicada através do clássico triângulo de Ogden & Richards (1923:11) e Ullmann (1957:12) reaplicado por Lyons (1977:85), assim representado:

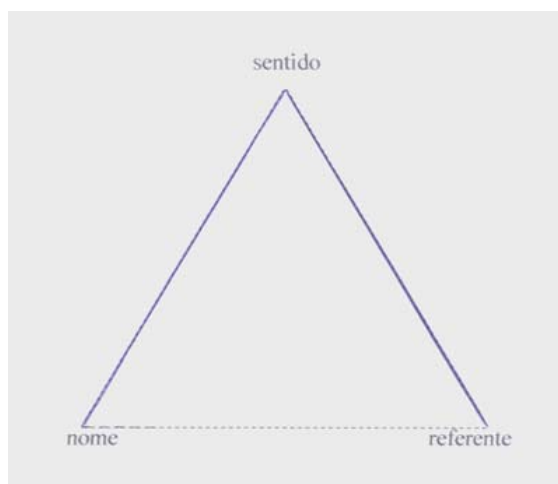


Figura 3: Relação triádica

O triângulo mostra que o nome, o referente e o sentido estão associados na forma e no conteúdo; ora por relações diretas ora por relações indiretas. As linhas contínuas

reforçam a ideia de relações diretas; a pontilhada, de relações indiretas visto que a identificação do referente é necessariamente mediada pelo sentido, passando pelo sentido do nome.

(...) as palavras não “significam” nem “denominam” as coisas, mas se referem às coisas. Feita a distinção entre forma, significado e referente, podemos dar a conhecida representação diagramática da concepção tradicional entre esses três elementos sob a forma de um triângulo (...). A linha pontilhada entre forma e referente significa que sua relação é indireta: a forma liga-se a seu referente por meio do significado (conceptual) associado àquela e a este, mas de maneira independente. Esse diagrama ressalta um fato importante: que, segundo a gramática tradicional, a palavra resulta da combinação de uma forma específica com um significado específico, (LYONS,1979: 429)

Falar sobre referência é tratar de uma gama de questões relacionadas ao significado, visto que o signo linguístico é associado a uma realidade, passando a se referir a mesma, de forma carregada de sentido.

Segundo Chierchia (2003:45), teorias referenciais baseiam-se na seguinte ideia do que seja comunicar:

“Uma língua é constituída por um conjunto de palavras e de regras para combiná-las. As palavras são associadas por convenção a objetos (isto é, os denotam). Em virtude dessa associação podemos empregar sequência de elementos lexicais para codificar as situações em que os objetos se encontram”.

Esta é, basicamente, a relação explicitada pela referência e pelo sentido da língua.

A relação de referência é a relação estabelecida entre uma expressão linguística e um objeto (no sentido amplo do termo) no mundo. É, portanto, dependente do enunciado, ou seja, a referência é uma relação entre expressões e aquilo que elas representam em ocasiões particulares.<sup>1</sup> (tradução nossa)

O filósofo Gottlob Frege (1892) propõe que as expressões não estabelecem uma relação de referência com o mundo, mas ainda possuem um sentido (ou, como também é chamado, intensão). A referência é a identidade apontada por uma expressão linguística, em determinado contexto de uso. O sentido é o modo no qual a referência é apresentada, ou seja, o modo como uma expressão linguística nos apresenta a entidade que ela nomeia. Defini-lo é uma tarefa abstrata.

---

<sup>1</sup>Por ‘referencia’, em el ámbito del language, se entiende genéricamente la relación existente entre el lenguaje y el mundo, entre nuestras palabras y los objetos o individuos del mundo. La noción de referencia expresa una *relación*, más concretamente, una relación entre una expresión y una entidad; esta entidad, que será, por regla general, una entidad extralingüística, contituye el *referente* de la expresión; por tanto, la relación de referencia tiene lugar entre una expresión y su referente. (MORENO, 2006: 13)

Frege (1978:65), argumenta que “a referência de um nome é o próprio objeto que por seu intermédio designamos; a representação que dele temos é inteiramente subjetiva; entre uma e outra está o sentido que, na verdade, não é tão subjetivo quanto à representação, mas que também não é o próprio objeto.” Mais especificamente Frege propõe que a referência de uma expressão depende de seu sentido e das circunstâncias.

O referencial desempenha papel fundamental na relação significante/significado, entendendo-se *referencial* segundo aquilo que postula Dick (1998: 12) “é o próprio contexto ou a atualização das virtualidades onomástico extra-sistemas”.

Liberato (1997) levantou a possibilidade de a identificação não passar pelo sentido, mas sim, diretamente para o referente, ou seja, uma relação direta do nome e o referente, como representado pela figura 4.

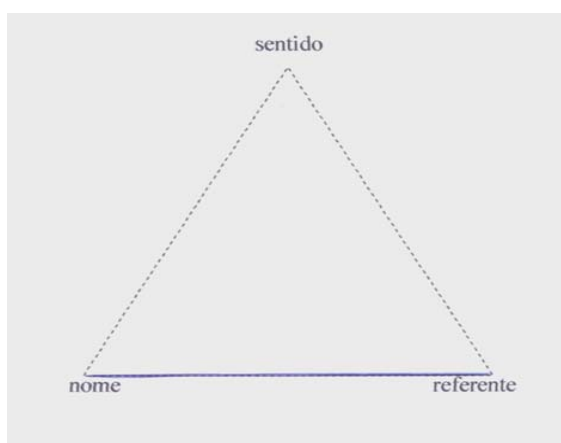


Figura 4: Referência

Desde os tempos mais antigos, encontram-se registros sobre os antropônimos e sua contribuição na formação da cultura de inúmeros povos, independentemente de sua raça e língua. Sabe-se que os nomes, e até mesmo os *apelidos*, foram uma maneira encontrada pelos humanos para se organizarem em comunidade, fazerem distinção entre as pessoas da família, de seu grupo, facilitando assim, a identificação de cada um de seus membros. Como lembra Lozano Ramírez (1999), é atribuído a cada ser ao nascer, um nome e sobrenome através dos quais será identificado ao longo de sua vida, pois precisam comunicar-se sobre ele, referir-se a ele em suas interações. Além desse nome oficial, a identificação poderá ser feita por meio de criação própria, como ocorre com o pseudônimo, ou criação alheia como são os casos dos *apelidos* e hipocorísticos.

Os antropônimos – *antropo (homem) + onoma (nome)* – têm como função nomear ou fazer referência a indivíduos, sejam reais ou fictícios, em um contexto específico. São assim chamados por se referirem aos nomes próprios de pessoas, exclusivamente.

Dick (1992:112) ao se referir ao que compete à Toponímia e à Antroponímia na preservação dos fatos culturais em um local, afirma:

“Não há, realmente, ao que se saiba, discordância entre os teóricos onomásticos quanto à função que desempenham as duas disciplinas como elementos conservadores do que se pode denominar de “memória” de um núcleo social, isto porque topônimos e antropônimos se inscrevem como os elementos mais arcaizantes de uma língua, desde que conservadores de antigos estágios denominativos.”

Realmente, não há um consenso entre os estudiosos da língua a respeito da definição de nome próprio. Alguns afirmam ser vazio de significado, mero marcador do discurso, próximo das interjeições. Outros sustentam possuírem, os antropônimos, um referente, sendo um signo linguístico completo, uma vez que indicam a pessoa de quem se fala, o assunto.

Para Lyons (1977: 178), os nomes próprios possuem a função referencial e vocativa. Quando usados para se referir a alguém, ou seja, para fazer menção a uma pessoa específica, é a função referencial que esse antropônimo representa. Em relação à função vocativa, os nomes são usados no intuito de evocar, chamar a atenção da pessoa. É uma questão de contexto.

A nomeação é uma atividade humana. Responsável por nomear e exprimir o universo de uma sociedade, o léxico encontra-se ligado aos costumes e à cultura de um povo. O ato de nomear em si pode ser entendido como a associação de um indivíduo a um antropônimo escolhido, não por acaso, mas diretamente ligado à função de fixar uma referência. Nesse mesmo propósito, surge a maioria dos *apelidos*. E como afirma Dick (2000: 218): *O nome doado e conhecido coloca o receptor no centro de convergências positivas e negativas, ou de vetores de forças que definirão personalidades e comportamentos, condutas e estilos de vida, tornando nome e indivíduo uma só entidade.*

Para Foucault, assim como para outros estudiosos, é necessário distinguir nomes próprios e comuns, com intuito de facilitar a relação de sentido e representação entre palavras e coisas:

A palavra designa, o que quer dizer que, em sua natureza, é nome. Nome próprio, pois que aponta para tal representação e mais nenhuma. Assim é que, em face da uniformidade do verbo – que nunca é mais que o enunciado universal da atribuição – os nomes pululam e ao infinito. Deveria haver tantos nomes quantas coisas a nomear. Mas então cada nome seria tão fortemente vinculado à única representação

que ele designa, que não se poderia sequer formular a menor atribuição; e a linguagem recairia abaixo de si mesma: “Se tivéssemos por substantivos somente nomes próprios, seria preciso multiplicá-los ao infinito. (FOUCAULT, 2002: 136)

Transmitido de geração a geração, o nome próprio carrega em si todas as marcas da descendência de seu povo. A imposição obrigatória do sobrenome é o seu traço distintivo, em oposição ao prenome, fruto da vontade dos pais. E nesse universo da nomeação, da *onomástica*, depara-se com estudos que envolvem a função referencial e, conseqüentemente, a questão da referência.

### 1.1.2 Terminologia nos estudos antroponímicos

A apelidação é um setor especial da antroponímia. São muitas as propostas de classificação no universo dos nomes próprios, justamente pela sua heterogeneidade. Independente da terminologia adotada pelos autores, todos consideram os nomes próprios pertencentes à antroponímia. Seabra (2004:53), tomando como base os estudos de Leite de Vasconcelos, destaca-se a terminologia:

- *Prenome* para nome de pessoa;
- *Apelido* de família para sobrenome;
- *Alcunha* para *apelido*, podendo ser depreciativo ou não;
- *Hipocorísticos* para tratamento familiar carinhoso.

No Brasil, o vocábulo *apelido* é mais utilizado e engloba, inclusive, os hipocorísticos, termo científico pouco conhecido pela maioria, que representa uma expressão familiar de carinho ou intimidade, geralmente não depreciativo. Em contra-partida por *alcunha* entende-se um nome bom ou mau que é dado a alguém, em função de uma qualidade física ou moral ou de certa particularidade da sua vida.

Para verificar como a Hipocorização é definida em termos gerais, buscamos o significado do termo *hipocorístico* no Dicionário de Linguística, de Dubois:

Designa a palavra que traduz afeição ou carinho. Os hipocorísticos são, em geral, os *apelidos* como Zezé, Chico, ou apelativos como papai, maninho, benzinho, etc. Vários são os processos de formação de hipocorísticos: redução de palavra, com a manutenção apenas das sílabas a partir da tônica, como em Tônio por Antônio; manutenção apenas da sílaba tônica, com possível acréscimo do sufixo de diminutivo, ou de outra sílaba (Lu por Lúcia; Zé, Zeca, Quim, Quinzinho, Quinho); redobro da sílaba tônica: Zezé; conservação de outra sílaba que não a tônica: Tê por Tereza, Fê por Fernando. Além de redobro e conservação da sílaba tônica, os hipocorísticos sofrem transformações fonéticas, como em Tonho (Tônio, Tonho, Chico/Cico/Cisco < Francisco (V. diminutivo). (DUBOIS, 2001: 324)

Como se pode notar, a definição proposta pelo dicionário traz o hipocorístico como a palavra que traduz a intenção de carinho e próprio para uso no trato familiar; entende-se ainda como palavra que designa carinhosamente a pessoa na intimidade, estendendo-se a animais de estimação. Em sentido lato compreende-se como palavra criada por afetividade. Em um sentido restrito, o termo é uma alteração do prenome, sendo também designações carinhosas familiares. A formação de tais nomes obedece, em regra, a uma série de alterações já convencionais como: uso de sufixo diminutivo (*Renatinho*); abreviação do prenome (*Gabi por Gabriela*); reduplicação de sílabas (*Lulu por Luciana*) ou abreviação ou reduplicação com acréscimo do sufixo diminutivo (*Gabizinha, Luluzinha*).

O quadro a seguir, representa as nomenclaturas, referentes aos antropônimos, adotada no presente trabalho, comungando do que foi exposto por Fernández Leborans (1999a: 81).

Quadro 1: Relação e definição dos itens considerados antropônimos

Português	Espanhol	Definição
Prenome	Nombre de pila	Nome de batismo; o nome que antecede o sobrenome e que distingue o indivíduo dentro de sua família. Pode ser simples (Fernando) ou composto (José Maria)
Sobrenome	Apellido	Nome de família, que se transmite de pais para filhos e vem após o prenome.
<i>Apelido</i> (alcunha ou cognome)	Apodo (alias, mote cognombre ou remoquete)	Nome que substitui o nome civil, criado geralmente por um indivíduo diferente do portador do nome próprio e que frequentemente alude a uma característica física ou intelectual. Pode ser ou não depreciativo.
Hipocorístico	Hipocorístico	Nome formado a partir de abreviação ou diminutivo do nome próprio e utilizado geralmente em contextos familiares.
Pseudônimo (heterônimo, nome artístico ou de guerra)	Seudónimo (heterônimo, nombre artístico, nombre de guerra, sobrenombre)	Nome empregado por escrito, por artista ou outra pessoa em lugar do seu nome verdadeiro. É escolhido pelo portador do nome próprio.

A cidade de Cláudio é conhecida pela perífrase “Cidade dos *Apelidos*”. Sabe-se que esse termo é utilizado como denominação genérica, e não corresponde, exclusivamente, a *apelido*, mas também, a hipocorísticos e nomes com referências. Entretanto, opta-se, no presente estudo, pelo uso do termo leigo ‘*apelido*’ que recobre o termo científico alcunha, com intuito de demonstrar maior clareza ao objeto de estudo o que nos aproxima da realidade local. Diante do exposto acima, é que se justifica a escolha da terminologia adotada por Fernández Leborans e não a de Leite Vasconcelos. De toda maneira, nos momentos de classificação e análise, o termo *apelido* como nome que substitui o oficial, depreciativo ou não, motivados pelo sobrenome, pela procedência geográfica, aspecto físico, moral ou comportamental, será diferenciado de hipocorísticos – nomes, de origem carinhosa, formado a partir de reduplicação de sílabas, abreviação ou redução do próprio nome e de nomes com referência.

Investigar o costume de “Cláudio: cidade dos *apelidos*” nos fez conhecer outras faces que compõem o fenômeno da apelidação, responsável por esse título como comumente a cidade é reconhecida.

A questão da referência foi fundamental na classificação (a partir dos nomes que constituem a lista telefônica por *apelido* da cidade) a qual nos propusemos nessa pesquisa, pois nem só de *apelidos* e hipocorísticos ela era composta. A presença da referência é muito expressiva entre os dados.

### **1.1.3. Estudos sobre os *apelidos***

Sabe-se o quanto é vasta a área dos estudos antroponímicos, assim como o quanto ainda se tem a explorar. Estudos recentes, envolvendo psicologia e comportamentos humanos buscam a compreensão das implicações do *apelido* no meio social.

Os estudos de COUTO (1986) e (2007) abordaram o tema *apelido* em algumas comunidades mineiras. Em um ensaio intitulado “Os *Apelidos* do Cláudio”, escrito em 1986, o linguista relata uma pesquisa feita em algumas localidades do interior, inclusive Cláudio, para verificar os padrões antroponímicos vigentes nessas cidades. Foi a quantidade de reportagens em jornais e televisão sobre os *apelidos* de Cláudio que lhe despertou a atenção. De acordo com Couto (1986) o fenômeno é semelhante ao que ocorre em outras localidades, porém a surpresa que teve determina-se pelo fato de Cláudio não ser apenas um povoado, mas sim uma cidade, com uma economia relativamente forte, com muitas fundições, fábricas de cachaças, de móveis. Outro aspecto que lhe chamou a atenção relaciona-se à sua

expectativa acerca dos *apelidos*: esperava encontrar entre os claudienses apenas *apelidos* ridículos, jocosos e pejorativos, para pessoas mais simples, e o resultado de sua pesquisa refutou suas hipóteses. Reforça então, a questão da contextualidade dos *apelidos*: ambientes familiares que sugerem estruturas mais simples e reduzidas como os hipocorísticos, uso de diminutivos e também aumentativos, uso do prefixo *ti* (*tio*) Tiquedo (*Tio Tancredo*), referências de parentes (filha de fulano, marido de fulano), tudo isso confirmando a tessitura familiar da comunidade, centrada na família.

No trabalho de 2007, Hildo Honório Couto, num capítulo destinado à *Etnoantroponímia*, retoma duas pesquisas realizadas em períodos anteriores sobre o hábito de apelidar, em Cláudio (MG) e em Capelinha do Chumbo (Patos de Minas- MG). Introduce o conceito de ‘Etnoantroponímia’, definindo-a dessa maneira:

“... etnoantroponímica seria parte da etnoecologia linguística que estuda os nomes que os membros de comunidades indígenas, rurais e pequenas comunidades tradicionais em geral se dão internamente. Ela se ocupa das relações que os indivíduos dessas comunidades mantêm uns com os outros, especificamente como esses indivíduos chamam uns aos outros.” (COUTO, 2007: 260).

Descreve que essa área de estudo tem como objetivo, portanto, as relações dos indivíduos da comunidade entre si.

Oliveira Júnior (2008), em um artigo intitulado “Os *apelidos* e suas implicações no corpo” afirma que “os *apelidos*, como as piadas, fazem parte de nosso universo cultural. A ação de apelidar ou colocar uma denominação corporal é uma forma de classificação ampla dos tipos humanos existentes em determinada sociedade, que é determinada segundo seus padrões de aparência. Em Portugal, o termo *apelido* é considerado como o nome da família ou um sobrenome. Mas, no Brasil é utilizado para denominar, qualificar, classificar o corpo de uma pessoa pelo uso informal, ou polido de uma convocação ou chamamento. Trata-se de um sinônimo de alcunha, que é uma denominação ou qualificação que se usa no lugar do próprio nome de alguém, de um grupo de pessoas, ou de um povo (HOUAISS, 2003). Assim, no emprego de alcunhas projeta-se uma intencionalidade corporal, segundo os padrões pré-estabelecidos, que busca por meio de linguagens e por sistemas simbólicos formar um sentido de identidade (WOORDWARD, 1990). Logo, formam o princípio da identidade que é analisar, conferir, comparar e adicionar no corpo a essência metafísica, da fragmentação, da valorização de uma determinada constituição que está pautada pela diferença (HEIDEGGER, 1971). Reproduzimos os valores de uma sociedade por meio de hábitos ou cultura (hábitos e costumes) de uma classe superior (BOURDIEU, 2007).”

O jornalista, escritor e investigador do INDE (Instituto Nacional para Desenvolvimento da Educação), Jorge Ampa, publica em 1991, no site da Universidade de Brasília, *Nomi de Kasa*.<sup>2</sup> Esse termo é usado em Guiné Bissau para designar a apelidação dada à criança quando pequena. A questão apresentada sobre o *Nomi de Kasa* (ou *nome di cassa, ou nome de cassa, nome de kassa*) são as diferentes direções que tomam: perde-se esse nome à medida que o indivíduo cresce ou o acompanha na vida adulta. Um fenômeno curioso é o fato do nome oficial não ter utilidade diária, ou seja, é quase inexpressível devido ao uso intenso dos *nomis de kasa* ou dos *nomis de toroça (troça)* – que são identificados como alcunhas ou *apelido*.

Há um trabalho em andamento, da estudante da UFOP, Elisabeth Maria de Souza Camilo que se propôs a fazer “*Análise da presença de apelido em cartas obituárias das cidades de Ouro Preto e Mariana, MG – tipificação por gênero*”, apresentado em forma de comunicação no 1º Encontro sobre a Diversidade Linguística de Minas Gerais: Cultura e Memória”, em setembro de 2010, na cidade histórica de Ouro Preto. Essa pesquisa trabalha com o conceito tipicar – valorizar características individuais e traça comportamentos entre mulheres e homens em relação à apelidação.

Atualmente, o tema ‘*apelido*’ se tornou recorrente no meio da psicologia e da educação, tendo em vista os estudos e divulgação sobre o *Bullying*, comportamento entre crianças e adolescentes compreendido como uma forma de violência. Mucci (2008) assim o define: o *bullying* é definido por atitudes agressivas, intencionais e repetidas, sem motivação evidente, por um ou mais estudantes contra outro(s), que causam dor e angústia e manifestam relação desigual de poder, no âmbito escolar. Portanto, não é qualquer ato violento na escola que pode ser nomeado como *bullying*. Mas incluem nesse conceito atitudes como apelidar, roubar pertences, humilhar, ofender, perseguir e bater, que até ao final do século XX eram brincadeiras de criança e adolescentes, e agora são reconhecidas como violência. A apelidação, nessa circunstância, nada tem de carinhosa, mas sim, é usada para ofender, denegrir e humilhar, apelando para aspectos físicos e comportamentais. (MUCCI, 2008: 01)

Quanto ao tratamento desse tema nas gramáticas tradicionais, nota-se pouca atenção. Um possível correlação pode ser feita entre os *apelidos*, mas em especial entre os nomes com referência, com figuras de linguagens específicas, como a perífrase e a antonomásia, que pertencem ao ramo da estilística nas gramáticas. Campedelli (1999:456) em uma seção intitulada ‘*Perífrase: o apelido das coisas e das pessoas*’ conceitua: “ Muitas

---

<sup>2</sup><http://abecs.net/ojs/index.php/papia/article/view/280>

vezes, para expressar com ênfase a qualidade de coisas ou pessoas, dá-se um *apelido* a elas. Literalmente, essa figura conhecida como perífrase ou antonomásia, causa muito efeito.” Na Gramática da Língua Portuguesa, sobre perífrase Mesquita (1999:559) completa: “ Quando substitui um nome próprio, essa expressão costuma ser relativa a alguma qualidade marcante da pessoa, possibilitando identificá-la com facilidade.”



Foto 4: Jardim Monte Castelo – 1960

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Artístico e Histórico de Cláudio- Casa de Cultura “Ídia Gregório Araújo”



Foto 5: Jardim Monte Castelo 2010

Fonte: Acervo fotográfico “César Rocha Photographia”

## **CAPÍTULO 2: REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO.**

Nesta seção, faz-se uma apresentação do componente que melhor reflete a realidade linguística, cultural e social de um grupo: o léxico. Para isso, abordamos a noção de cultura e sociedade, visto que o léxico está diretamente ligado ao falante de uma língua e suas condições reais e sociais de uso. Em seguida, embasados pelos estudos da *Antropologia Linguística* e da *Sociolinguística* apresentamos a ligação entre homem, língua e sociedade. São esses os pressupostos teóricos que orientam a pesquisa.

### **2.1. A relação entre o léxico, a língua e a cultura**

A língua é um produto social e cultural variável, instável e dinâmico, porém nem sempre é reconhecida assim pelos seus falantes. O homem em seu meio acompanha as mudanças pelas quais a comunidade passa, utiliza a língua para se expressar e para mudar uma sociedade. O contrário também pode acontecer: uma sociedade mudar uma língua, pois a influência é mútua.

Enfim, a língua é veículo de difusão da cultura e da ideologia de um povo. Homem, língua e sociedade são inseparáveis. O momento histórico, a maneira de pensar e as expectativas de uma comunidade em um dado contexto são visualizadas através da língua, por isso ao entendê-la passamos a conhecer a cultura desse povo.

O léxico de uma língua está relacionado diretamente à vida do homem, visto que é uma forma de registrar o conhecimento do universo, da sociedade e comunidade, uma vez que, ao dar nome aos referentes, o homem classifica-os simultaneamente. Dessa forma, afirma-se que o léxico é parte da interação que permite a comunicação. Primeiramente, porque o surgimento do item lexical está relacionado à percepção individual, ou seja, da interação desse indivíduo com a situação. E, em segundo lugar, a evolução do percepto para um conceito dar-se-á, mais uma vez, através da interação, agora do indivíduo com os demais membros da comunidade.

Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível de língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade [...]. Em vista disso, o léxico de uma língua conserva estreita relação com a história cultural da comunidade. (OLIVEIRA E ISQUERDO, 2001, p.9)

O patrimônio sociocultural de um povo é reproduzido pelo léxico, visto que ele é o componente que mais se relaciona com o ambiente do qual a língua faz parte; ele é

efetivamente, o conjunto das palavras de uma língua capaz de carregar a história e a cultura de uma comunidade em diferentes fases de sua história, passando de geração a geração. Entende-se que o léxico é dinâmico, um sistema aberto e em expansão, assim como a língua, pois ambos estão vinculados à sociedade, e susceptíveis a evoluções e variações. Assim, corrobora-se com Oliveira (1999, p.2), que afirma que o léxico “*É uma espécie de documento vivo da própria história desse grupo, assim como de todas as normas sociais que o regem*”. Vale dizer, que o fato de o número de palavras na língua ser aberto e dinâmico, não significa que o léxico seja caótico.

Através dos estudos lexicais é possível compreender conceitos, pois o homem os associa às palavras, assim como, os eventos do dia a dia e a cultura de uma comunidade.

## 2.2. Sociolinguística

Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Pode-se dizer que essa relação é a base da constituição dos seres, pois se organizam em sociedades e dominam um sistema de comunicação.

Com intuito de estudar a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística, essa pesquisa possui como alicerce dados de uso e utiliza a teoria da Sociolinguística.

O termo “sociolinguística” surge pela primeira vez na década de 1950, mas se desenvolve como corrente nos Estados Unidos na década de 1960, especialmente com trabalhos de Labov, bem como os de Gumperz e Dell Hymes e a conferência *The Dimensions of Sociolinguistics*, de William Bright, publicada em 1966 sob o título de *Sociolinguistics*.

Como ponto de partida, a sociolinguística considera a comunidade linguística ou comunidade de fala. Portanto, ela tanto descreve o que ocorre nestas diferentes comunidades, tendo em vista diferentes fatores linguísticos e extralinguísticos, como dá explicações relativas às tendências de mudança. Sua grande contribuição encontra-se na concepção de língua como sistema heterogêneo em que atuam fatores de natureza estrutural e social.

Considerando a heterogeneidade da língua, acredita-se que há variação quando duas ou mais maneiras de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto, estão presentes com certa frequência em uma determinada comunidade de fala. Assim, Labov acrescenta aos estudos da língua os conceitos de variável e variantes linguísticas, que Tarallo (1985) explica:

Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação (...) a essas formas de variação dá-se o nome de *variantes*. *Variantes linguísticas* são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e

com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*. (TARALLO, 1985:81)

A partir de dois parâmetros básicos pode-se descrever as variedades linguísticas: a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática).

A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas diferentes, como por exemplo, serem do meio urbano ou rural, como será observado na pesquisa.

A variação social ou diastrática relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Neste sentido, apontam-se os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social: classe social, idade, sexo, situação ou contexto social.

Alguns destes fatores, tanto de ordem geográfica (meio rural/urbano), quanto o social (idade) serão tomados para análise do objeto de estudo em questão. Nesse momento serão incluídas as contribuições de outros autores como, por exemplo, Mollica e Braga (2003), Mussalim e Bentes (2004), Duranti (2001) e Martelotta (2008).

A *Sociolinguística* trata das relações entre traços linguísticos e fatores socioculturais no seio de uma comunidade, objetivando verificar até que ponto as alterações que ocorrem na língua se prendem, sistematicamente, a fatores de natureza extralinguística e à frequência com que ocorrem, a fim de se poder determinar seu grau de pertinência. Por outro lado, a *Etnolinguística* aborda problemas que se referem às relações entre a língua e a visão de mundo de uma comunidade linguística, estudando essa língua como expressão de uma cultura, tendo por referência a situação de comunicação.

### **2.3. Antropologia Linguística**

A Antropologia Linguística é outro campo que se aplica ao objeto de estudo desta dissertação já que, por contemplar o léxico, nos obriga a consideração de fenômenos sociais e culturais que interagem com a língua.

Em busca da compreensão do papel fundamental que os modelos linguísticos têm desempenhado na leitura dos fenômenos sociais e culturais, como é o caso da forte presença dos *apelidos* no município de Cláudio, e sobretudo ao nível das representações simbólicas e ideológicas, é que a Antropologia Linguística é tomada como referência nesse estudo.

O termo Etnolinguística é utilizado como sinônimo de Antropologia Linguística, sendo mais utilizado em países europeus. Pode-se especificar que a Etnolinguística lida mais

com raças e a Antropologia Linguística, com a cultura. As principais preocupações da Etnografia da Comunicação têm sido padrões e funções da comunicação, natureza e definição da comunidade de fala, os meios de comunicação, os componentes da competência comunicativa, a relação da linguagem com a visão do mundo e a organização social, os universais linguísticos e sociais e as desigualdades linguísticas.

As línguas têm como uma de suas funções a identificação social que pode ser usada para reforçar a estratificação social. Algumas são diretamente relacionadas aos propósitos e às necessidades dos participantes. Incluem categorias de função como: expressiva (transmitindo sentimentos ou emoções), diretiva (pedindo ou demandando), referencial (conteúdo proposicional de verdade ou falsidade), poética (estética), fática (empatia e solidariedade) e metalinguística (referência à própria língua).

Uma comunidade de fala não pode ser definida como um grupo de pessoas que fala a mesma língua. O termo comunidade inclui a dimensão de conhecimento, posses ou comportamentos compartilhados, cuja derivação do latim *communitate* traduz-se por “tido em comum”.

Para Saville-Troike (1982), os etnógrafos da comunicação deveriam começar com uma entidade social definida extralinguisticamente e investigar seu repertório linguístico em termos da comunidade definida socialmente. A noção de comunidade de fala pressupõe cultura compartilhada, um nome nativo com que os membros se identificam, uma rede social para contato, um folclore e uma história comum.

Hymes (1964), observou que falantes podiam produzir toda e qualquer sentença gramatical de uma língua (de acordo com a definição chomskiana da competência linguística). A competência comunicativa envolve saber não só o código linguístico, mas também o que dizer, a quem, e como dizê-lo apropriadamente em qualquer situação. Trata-se do conhecimento social e cultural que se presume que os falantes possuam para que possam usar e interpretar formas linguísticas.

Ressalta a importância de olhar a linguagem como um conjunto de práticas culturais e a necessidade de entender a Antropologia Linguística como um empreendimento fundamentalmente interdisciplinar, valendo-se das múltiplas abordagens no âmbito das humanidades e das ciências sociais, revela seus próprios pontos de vista sobre a natureza da fala e seu papel na constituição da sociedade e cultura. Essas são razões explícitas da contribuição dos estudos da Antropologia Linguística no que concerne o uso dos *apelidos* na comunidade claudiense.

### 2.3.1. Estudo das línguas em uso/contexto

Como apresentado anteriormente, a Antropologia Linguística dedica-se, justamente, ao estudo do papel das línguas do entendimento da mensagem linguística do indivíduo em um contexto. Para tanto, é necessário compreender os sistemas linguísticos e documentar o seu uso em atividades que sempre procuram o tecido cultural dentro dos quais são produzidos enunciados e sentidos. Assim, o estudo da linguagem contextualizada abre margem para a análise além da estrutura linguística.

Duranti (2000) nos afirma que para compreender o papel da língua na vida das pessoas, é necessário entrar em sua vivência social e cultural e ir além do estudo da gramática. Sugere que entremos no universo dessas pessoas para compreender atividades específicas como contar uma história, mostrar respeito, insultar.

E ainda, diria mais, apelidar um amigo, um familiar e até mesmo um forasteiro, são, certamente, exemplos do uso da língua mediado culturalmente. Constata-se a relevância de fazer parte dessa comunidade de fala onde os falantes estão integrados a diferentes redes de relações sociais.

Para Labov (1972:158), não se pode compreender a variação e a mudança linguística, fora do contexto social da comunidade onde os usos linguísticos estão inseridos. Segundo esse autor, uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que utiliza as mesmas formas linguísticas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas em relação à língua.

Para Schutz (1958), os membros de um grupo só se integram a partir do momento em que certas necessidades fundamentais são satisfeitas:

- **necessidade de inclusão**, se perceber como participante integral das tomadas de decisão;
- **necessidade de controle**, se sentir totalmente responsável por aquilo que constitui o grupo;
- **necessidade de afetividade**, obter provas de ser totalmente valorizado pelo grupo.

Possivelmente, estas três necessidades permeiam o ato de aceitação do *apelido* ou atribuição como forma de integração ao grupo.

Além da necessidade de aceitação no grupo, sabe-se do poder da linguagem e de sua atuação no estabelecimento de vínculos, seja afetivo, hierárquico, profissional.

A linguagem pode ser usada, e é regularmente usada, para manter ou questionar formas de poder. Sejam claramente assumidas como tais, sejam apenas manifestações inconscientes de práticas não questionadas, as relações sociais são relações de poder. Tendo-se em conta que há sempre alguém que domina e alguém que é dominado, pode-se dizer que as relações de poder são, além disso, assimétricas, isto é, desiguais. O preenchimento, pelos falantes, das categorias dominador/dominado depende do que é valorizado pela sociedade: pode ser a idade, o sexo, a profissão, a inteligência, a cor da pele, etc.

Perceber como a linguagem funciona, enquanto meio de reprodução e manutenção do *status quo*, é dar um passo na direção da emancipação e da procura de formas de expressão que garantam uma maior liberdade e um maior respeito por todas as pessoas, incluindo nós próprios. O hábito de apelidar se inclui neste processo.

## **2.4. Pressupostos metodológicos**

Nossa pesquisa parte da curiosidade e necessidade de se aprofundar no estudo antroponímico - o uso dos *apelidos* em Cláudio - em busca do entendimento dessa característica peculiar da cidade em relação ao léxico, procurando entender sua origem, sua evolução e variação em razão de inúmeros fatores que definem essa comunidade de fala, ou seja, um estudo da extensão do uso dos *apelidos* em Cláudio.

### **2.4.1. Objetivos**

Temos como objetivo geral deste trabalho, como apresentado anteriormente, analisar o hábito de apelidar na cidade de Cláudio, entender as motivações, sua amplitude, evolução, implicações ideológicas nas gerações claudienses, além de categorizá-los. Dessa forma, contribuir para o registro da história local. Constituem objetivos secundários:

- a) criar categorias que se ilustram na *Apelista*- lista telefônica por *apelido*;
- b) analisar as categorias: *apelido*, hipocorísticos e nomes com referência presentes na *Apelista*;
- c) observar a influência dos fatores faixa etária, meio e gênero no hábito de apelidar;
- d) fazer o estudo da linguagem dentro do contexto social e cultural claudiense;
- e) rever o efeito da afetividade no uso dos *apelidos*.

Partimos de dois procedimentos metodológicos distintos: a classificação dos antropônimos presentes na lista telefônica por *apelido* - *Apelista*; e entrevistas a 59 moradores da cidade de Cláudio e do distrito de Monsenhor João Alexandre.

## 2.5. Classificação da Lista Telefônica por *apelido*

Em seu ‘prólogo ao leitor’, Bluteau (1712) faz a seguinte afirmativa: “ não temos outra prova da propriedade das palavras, que o uso dellas, & deste uso não há evidência mais certa, & permanente, que a que nos fica nas obras dos Autores, ou manuscritos ou impressos.”

A lista telefônica por *apelido* é prova desse registro comentado por Bluteau. Desde 1968, ela apresenta, além das informações convencionais, as referências e *apelidos* dos claudienses, prova que esse hábito é antigo e já está cristalizado na cidade, ao contrário do que muitos pensavam, de ser um modismo estimulado pela mídia recente.

A partir da lista telefônica por *apelido* estabelecemos classificações para fazermos um levantamento das categorias que se ilustram na *Apelista*, além de suas motivações ou seu processo de formação, como se pode observar no quadro abaixo:

Quadro 2 : Categorias da Apelista

<b>1-Hipocorísticos</b>	<b>PROCESSO DE FORMAÇÃO</b>
	Diminutivo
	Redução
	Reduplicação de Sílabas
	Redução ou abreviação com sufixo
<b>2- Apelido</b>	<b>MOTIVAÇÃO</b>
	Derivados de sobrenome
	Procedência geográfica
	Comportamento
	Aspecto Físico
<b>3- Nomes com Referência</b>	<b>MOTIVAÇÃO</b>
	Familiar
	Profissional
	Geográfica
<b>4- Sem Classificação</b>	

A primeira categoria refere-se aos hipocorísticos. A hipocorização caracteriza-se por ser um encurtamento com função afetiva na língua e, desse modo, ao usar formas reduzidas a partir de antropônimos, o falante busca certa proximidade com seu interlocutor. Seleccionamos quatro dos processos de formação mais comuns entre os hipocorísticos, a partir de estudos anteriores, a saber:

**1-Diminutivo:** palavras com anexação de sufixos diminutivos -inho, -inha, -ita, dentro outros. Exemplos: *Marcinho* (Márcio), *Waltinho* (Walter), *Zelinha* (Zélia).

**2- Redução**, conhecida também como processo braquissêmico que consiste na substituição da palavra inteira por parte dela, ou seja, uma formação redutiva. Exemplos: *Bete* (Elisabete), *Cida* (Aparecida), *Leo* (Leonardo).

**3- Reduplicação**, como denomina Câmara Jr. (1968), Reduplicação ou redobro (KEHDI, 1999:50), Reduplicação ou Duplicação Silábica (SILVA E KOCK, 1997:35), baseia-se na repetição de sílabas formando uma nova palavra, seja através da repetição da sílaba inicial, duplicação da sílaba tônica ou repetição da pretônica. Exemplos: *Cici* (Iraci), *Nini* (Leyni), *Juju* (Juvêncio).

**4- Redução ou abreviação com sufixo**, ou sufixação, ocorrendo não exclusivamente a economia do nome, mas também, o acréscimo de um sufixo. Exemplos: *Cidinha* (Maria Aparecida), *Naldinho* (Reginaldo), *Virinha* (Elvira).

Por sua vez, o apelido é atribuído, assim como o nome próprio, como uma forma de identificação dos seres. Além de demonstrar carinho em um ambiente familiar, podem ser motivados por inúmeros aspectos, como os subcategorizados abaixo, selecionados a partir de análises já existentes:

**1-Apelidos derivados de sobrenome:** De acordo com Castro (1987), em Portugal, o *apelido* é considerado como o nome da família ou um sobrenome. Em outras nações, como entre os americanos, os sobrenomes são formas comuns para se referir e chamar as pessoas. No Brasil, em cargos de oficiais como comandantes, sargentos e no ambiente militar, utiliza-se o sobrenome para identificação, mas no cotidiano, não possuímos esta cultura. O sobrenome é usado quando se torna o *apelido* da pessoa. Aqui, adotamos o conceito de sobrenome como o nome de família, que se transmite de pais para filhos e vem após o prenome.

Exemplos: *Borges* (Antônio Borges Filho), *Vieira* (Geraldo Donizete Vieira).

**2- Apellidos influenciados pela procedência geográfica:** Como o *apelido* surge de maneira bem espontânea, criativa e normalmente com uma referência física, moral, comportamental e até geográfica, é comum que uma pessoa seja identificada pelo seu local de origem e pelas

características de sua região que o acompanham. Alguns deles são muito evidentes, outros, porém, requerem, para a sua compreensão, que se recorra ao contexto ou mesmo à situação em que foram empregados. De acordo com Dick (1999: 80) na discussão relativa ao conceito de nome subjaz o modo pelo qual os signos recortam, seletivamente, a realidade extra-verbal, incorporando-a ao plano do conhecimento. Ou seja, não é o próprio objeto representado, mas a concepção simbólica que se tem dele mesmo, passando-se assim do nível primário da língua para a aplicação secundária dos signos em outros contextos. Exemplos: *Paracatu, Zé Zabumba*.

**3- Apelidos relacionados à personalidade, comportamento e/ou atitude dos informantes:**

o denotante considera a função pragmática dos *apelidos*, ou seja, a capacidade de intermediar onoma/pragma: nomes e coisas; o sentido corrente, na língua, que eles já apresentam, assim como o valor psicológico do qual algum deles se reveste quando empregados em situações contextualizadas. Como afirma Dick (1998: 78) “o sentido de um signo num enunciado é regido por todo o contexto precedente que seleciona e atualiza uma significação entre várias teoricamente possíveis”. Exemplos: *Marcelo Doido, Zé Calado*.

**4- Apelidos relacionados ao aspecto físico:** os denotantes, ao optarem por um determinado *apelido* aos denotados, levaram em consideração os aspectos físicos destes, tais como estatura, deformação física, idade, peso, etc. A motivação pode se dar por uma tentativa de correspondência, entre a ideia e a palavra, isto é, concretizar a ideia com a palavra. De acordo com Dick (1990: 8) “O símbolo se relaciona a seu objeto por força da ideia do espírito-que-usa-o-símbolo, sem o que uma conexão de tal espécie não poderia existir”. Exemplos: *Aldo Pezão, Coelho, Gordo*.

Em relação à última categoria estabelecida - a referência- Lyons (1977) afirma existir vários tipos de referência para os sintagmas nominais, como, por exemplo, a referência Singular Definida, que por sua vez se subdivide em: 1- Sintagmas nominais definidos; 2- Nomes próprios. Os nomes próprios são considerados, sobretudo, como as expressões referenciais, pois, normalmente, a cada nome procuramos por uma referência única no mundo. Nesta pesquisa, categorizamos:

**1- Referência familiar:** a tessitura familiar é confirmada pela referência a parentes, muito usual no interior. As pessoas são identificadas por serem filhas, netas, esposas de fulano, ou seja, vincula o indivíduo em questão a outro (fulano de beltrano). Exemplo: *Geraldinho do Inácio, Joaquim da Tininha*.

**2- Referência profissional:** a identificação se dá pela referência do ofício ou local de

trabalho. Exemplo: *Afonso da padaria, Diéco sapateiro*.

**3- Referência geográfica:** visto que referência pode ser entendida como a relação entre expressões e aquilo que eles representam em ocasiões particulares, a identificação do local de origem indica o potencial de se referir, assim como, as características da região que acompanham a pessoa. Exemplo: *Joaquim dos Macacos, Jô da Bahia*.

Não foi possível a categorização de todos os nomes da *Apelista* e por esse motivo, incluímos dentre as categorias, a dos ‘Sem Classificação’.

Tendo em vista nosso objetivo em verificar a atualidade das categorias observadas na lista telefônica em relação ao comportamento dos membros da comunidade, procedeu-se à pesquisa de campo, para obtenção de novos dados, através de entrevistas.

## 2.6. Entrevistas – Coleta dos dados

As entrevistas foram direcionadas a pessoas nascidas e moradoras de duas áreas do município: da zona urbana de Cláudio e de Monsenhor João Alexandre, zona rural localizada à 13 km. Contempla-se aí o primeiro fator que norteou a coleta de dados – o meio. A comparação entre o meio rural e o urbano foi determinada pela assunção de que as categorias de *apelidos* poderiam ser distintas em cada zona, dadas as diferenças culturais frequentemente apontadas.

De acordo Duranti (2000:127), para que o pesquisador obtenha um bom conhecimento da cultura de uma comunidade por meio de entrevistas, é necessário que tenha uma identificação ou empatia com os membros do grupo, pois só desse modo ele conseguirá obter uma boa perspectiva interna desse grupo.

Fazer parte dessa rede social e desse ambiente familiar foi favorável ao desenvolvimento da pesquisa e, conseqüentemente, aos resultados obtidos.

Elaboramos 10 questões com o enfoque na história do próprio *apelido* e posicionamentos pessoais acerca da atribuição de *apelido*, contextos de uso, dentre outros. As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos informantes, com duração entre 3 min. a 10 min.

Como a variante – zona urbana e rural – foi observada, foram entrevistados um total de 59 informantes, sendo 30 do urbano e 29 do rural. Duas entrevistas do meio urbano não foram aproveitadas por se perceber, a *posteriori*, que não se tratava de pessoas nascidas na cidade. As mesmas foram substituídas.

### 2.6.1. A escolha dos informantes

Para justificar o hábito de apelidar, selecionamos fatores que consideramos produtivos na comunidade de fala. Monsenhor João Alexandre é a única comunidade rural pertencente ao município de Cláudio que possui a lista telefônica por *apelido*, por isso surge o interesse em comparar meio urbano e rural. Os estudos sociolinguísticos demonstram que toda comunidade se caracteriza por diferentes modos de falar, que denominamos variações linguísticas. Essas variações são influenciadas por fatores linguísticos e não-linguísticos. Labov publica em 1963, sua pesquisa sobre a comunidade da ilha de Martha's Vineyard, em que destaca o papel fundamental dos fatores sociais na explanação da variação linguística. O autor relaciona fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico da comunidade. Sabe-se que quanto maior o contato entre falantes de uma língua, mais semelhantes serão seus atos verbais. Neste contexto, percebe-se a variação motivada por diferenças na origem geográfica. Camacho (1984) acrescenta:

“...os indivíduos nativos de determinado setor geográfico orientam-se para um centro cultural, política e economicamente polarizado. Constitui-se, assim, uma comunidade linguística geograficamente restrita, inserida no interior de uma mais extensa e abrangente. Mediante a atração geográfica e a contiguidade física é que se desenvolve um comportamento cultural específico que identifica os membros e os distingue dos membros de outras.”

Além disso, um dos nossos intuítos é observar a preservação ou não desse hábito entre as gerações. Este é o segundo fator que orientou a organização desta etapa da pesquisa. Ainda sob a perspectiva de que a semelhança entre as formas de expressão dos falantes é proporcional ao contato que mantêm entre si, vale dizer que diferenças linguísticas motivadas de ordem sociobiológicas, como idade e sexo, também se enquadram nessa perspectiva. As diferenças linguísticas ocorrem devido ao dinamismo das línguas, que por sua vez, não ocorrem de maneira instantânea, mas sim, de maneira gradual. Para se observar a mudança linguística é necessário, portanto, acompanhar as formas de diversos estágios de evolução, em várias gerações.

“ O indivíduo muda com o correr do tempo, mas não atinge precisamente a mesma posição em que estão os falantes mais velhos hoje. Pelo contrário, a tendência é exceder esta marca, indo na direção da deriva e assim implementando a mudança linguística,” Naro (*apud* MOLLICA E BRAGA, 2003: 48)

A hipótese clássica postula que o estado atual da língua de um indivíduo é o reflexo do que o falante adquiriu até no início da puberdade, ou seja, aproximadamente, 15 anos de idade. Dessa forma, é possível realizar duas análises: em tempo real, comparando dois

ou mais períodos em tempos distintos, ou em tempo aparente, com amostras de informantes de faixas etárias distintas. Um uso muito acentuado na fala dos jovens pode indicar uma mudança em progresso.

Para observar a preservação ou não do hábito de apelidar entre as gerações, selecionamos as seguintes faixas etárias: Jovens (15 a 25 anos); Medianos (30 a 60 anos) e Idosos (a partir de 65 anos).

Quanto ao último fator, a variante gênero/sexo, foi necessário controlá-lo sobre duas perspectivas: a de quem recebe o *apelido* e a de quem o atribui. Tomando-se por base os estudos sociolinguísticos, é possível descrever as variantes existentes na comunidade de fala considerando fatores linguísticos e extralinguísticos, como também esclarecer as tendências de mudanças. Assim, pode-se reconhecer as diferenças evidentes na fala de homens e mulheres, bem como preferências de formas linguísticas entre o gênero, principalmente no plano lexical. Estudos anteriores de Fisher (1958) demonstram que a forma de prestígio da língua tende a predominar na fala feminina e que a mulher, portanto, tende a ser mais conservadora. Chambers (1995: 102) reafirma que em todos os estudos sociolinguísticos que incluem uma amostra de homens e mulheres, há evidências de que as mulheres tendem a usar menos do que os homens do mesmo grupo social as variantes consideradas estigmatizadas, não-padrão ou conservadoras. Evidentemente, os papéis que tanto o homem quanto a mulher desempenham na sociedade devem ser considerados. O controle da variante gênero/sexo, neste trabalho, portanto, pretende avaliar o efeito desse fator em relação ao fenômeno da apelação: homens apelidam mais? Há distinção entre as classificações dos *apelidos* entre os gêneros? As mulheres conservam mais o nome próprio?

Por fim, quanto à escolha dos informantes temos, como primeira condição, o fato do entrevistado ter nascido e vivido grande parte da vida no município.

### **2.6.2. As transcrições**

Como a coleta de dados não contempla nenhum fenômeno fonético, fonológico, não adotamos nenhum modelo de transcrição específico. As entrevistas foram semi-estruturadas combinando perguntas abertas e fechadas, onde o entrevistado pode discorrer sobre o hábito de apelidar, suas impressões, seus valores e sentimentos. As transcrições foram efetuadas na íntegra quanto ao conteúdo sem fazer adequações quanto ao registro linguístico. Os dados extraídos foram comparados com o mesmo conjunto de

perguntas e respostas, o que possibilitou a identificação de semelhanças e diferenças. Tendo em vista nosso objetivo, não registramos alçamentos, nasalizações, supressão de vogais ou consonantes dentre outros.



Foto 6: Vista lateral da antiga Estação e Avenida Coronel Joaquim da Silva Guimarães  
 Fonte: Acervo fotográfico do Museu Artístico e Histórico de Cláudio- Casa de Cultura “Ídia Gregório Araújo”



Foto 7: Locomotiva na Estação de Cláudio  
 Fonte: Acervo fotográfico do Museu Artístico e Histórico de Cláudio- Casa de Cultura “Ídia Gregório Araújo”



Foto 8: Museu Artístico e Histórico de Cláudio- Casa de Cultura “Ídia Gregório Araújo”  
 Fonte: Acervo fotográfico do Museu Artístico e Histórico de Cláudio- Casa de Cultura “Ídia Gregório Araújo”

### CAPÍTULO 3: ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS DO MUNICÍPIO DE CLÁUDIO

O escritor David de Carvalho publica, em 1992, o livro *História de Cláudio- para alunos do I e II graus*, com o intuito de, principalmente, despertar entre os jovens o interesse sobre a própria história e a consciência de trabalhar em prol das gerações futuras.

No prefácio da obra, o autor compara a cidade com uma pessoa: filha de *Oliveira*, neta de *São José Del-Rei*, bisneta de *São João Del-Rei* e tetraneta de *Ouro Preto*. Essa genealogia do município é assim apresentada no livro como cortesia do professor Guaracy de Castro Nogueira.

**Genealogia do Município de Cláudio**  
Vila Rica – Ouro Preto (1711)  
Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto

TRISAVÔ

---

São João Del-Rei - Nossa Senhora do Pilar da Vila de São João Del-Rei.  
Itabirito – Nossa Senhora da Boa Viagem de Santa Ubira do Campo.  
Ouro Branco – Santo Antônio do Ouro Branco.

BISAVÔ

---

Tiradentes – Santo Antônio da Vila de São José ou São José del-Rei (1718)  
Campanha – Santo Antônio da Campanha do Rio Verde .  
Lavras – Santana de Lavras do Funil.  
Nazareno  
Cassiteria  
Ritópolis

AVÔ

---

Itapecerica – São Bento do Tamanduá.  
Barbacena – Nossa Senhora da Piedade da Igreja Nova.  
Conselheiro Lafaete, Queluz – Nossa Senhora da Conceição dos Carijós.  
Oliveira (1839) – Nossa Senhora de Oliveira.  
Prados – Nossa Senhora da Conceição dos Prados.  
Resende Costa.

PAI

---

Bom Sucesso, Nossa Senhora da Conceição ou do Bom Sucesso, e Almas da Barra do Rio das Velhas.  
Cláudio (1911) – Aparecida de Cláudio

Passa Tempo.  
Carmo da Mata  
Carmópolis de Minas  
São Francisco de Oliveira.

## FILHOS

.....

Cláudio, localizada na mesorregião Oeste de Minas e na microrregião de Divinópolis, possui, de acordo com o Censo 2010, 25.777 habitantes.

Duranti (*apud* SOUZA: 2005) nos alerta: “Se quisermos compreender o papel da língua na vida das pessoas, precisamos ir além do estudo de sua gramática e entrar no mundo da ação social, onde as palavras são encaixadas e constitutivas de atividades culturais específicas, tais como, contar história, pedir um favor, mostrar respeito, insultar [...]”.



Mapa 1: Localização de Cláudio em Minas Gerais - (Wikipédia, 12/01/2011)

Cláudio se inclui entre as cidades mineiras cuja fundação não se liga à presença do ouro e, sim, aos caminhos que levavam ao ouro e a toda a estrutura que se formou ao longo das chamadas ‘picadas’. Essas foram conclusões do historiador Luiz Gonzaga da Fonseca<sup>3</sup> e do escritor David de Carvalho<sup>4</sup>. O segundo, procurando definir a origem do nome *Cláudio*, lembra o período em que as tropas de burro transformaram-se no sistema apropriado para a região montanhosa de Minas Gerais, e afirma que “o lugar onde as tropas paravam para

<sup>3</sup> FONSECA (1961)

<sup>4</sup> CARVALHO (1992)

*descansar e passar a noite era chamado de pouso, paragem ou passagem. O primeiro nome de Cláudio foi Paragem de Cláudio”*. (CARVALHO, 1992:23)

Cláudio é o nome de um ribeirão, de uma cidade e de um município. As cartas de sesmarias dos três primeiros e únicos requerentes de terra na localidade já se referiam a um ribeirão e também a uma paragem com o nome de *Cláudio*, o que nos leva a crer que se trata de um proprietário de pouso ou rancho para tropeiros, à margem de um caminho ligando *Mata do Carmo (Carmo da Mata) a Carmo do Cajuru, Santana do João Acima (Itaúna)* e, de um modo geral, a *Conquista (Itaguara), Santana do Paraopeba, Sabará, Ouro Preto e Mariana*.

Conta a história que o escravo de um dos fundadores do local, de nome Cláudio, saiu em sondagem pelos arredores e descobriu, ao fim do córrego, um Ribeirão. Comunicada a nova, as duas famílias resolveram ir ver o "Ribeirão do Cláudio". Desde então conservou-se o nome de Cláudio para toda a região, que veio formar, mais tarde, o município ainda assim hoje denominado.

O município de Cláudio comemora este ano de 2011, em 30 de agosto, o centenário de sua emancipação política.



Figura 5 : Logomarca Comemorativa do Centenário de Cláudio

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Artístico e Histórico de Cláudio- Casa de Cultura "Ídia Gregório Araújo"

### 3.1. História do povoamento da região no tempo dos bandeirantes

Na época do descobrimento do Brasil, pelos portugueses, a região onde se encontra o município de Cláudio era povoada pelos índios Cataguás (Catauás). Foram bastante conhecidos pelo terror que causaram aos paulistas — bandeirantes — e por terem ocupado toda a região das nascentes do rio Pará, à Serra do Itatiaiuçu, sertões do Pium-í e Tamanduá (Itapecerica). Diogo de Vasconcelos descreveu o período, mostrando as dificuldades enfrentadas pelos primeiros exploradores dessas terras, quando as constantes guerras deslocavam as tribos indígenas e abriam novos caminhos para o interior.<sup>5</sup>

O povoamento das terras brasileiras teve início no litoral, a começar por São Paulo, de onde saíram os primeiros bandeirantes. Durante os séculos XVI e XVII foram feitas poucas expedições ao atual território de Minas Gerais.

Num período em que o nordeste açucareiro era o grande centro produtor e exportador brasileiro, as demais comunidades espalhadas pelo litoral sul do país viram-se forçadas a procurar outros meios de enriquecimento, de uma maneira móvel e desbravadora do interior. Um desses meios — as Bandeiras —, além de desenhar as novas fronteiras a leste, favoreceu o surgimento da “*ideologia da iniciativa privada, do espírito empreendedor e indomável e da auto-suficiência*”<sup>6</sup>, colocando-se a serviço da colonização.

Conforme os estudos de Lopez (1991), apresentados na obra História do Brasil Colonial, a primeira fase do período conhecido como bandeirismo foi aquela caracterizada pela caça aos índios que serviriam de escravos tanto nas bandeiras como nas vilas que se formavam em São Paulo. A segunda fase se deu em decorrência da primeira, pela própria experiência adquirida pelos bandeirantes na penetração do interior da colônia. A partir do momento em que o Nordeste deixou de dar o lucro esperado, a Coroa portuguesa investiu na contratação de técnicos espanhóis que ensinaram aos paulistas os segredos da prospecção aurífera e estes, deixando para trás o caráter aventureiro das antigas missões. Homens como Fernão Dias Paes Leme, Antônio Dias, Pascoal Moreira Cabral e Lourenço Castanho Taques estão entre aqueles empreendedores das jornadas que modificaram as fronteiras do país, deslocaram o eixo econômico colonial do Nordeste para o Centro-sul, criaram uma nova sociedade e deram origem às primeiras cidades das capitânicas de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Era o início do ciclo do ouro.

---

<sup>5</sup> VASCONCELOS (1974)

<sup>6</sup> LOPEZ (1991)

Em 21 de julho de 1674, a expedição de Fernão Dias Pais Leme, contando com a participação de sertanistas experientes como o seu genro Manoel de Borba Gato e de seu filho Garcia Rodrigues Pais e outros, saiu de Taubaté, em São Paulo, deslocou-se pelo Vale do Paraíba, atravessou a Serra da Mantiqueira e chegou aos seguintes lugares que viraram povoados: Ibituruna, Paraopeba, Sumidouro, Roça Grande, Itacambira, Esmeraldas, Mato das Pedrarias e Serro Frio, até atingir a região do atual município de Sabará. Portanto, Ibituruna é o povoado mais antigo de Minas Gerais.

Em 1675, outro bandeirante, Lourenço Castanho Taques, penetrou na região, enfrentando os índios Cataguás, perto da serra do Itatiaiuçu, nas proximidades de Conquista, hoje Itaguara.

Em 1703, quatro colonos vieram parar nas terras em que se encontra hoje Carmópolis de Minas. Eram quatro irmãos: tenente Antônio da Costa Guimarães, padre Domingos da Costa Guimarães, guarda-mor João da Costa Guimarães e o alferes Manuel da Costa Guimarães, filhos de Jerônimo da Costa Guimarães e Damiana de São José, casal vindo da Província de Guimarães, em Portugal.

De posse da carta régia que lhes assegurava o domínio daquelas paragens iniciaram logo a sua colonização, importando escravos ou aprisionando os refugiados em quilombos próximos.

Com o passar do tempo, os irmãos tomaram destinos diferentes, e João da Costa Guimarães, seguiu para Conquista (Itaguara). Por meio também de carta régia, apossou-se neste local de uma vasta área de terra, dividida hoje em dezenas de grandes fazendas.

Segundo o historiador Diogo Vasconcelos, em 1733, no governo de Martinho de Mendonça de Pina e Proença, surgiram alguns sertanistas entusiasmados que, com licença do rei, abriram uma picada para Goiás, que ficou com este nome. E tais abridores de picada voltaram mais tarde e pediram sesmarias para fixarem no lugar com plantação de roças no novo Caminho de Goiás, que era justamente um atalho novo que tinha aberto de Suaçuí (João Ribeiro), passando por Oliveira e indo a Piumí, evitando a volta por Tamanduá (Itapeçerica). Assim, fica explicado porque São João Batista, Passa Tempo, São Francisco de Paula e Japão (Carmópolis de Minas) nasceram antes de Oliveira, pois estes lugares se achavam na ordem do velho caminho dos bandeirantes Fernão Dias Pais Leme, Antônio Dias e Matias Cardoso, datando muito mais tarde o atalho de se originaria Oliveira.

Em 3 de julho de 1736, Gomes Freire de Andrade, governador de Minas Gerais, começou a expedir licenças para sesmarias para os abridores da Picada de Goiás. Os caminhos

dos primeiros que chegaram a esta região começaram em dois galhos principais, vindos do sul. Um vinha de São Paulo, no caminho aberto pelos primeiros taubateanos que escalaram a garganta do Embaú, na Mantiqueira, o Caminho Velho. O outro vinha do rio De Janeiro, semelhante ao primitivo, aberto por Garcia Rodrigues Pais e Domingos Rodrigues da Fonseca. Os dois venceram o perigoso desfiladeiro, passando pela Barra do Piraí, Entre Rios e depois, Minas Gerais adentro, Juiz de Fora, Tiradentes, São João Del-Rei, Barbacena, etc.

Nesta época, muitos desbravadores chegaram à região, entre os quais podemos citar o capitão Manuel Martins Arruda e seu parente Manuel Martins Gomes. De Manuel Martins Arruda surgiu a família Martins, que chegou a dar nome a um povoado perto de Oliveira.

### **3.1.1. As tropas de burros**

No passado, depois do tempo dos bandeirantes, começou a penetração da civilização e todas as mercadorias e utensílios eram transportados nos lombos dos burros, pelas tropas. O lugar onde as tropas paravam para descansar e passar a noite era chamado de pouso, paragem ou passagem. O primeiro nome de Cláudio foi Paragem de Cláudio. Com o tempo, o pouso evoluiu para rancho, que consistia basicamente numa grande coberta. Nele, os tropeiros descarregavam a carga que era levada sobre os animais, faziam uma fogueira, penduravam a chaleira em um tripé de madeira cortada por perto, e estendiam no chão o couro que vinha protegendo as cargas, para servir de cama. Improvisavam um dormitório com divisões feitas com cestos, jacás, canastras e arreamentos.

### **3.1.2. As três sesmarias concedidas em Cláudio**

Manoel Carvalho da Silva foi o primeiro cidadão a requerer uma sesmaria de meia légua de quadra na Paragem de Cláudio, em 17 de outubro de 1754, na época em que o Brasil era ainda colônia. Na realidade, antes, ele tinha comprado o direito de posse de José Jácomo Raposo e Bento de Oliveira Ramos. No seu pedido, citava como posseiros confrontantes Antônio Francisco, Bartolomeu da Silva, José Álvares da Costa e Francisco da Costa.

De acordo com Carvalho (1992) Manoel Carvalho declarava que já morava nas terras que estava requerendo, que divisava com ele próprio no norte, ou seja, na direção da cidade de Divinópolis.

Como se pode perceber, já existiam posseiros no lugar que ele próprio se referia no seu pedido com o nome de Paragem de Cláudio.

A sesmaria de Manoel Carvalho da Silva, além das terras que já possuía no lado norte, englobava a Fazenda do Chumbo, a atual cidade de Cláudio, incluindo o Bicame, a Fazenda do Faleiro e da praia, terras para os lados do Gravatá, incluindo o Capoeirão, Bananal, até São Bento do Couto.

Francisco José, que declarava ser natural de Passagem de Mariana, segundo pretendente de uma sesmaria em Cláudio, requereu a sua nas cabeceiras do Ribeirão do Cláudio, em 16 de agosto de 1768, englobando muito mais terras do que meia légua de quadra. Construiu sua sede na Vargem Alegre, na forquilha formada pelo córrego que desce do lugar conhecido por Gambá e pelo que vem das Perobas. Confrontava com João Mendes e João Álvares da Costa.

Francisco Pires Campos requereu a sua nas margens do Ribeirão de Cláudio, em 18 de agosto de 1768, dois dias depois de Francisco José, e quase quatorze anos depois de Manoel Carvalho da Silva, quando o povoado já era ativo e a Capela de Cláudio comemorava, no mínimo, sete anos de existência. Tinha a sua sede entre o Ribeirão de Cláudio e o Ribeirão São Domingos.

Depois das concessões das três sesmarias, o povoado de Cláudio continuou crescendo. Em 1875, constava com 1.030 habitantes e 165 casas em todo o Curato que tinha à frente o capelão Padre Pedro José, com o mesmo sobrenome do segundo sesmeiro, Francisco José.

Em 1831, nove anos somente depois da Proclamação da Independência do Brasil, o Curato de Cláudio, Freguesia de São José Del-Rei, tinha como juiz de paz Antônio Fonseca da Silva, que cumprindo determinações de Manoel Inácio de Melo Souza, Presidente da província de Minas Gerais, fez o recenseamento do lugar. Então, ficou apurado que Cláudio tinha 2.768 habitantes, sendo 1.991 livres e 777 escravos.

### **3.1.3. Formação administrativa**

O historiador Daniel Sampaio Teixeira (2001), responsável pela elaboração do Histórico do Município de Cláudio que compôs os inventários e dossiês de tombamentos de imóveis na cidade, descreve como se deu a formação administrativa do município.

O historiador afirma que com o declínio da produção aurífera e a proibição de manufaturas nas colônias deram um grande impulso à agricultura de algodão e, posteriormente, de café. O centro de Cláudio absorveu mão-de-obra especializada em serviços urbanos, e assim, utilizando-se do poder político de influentes cidadãos, alcançou a

prosperidade e desenvolvimento, tendo sido elevada, em 1836, à categoria de Distrito de Paz de Oliveira, pela Lei nº134.

A partir da metade do século XIX, a cidade de Cláudio passou a definir os rumos de sua vida econômica. Contando com coronéis de prestígio e enormes fazendas que utilizavam a mão-de-obra escrava, iniciaram-se as experiências com plantação de café. Quando, em 1880 e 1887, os cafezais de São Paulo e da Zona da Mata foram assolados pela geada e por uma praga fora de controle, uma “onda verde” partiu de Cláudio, Japão e São Francisco de Oliveira, espalhando-se por toda região.

Assim, iniciou-se um processo de definição do quadro político dentro da cidade. Os coronéis, abastados senhores de grandes fazendas de café, tomaram conta da situação política, e um nome se sobressaiu – Joaquim da Silva Guimarães – o ‘Quinca Barão’.

Em 1861, Oliveira é elevada a categoria de cidade e, em 1868 é elevada a condição de comarca. Para Cláudio essa é uma boa notícia, pois é questão de tempo sua independência política em relação à Oliveira.

Em 1909, o Distrito foi elevado a Vila, em consequência de solicitações feitas ao congresso Legislativo do estado por cidadãos influentes de Cláudio. Dentre esses, destacaram-se o farmacêutico Clarimundo Agapito Paes e o coronel Joaquim da Silva Guimarães.

Segundo Teixeira (2001), Cláudio permaneceu tributário de Oliveira até 30 de agosto de 1911 quando, por força da lei nº556, foi emancipado, sendo criado o município, cuja instalação se deu em 1º de junho de 1912, sob a presidência do Cel. Joaquim da Silva Guimarães e participação dos vereadores: Clarimundo Agapito Paes, Dr. Felício Brandi, Ascânio Cândido de Moraes Castro, José Gonçalves Ferreira Primo e João Batista de Assis.

A nova câmara lutou e conseguiu consideráveis avanços para a vida socioeconômica da cidade. A Estrada de Ferro Oeste de Minas estava chegando ao município, sendo a estação inaugurada em 8 de junho de 1912. Garantia-se assim, mais facilidade para o escoamento da produção de café e uma interligação mais rápida com outros municípios.

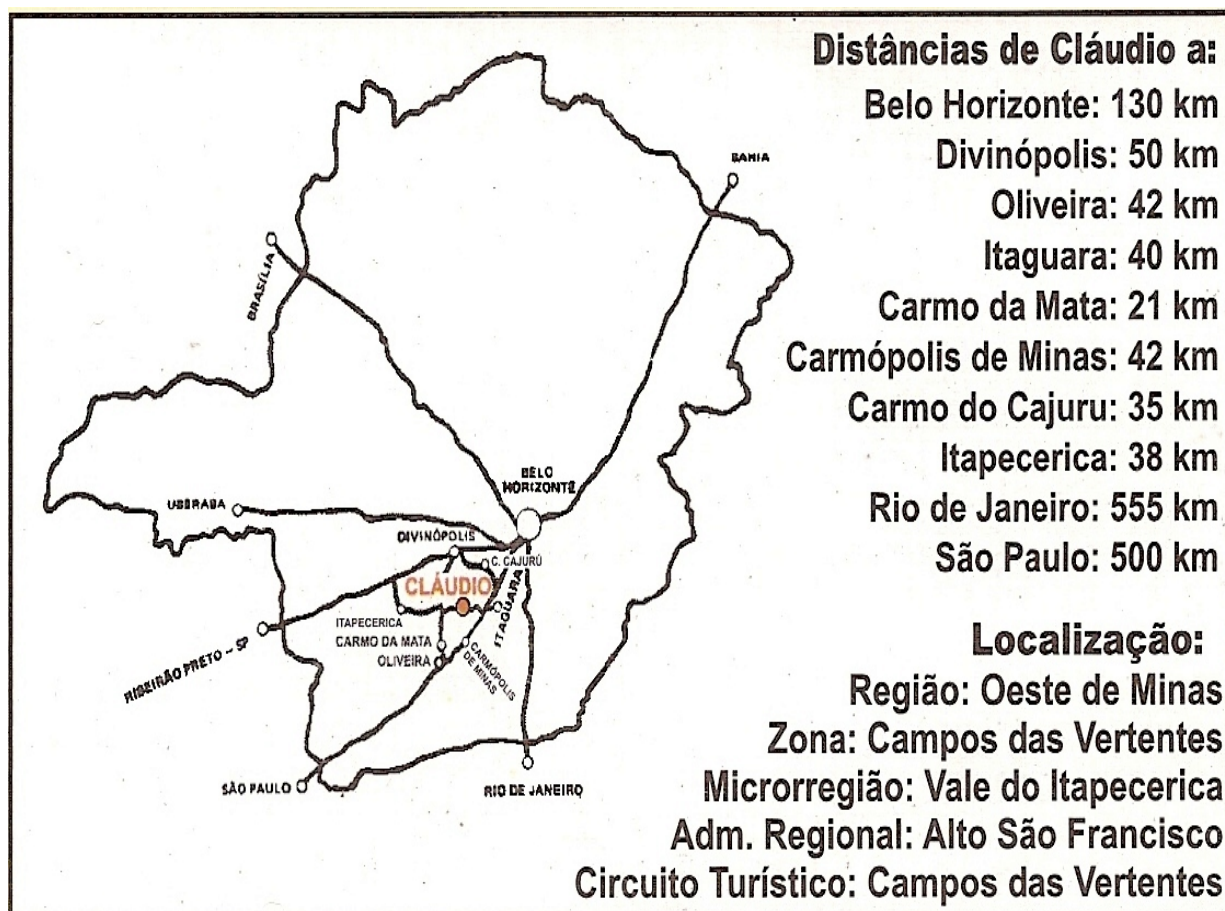


Figura 6: Localização de Cláudio e municípios vizinhos em Minas.

Fonte: Revista Comemorativa dos 20 anos da Asimec

No campo religioso, a pequena povoação já possuía, no século XVIII, a capela da Aplicação de Cláudio, construída em data anterior a 1761, pertencendo à Freguesia de São José d'El Rei, hoje Tiradentes.

Em 8 de junho de 1858 foi criada a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição Aparecida de Cláudio, canonicamente instalada em 1860, tendo como primeiro vigário colado o Padre João Teixeira Pinto.

Em 20 de março de 1927 é criado o Termo de Cláudio, ligado à cidade de Oliveira e em 14/10/1947, dá-se a criação da Comarca de Cláudio, de primeira instância, instalada em 15 de setembro de 1948, tendo sido nomeado o primeiro Juiz de direito Dr. Hélio Armond Werneck Côrtes.

A partir da segunda metade do século XX, sob a forte influência dos imigrantes radicados no município, a cidade descobriu sua vocação para a fundição de ferro gusa e alumínio, contando hoje com dois grandes parques industriais – “Marcelino Corradi” e

“Paulino Prado” – razão pela qual recebeu o título de ‘*Maior Pólo de Fundição Artesanal da América Latina*’.



Figura 7: O trabalho nas fundições  
Fonte: Revista Comemorativa dos 20 anos da Asimec

#### 3.1.4. Os imigrantes italianos

Como lembra Carvalho (1992), depois da unificação da Itália, que foi completada em 1870, devido a problemas políticos, ocorreram pressão econômica social e carestia. Outro motivo foram as lutas políticas pela unificação e também a herança das antigas formas de divisão de terras. A consequência foi que a mão-de-obra abundou à procura de uma atividade que permitisse melhor padrão de vida. Então começaram a acontecer as correntes imigratórias que, da Europa, dirigiam-se para os Estados Unidos, Austrália e América do Sul, que precisavam de mão-de-obra e ofereciam esperanças de uma vida mais fácil e promissora aos emigrantes. Uma grande parte destes contingentes emigratórios veio da Itália para o Brasil.

Os primeiros imigrantes italianos que vieram para região foram os *Paolinelli* em Carmópolis, os *Notini* em Carmo da Mata, os *Bonacorsi* em Candeias e *Francisco Vitoi* em Cláudio.

Outras famílias italianas que vieram para Cláudio: Senni, Gregori, Giani, Tacco, Rinco, Carelli, Niccot, Mechetti, Labiapari, Tironi, Cecoti, Adami.

Os italianos que vieram para Cláudio tornaram-se claudienses de coração, dedicando-se às atividades comerciais, industriais e agrícolas.

### 3.1.5. Os imigrantes do Oriente Médio

“A grande emigração, como conhecida no século XIX no Brasil, deu-se entre os anos de 1860 a 1870, continuando até 1890, época em que os primeiros libaneses chegaram a Cláudio. Daí até os nossos dias tem sido esparsa e em pequeno número, pois muitos vieram depois da grande emigração para se reunirem aos parentes e formarem aqui uma imensa colônia, útil e laboriosa.” (CARVALHO, 1992: 67)

A maior arte dos libaneses que se estabeleceram em Cláudio veio de *Brumana*, perto de Beirute.

Aqui, procuraram viver adaptados à vida local. Não impuseram costumes, vícios ou modalidades. Dedicaram-se principalmente ao comércio.

Recebidos com certa prevenção no início, evidentemente por causa da concorrência comercial a que submetiam os naturais da terra, em pouco superaram as dificuldades do ambiente e se tornaram excelentes cidadãos. Temos exemplos na cidade de libanês casado com descendentes dos primeiros povoadores, o *Naim David*, o último libanês da velha guarda, falecido em 1992. Esteve a frente de outros claudienses para a implantação de telefones em Cláudio e chegou a estar a frente da Prefeitura Municipal.

Outro que se destacou no comércio e na indústria foi *Rachid Mitre*. Nasceu na cidade de *Salima*, em 28 de dezembro de 1889. Veio para o Brasil no ano de 1901, com apenas 12 anos de idade, para tentar a sorte. Empregou-se com seus tios como caixeiro balconista, em Cláudio. Depois de algum tempo, sentindo saudades de seus familiares, voltou a sua terra natal, a passeio, ocasião em que ficou conhecendo *Saud Mansur*, que se tornou sua namorada. Retornou para o Brasil e, por volta de 1910, voltou ao Líbano, aproveitando a oportunidade para pedir sua namorada em casamento. Casaram-se em Oliveira e fixaram residência em Cláudio.

A partir de então, começou sua batalha, trabalhando no comércio por conta própria e com poucos recursos. Chegou a ser um dos grandes comerciantes da cidade. Foi um dos fundadores de uma tipografia, em 1916, e editou alguns dos jornais que circularam na região.

Em 1924, deixou o ramo do comércio, associando-se a *Jorge Antônio* na compra de um engenho de beneficiar café e de uma serraria, ambos movidos a vapor.

Em 1943, abandonou esse ramo de negócio, estabelecendo-se com a fabricação de carvão vegetal. Trabalhou pouco tempo nesta atividade e, em 22 de agosto de 1952, fundou a

primeira fundição de ferro gusa, com a denominação *Mitre & Amorim*, que hoje ainda continua funcionando com a denominação de *Fundição Libaneza Ltda*.

### **3.1.6. Histórico de Monsenhor João Alexandre**

O distrito de Monsenhor João Alexandre teve início em 1883, quando o local era pleno cerrado e havia apenas um ‘cruzeiro’ no alto da montanha, que fica ao Norte da atual sede. Nesse ‘cruzeiro’ foi celebrada a primeira missa, no dia 13 de junho de 1883, pelo Revmo. Monsenhor João Alexandre de Mendonça.

“Do alto, vislumbrado pela beleza da região, o Monsenhor manifestou às famílias presentes o desejo de construir, na baixada, uma capela em homenagem a Santo Antônio. As maiores famílias (Gregório e Andrade) apoiaram a ideia e doaram o terreno a Santo Antônio. O único documento existente de doação é de Maria Eufrália Andrade.” (TEIXEIRA, 2001:08)

Em outubro de 1884, deram início aos trabalhos de construção da capela (a mesma onde hoje se venera o mesmo santo). Era tão pequena que só tinha uma porta. Ao lado da capela havia somente uma casa, e esta também pertencia a Santo Antônio.

Com as sábias determinações do vigário, foi-se formando, pouco a pouco, um povoado. Em 1903, foi construído o cemitério local, cujo material foi transportado pelos braços vigorosos do povo da localidade. Neste mesmo ano, os habitantes se reuniram e fizeram uma boa casa paroquial. O patrimônio era enorme, ia além do cemitério; era cuidado com mutirões em época de ‘desobriga’. Deve-se a Monsenhor João Alexandre a primeira rodovia que ligava o povoado à Sede, também feita através de mutirão.

Em 28 de setembro de 1928, foi criada a Conferência de São Vicente de Paula e, em 1929, a Irmandade do Coração de Jesus. A Monsenhor João Alexandre deve-se, também, a primeira canalização de água que abastece o Distrito. Graças aos esforços do Monsenhor, em 1933, o povoado foi elevado à condição de Vila e, em 1934, a Distrito. A Igreja, através dos tempos, teve papel importante na vida do distrito, por intermédio de seus vigários.

O comércio teve início logo no princípio do povoamento, com o Sr. Augusto, italiano que veio tentar a vida nas Minas Gerais. Teve seu apogeu de 1935 a 1955, servindo a todo o município, e também ao de Carmo do Cajuru e Itaguara.

Os serviços médicos foram exercidos com relevância pelo Sr. Antônio Tolentino de Moraes. Sábio, ele conseguiu grande clientela e salvou muitas vidas. A região teve grande movimento, por volta dos anos de 1930 a 1955, devido ao desenvolvimento político e

econômico, este representado pela agricultura e pecuária. Com muita união dos moradores, criaram uma fábrica de manteiga, que obteve muito sucesso; também mais tarde, foi implantada uma fábrica de calçados.

O povoado foi destaque na política por vários anos. Liderou todo o município e alcançou grande progresso. Foram figuras de expressão as seguintes pessoas: Sr. Francisco Assis e sua esposa, Dona Maria Assis Salomé; Joaquim Salomé, Dr. Mateus Salomé de Oliveira, José Augusto Magalhães, Manoel Ribeiro, entre outros.

Destaca-se, na vida religiosa, D. Cristiano Portela de Araújo, que conseguiu, após um período em que caiu o movimento pastoral, reunir novamente o rebanho. Nesse mesmo trabalho de catequese e motivação religiosa também tiveram participação importante: Sr. Antônio Rezende Moraes, sua esposa, Dona Cecília, Dona Mariana, Dona Conceição e Dona Quita.

O ensino é muito bem estruturado. A escola foi criada em 1928, pelo Decreto-Lei nº8.798, de 02/10/1928. Sua estrutura, adaptada às mudanças sociais, ainda repercute a sua primeira diretora, Dona Elza Cândida do Coração de Jesus. Sua pedagogia refletiu em todo povoado. Sua liderança era exercida sobretudo com amor. Ainda hoje, quatro décadas depois de sua morte, sua memória e ensinamentos não foram esquecidos.

A vida social baseia-se nas festas religiosas, por meio de quermesses, nos jogos de futebol, das equipes formadas pela comunidade; nos bailes, festas escolares, barraquinhas, Reinado de Nossa Senhora do Rosário, etc.

Possui um supermercado, várias mercearias, bares, uma indústria de móveis, que serve à região, algumas fundições e uma fábrica de cachaça. Em 1964, o então prefeito, Sr. Múcio Guimarães Tolentino, instalou em Monsenhor João Alexandre, a primeira linha telefônica da Companhia Telefônica de Minas Gerais. Este terminal telefônico acabou, devido ao descaso dos prefeitos seguintes. Em 20 de dezembro de 1984, sob a administração do mesmo Múcio Tolentino, foi inaugurado novo terminal telefônico, dessa vez com sistema de DDD e DDI.

As condições climáticas e de solo possibilitam o cultivo de inúmeros produtos, entre os quais, verduras, legumes e frutas. De acordo com os hábitos da população e a infraestrutura existente, predominam as culturas de milho, arroz, mandioca, feijão e pastagens. O uso de tecnologia ainda é bastante restrito e a produtividade das culturas é baixa.

### 3.2. Sobre o sistema de telefonia e as listas telefônicas

Não há no município um registro específico sobre o sistema de telefonia. Recuperar parte dessa história só foi possível a partir da análise das antigas listas telefônicas, disponibilizadas pelo *Museu Artístico e Histórico de Cláudio- Casa de Cultura 'Ídia Gregório Araújo'*, além dos relatos de moradores que viveram esse período na cidade.

A COTECLA, assim chamada a primeira Companhia Telefônica de Cláudio, foi instalada na cidade no ano de 1964, sendo ela a responsável pelo Guia Telefônico. Trazia seus 155 assinantes estruturados em duas seções: assinantes por nomes e endereços. Ao longo dos anos, foram realizando algumas alterações nesses guias telefônicos para atender às necessidades da população.

Em 1968, a BIMG – Bial de Minas Gerais, lança a 1ª edição do “Manual Telefônico de Cláudio” com uma nova estrutura: seção de assinantes por nomes, seção de números, de ruas, seção Classificada e a lista de Oliveira. Neste exemplar, curiosos registros podem ser observados, como referências dos assinantes colocadas entre parênteses, por exemplo “Levi Vitoi Freitas (Prefeito)”; “José Luiz Vaz Nogueira (Técnico telefônico)”; “Décio Notini de Freitas (Dr.)”, “Luiz Prado (Chula)”, sendo esse o *apelido* pelo qual era conhecido na cidade.

Diante do insucesso das pessoas em suas consultas telefônicas, pelo fato de não conhecerem seus conterrâneos pelo nome, mas sim, pelo *apelido*, os novos guias telefônicos passaram a atender as necessidades de comunicação, registrando os *apelido* entre parênteses. Seguem alguns exemplos extraídos do guia de 1977: “João Geraldo Teixeira (Janjão)”; “José do Nascimento (Chico Adami)”; “Oswaldo Guimarães Tolentino (Doca)”; “José de Souza (Noninha)”.

Na edição de 1978/79, a cidade de Cláudio com população urbana de 6.120 habitantes e rural de 13.680, possuía 200 aparelhos telefônicos e, desses assinantes, 119 trazem uma referência, a maioria, *apelido*.

Sob a iniciativa da Divisão Municipal de Cultura, em parceria com a agência de publicidade Saturno Publicidades, foi editado, durante os anos de 2000 a 2007 um novo catálogo telefônico, “A Listapel- Lista Telefônica de *apelido* de Cláudio”, mais um registro da notável característica do povo claudiense. A comunidade rural Monsenhor João Alexandre, a partir de 2004, ganha espaço no catálogo telefônico.

De 2008 até o ano atual, a lista telefônica de *apelido* – a Apelista - é produzida por Zannetti Produções e Design, e continua sendo um sucesso em consultas, tanto em Cláudio quanto em Monsenhor João Alexandre.



Figura 8: Capa do Catálogo Telefônico 1978/9  
 Fonte: Acervo fotográfico do Museu Artístico e Histórico de Cláudio- Casa de Cultura “Ídia Gregório Araújo”

CHUDO	
(Maicou Q da Silva) r Maranhão, 83.....	3381-3240
CHUPETA	
(Silvério R Gonçalves) av Araguaia, 1574.....	3381-1484
CHUTERA	
(Carlos H A Jacinto) r Perciliana, 89.....	3381-1970
CIBIA	
(Alcebiades F Nascimento) r Alfenas, 78.....	3381-1577
CICA	
(Wender Teixeira Cecote).....	9981-4115
CÍCERO SAPATEIRO	
(Cícero Souza) s/n Faz Pasto da Serra.....	3381-1042
CICI	
(Iraci Amaral) r Brasília, 160.....	3381-2631
CICÍ	
(Iraci G Silva) r Pirapora, 514.....	3381-3125
CIDA	
(Aparecida O Oliveira) r Prof C B Tolent, 672.....	3381-3568
CIDA	
(Aparecida S Pessim) Av Bela Vista,297.....	3381-2391
CIDA	
(Conceição A C Machado) r E, 392.....	3381-4792
CIDA	
(Maria A C Rodrigues) r São José, 935.....	3381-5212
CIDA	
(Maria A Nascimento) r Laguna, 206.....	3381-2863
CIDA	
(Maria A G Pereira) r Olinda, 56.....	3381-0900
CIDA COSTUREIRA	
(Aparecida F S Nascimento) r Nove, 189.....	3381-4522
CIDA DO CABINHO	
(Maria A C Rodrigues) r S José, 935.....	3381-5212
CIDA DO LININHO	
(Aparecida C Paula) Pov Rocinha.....	3381-4493
CIDA DO JUCA LEITE	
(Aparecida C Leite) r Nove, 330.....	3381-4150
CIDE	
(Alcides G Santos) r Diamantina, 55.....	3381-1955
CIDINHA	
(Maria Aparecida C Andrade) r Alfenas, 50.....	3381-3416
CIDINHA DO MAZINHO	
(Aparecida P R Silveira) r São Lucas, 213.....	3381-2519
CIGANO	
(Dimas C Pereira) r Curitiba, 59.....	3381-1162
CINCO	
(César E Rocha) r Ceará, 108.....	3381-1659
CINTICO	
(Vicente M Teixeira)	
av Bela Vista, 1186.....	3381-2184/3381-1750
CIRILO	
(Francisco Modestino) Pov Rocinha, 11.....	3381-4272
CIRINHO	
(Cir Amaral) r Violetas, 225.....	3381-1724
CLARÉ MOÇA	
(Antônio M C Gonçalves) r Monte Sião,44.....	3381-3032
CLARINDO DA OTO	
(Clarindo M Neto) r Cambuquira, 75.....	3381-3184
<b>CLÁUDIA ANDRADE</b>	
<b>“Estilo com bom gosto!”</b>	
<b>22, r Guararapes .....</b>	<b>3381-3404</b>

Figura 9: Apelista 2009 (fragmento)  
 Fonte: Acervo particular

<b>B</b>			
Banco do Estado de Ms. Gerais		Casildo de Sousa	
20 Praça Levy Vitoi de Freitas	...264	r 225 Minas Gerais	...238
Bar Orion		Centrais Elétricas de MsGs (esc)	
12 Praça Levy Vitoi de Freitas	...365	r s/n Belo Horizonte	...222
Bar Boite Peneiras		Centrais Elétricas de MsGs	
6 Praça Levy Vitoi de Freitas	...299	Sub-Estação	...244
Bar São Cristóvão (Gaiolão)		Chaquib Anis Mansur	
av 5 Araguaia	...398	av 225 Araguaia	...202
Benediço Prado		Cícero de Sousa	
r 512 Rio de Janeiro	...303	r 497 Rio de Janeiro	...332
Benjamin Teixeira Marra		Cícero de Sousa (açougue Cici)	
65 Praça Levy Vitoi de Freitas	...201	27 Praça Levy Vitoi de Freitas	...204
Benone Ribeiro (resid)		Cinéias Regino	
86 Praça dos Ex-Combatentes	...396	321 Praça dos Ex-Combatentes	...212
Benone Ribeiro (serraria)		Cláudio Pereira Guimarães	
r 512 Rio de Janeiro (fundos)	...219	r 12 Padre João	...374
<b>C</b>			
Cadeia Pública		Clodomir Barros	
Bairro da Praia	R3	157 Praça dos Ex-Combatentes	...287
Caixa Econômica Estadual		Clodomir Barros (escrit-Dr. Célio)	
161 Praça dos Ex-Combatentes	...319	r 7 Pará	...317
Cândido Leonardo Rabelo		Colegoria Estadual	
r 20 Goiás	...240	321 Praça dos Ex-Combatentes	...388
Cartório de Paz (Nenen)		Consultório Dentário (Cirinho)	
321 Praça dos Ex-Combatentes	...393	320 Praça dos Ex-Combatentes	...380
Cartório do 2º Ofício (Moisés)		Consultório Dentário (Dr. Carlos)	
321 Praça dos Ex-Combatentes	...390	r 143 Belo Horizonte	...381
Casa Amorim Ltda. (loja)		Comercial Gonçalves Ltda.	
162 Praça dos Ex-Combatentes	...318	r 120 Belo Horizonte	...254
Casa Amorim Ltda. (resid Vica)		Companhia Siderúrgica Claudiense	
158 Praça dos Ex-Combatentes	...296	Bairro da Praia	...273
Casa do Fazendeiro		Companhia Telefônica de Cláudio	
r 110 Belo Horizonte	...357	serviço interurbano, rural,	
Casa Fernando Prado Filho		distrital, etc.	
r 29 Belo Horizonte	...320	r 17 Belo Horizonte	...01
Casa de Menores São Tarcsio	R4	residência do Técnico	
Casa Paroquial		r 74 Padre João	...200
95 Praça dos Ex-Combatentes	...283	Concebida Alves	
		r 37 São Paulo	...227
		Contabilidade Claudiense	
		40 Praça dos Ex-Combatentes	...322
		Custódio Teixeira Guimarães	
		r 9 Amapá	...221

Figura 10: Lista de Assinantes da Companhia Telefônica de Cláudio -1973 (fragmento)  
 Fonte: Acervo do Museu Artístico e Histórico de Cláudio- Casa de Cultura “Ídia Gregório Araújo”



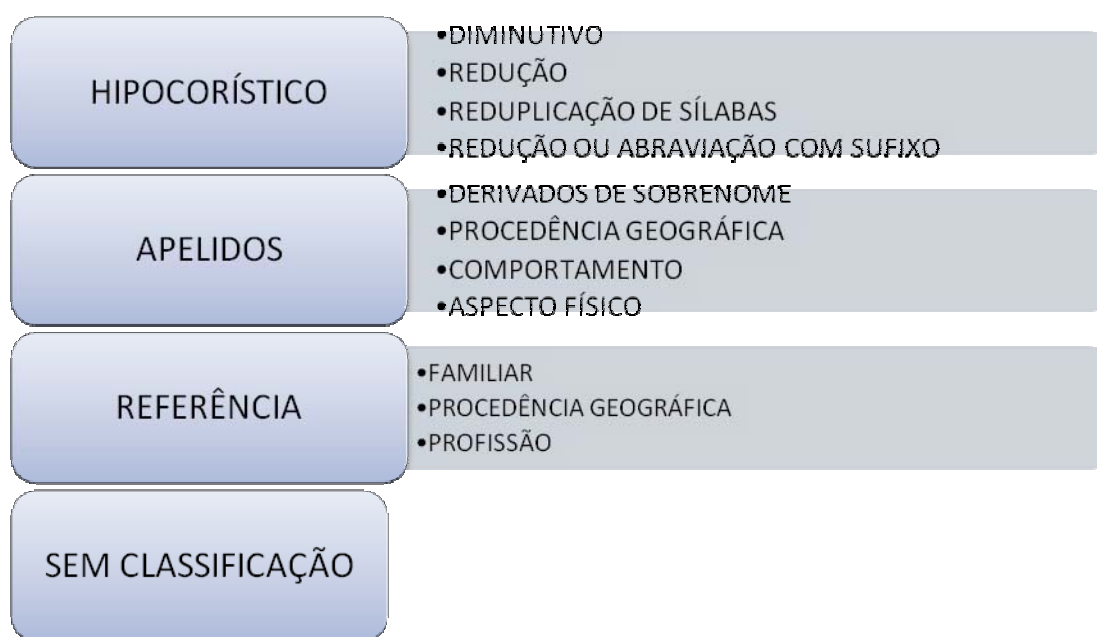
Foto 9: Inauguração da Sede da COTECLA . Sr Carlos de Paula Lameu, Sr Naim David, Dona Risoleta Tolentino Neves realizando uma chamada simbólica no ato da inauguração.  
 Fonte: Acervo do Museu Artístico e Histórico de Cláudio- Casa de Cultura “Ídia Gregório Araújo”.

## CAPÍTULO 4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1. Considerações iniciais

Embora soubéssemos que o *apelido* é comum em cidades interioranas, a presença desse fenômeno marcante em Cláudio, o que levou a cidade a conquistar o título na região de “Cidade dos *apelidos*” e matérias nos mais diversos meios de comunicação, nos fez acreditar que era possível e necessário sistematizar as observações sobre esse costume.

Dessa forma, utilizamos dois *corpora* para a análise. O primeiro, constituído dos antropônimos registrados na “*Apelista*” – Lista Telefônica por *Apelidos*, tanto da cidade de Cláudio, zona urbana, quanto de Monsenhor João Alexandre, zona rural. Ambos se submetem a uma classificação, como descrita na seção 2.5. Essa classificação também pode ser visualizada através do quadro baixo.



Quadro 4: Categorias da *Apelista*.

O segundo *corpus* é composto de entrevistas, a pessoas nascidas e moradoras da cidade há muitos anos, que exemplificam esta forma de identificação especial, seja por meio de um hipocorístico, apelido ou referência. As informações que explicitam como os informantes foram selecionados podem ser visualizadas no organograma, a seguir e estão detalhados na seção 2.6.

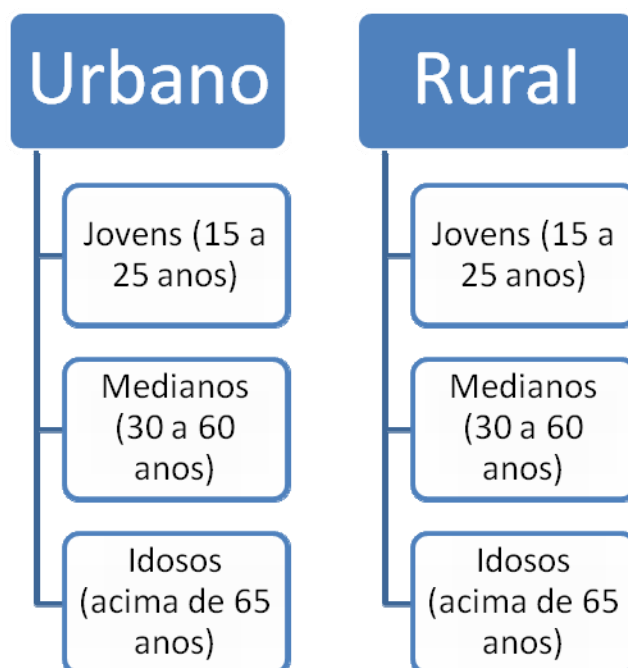


Figura 11: Organograma- Informantes

Após o estudo linguístico e classificações da lista, entrevistas e levantamento de dados, apresentamos a análise quantitativa e discussão de resultados.

#### 4.2. Análise da *Apelista*: Lista de Telefones por *Apelidos* de Cláudio

Para que o objetivo desta pesquisa de analisar o hábito de apelidar na cidade de Cláudio fosse cumprido, propusemo-nos, como foi descrito anteriormente, a execução de dois procedimentos distintos para coleta de dados: a classificação da Lista Telefônica por *apelido* - *A Apelista* - e entrevistas orais.

A análise quantitativa foi realizada, primeiramente, considerando as informações e classificações da *Apelista* e, posteriormente, as das entrevistas, do meio urbano e meio rural respectivamente.

##### 4.2.1. *Apelista*: Cláudio - Zona Urbana

Analisam-se nesta seção 1350 dados extraídos da *Apelista* 2009 – Zona Urbana. Identificam-se as seguintes categorias: *Hipocorístico e seu processo de formação; Apelidos e suas motivações; Nomes com referência*, cuja distribuição se encontra na tabela 1.

CATEGORIAS	OCORRÊNCIAS	%
Hipocorísticos	194	14
Apelidos	63	5
Nomes com referência	442	33
Sem classificação	651	48
<b>TOTAL</b>	<b>1350</b>	<b>100</b>

Tabela 1: Categorias presentes na *Apelista* – Zona Urbana

Dos 1350 dados analisados, 651 nomes não se enquadraram em nenhuma das categorias propostas, portanto estão sem classificação. A maior incidência é de *Nomes com Referência* com 442 ocorrências, o que representa 33% dos dados. Vale dizer, o uso do nome com referência nem sempre é entendido como apelido pelos claudienses. Em seguida, os *Hipocorísticos* com 194 ocorrências. A categoria dos Apelidos possui o menor número de ocorrências, apenas 63, ou seja, 5% dos dados. A seguir, faz-se a descrição pormenorizada de cada uma das categorias.

#### 4.2.1.1. Os Hipocorísticos

Os processos de formação de hipocorísticos considerados na categorização foram: *diminutivo, redução, reduplicação de sílabas e redução ou abreviação com sufixo*, citados na seção 2.5.

Processo de Formação	Nº	%
<b>Diminutivo</b>	<b>27</b>	<b>14</b>
<b>Redução</b>	<b>102</b>	<b>53</b>
<b>Reduplicação de sílabas</b>	<b>10</b>	<b>5</b>
<b>Redução ou abreviação com sufixo</b>	<b>55</b>	<b>28</b>
<b>TOTAL</b>	<b>194</b>	<b>100</b>

Tabela 2: Os hipocorísticos e processo de formação

Na análise efetuada, num total de 194 hipocorísticos, houve um predomínio da formação por redução, com 102 ocorrências, o que equivale a 53%, como pode ser observado na tabela 2. Exemplos: *Bete* (Elizabeth); *Déia* (Andréia); *Lu* (Luciana); *Xande* (Alexandre).

28% dos hipocorísticos, (55 ocorrências) ilustram casos de redução ou abreviação com sufixo. Exemplos: *Belinha* (Isabel); *Mundinho* (Raimundo); *Virinha* (Elvira).

A formação por diminutivo soma 27 hipocorísticos, o que representa 14% desse grupo de dados. Exemplos: *Afonsinho* (Afonso); *Cirinho* (Cir); *Zelinha* (Zélia); *Carminha* (Carmem).

Desses 194 hipocorísticos, 10 (5%) formaram-se por reduplicação de sílabas. Exemplos: *Cici* (Iraci); *Juju* (Juvêncio); *Cacá* (Carmem).

#### 4.2.1.2. Os Apelidos

Como foi exposto em capítulos anteriores, adotamos a definição de *apelido* conforme Fernández Leborans (1999a: 81) que considera: *Nome que substitui o nome civil, criado geralmente por um indivíduo diferente do portador do nome próprio e que frequentemente alude a uma característica física ou intelectual. Pode ser ou não depreciativo.*

Dentro dessa concepção, subdividimos esses antropônimos conforme a motivação para o apelido. São elas: *derivadas de sobrenome, procedência geográfica, comportamento e aspecto físico.*

Motivações	Nº	%
<b>Derivados de Sobrenome</b>	<b>27</b>	<b>43</b>
<b>Procedência Geográfica</b>	<b>10</b>	<b>16</b>
<b>Comportamento</b>	<b>3</b>	<b>5</b>
<b>Aspecto físico</b>	<b>23</b>	<b>36</b>
<b>TOTAL</b>	<b>63</b>	<b>100</b>

Tabela 3: Os apelidos e suas motivações

Conforme se vê na tabela 3, esta categoria soma 63 nomes, o que corresponde 43% motivados pelo sobrenome: *Vieira* (Geraldo Vieira), *Borges* (Antônio Borges Filho), *Marini* (Francisco Marini Neto); 36% ao aspecto físico: *Nanico* (Onias Guimarães Tolentino), *Cabecinha* (Helder Souza), *Gordo* (Francisco Nascimento); 16% a procedência geográfica: *Cangerana* (Claudiney Melo), *Paracatu* (Fernando da Silva), *Espanhol* (Juan Granelle) e 5% ao comportamento: *Antônio Turquinho*, *Marcelo Doido*, *Zé Calado*.

#### 4.2.1.3. Quanto aos nomes com referência

Analisando todos os antropônimos que compõem a “Lista Telefônica por *Apelidos*” pôde-se observar que ela não se constitui exclusivamente de hipocorísticos e apelidos. O que a maioria dos claudienses e os editores do catálogo telefônico nomeiam *apelido*, em muitos casos são *nomes com referências*, ou seja, a identidade apontada por uma expressão linguística, em determinado contexto de uso. Assim como classificamos apelidos

motivados pela procedência geográfica, como *Cangerana* (zona rural do município), *Paracatu* (cidade mineira), aparece outro tipo de categorização influenciada pela geografia – um *nome* com referência à procedência geográfica - *Marquinho do Corumbá* (Nome de uma comunidade rural) e *Joaquim dos Macacos* (nome popular do bairro São Francisco)- por exemplo.

Nesta categoria, foram identificados 442 nomes que correspondem a 33% do total de ocorrências. As referências são de ordem *familiar, procedência geográfica ou profissional*.

Referência à	Nº	%
<b>Profissão</b>	<b>141</b>	<b>32</b>
<b>Família</b>	<b>297</b>	<b>67</b>
<b>Procedência Geográfica</b>	<b>4</b>	<b>1</b>
<b>TOTAL</b>	<b>442</b>	<b>100</b>

Tabela 4: Quanto à referência e sua motivação

Os dados, como se pode comprovar na tabela 4, apontam a referência familiar com o maior número de incidência: 297 nomes, o que corresponde a 67% nesta categoria, exemplos: *André do Canarinho*, *Bonifácio do Badola*, *Lúcia do Zé do Daco*. E ainda 141 relacionados à profissão, o que equivale a 32%, como *Cícero Sapateiro*, *Tadeu Pedreiro*, *Pedro Leiteiro*. O restante, ou seja, 4 ocorrências de nomes com referência à procedência geográfica representam 1% dos dados, exemplos: *Jô da Bahia*, *Joaquim dos Macacos*, *Marquinho do Corumbá* e *Wilson Gaúcho*. Corumbá é o nome de uma comunidade rural pertencente ao município de Cláudio e Macacos o nome que é conhecido popularmente como bairro São Francisco, também localizado na cidade.

#### 4.2.1.4. Nomes não classificados

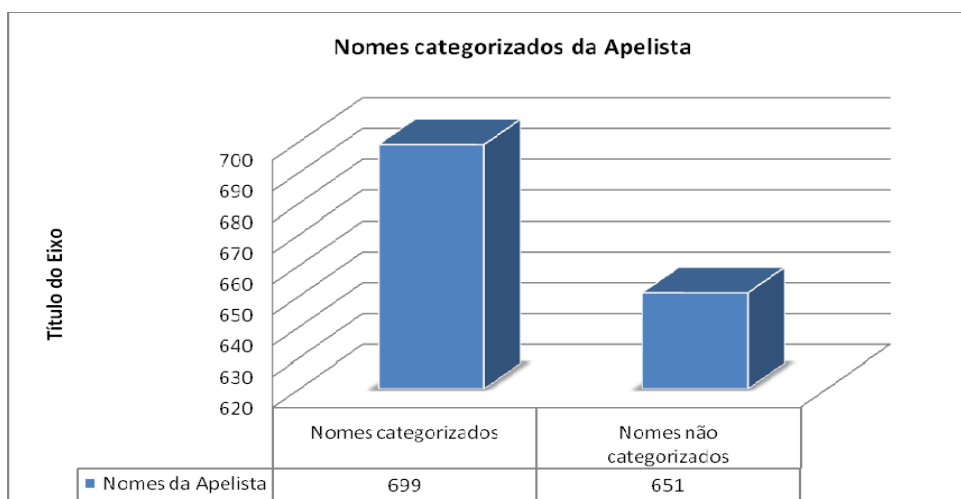


Gráfico 1: Identificação dos nomes categorizados na Apelista

Não foram classificados 651 nomes do total de 1350 assinantes. O desconhecimento de seu significado impede a inclusão desses nomes em qualquer das categorias propostas. Exemplos: *Abeia* (Osmar); *Badola* (Romão); *Bosó* (Marcos); *Colorido* (José). Esse estudo poderá ser realizado posteriormente.

#### 4.2.2. Conclusões – *Apelista* (Zona Urbana)

O gráfico 2 resume os dados categorizados, apontando-nos o grupo predominante – *nomes com referência* – que por sua vez se subdivide em profissional, de origem geográfica e familiar. Essa última categoria, como os dados analisados demonstraram, representa o maior número de ocorrências na *Apelista* confirmando a influência da tessitura familiar e das redes sociais e culturais formadas, como pode ser observado a seguir.

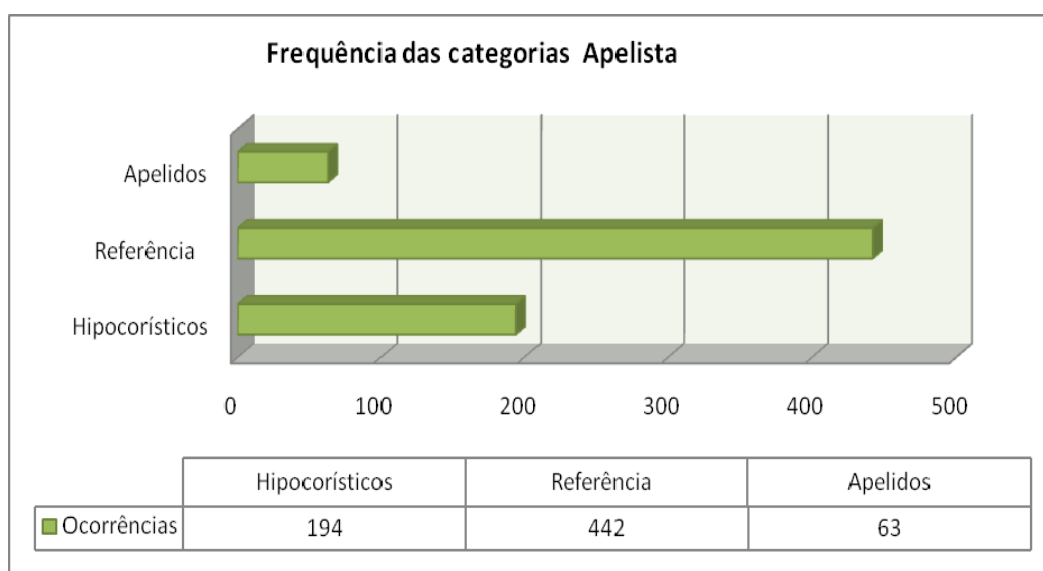


Gráfico 2: Identificação da frequência das categorias analisadas na *Apelista*.

Os resultados obtidos por meio da Lista Telefônica por *Apelidos*, a *Apelista*, apontam-nos que a cidade de Cláudio é uma grande família, uma família ampliada. Com efeito, nesta cidade temos fatos típicos de um ambiente familiar, e os *apelidos*, (ao lado dos hipocorísticos) não são os menos importantes. (COUTO, 1986: 268)

#### 4.3. *Apelista* : Monsenhor João Alexandre – Zona Rural

A *Apelista* 2009 conta, além da lista de assinantes da cidade de Cláudio, com a seção de assinantes do distrito de Monsenhor João Alexandre, zona rural de Cláudio. Os 113

assinantes estão divididos nas mesmas categorias apresentadas anteriormente: *Hipocorístico e seu processo de formação; Apelidos e suas motivações; Referência.*

#### 4.3.1. Os hipocorísticos

Processo de Formação	Nº	%
Redução	2	33
Reduplicação de sílabas	1	17
Redução ou abreviação com sufixo	3	50
<b>TOTAL</b>	<b>6</b>	<b>100</b>

Tabela 5: Os hipocorísticos e processo de formação

Foram identificados um total de 6 hipocorísticos. Não houve ocorrência de nomes formados por diminutivo; identificou-se apenas uma ocorrência de reduplicação de - *Sr. Tatá* (Altamiro).

*Canjo* (Arcanjo) e *Zelito* (Joselito) representam as duas ocorrências de hipocorísticos formados por redução.

Quanto à formação por redução ou abreviação com sufixo, 3 nomes foram identificados, o que corresponde a 50% dos dados: *Mindinho* (Ormindó), *Vandinho* (Helly Wander), *Vaninho* (Elvane).

#### 4.3.2. Quanto aos apelidos

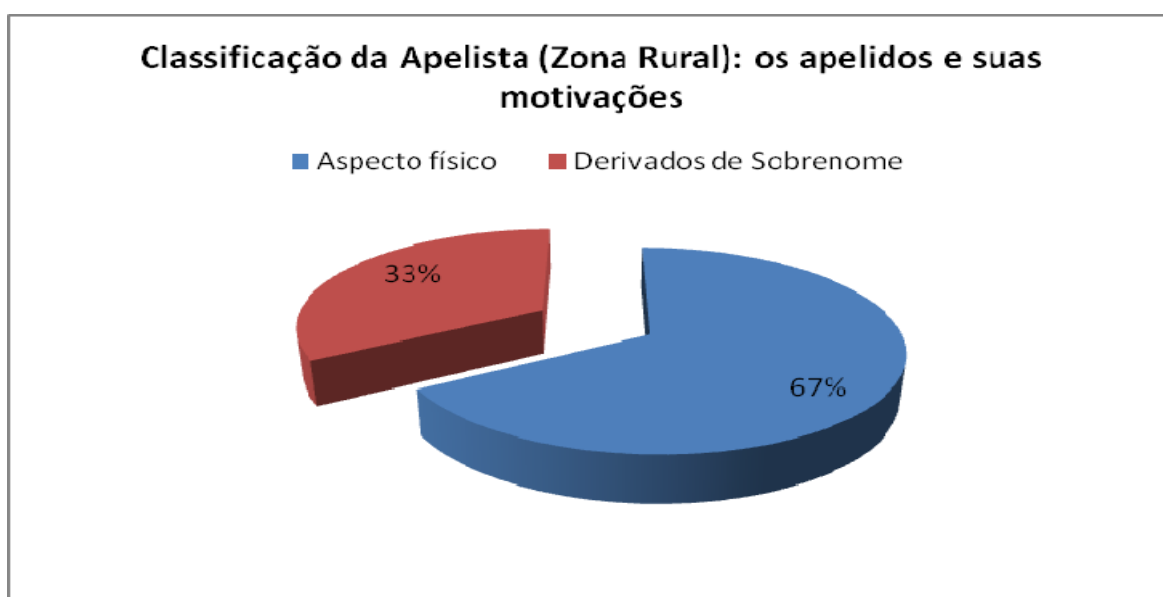


Gráfico 3: Identificação percentual de apelidos e suas motivações na *Apelista* (Zona Rural).

Apenas 3 nomes compõem a categoria *apelidos*: *Tiburço* (José Tiburço), motivado pelo sobrenome e os outros dois, motivados pelo aspecto físico: *Japonês* (Mário Takaoka) e *Zé do óculos* (José Freitas). A distribuição dos apelidos pôde ser visualizadas no gráfico 3.

#### 4.3.3. A referência

Identificaram-se 83 nomes com referências, cuja motivação é: *familiar*, *geográfica* ou *profissional*.

Referência	Nº	%
<b>Profissional</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>Familiar</b>	<b>77</b>	<b>93</b>
<b>Procedência geográfica</b>	<b>1</b>	<b>1</b>
<b>TOTAL</b>	<b>83</b>	<b>100</b>

Tabela 6: Quanto aos nomes com referência e sua motivação

Como se pode observar na tabela 6, a *Apelista* de Monsenhor João Alexandre apresenta 77 ocorrências ou 93% de nomes com referência familiar. Exemplos: *Chico do Pedro Chiquinho* (Francisco Salomé), *Elcinho do Tonho Ormindó* (Élcio da Silva), *Mariana do Zé Sanaia* (Mariana Silva).

Em seguida, em número bem menor, identificam-se 5 nomes com referência profissional (6% dos dados), são eles: *João Carpinteiro* (João da Silva), *Márcia do Bar* (Márcia Santos), *Renato do Correio* (Renato Gonçalves), *Simão Pedreiro* (Simão Oliveira), *Tonha do Asilo* (Antônia de Sousa Silva).

Com uma única ocorrência, *Oswaldo da Cachoeira* (Oswaldo Resende), representa a referência geográfica. Vale lembrar que Cachoeira é o nome popularmente usado para se referir ao distrito de Monsenhor João Alexandre.

#### 4.3.4. Nomes não classificados

Além dos 92 nomes categorizados, registram-se 21 nomes que, por desconhecimento de sua significação, não fizeram parte de nenhuma classificação proposta, como *Tutuca* (Maria das Graças Nunes), *Zinga* (José Carlos Dias), *Bonecão* (Alberto Ribeiro), *Doce* (Suely Maria da Rocha).

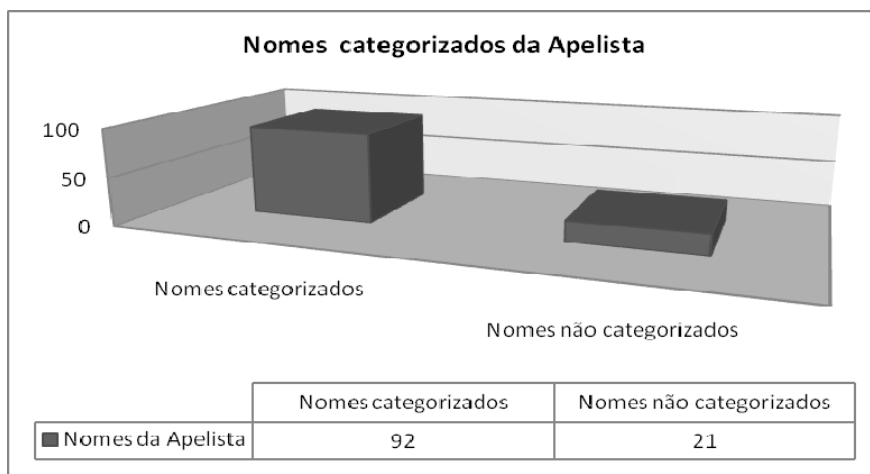


Gráfico 4: Identificação dos nomes categorizados na Apelista (Zona Rural)

#### 4.3.5. Conclusões- *Apelista* (Zona Rural)

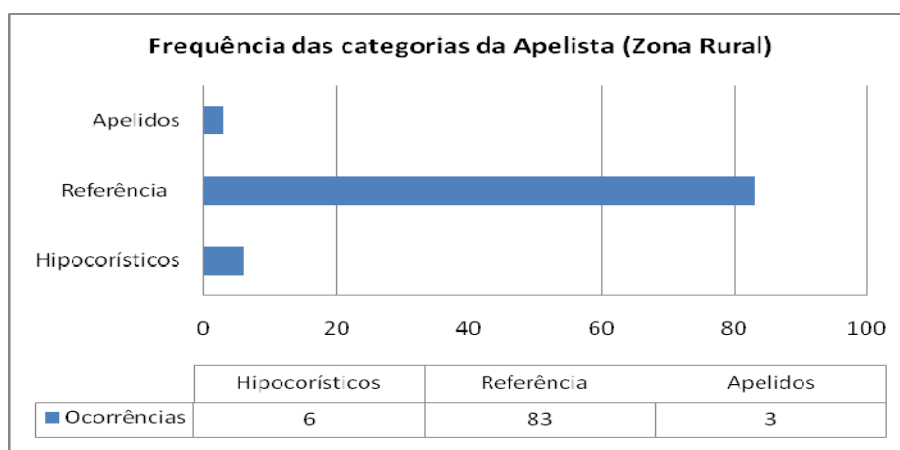


Gráfico 5: Identificação da frequência das categorias analisadas na *Apelista* (Zona Rural).

Nos 92 antropônimos analisados, predomina a referência com 83 ocorrências o que corresponde a 90% dos nomes, como se pode comprovar pelo gráfico 5. Já os hipocorísticos, equivalem a 7%, e os apelidos, com 3 ocorrências, correspondem a 3% dos dados.

#### 4.3.6. Gênero na perspectiva de quem recebe o *apelido*

Nos 1350 antropônimos analisados na Lista Telefônica por *Apelidos* do meio urbano, predomina o gênero masculino com 941 ocorrências, o que corresponde a 70% dos dados, como se pode comprovar pelo gráfico 6. Já o gênero feminino está presente em 409 nomes (30%).

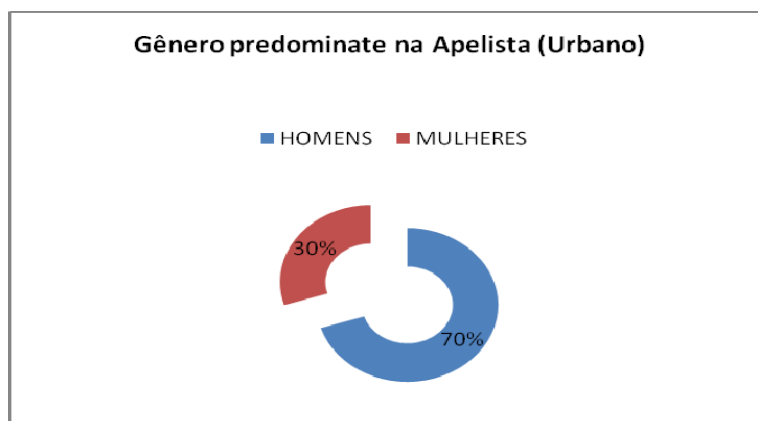


Gráfico 6: Gênero predominante na *Apelista* (Meio Urbano)

Através da tabela 7 pode-se visualizar que, na perspectiva de quem recebe o *apelido*, o hipocorístico ou a referência, o gênero masculino é predominante na maioria das categorias, com exceção dos hipocorísticos formados por redução, representado em maior número pelas mulheres. Ex: *Bete* (Elisabete), *Dino* (Galdino), *Turina* (Venturina).

Os *apelidos* derivados de sobrenome são exclusivamente masculinos, o que tem certamente, uma implicação social. Ex: *Borges* (Antônio Borges), *Vieira* (Geraldo Vireira).

Os *apelidos* motivados pelo aspecto físico, a referência familiar e profissional, são expressivamente mais marcantes entre os homens em relação às ocorrências femininas.

CATEGORIAS	PROCESSO/MOTIVAÇÃO	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>1-Hipocorísticos</b>	<b>Processo de Formação</b>						
	Diminutivo	20	10	7	4	27	14
	Redução	45	23	57	29	102	53
	Reduplicação de Sílabas	7	4	3	2	10	5
	Redução ou abreviação com sufixo	27	13		15	55	28
	<b>TOTAL</b>	<b>99</b>	<b>50</b>	<b>95</b>	<b>50</b>	<b>194</b>	<b>100</b>
<b>2- Apelidos</b>	<b>Motivação</b>						
	Derivados de sobrenome	27	43	0	0	27	42
	Procedência geográfica	9	14	1	2	10	16
	Comportamento	3	5	0	0	3	5
	Aspecto Físico	21	33	2	3	24	37
	<b>TOTAL</b>	<b>60</b>	<b>95</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>163</b>	<b>100</b>
<b>3- Nomes com Referência</b>	<b>Motivação</b>						
	Familiar	166	38	131	30	297	67
	Profissional	108	24	33	7	141	32
	Geográfica	4	1	0	0	4	1
	<b>TOTAL</b>	<b>278</b>	<b>63</b>	<b>164</b>	<b>37</b>	<b>542</b>	<b>100</b>
<b>4- Sem Classificação</b>		<b>504</b>	<b>77</b>	<b>147</b>	<b>23</b>	<b>651</b>	<b>100</b>
<b>TOTAL</b>		<b>941</b>	<b>70</b>	<b>409</b>	<b>30</b>	<b>1350</b>	<b>100</b>

Tabela 7 : O gênero entre os nomes da *Apelista* – Urbano.

Entre os 113 antropônimos analisados na *Apelista* do meio rural, predomina, novamente, o gênero masculino com 61 ocorrências, o que corresponde a 54% dos dados, como se pode comprovar pelo gráfico 7. Já o gênero feminino está presente em 52 nomes (46).

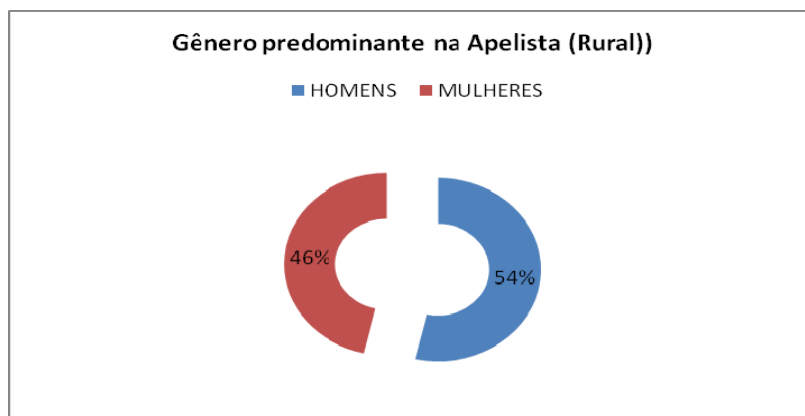


Gráfico 7: Gênero predominante na *Apelista* (Meio Rural)

No meio rural, o gênero masculino também predomina na maioria das categorias, com exceção da referência com motivação familiar, representada em sua maioria pelas mulheres - 45 ocorrências em contrapartida 32 ocorrências masculinas.

CATEGORIAS	PROCESSO/MOTIVAÇÃO	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>1-Hipocorísticos</b>	<b>Processo de Formação</b>						
	Diminutivo	0	0	0	0	0	0
	Redução	2	33	0	0	2	33
	Reduplicação de Sílabas	1	17	0	0	1	17
	Redução ou abreviação com sufixo	3	50	0	0	3	50
	<b>TOTAL</b>	<b>6</b>	<b>100</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>6</b>	<b>100</b>
<b>2- Apelidos</b>	<b>Motivação</b>						
	Derivados de sobrenome	1	33	0	0	1	33
	Procedência geográfica	0	0	0	0	0	0
	Comportamento	0	0	0	0	0	0
	Aspecto Físico	2	67	0	0	2	67
	<b>TOTAL</b>	<b>3</b>	<b>100</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>3</b>	<b>100</b>
<b>3- Nomes com Referência</b>	<b>Motivação</b>						
	Familiar	32	39	45	54	77	93
	Profissional	3	4	2	2	5	6
	Geográfica	1	1	0	0	1	1
	<b>TOTAL</b>	<b>36</b>	<b>44</b>	<b>47</b>	<b>56</b>	<b>83</b>	<b>100</b>
<b>4- Sem Classificação</b>		<b>16</b>	<b>76</b>	<b>5</b>	<b>24</b>	<b>21</b>	<b>100</b>
	<b>TOTAL</b>	<b>61</b>	<b>54</b>	<b>52</b>	<b>46</b>	<b>113</b>	<b>100</b>

Tabela 8 : O gênero entre os nomes da *Apelista* – Rural.

#### 4.4. Comparando dados

Um dos objetivos deste trabalho é observar se existem diferenças no hábito de apelidar entre os claudienses do meio urbano e meio rural, em especial, de Monsenhor João Alexandre, a partir dos dados extraídos da “*Apelista*” dessas localidades.

As análises efetuadas nas seções anteriores, e, principalmente, a comparação das tabelas 4 e 6, permitem que se trace um perfil dominante entre os antropônimos presentes na lista telefônica: nomes com referência. Os percentuais mais altos apontados na análise quantitativa, tanto da zona urbana quanto da rural, se concentram em torno da referência familiar.

A referência é a relação estabelecida entre uma expressão linguística e um objeto (no sentido amplo do termo) no mundo. É, portanto, dependente do enunciado, ou seja, a referência é uma relação entre expressões e aquilo que elas representam em ocasiões determinadas. Assim, o processo de referenciação ocorre de forma expressiva entre os claudienses, para identificar e especificar seus conterrâneos, o que fica patente pela análise dos registros da lista telefônica.

REFERÊNCIA	ZONA URBANA - Nº	ZONA URBANA- %	ZONA RURAL - Nº	ZONA RURAL – %
FAMILIAR	297	67	77	93
PROFISSIONAL	141	32	5	6
PROCEDÊNCIA GEOGRÁFICA	4	1	1	1
<b>TOTAL</b>	<b>442</b>	<b>100</b>	<b>83</b>	<b>100</b>

Tabela 9: Comparativo entre a frequência da referência entre o meio urbano e rural de Cláudio.

Um aspecto relevante que pôde ser visualizado é o fato de algumas categorias ser bem mais expressivas em um dos meios, como ocorre, por exemplo, com a Referência Familiar. No meio rural ela se faz mais presente, o que corresponde a 93% dos dados, que no espaço urbano, com 67%. Esses dados comprovam que o grau de intimidade de um ambiente familiar é fortemente preservado em comunidades menores, com hábitos e identidades bem cristalizados. A proximidade entre as pessoas da comunidade se dá de maneira mais intensa do que no espaço urbano, sendo possível referir-se a alguém ou a seus familiares e ser reconhecido pelo grupo; afinal entende-se que todos se conhecem. Esse fenômeno também

ocorre no meio urbano, porém de maneira menos intensa que no rural, provavelmente, pelo número maior de habitantes, que dificulta o reconhecimento entre os membros da comunidade.

Outro destaque está relacionado ao fato de a Referência Profissional, representada por 32% no meio urbano, ser expressivamente superior aos 6% do meio rural. Pode-se associar essa predominância ao número maior de profissões exercidas nas cidades. Muitas comunidades rurais praticam atividades baseadas na agricultura, na pecuária e no pequeno comércio, exclusivamente. A cidade de Cláudio oferta trabalhos diversos e acolhe muitos habitantes das comunidades rurais que vêm em busca de um ofício, ainda que continuem residindo no meio rural.

Sobre o fator gênero, há a predominância do masculino, tanto no meio urbano quanto no rural, na perspectiva de quem recebe o *apelido*, ou seja, pode-se afirmar que os homens são mais apelidados que as mulheres.

#### **4.5. As entrevistas**

As entrevistas foram realizadas com pessoas nascidas e moradoras da cidade de Cláudio e do distrito de Monsenhor João Alexandre (meio urbano e rural), abrangendo homens e mulheres de diferentes faixas etárias (Jovens – 15 a 25 anos, Medianos – 30 a 60, Idoso – acima de 65 anos).

Como foi apresentado, neste estudo, pretendemos analisar o hábito de apelidar entre os claudienses e, portanto, o assunto discutido nas gravações propiciou a reflexão sobre esse comportamento de receber e/ou atribuir um *apelido* ou uma referência ao nome.

A presente análise se destina à verificação da atualidade das categorias identificadas na *Apelista* em relação ao comportamento dos moradores da cidade e do meio urbano, e, dentro de cada meio, como atuam o fator faixa etária e gênero.

A entrevista contemplou as seguintes questões:

- 1- Qual a origem de seu *apelido*?
- 2- Quem o apelidou?
- 3- Todos te chamam pelo *apelido*?
- 4- Tem algum lugar em que você não é (não foi) chamado por *apelido*?
- 5- Todos na sua família tem *apelido*?
- 6- Há ocasiões que você evita chamar a pessoa por *apelido*?

- 7- Você gosta de ser chamado por *apelido*? Tem alguma situação que você não gosta?
- 8- A lista telefônica “*Apelista*” realmente te auxilia quando necessita fazer uma consulta?
- 9- E quando é anunciada a nota de falecimento, o uso do *apelido* favorece o reconhecimento?
- 10- Para você: apelidar é um gesto carinhoso?

De posse das entrevistas orais, passamos à descrição e análise dos dados:

#### 4.5.1. Categorias que se ilustram nas entrevistas

Os nomes que compõem a lista telefônica por *apelidos- Apelista-* foram submetidos a classificações conforme foi apresentado no capítulo 2 na seção 2.5. A partir das entrevistas verificamos como as categorias identificadas se distribuem nos dados de uso atual, como pode ser visualizado na tabela 10, correspondente ao meio urbano e na tabela 11, do meio rural.

<b>Categorias</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
<b>Apelido - Comportamento</b>	<b>7</b>	<b>23</b>
<b>Apelido- Aspecto físico</b>	<b>7</b>	<b>23</b>
<b>Apelido com referência familiar</b>	<b>1</b>	<b>3,5</b>
<b>Hipocorístico</b>	<b>9</b>	<b>30</b>
<b>Hipocorístico com referência familiar</b>	<b>1</b>	<b>3,5</b>
<b>Sem classificação</b>	<b>5</b>	<b>17</b>
<b>TOTAL</b>	<b>30</b>	<b>100</b>

Tabela 10 - Categorias que se ilustram nas entrevistas – Urbano

São exemplos das categorias que se ilustram nas entrevistas: *Paçoquinha* (*Apelido-Comportamento*); *Gatinho, Branca* (*Apelido-Aspecto físico*); *Lelé do Dedão* (*Apelido com referência familiar*); *Mundinha, Fred* (*Hipocorístico*); *Quinquim Barba* (*Hipocorístico com Referência Familiar*).

<b>Categorias</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
<b>Apelido - Comportamento</b>	<b>4</b>	<b>14</b>
<b>Apelido- Aspecto físico</b>	<b>3</b>	<b>10</b>
<b>Apelido com referência familiar</b>	<b>4</b>	<b>14</b>
<b>Hipocorístico</b>	<b>9</b>	<b>31</b>
<b>Hipocorístico com referência familiar</b>	<b>1</b>	<b>3,5</b>
<b>Nome com referência familiar</b>	<b>2</b>	<b>7</b>
<b>Sem classificação</b>	<b>5</b>	<b>17</b>
<b>Pseudônimo</b>	<b>1</b>	<b>3,5</b>
<b>TOTAL</b>	<b>29</b>	<b>100</b>

Tabela 11 - Categorias que se ilustram nas entrevistas – Rural

No meio rural, houve a ocorrência das categorias nome com referência familiar (*Luzia da Tininha e Francisca da Tininha*) e o pseudônimo (*Lúcia*, cujo nome verdadeiro é Maria) além das demais que se ilustram no urbano. São exemplos das demais categorias: *Caximbo* (*Apelido - comportamento*); *Tucano, Calango* (*Apelido-aspecto físico*); *Lalado* (*Apelido com referência familiar*); *Tódia do Joaquim do Manuel* (*Hipocorístico com referência familiar*); *Mandinha, Cida* (*Hipocorístico*).

Vale dizer, que os informantes das entrevistas foram inicialmente selecionados e à medida que as entrevistas foram sendo realizadas, recebemos e aceitamos novas indicações de informantes, dessa forma, todos nossos entrevistados são apelidados. Isso justifica o fato da referência não aparecer de maneira expressiva nas entrevistas em comparação ao perfil da *Apelista*. Ao receber indicações para possíveis entrevistados, os claudienses indicaram pessoas que em sua concepção possuem *apelidos*; nomes com referência foram pouco sugeridos.

#### **4.5.2. Quanto à pessoa que atribuiu o *apelido***

Parentes, colegas de sala, amigos de rua e de família foram algumas das respostas dadas pelos informantes em relação à pessoa que lhes atribuiu o *apelido*. Essas alternativas conotam a presença expressiva do fator intimidade nesse contexto de *apelidação*. Veja na tabela abaixo:

Urbano	Parentes		Colega de sala		Amigo de rua		Amigo de família		Origem incerta	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>Jovens</b>	<b>4</b>	<b>14</b>	<b>6</b>	<b>20</b>	-	-	-	-	-	-
<b>Medianos</b>	<b>7</b>	<b>23</b>	-	-	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>7</b>	-	-
<b>Idosos</b>	<b>7</b>	<b>23</b>	-	-	-	-	<b>2</b>	<b>7</b>	<b>1</b>	<b>3</b>
<b>TOTAL</b>	<b>18</b>	<b>60</b>	<b>6</b>	<b>20</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>14</b>	<b>1</b>	<b>3</b>

Tabela 12 : Responsável por atribuir o *apelido* – Urbano

Entre os 30 informantes do meio urbano, 18 foram apelidados por parentes próximos, seja pais, irmãos, tios ou primos, o que corresponde a 60% do total. Com 6 ocorrências, ou seja, 20% dos dados, aparecem os colegas de sala como responsáveis pelo *apelido*. Observa-se, que dos 10 informantes correspondentes aos jovens (15 a 25 anos), 6 receberam o *apelido* dos colegas de sala. Os amigos de família representam 14% dos dados, ou seja, 4 ocorrências. Dentre elas registra-se 1 classificação, a pagem, considerada pertencente a essa categoria. Com um número menor, uma ocorrência cada, ou seja, 3%, o amigo de rua e o outro, de origem incerta, apenas com a probabilidade do meio familiar.

Rural	Parentes		Colega de sala		Ele (a) próprio (a)		Amigo de família		A comunidade	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>Jovens</b>	<b>2</b>	<b>7</b>	<b>6</b>	<b>21</b>	<b>1</b>	<b>3,5</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	-	-
<b>Medianos</b>	<b>7</b>	<b>24</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	-	-	<b>2</b>	<b>7</b>	-	-
<b>Idosos</b>	<b>4</b>	<b>14</b>	-	-	<b>1</b>	<b>3,5</b>	<b>2</b>	<b>7</b>	<b>2</b>	<b>7</b>
<b>TOTAL</b>	<b>13</b>	<b>45</b>	<b>7</b>	<b>24</b>	<b>2</b>	<b>7</b>	<b>5</b>	<b>17</b>	<b>2</b>	<b>7</b>

Tabela 13: Responsável por atribuir o *apelido*- Rural

No meio rural, assim como ocorreu no urbano, houve a predominância de informantes apelidados pelos parentes, 13 pessoas, o que corresponde a 45%. Outra semelhança pode ser observada entre os jovens: entre os 10 informantes jovens, 24% dos dados receberam os *apelidos* de colegas de sala. A atribuição de *apelidos* é um comportamento comum entre adolescentes, inclusive alvo de estudo para conscientização contra o *bullying*. Duas ocorrências chamam nossa atenção entre os informantes do meio rural. Uma relaciona-se ao fato de a atribuição do *apelido* ser feita pela própria pessoa. A

justificativa para a escolha do próprio *apelido*, nesse caso, é a de que todos os integrantes do time de futebol possuíam *apelidos* em suas camisas, o que levou esse informante a escolher o *apelido* de ‘*Tucano*’, devido ao aspecto físico - o tamanho de seu nariz. A outra, também de escolha própria, não se inclui na categoria dos *apelidos*, mas na dos pseudônimos- falso nome. A informante relata que desde a infância na escola, sentia-se incomodada com a falta de exclusividade no nome - *Maria*. Eram muitas *Marias* e muitos *Joões* na época. A escolha foi por *Lúcia*, nome que achava bonito e diferente e pelo qual é chamada por todos, inclusive quando assina em ‘notinhas’, promissórias de compra.

Entre os entrevistados, registramos a ocorrência de 2 nomes com referência familiar, *Luzia da Tininha* e *Francisca da Tininha*, referências cristalizadas pela própria comunidade ao fazer menção às filhas da *D. Tininha*. É interessante observar que, nessa família todos os filhos, mulheres e homens são identificados pelo nome da mãe, pessoa muito ativa na comunidade, com exceção de um dos filhos *Joaquim do Manuel*, referência ao pai. Os nomes motivados pelos de amigos de família representam o percentual de 17% (5 ocorrências).

#### 4.5.3. Quanto ao período da vida em que foi apelidado

No que se refere ao período da vida em que o informante recebeu o *apelido*, dois momentos foram mencionados: a infância e a adolescência.

Urbano	Infância		Adolescência	
	Nº	%	Nº	%
<b>Jovens</b>	<b>6</b>	<b>20</b>	<b>4</b>	<b>13</b>
<b>Medianos</b>	<b>9</b>	<b>30</b>	<b>1</b>	<b>3</b>
<b>Idosos</b>	<b>10</b>	<b>34</b>	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>25</b>	<b>84</b>	<b>5</b>	<b>16</b>

Tabela 14: Período em que o *apelido* foi atribuído- Urbano

Representando 84% dos dados, a fase da infância foi a predominante. Muitos dos informantes receberam seus *apelidos* ainda quando bebês, outros no período que se estende, aproximadamente, até os 11 anos de idade. Perfazem 16% dos dados os *apelidos* atribuídos na fase da adolescência. O *apelido* é o nome real da pessoa na comunidade em questão.

Rural	Infância		Adolescência		Indeterminado		Adulta	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>Jovens</b>	<b>3</b>	<b>10</b>	<b>7</b>	<b>24</b>	-	-	-	-
<b>Medianos</b>	<b>9</b>	<b>31</b>	<b>1</b>	<b>3,5</b>	-	-	-	-
<b>Idosos</b>	<b>4</b>	<b>14</b>	<b>2</b>	<b>7</b>	<b>2</b>	<b>7</b>	<b>1</b>	<b>3,5</b>
<b>TOTAL</b>	<b>16</b>	<b>55</b>	<b>10</b>	<b>34,5</b>	<b>2</b>	<b>7</b>	<b>1</b>	<b>3,5</b>

Tabela 15 : Período em que o *apelido* foi atribuído- Rural

Além dos dois períodos mencionados entre os informantes do meio urbano - a infância e a adolescência - registramos 1 ocorrência de atribuição de *apelido* na fase adulta, 3,5%, e outras duas - (7%) - de *apelidos* atribuídos em período não determinado. A predominância de atribuição no período da infância se repete no meio rural, onde se identifica que 55% dos casos relacionam-se ao período da infância, contra 35% de *apelidos* atribuídos na adolescência.

#### 4.5.4. A seleção de contexto de uso

Sabe-se que o *apelido* existe para a comunicação no seio da comunidade. Ele faz parte da cultura e da linguagem comunitária. Porém, isso não significa que todos os falantes fazem uso dos *apelidos* em toda e qualquer situação. A seleção de contexto de uso do *apelido* é efetuada entre os informantes. É o que nos mostra a tabela abaixo cujos dados respondem à pergunta: Você seleciona contexto de uso dos *apelidos*?

Urbano	Sim		Não	
	Nº	%	Nº	%
<b>Jovens</b>	<b>6</b>	<b>20</b>	<b>4</b>	<b>13</b>
<b>Medianos</b>	<b>3</b>	<b>10</b>	<b>7</b>	<b>23</b>
<b>Idosos</b>	<b>2</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>27</b>
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>37</b>	<b>19</b>	<b>63</b>

Tabela 16: A seleção de contexto de uso pelos informantes- Urbano

A leitura da tabela 16 nos revela que a maioria dos informantes não seleciona o contexto de uso do *apelido*, o que representa 63% dos dados. Alegaram estar habituados a usar o *apelido*, tendo em vista que muitos nem mesmo conhecem o nome próprio da pessoa. Dos 37% que afirmam selecionar contexto de uso, 6 ocorrências representam os jovens que

afirmam não usar os *apelidos* na presença dos pais, dos amigos, na igreja, escola e em momentos que exigem maior formalidade.

Rural	Sim		Não	
	Nº	%	Nº	%
<b>Jovens</b>	<b>10</b>	<b>34</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Medianos</b>	<b>6</b>	<b>21</b>	<b>4</b>	<b>14</b>
<b>Idosos</b>	<b>3</b>	<b>10</b>	<b>6</b>	<b>21</b>
<b>TOTAL</b>	<b>19</b>	<b>65</b>	<b>10</b>	<b>35</b>

Tabela 17 : A seleção de contexto de uso pelos informantes- Rural

Quanto à seleção do contexto de uso, o meio rural se opõe ao urbano. Agora, são 65% dos informantes que dizem selecionar o uso do *apelido* conforme a situação, contra 35% que não selecionam. De toda forma, há um comportamento semelhante entre os jovens, que tendem a selecionar mais o contexto que os demais, tanto do meio urbano quanto do rural.

#### 4.5.5. Sobre a existência de *apelidos* na família

A linguagem utilizada em família é bastante contextualizada e está fortemente ligada aos objetos ou pessoas a que se refere. A maioria dos *apelidos*, como já foi apresentado, surgem no ambiente familiar, o que nos dá indícios da aceitação da própria família em relação à apelação, sendo uma espécie de batismo.

Urbano	Sim		Não	
	Nº	%	Nº	%
<b>Jovens</b>	<b>7</b>	<b>23</b>	<b>3</b>	<b>10</b>
<b>Medianos</b>	<b>10</b>	<b>33,5</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Idosos</b>	<b>10</b>	<b>33,5</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>TOTAL</b>	<b>27</b>	<b>90</b>	<b>3</b>	<b>10</b>

Tabela 18: Existência de *apelidos* na família- Urbano

Conforme se pode observar na tabela 18, o percentual predominante representado por 90% dos dados, corresponde à resposta positiva quanto à existência significativa de *apelidos* no meio familiar. Mencionaram, no mínimo, 3 pessoas apelidadas na família. Afirmaram não possuir *apelidos* na família 3 dos informantes, o que representa 10 % dos dados. O mesmo comportamento pode ser observado no meio rural, na tabela abaixo, com percentuais bem próximos: 94% possuem *apelidos* na família.

<b>Rural</b>	<b>Sim</b>		<b>Não</b>	
	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
<b>Jovens</b>	<b>10</b>	<b>35</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Medianos</b>	<b>9</b>	<b>31</b>	<b>1</b>	<b>3</b>
<b>Idosos</b>	<b>8</b>	<b>28</b>	<b>1</b>	<b>3</b>
<b>TOTAL</b>	<b>27</b>	<b>94</b>	<b>2</b>	<b>6</b>

Tabela 19: Existência de *apelidos* na família- Rural

#### 4.5.6. Opinião acerca da Lista Telefônica por *Apelidos* – *Apelista*

A criação da *Apelista- Lista Telefônica por Apelidos*- nasceu de uma necessidade, e não puramente do espírito criativo dos claudienses. É o que os dados da tabela 20 nos comprovam quando se trata da opinião sobre a *Apelista*, considerando sua eficiência e verdadeira utilidade.

<b>Urbana</b>	<b>Positiva</b>		<b>Neutra</b>	
	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
<b>Jovens</b>	<b>8</b>	<b>27</b>	<b>2</b>	<b>7</b>
<b>Medianos</b>	<b>10</b>	<b>33</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Idosos</b>	<b>10</b>	<b>33</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>TOTAL</b>	<b>28</b>	<b>93</b>	<b>2</b>	<b>7</b>

Tabela 20: Julgamento acerca da *Apelista*- Urbano

No que se refere às consultas realizadas na lista telefônica organizada por *apelidos*, 93% dos entrevistados julgaram ser de grande valia o recurso criado. Os 28 informantes exemplificam como é rápida e eficiente a consulta realizada na *Apelista*, principalmente, pelo fato de, na maioria das vezes, conhecerem a pessoa exclusivamente pelo seu *apelido* ou referência. 7% dos informantes, representados por 2 jovens, mantiveram-se neutros: justificaram não ter o hábito de fazer consultas ao catálogo telefônico, portanto, não têm como avaliar a utilidade da *Apelista*.

Rural	Positiva		Neutra	
	Nº	%	Nº	%
<b>Jovens</b>	<b>10</b>	<b>35</b>	-	-
<b>Medianos</b>	<b>9</b>	<b>31</b>	<b>1</b>	<b>3</b>
<b>Idosos</b>	<b>9</b>	<b>31</b>	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>28</b>	<b>97</b>	<b>1</b>	<b>3</b>

Tabela 21: Julgamento acerca da *Apelista*- Rural

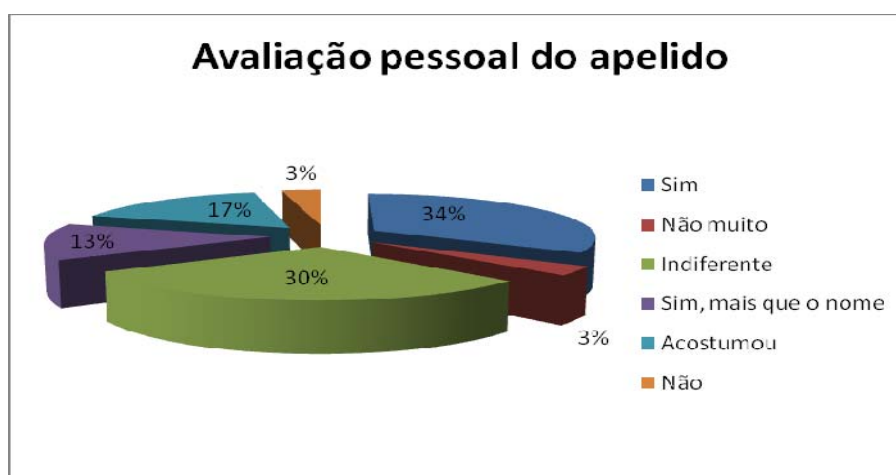
O sucesso da consulta à lista telefônica por *apelidos* é confirmado por 97% dos informantes de Monsenhor João Alexandre, o que corresponde a 28 ocorrências. Um informante expressou neutralidade pois considera que, em certos momentos, a consulta ao nome próprio é necessária.

#### 4.5.7. Quanto à identificação dada na nota de falecimento

Como hábito característico de muitas cidades interioranas, a nota de falecimento é dada através dos alto-falantes da igreja: anuncia-se o nome completo da pessoa e, em seguida, após a expressão “mais conhecido como”, menciona-se o *apelido*, quando existe, ou alguma referência significativa como nomes dos pais, local de trabalho, profissão.

Categoricamente, os informantes, do meio rural e urbano, afirmaram que anunciar, junto à nota de falecimento, o *apelido* e/ou algum tipo de referência favorece o reconhecimento da pessoa. Muitos, inclusive, afirmaram que ficam à espera da referência como forma de identificação.

#### 4.5.8. Apreciação do próprio *apelido*

Gráfico 8: Avaliação do próprio *apelido* – Urbano

O gráfico 8 apresenta a avaliação dos informantes em relação ao próprio *apelido*. Pôde-se perceber diferenças significativas quanto à apreciação do mesmo. A maior incidência, com 34% dos dados, o que equivale a 10 ocorrências, está entre os que apreciam e veem de maneira positiva o *apelido* que lhes foi atribuído e que, portanto, gostam da forma pela qual são tratados. São indiferentes 9 informantes, o que representa 30%. É importante fazer essa distinção entre a indiferença e a acomodação. No primeiro caso, o informante expressa neutralidade, não se importa de ser chamado pelo *apelido*. No segundo caso, que representa 17% dos dados, com 5 ocorrências, explicita-se uma situação de resignação e de aceitação dos fatos ao longo do tempo. A maioria dos que disseram “ter se acostumado” manifestaram sua reprovação ao *apelido* no início, ou seja, logo quando este lhes foi atribuído, mas se dizem acostumados e declaram não se importar, atualmente. Com 4 ocorrências, o que representa 13%, estão os que apreciam o *apelido* mais que o próprio nome. Disseram preferir o *apelido* ao nome. Os dois informantes restantes afirmaram não gostar do *apelido*, o que não impede que eles continuem sendo chamados pelos mesmos.

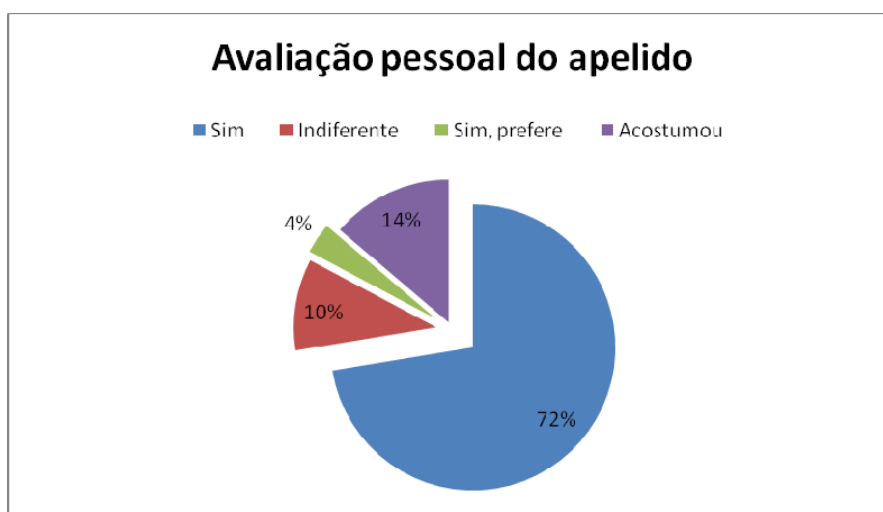


Gráfico 9: Avaliação do próprio *apelido*: Rural

A avaliação positiva do *apelido* é confirmada por 72% dos informantes, o que representa 21 informantes. Os dados que correspondem a opção ‘acostumou’ somam 14% dos dados. Esses informantes alegaram não gostar do *apelido* no início, mas estarem agora acostumados. 10% dos informantes declararam-se indiferentes ao *apelido*, desde o momento em que foi atribuído. Apenas um informante gosta muito do seu *apelido*, a ponto de preferi-lo ao nome próprio.

#### 4.5.9. Avaliação do ato de apelidar

O fato do *apelido* ser uma realidade arraigada na realidade dos claudienses não implica necessariamente ser um gesto totalmente carinhoso. Sabe-se, inclusive, que o *apelido* na maioria das vezes foge ao controle do apelidado, sendo utilizado quer ele goste, quer não. Os informantes demonstram ter a consciência de que nem sempre o ato de apelidar é carinhoso.

Urbano	Positiva		Neutro	
	Nº	%	Nº	%
<b>Jovens</b>	<b>2</b>	<b>6</b>	<b>8</b>	<b>27</b>
<b>Medianos</b>	<b>4</b>	<b>13</b>	<b>6</b>	<b>20</b>
<b>Idosos</b>	<b>5</b>	<b>17</b>	<b>5</b>	<b>17</b>
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>36</b>	<b>19</b>	<b>64</b>

Tabela 22: Avaliação do ato de apelidar- Urbano

Dessa forma, a tabela 22 apresenta os números e percentuais sobre o questionamento: “apelidar é um gesto carinho?”. Como podemos observar, 64% do total dos dados correspondem aos que consideram que o ato de apelidar nem sempre é carinhoso. Os demais 36%, confirmam o caráter carinhoso, pois consideram que partindo da família e dos amigos só pode ser uma manifestação de carinho. A maioria discriminou o contexto que consideram adequados, ou seja, carinhosos. Apontaram, também, a situação que reprovam e veem como ofensa e desafeto o uso do *apelido*. Categoricamente, consideram que o *apelido* atribuído no seio familiar é um gesto afetuosos.

Rural	Positiva		Neutro	
	Nº	%	Nº	%
<b>Jovens</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>10</b>	<b>34</b>
<b>Medianos</b>	<b>2</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>28</b>
<b>Idosos</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>8</b>	<b>28</b>
<b>TOTAL</b>	<b>3</b>	<b>10</b>	<b>26</b>	<b>90</b>

Tabela 23: Avaliação do ato de apelidar- Rural

No meio rural, como se pode observar, a avaliação do ato de apelidar se assemelha à que se faz no meio urbano. Os *apelidos* nem sempre podem ser considerados carinhosos, pois sua criação e uso dependem da situação em que surgem e de quem parte a

iniciativa de apelidar. É o que os dados nos mostram, 90% das ocorrências. Afirmando ser um gesto carinhoso, 10% dos entrevistados.

#### 4.6. O gênero na perspectiva de quem atribui o *apelido*

Por meio das entrevistas verificou-se, não apenas a origem do *apelido*, mas também quem foi o responsável por atribuí-lo. Dessa forma realizou-se o controle do gênero, sendo possível responder a questão: “Quem apelida mais: os homens ou as mulheres?”.

A partir das entrevistas do meio urbano pode-se concluir que o gênero masculino é responsável pelo maior número de *apelidos*. Muitos informantes não souberam precisar o responsável pelo *apelido* e mencionaram familiares e amigos de maneira geral, por esse motivo o número da categoria “indefinido” é expressivo.

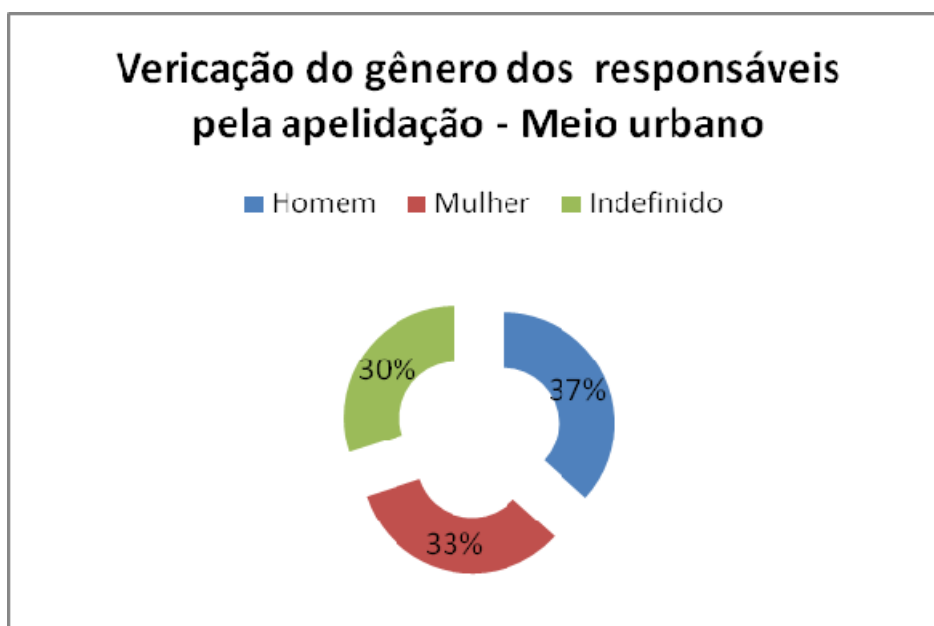


Gráfico 10: Gênero dos responsáveis pela apelidação – Meio Urbano

A tabela 24 traz em números absolutos a ocorrência do gênero conforme cada uma das categorias encontradas nas entrevistas. Os homens são os maiores responsáveis por *apelidos* motivados por comportamento e aspecto físico. Por sua vez, as mulheres predominam entre os responsáveis pelos hipocorísticos, conhecidos como forma bem carinhosa e familiar de se referir a alguém.

<b>Categorias</b>	<b>MASCULINO</b>	<b>FEMININO</b>	<b>INDEFINIDO</b>
<i>Apelido - Comportamento</i>	4	2	1
<i>Apelido- Aspecto físico</i>	5	1	1
<i>Apelido com referência familiar</i>	-	1	-
<b>Hipocorístico</b>	1	4	4
<b>Hipocorístico com referência familiar</b>	-	-	1
<b>Sem classificação</b>	1	2	2
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>10</b>	<b>9</b>

Tabela 24: Identificação do gênero entre as categorias – Meio Urbano

Entre os informantes do meio rural, o fenômeno é semelhante, visto que há o predomínio do gênero masculino em relação ao feminino. Porém, há um aumento significativo do percentual referente à categoria “indefinido”.

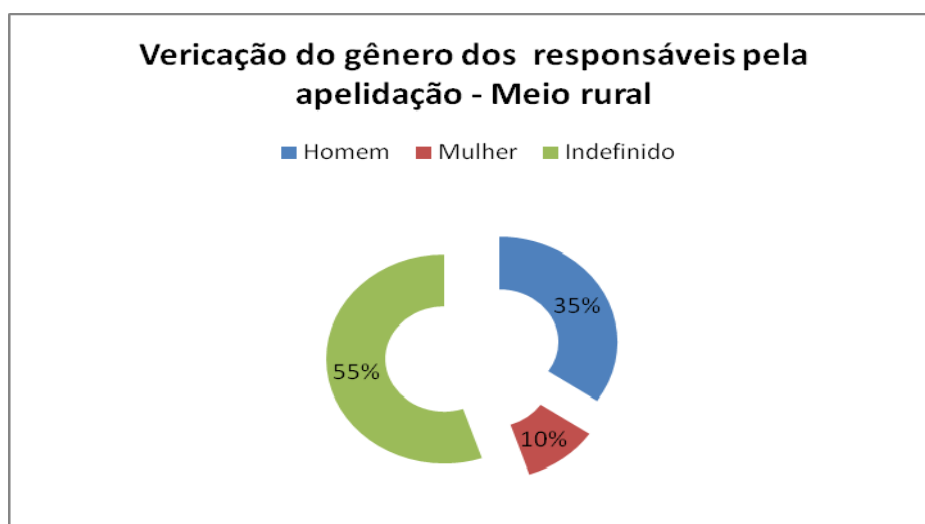


Gráfico 11: Gênero dos responsáveis pela apelidação – Meio rural

No meio rural, o gênero masculino prevalece em todas as categorias em relação ao feminino.

<b>Categorias</b>	<b>MASCULINO</b>	<b>FEMININO</b>	<b>INDEFINIDO</b>
<i>Apelido - Comportamento</i>	4	-	-
<i>Apelido- Aspecto físico</i>	2	-	1
<b>Hipocorístico</b>	1	-	9
<b>Referência familiar</b>	2	-	4
<b>Sem classificação</b>	1	2	2
<b>Pseudônimo</b>	-	1	-
<b>TOTAL</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>16</b>

Tabela 25: Identificação do gênero entre as categorias – Meio Rural

#### 4.7. Conclusões

Com base nas entrevistas orais é possível tecer algumas conclusões em relação ao comportamento da comunidade claudiense, no que diz respeito ao modo pelo qual os membros da comunidade chamam uns aos outros. O fato é que, tanto no meio urbano quanto no rural, a presença do *apelido* é uma tradição e um índice de identidade da própria comunidade. **Esse caráter comunitário é comprovado pela maioria dos informantes, que afirmam ser conhecidos por todos pelo seu *apelido*, quando estão em Cláudio, pois os apelidos pertencem exclusivamente a comunidade que estão sendo usados.**

Em relação às categorias que se ilustram nas entrevistas é possível perceber que são inúmeras as possibilidades de criação de novas categorias. O léxico da comunidade é variadíssimo e passível de novas classificações em trabalhos posteriores. Existem na cidade diferentes maneiras de registro desses *apelidos* conforme a intenção do organizador: lista telefônica, assim como listas organizadas pelos conterrâneos com ou sem intuito classificatório. Na Lista Telefônica de 2002, por exemplo, a Assessora de Cultura e Turismo da Prefeitura Municipal de Cláudio, Noeme Vieira de Moura em parceria com D. Ídia Gregório de Araújo, professora aposentada, escritora e guardiã de muitas memórias claudienses, publicaram em 12 páginas o que denominaram ‘Pequeno dicionário de *Apelidos* Claudenses’. Eis alguns verbetes extraídos desse glossário:

- **Bizuca** (Dagmar Souza Barros): Foi apelidada de ‘Bizuca’ por uma de suas babás, quando era uma “Belezuca” de bebê.
- **Ganso** (Mauro Rezende Silva): Apelidado assim pelos amigos de adolescência, porque anda torto e meio inclinado para frente, como um ganso.
- **Piquira** (Ayrton João Gonçalves de Oliveira): Aos 4 ou 5 anos de idade, Ayrton era um menino pequeno, quase não crescia. Os familiares deram-lhe o nome de Piquira, que é o nome dado a uma raça de cavalos pequenos.
- **Tatu** (Jovelino Teles Tironi): Tendo ferido o pé com a explosão de um foguete, ficou com a unha dolorida por muito tempo, não permitindo que ninguém a cortasse ou limpasse. A unha cresceu e ficou cada vez mais suja, o que fez com que os colegas de escola o apelidassem de Tatu.

Outro exemplo de lista, sem intuito classificatório, foi elaborada pela *Dona Dora do Cirim* (Maria Auxiliadora Guimarães Notini), professora aposentada e muito habilidosa na arte de escrever, citada por Couto (1986). Registrava em seu caderninho os mais diversos

assuntos: apreciava pesquisar sobre os septuagenários, octogenários e nonagenários da cidade e solicitava ao jornal local que os publicasse, com votos de felicidades aos aniversariantes do ano. Elaborou também uma lista com as famosas ‘frases de pára-choque de caminhão’. Por sua vez, sobre a lista de *apelidos*, registrou 487 nomes. Pode parecer um hobby; prefiro reconhecer que é um talento nato de pesquisadora amante do saber e da cultura local.

Como pôde-se perceber, mesmo em espaço não acadêmico, existem sugestões de listas. O exemplo abaixo, representa um fragmento da lista elaborada pelo *Dondoca* (barbeiro da cidade) elaborada no verso de uma folha de resultados da Loteria Federal, certamente como forma de brincadeira, porém distribuídas em macrocampos lexicais, apresentado por Couto (1986):

- 1- Bichos: Jegue, Tatu, Boi , Rato, Jacaré, etc.
- 2- Polícia: Capitão, Tenete, Major, etc.
- 3- Flores: Rosão, Margarida, Zabumba, etc.
- 4- Bebidas: Qui Suco, Café, Licor, etc.
- 5- Cigarros: Arizona, Cachimbo, Charuto, etc.
- 6- Comida: Bolacha, Mocotó, Fubá, Coco, etc.

Como sabemos, os nomes próprios, assim como os demais itens lexicais, existem para interação entre os membros da comunidade. A profusão dos *apelidos* entre os claudienses denota a ideia de que os nomes próprios existem para que os membros da sociedade possam dirigir-se e referir-se ao outro. Oficialmente, somos registrados e possuímos um nome oficial, porém no ambiente íntimo, familiar e diário, o *apelido* vem cumprir uma função cultural que compõe a linguagem comunitária; uma linguagem, parafraçando COUTO (2007:269), de todo o povo, pois o *apelido* é de domínio público.

O ambiente familiar é o berço da maioria dos *apelidos*, fato percebido tanto no meio urbano quanto no rural. Essa tendência, em grau menor, observa-se entre colegas e amigos.

De maneira geral, os indícios de semelhanças quanto ao hábito de apelidar entre o meio urbano e rural puderam ser comprovados. Uma mesma tendência pode ser observada em ambos os meios: relevância da infância como principal período de apelação, predomínio da seleção de contexto quanto ao uso dos *apelidos*, a confirmação da presença de

*apelidos* na família pela maioria, visão positiva quanto à ‘Lista Telefônica por *Apelidos*’ e anúncio da nota de falecimento com referência, além da consciência de que o uso dos *apelidos* não é carinhoso em todos os seus contextos.

A presença da referência é outra característica que compõe o padrão onomástico-antroponímico da comunidade. Assim como entre nome e coisa, a relação entre apelidado e *apelido* é histórica, contextualizada, ou seja, em algum momento houve a associação de um nome a uma situação concreta. Muitos *apelidos* não foram categorizados nesse trabalho, por não se ter o registro e conhecimento desse contexto.

Entre os antropônimos classificados na lista telefônica, a maioria corresponde à referência familiar. *Bela do Tuniquinho, Chico do Joãozinho do Dadá, Mamão do Chiquinho Pio, Zé do Quinca do Gonçalinho, Rogério do Zé do Zote, Zizinho do Chico do Zico, Nina do Milo* são alguns dos exemplos extraídos do meio urbano e rural que ilustram a questão da referência familiar, ou seja, vincula o indivíduo à outra pessoa (esposa, marido, pais). A maior ocorrência do gênero feminino é registrada nessa categoria. No meio rural, por exemplo, os *apelidos* atribuídos a mulheres ultrapassa o número de *apelidos* masculinos.

Enfim, dentre as conclusões apresentadas, ressaltamos a relevância de se conhecer os antropônimos que são partes vivas do léxico dessa comunidade, que tem seu próprio sistema de nomenclatura. Dessa forma, os *apelidos* claudienses evidenciam que a interação entre os seus membros é intensa e reafirmam a identidade comunitária criada pelo uso dos *apelidos*.



Foto 10: Vista aérea da cidade de Cláudio  
Fonte: Acervo fotográfico “César Rocha Photographia”



Foto11: Vista aérea da cidade de Cláudio. Parque industrial ao fundo  
Fonte: Acervo fotográfico “César Rocha Photographia”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal a apresentação da análise realizada a partir da Lista Telefônica por *Apelidos- Apelista* e entrevistas orais a claudienses, com intuito de entender melhor o uso dos *apelidos* na cidade, visto que é um hábito fortemente arraigado. Entendemos que a realidade sócio-histórico-cultural dessa comunidade é refletida em seu léxico.

Na introdução, apresentamos a proposta de trabalho, pautado em um estudo sócio-linguístico-cultural da comunidade claudiense, compreendendo o meio urbano e rural.

No capítulo 1 – **O Objetivo de estudo** – procuramos apresentar estudos sobre os nomes próprios, integrando a antroponímia aos estudos da onomástica. Tratamos, brevemente, da noção de nomeação como atividade humana, além de apresentar como o sentido e a referência são estabelecidos entre os nomes próprios. Apresentamos a revisão da literatura acerca do principal objeto de estudo, os *apelidos*.

No capítulo 2 – **Referencial Teórico e Metodológico**- abordamos questões sobre o léxico, língua e cultura e sua relação com o homem, a língua e a sociedade. Embasamos nos estudos da Antropologia Linguística e da Sociolinguística para analisar e compreender os antropônimos presentes na Lista Telefônica por *Apelidos – Apelista*, nas entrevistas, traçando assim, o sistema onomástico-antroponímico da cidade. Apresentamos a base metodológica utilizada para a realização deste estudo antroponímico e sociolinguístico. Conciliaram-se dois procedimentos distintos- a categorização dos nomes da *Apelista* e entrevistas a moradores da comunidade. Ambos os procedimentos, permitiram-nos observar como o hábito de apelidar se dá no meio urbano e no meio rural e, em cada um desses, entre homens e mulheres. A etapa das entrevistas permitiu a consideração de um fator adicional – o da faixa etária.

Apresentamos, no capítulo 3, **Os aspectos sócio-culturais do município de Cláudio** – área urbana – e do distrito de Monsenhor João Alexandre – área rural, além do histórico do sistema de telefonia da cidade.

**A análise e discussão dos resultados** foi exposta no capítulo 4. Apresentamos os nomes da *Apelista* categorizados e quantificados, em gráficos e tabelas. A análise do meio urbano e rural foi tratada separadamente, tendo suas semelhanças e diferenças confrontadas em seguida. Os dados analisados a partir da *Apelista* e associados à teoria nos levaram a traçar um perfil dominante relacionado à apelação: há predominância de nomes com referência familiar entre os antropônimos categorizados e os homens são os que mais recebem

*apelidos*.

A partir das 59 entrevistas a pessoas nascidas e moradoras no município de Cláudio e em Monsenhor João Alexandre pudemos confirmar indícios relacionados ao uso dos *apelidos*: a maioria dos *apelidos* surge no ambiente familiar, sem distinções entre os meios. Em relação ao período em que surge o *apelido*, identificou-se a fase da infância, predominantemente.

A seleção do contexto de uso é feita de maneira distinta: no meio urbano, seleciona-se menos o contexto, já no meio rural, há maior preocupação quanto à situação de uso. Dentre as gerações, os jovens demonstraram-se mais cautelosos e preocupados com o contexto.

Confirmou-se a importância e praticidade da Lista Telefônica por *Apelidos*, entre os claudienses que possuem um sistema não convencional de denominação- a *apelidação*- oficial em seu cotidiano. A identificação completa e imediata do ser, possibilitada pela nota de falecimento com referência é confirmada de maneira categórica pelos informantes.

Não duvidávamos que o ato de apelidar era realmente arraigado na sociedade, porém isso não garantia a aprovação desse hábito por todos. Foi o que os resultados nos mostraram: apesar de a maioria admitir que gosta de seu *apelido*, é importante ressaltar que muitos demonstram-se indiferentes e outros acostumados. Concluímos que “o estar acostumado”, implicou um período anterior de não aprovação, ao qual se seguiu a aceitação do que se tornou um costume. Por fim, observamos que esse fenômeno não é, em sua totalidade, avaliado como hábito saudável, carinhoso. De maneira expressiva, os entrevistados do meio urbano e rural consideram que o ato de apelidar nem sempre é uma demonstração de afeto e carinho. Reconhecem sua face ofensiva e inconveniente em determinadas situações.

Para finalizar, vale dizer que não esgotamos este assunto. Há muitos caminhos e possibilidades para se tratar o tema da *apelidação*, em especial na comunidade claudiense. O desejo de ter contribuído para o registro da cultura local foi cumprido; deixamos essa e muitas outras certezas registradas à espera do surgimento de dúvidas que, certamente, motivarão novas pesquisas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque . El acto de nombrar a un individuo como función primaria de los nombres propios. In: *V Congresso Brasileiro de Hispanistas / I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Hispanistas*, 2009, Belo Horizonte. Anais do V Congresso Brasileiro de Hispanistas / I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Hispanistas. Belo Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG, 2008. v. 1.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

AMPA, Jorge. *Nomi de Kasa*. Disponível em: [http://www.didinho.org/nomi\\_de\\_kasa.htm](http://www.didinho.org/nomi_de_kasa.htm). Acesso em: 12 março 2010.

BALDINGER, K. *Semasiologia e Onomasiologia*, in *Alfa*, 9, FFCL de Marília, 1966, p. 7-36.

BIDERMAN, M.T.C. *A Estrutura Mental do Léxico*. In: *Estudos de Filologia e Lingüística*. São Paulo: EDUSP, 1981.

\_\_\_\_\_. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLUTEAU, P. Raphael. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

BORTONI-RICARDO, S., M. *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

\_\_\_\_\_. A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolinguística. IN: Tarallo, F. (org). *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989. p. 167-1680

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 11ª ed., 2007, 322p.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Conflito entre Norma e diversidade no ensino da língua portuguesa*- Tese de doutorado. Araraquara, UNESP, 1984.

\_\_\_\_\_. *Sociolinguística. Parte II*. In: MUSSALIM, Fernanda. Introdução à linguística – domínios e fronteira. 5ed. São Paulo: Cortez, 2005.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Filologia e Gramática*. Rio de Janeiro. José Olympio, 1968.

CAMPEDELLI, Samira Yousserff. SOUZA, Jésus Barbosa. *Gramática do texto da Gramática*. 1ª Ed. São Paulo: Saraiva, 1999. p. 456

CANÇADO, M. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

CARVALHO, David. *História de Cláudio*. Belo Horizonte: Cuatiara, 1992.

CASTRO, Ivo. *A investigação Antroponímica em Portugal*. 1987. Disponível em: [http://www.clul.ul.pt/files/ivo\\_castro/1987\\_Antroponmia\\_em\\_Portugal.pdf](http://www.clul.ul.pt/files/ivo_castro/1987_Antroponmia_em_Portugal.pdf). Acesso em: 07 fevereiro 2011.

CHAMBERS, J.K. *Sociolinguistic Theory: Linguistic Variation and Its Social Significance*. Cambridge, Mass., Blackwell, 2003.

CHIERCHIA, Gennaro; PAGANI, Luis Arthur; NEGRI, Lígia; ILARI, Rodolfo. *Semântica*. Campinas: Ed da Unicamp; Londrina: Eduel, 2003.

COSERIU, Eugênio. FONSECA, Carlos Alberto de; FERREIRA, Mário (trads.). *Sociedade, Cultura, Língua: ensaios de sócio e etnolinguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COUTO, Hildo Honório. *Os apelidos do Cláudio*. Humanidades, v. 11, p. 65-70, 1986.

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.

\_\_\_\_\_. *Memória Paulistana: os Antropônimos Quinhentistas na Vila de São Paulo do Campo*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo: USP, v.33, p.112-113, 1992.

\_\_\_\_\_. *A Projeção Léxico-Cultural na Onomástica Brasileira*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo: p. 161-173, 1996.

\_\_\_\_\_. *Os nomes como marcadores ideológicos*. *Acta Semiótica et Lingüística*. V. 7, 1998.

\_\_\_\_\_. *Significação Hiperonímica e Hiponímica nas Práticas Onomásticas*. *Anais do I Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL*. Recife, Faculdade de Letras, UFPE, p. 41-61, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Sistema Onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e freqüência*. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUERDO, Aparecida N. (orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande-MS: UFMS, 1998.

\_\_\_\_\_. *Métodos e questões terminológicas na Onomástica: estudo de caso*. *Investigações: Lingüística e Teoria Literária*. V. 9, 1999.

\_\_\_\_\_. *Do léxico à produção de sentido: teoria e prática*. In: XIV CELIPP, 2000, Maringá-PR, Anais do.

\_\_\_\_\_. *A Investigação Lingüística na Onomástica Brasileira*. *Estudos de Gramática Portuguesa III*. Frankfurt am Main, v. III, p.217-239, 2000.

DUBOIS e outros. *Dicionário de lingüística*. 15ª ed. São Paulo: Cultrix. 1997.

DURANTI, Alessandro. *Antropologia Lingüística*. Trad. espanhola: Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

ESQUIEL, Francisco Manuel Carriscondo. *La Lexicografia em las variedades no-estándar*. Jaén: Universidade de Jaén, 2001.

FERNÁNDEZ LEBORANS, M.J. *El nombre propio*. In: Bosque Muñoz, I. DEMONTE BARRETO, V. (dir). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. Vol.1

FERNÁNDES MORENO, Luis. *La referencia de los nombres propios*. Editora Trotta, S.A., 2006.

FISCHER, J.L. *Social influences on the choice of a linguist variant*. Word, 1958.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*; tradução Selma Tannus Muchail. 8.ed. São Paulo: Martins fontes, 1999. 536p. FOUCAULT, M. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 1966. [Trad. Brasileira]

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELOS, Ana Cristina de; BORGES, Stella Maris; MAGALHÃES, Maria Helena Andrade. *Manual de Normalização de publicações técnico-científicas*. 8ed. Ver. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FREGE, G. (1892/1978) *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix Editora da Universidade de São Paulo.

FREGE, Gottlob. Sobre o sentido e a referência. In.: \_\_. *Lógica e filosofia da linguagem*.. São Paulo: Cultrix, 1978.

HEIDEGGER, M. *O que é isto – a filosofia? Identidade e diferença*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed, 16 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOUAISS, Instituto Antonio. *Dicionário de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2003.

HYMES, Dell. *Language in Culture and Society. A Reader in Linguistics and Anthropology*. New York: Harper and Row, 1964.

JÚNIOR, José Carlos de Oliveira. *Os apelidos e suas implicações no corpo*. [online] Disponível em: [www.unimep.br/phpg/mostracademica/anais/6mostra/5/396.pdf](http://www.unimep.br/phpg/mostracademica/anais/6mostra/5/396.pdf). Acesso em: 16 outubro 2010.

KEHDI, Valter. (1999). *Formação de Palavras em Português*. São Paulo, Ática.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: internal factors*. Blackwell, 1994.

LEITE DE VASCOLNCELLOS, J. *Antroponímia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

LIBERATO, Yara. *A estrutura do SN em português: uma abordagem cognitiva*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, Tese de doutorado, inédita, 1997.

LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Brasil Colonial*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991 (6ª Ed.) p.67e 68.

LOZANO RAMÍREZ, Mariano. *Contribución al estudio del apodo em El habla bogotano*. Santafé de Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1999.

LYONS. John. *Semântica*. Vol.1. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1977.

LYONS, J. *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional; USP, 1979.

LYONS, J. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Rio De Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos- Editora S.A., 1981.

MATORÉ,G. *La Méthode em Lexicologie*. Domaine Français. Paris. Didier, 1953.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.) *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

MENEZES, Joara Maria de Campos. 2009. *O léxico toponímico nos domínios de Dona Joaquina de Pompéu*. Dissertação (Mestrados em Linguística) – UFMG – Belo Horizonte

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da Língua Portuguesa*. 8ª Ed. São Paulo: Saraiva, 1999. p.559.

MOLLICA, M.C. e BRAGA, M.L (orgs) *Introdução à Sociolingüística: domínios e fronteiras* 2ª ed.São Paulo: Cortez. 2001 (vols 1 e 2)

MOLLICA, M.C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In.: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MUCCI, N. E. *Adolescência, Escola e Sociedade Contemporânea. Tirando da sombra a violência contra o adolescente*. Monografia de Especialização. Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. 2008 – modificado

MUSSALIN, Fernanda. & BENTES, Ana Cristina. *Introdução à Linguística – domínios e fronteiras*, 2ª edição, Cortez, 2001.

MUSSALIN, Fernanda. & BENTES, Ana Cristina. *Introdução à Linguística – fundamentos epistemológicos*, vol 3. São Paulo: Cortez, 2004.

NARO, Anthony Julius. *Modelos quantitativos e tratamento estatístico*. In.: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. *The Meaning of Meaning*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1923.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. *O Português do Brasil: Brasileirismos e Regionalismos*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Araraquara, 1999.

OLIVEIRA, A.M.P.P. Regionalismos e brasileirismo: a questão da distribuição geográfica. In: ISQUERDO, A.N.; OLIVEIRA, A.M.P.P. de (Orgs.) *As ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

OLIVEIRA JÚNIOR, José Carlos de. Os apelidos e suas implicações no corpo. Disponível em: <http://www.unimep.br/phpg/mostracademica/anais/6mostra/5/396.pdf>. Acesso em: 02/06/2009.

SAVILLE-TROIKE, M. *The Ethnography of Communication*. Oxford: Blackwell, 1982.

SCHUTZ, William. *A Three-dimensional Theory of Interpersonal Behavior*. New York, NY: Rinehart, 1958

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de; COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*. 2004. Tese (doutorado) UFMG.

SEABRA, M. C. T. C. *Referência e Onomástica*. In: MAGALHÃES, José Sueli de;

SILVA, M. Cecília P. de Souza e & KOCH, Ingedore Villaça (1997). *Linguística aplicada ao português: morfologia*. São Paulo, Cortez.

SOUZA, Genésio S. *Linguística História/Antropologia Linguística: possibilidades interdisciplinares*. In: IV Congresso Internacional/XVII Instituto de Linguística - ABRALIN, 2005, Brasília. Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN. Brasília: Editora da UnB, 2005.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.

TEIXEIRA, Daniel Sampaio. *Histórico do município de Cláudio – Plano de Inventário IPAC – Cláudio/2001- IEPHA/MG*

TRAVAGLIA, Luiz Carlos.. (Org.). *Múltiplas perspectivas em Linguística*. Uberlândia/MG: EDUFU, 2006, v. 1, p. 1953-1960.

ULLMANN, S. *The Principles of Semantics*. Glasgow: Jackson & Oxford Blackwell, 1957.

VASCONCELOS, José Leite. *Antroponímia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, INL, 1974. 2º vol. Págs. 117 a 138.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: introdução teórica e conceitual*. (IN) SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. DECLARAÇÃO MUNDIAL DE EDUCAÇÃO PARA TODOS DE 1990.

WIKIPÉDIA – Localização de Cláudio em Minas Gerais. Disponível em:  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Cl%C3%A1udio\\_%28Minas\\_Gerais%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cl%C3%A1udio_%28Minas_Gerais%29). Acesso em: 10/out 2009.

## ANEXO A – Classificação da Apelista – Urbano e Rural

Quadro 1: *Corpus*: Classificação dos nomes da Apelista – Zona Urbana  
HIPOCORÍSTICO FORMADO POR DIMINUTIVO

<b>Hipocorísticos</b>		
Nº	Masculinos	Femininos
1	AFONSINHO (Afonso A Cunha)	ANITA (Ana A Rebouças)
2	CARLINHOS (Carlos J Silva)	CARMINHA (Carmem G C Rodrigues)
3	CARLINHOS (Carlos Augusto)	CHICA (Francisca B S Soares)
4	CHICO (Francisco A Oliveira)	MARIAZINHA (Maria L Lima)
5	CIRINHO (Cir Amaral)	MARINETE (Marina Silva de Paula)
6	CLAUDINHO (Claúdio G Castro)	MARIQUINHA (Maria T Filha)
7	GERALDINHO (Geraldo A Cunha)	ZELINHA (Zélia C Rocha)
8	GERALDINHO (Geraldo M Lebrão)	
9	HELDINHO (Helder R Araújo)	
10	IVANZINHO (Ivan C Oliveira)	
11	JOÃOZINHO (João Gonçalves)	
12	MARCINHO (Márcio G Rocha)	
13	MARQUINHO (Marcos A Costa)	
14	PAULINHO (Paulo G noqueira)	
15	SERGINHO (Sérgio A Nogueira)	
16	TUNICO (Antônio C P Ratton)	
17	TUNICO (Antônio R Prado)	
18	VAGUINHO (Vagner I B Carvalho)	
19	WAGUINHO (Wagner P Machado)	
20	WALTINHO (Walter A Santos)	

Quadro 2: *Corpus*: Classificação dos nomes da Apelista – Zona Urbana  
HIPOCORÍSTICO FORMADO POR REDUÇÃO

<b>Hipocorísticos</b>		
Nº	Masculinos	Femininos
1	BETO (Adalberto C Oliveira)	ANA LÚ (Ana Lúcia de Freitas)
2	BETO (Gilberto S Amaral)	BELA (Maria Isabela G Pereira)
3	BETO (Carlos Roberto Barros)	BETE (Elizabeth M T Adami)
4	BIRICO (Antônio Alberico)	CAROL (Ana Carolina R T Assunção)
5	CIBÍA (Alcebíades F Nascimento)	CÊNSA (Inocência N C Cassimiro)
6	CIDE (Alcides G Santos)	CIDA (Maria Aparecida Nascimento)
7	DANIL (Danilo F Salomé)	CIDA (Aparecida O Oliveira)
8	DÊ (Ataíde S Pereira)	CIDA (Aparecida S Pessim)
9	DETE (Donizete T Santos)	CIDA (Conceição Aparecida C Rodrigues)
10	DILÉ (Dilhermando M Tavares de Oliveira)	CIDA (Maria Aparecida G Pereira)
11	DINO (Galdino G Souza)	CLÉO (Cleonice M Silva)
12	DIVINO (Valdivino G Carlos)	DÉIA (Andréia F Moraes)
13	FEU (Alfeu A Pereira)	DETE (Maria Bernadete F Azevedo)
14	GEL (Rogério G Pinto)	DI (Dionísia M Ribeiro)

15	GIL (Gilsimar R P Vaz)	DINA (Leidna G Pereira)
16	GIL (Gilsimar R P Vaz)	DONA BIDA (Concebida M de Souza)
17	JU (Juvelino F Coelho)	DORA (Doralice F S Santos)
18	KMEY (Holkmey M Pereira)	FÁ (Flávia A Silva)
19	LAZO (Lázaro A Souza)	FILÓ (Germana Filomena Firmino)
20	LÉO (Leonardo M Teixeira)	GÊ (Maria Geralda)
21	NALDO (Reginaldo G Santos)	GRAÇA (Maria das Graças G Santos)
22	NALDO (Ednaldo G Pereira)	GRAÇA (Maria das Graças Menezes)
23	NANDO (Hernando S Santiago)	IANA (Claudiana S Andrade)
24	NICO (Nicomedes F Silvino)	JACK (Jaqueline S Silva)
25	NÍSIO (Leonísio C Resende)	JAQUE (Jaqueline T Mina)
26	NOSINHO (Adjenor J Oliveira)	KELY (Francikely Rodrigues)
27	QUINCA (Joaquim C Pereira)	LAURA (Laurice C M Rodrigues)
28	RUI (Ruimar P Rocha)	LÉIA (Valéria M Gomides)
29	TÓIN (Antônio J Andrade)	LENA (Jucelena P D Melo)
30	TOMEU (Bartolomeu C Ferreira)	LENA (Maria Helena A Alves)
31	TONHO (Antônio E F Santos)	LENA (Marilena R A Custódio)
32	TOVINHO (Cristóvão N Souza)	LETA (Risoleta G Carvalho)
33	VAL (Lourival B Lara)	LEZA (Tereza M Pessim)
34	VAN (Ivan M Silva)	LISA (Heloísa H A Gonçalves)
35	VÉCIO (Elvécio N Souza)	LÓ (Heloísa A Castro)
36	VLADI (Vladimir S Tironi)	LU (Luciana C Cecotti)
37	XANDE (Alexandre L Gonçalves)	LU (Luciana C Resende)
38	ZANAN (Joaquim Ozanan R Pinto)	LU (Luciana R C E Souza)
39	ZÉ (José Maria de Oliveira)	LU (Luciene O Camargos)
40	ZÉ MARIA (José Maria M Cordeiro)	LU (Maria de Lourdes De Sousa)
41	ZÉ PEREIRA (José R Pereira)	LUCI (Mariluce G Resende)
42	ZÉ PRADO (José T Prado)	MILA (Emília G R Silva)
43	ZÉ RANDOLFO (José Randolfo Pinto)	NÉIA (Lucinéia C A Pereira)
44	ZÉ ROSA (José Rosa Souza)	NETE (Ivonete M C Lima)
45	ZÉ GUIDO (José Guido Assis)	NICE (Cleonice G Pinto)
46		ROSA (Rosângela F Vaz)
47		ROSA (Rosimeire A Daniel)
48		ROSE (Rosimeiry Machado)
49		ROSE (Rosinéria M Maia)
50		SÔ (Solange A S Borges)
51		SOL (Solange M A Toledo)
52		SULA (Sulamita Gomes)
53		TÊNA (Florecena G Pereira)
54		TURINA (Venturina I Prado)
55		Val (Valéria S Batista)
56		VIANE (Flaviane A L Silva)
57		ZARA (Maria do Rosário P Aguiar)

Quadro 3: *Corpus*: Classificação dos nomes da Apelista – Zona Urbana  
HIPOCORÍSTICO FORMADO POR REDUPLICAÇÃO DE SÍLABAS

<b>Hipocorísticos</b>		
<b>Nº</b>	<b>Masculinos</b>	<b>Femininos</b>
1	CICI (Iraci G Silva)	KAKÁ (Carmem A Souza)
2	CICI (Iraci Amaral)	NANÁ (Naiara O Silva)
3	DANDAN (Daniel V B Amorim)	NINI (Leiny G Dos Reis)
4	JANJÃO (João G Teixeira)	
5	JUJU (Juvêncio F Rezende)	
6	KEKÉ (Cleriston C Teixeira)	
7	LULU (Alusmar Santos)	

Quadro 4: *Corpus*: Classificação dos nomes da Apelista – Zona Urbana  
HIPOCORÍSTICO FORMADO POR REDUÇÃO OU ABREVIACÃO COM SUFIXO

<b>Hipocorísticos</b>		
<b>Nº</b>	<b>Masculinos</b>	<b>Femininos</b>
1	CHIQUINHO (Francisco S Reis)	BELINHA (Isabel M B Moreira)
2	CHICÃO (Francisco X Alves)	CELINHA (Ana Célia T Morais)
3	CHICÃO (Francisco T M Teixeira)	CIDINHA (Maria Aparecida C Andrade)
4	DECINHO (Adécio M Castro)	DALVINHA (Maria Dalva C Lopes)
5	GENINHO (Eugênio P Gama)	DEDÉIA (Andréia G Magalhães)
6	GENINHO (Eugênio P Vasconcelos)	DONA GLORINHA (Maria da Glória Faria)
7	GUINHO (Magno G Adami)	DORINHA (Maria Dores Correia)
8	JUNINHO (Cláudio R O Júnior)	DRICA (Adriana R Canhestro)
9	LAZINHO (Lázaro A Silvério)	FATINHA (Maria de Fátima Pereira)
10	LINHO (Hélio A Rezende)	INEZITA (Maria Inês Gonçalves)
11	MARINHO (Edmar de Oliveira)	JANINHA (Rejane G Adamy)
12	MAZINHO (Revimar A Silveira)	LENINHA (Arlene V Ribeiro)
13	MUNDINHO (Raimundo A Rezende)	LENINHA (Maria Helena R M Santos)
14	MUNDINHO (Raimundo C Jorge)	LENINHA (Marlene Reis)
15	NALDINHO (Reginaldo F Santos)	LURDINHA (M <sup>a</sup> Lourdes Souza)
16	PAULINHO (Pedro Paulo C Marra)	LURDINHA (Aparecida Lourdes Rodrigues)
17	QUENINHO (Roberto Kenedy R Melo)	LURDINHA (M <sup>a</sup> Lourdes G Santos)
18	QUINZINHO (Joaquim A Rodrigues)	MARCINHA (Marciana G Nascimento)
19	RELINHO (Israel Souza)	NEIZINHA (Inês M B Martins)
20	TAQUINHO (João Eustáquio Silva)	ROSINHA (Maria Rosa M Nascimento)
21	TAQUINHO (José Eustáquio Oliveira)	SÃOZICA (Conceição A F Rodrigues)
22	TIÃOZINHO (Sebastião Silva)	SAOZINHA (Conceição I S Oliveira)
23	TOINZINHO (Antônio G Alves)	SÃOZINHA (Conceição C de Oliveira)
24	TUNIQUINHO (Antonio F Santos)	TELINHA (Maristela Gonçalves)
25	VANINHO (Devanir R Silva)	VANINHA (Ivone C A Gonçalves)
26	XANDICO (Alexandre Freitas)	VIRINHA (Elvira R E F Araújo)
27	ZEZÃO (José E Anacleto)	ZEQUINHA (Maria José Gonçalves)
28		ZEQUINHA (Maria José C Rodrigues)

Quadro 5: *Corpus*: Classificação dos nomes da Apelista – Zona Urbana  
 APELIDO DERIVADOS DE SOBRENOME

<b>Apelido</b>		
<b>Nº</b>	<b>Masculinos</b>	<b>Femininos</b>
1	BARBOSA (Maurício Barbosa Pinto)	
2	BORGES (Antônio Borges Filho)	
3	CALAZAN (José Calazan Pereira)	
5	CASTILHO (Ivan Castilho Rabelo)	
6	COTA (Jonei C Cota)	
7	CUNHA (Aécio Neves Cunha)	
8	DAMASTOR (Cláudio Damastor Silva)	
9	FABIÃO (Augusto Fabião R Machado)	
10	GROPPE (Antônio V Groppe)	
11	JOÃO CANHESTRO (João G Canhestro)	
12	JÚLIO ROMANO (Francisco Julio Romano)	
13	LIMA (Geraldo Lima)	
14	LIMA (Osório Lima)	
15	LINCOLN (Antônio Lincoln Castro)	
16	MACHADO (José Machado)	
17	MAGELA (Geraldo Magela Rinco)	
18	MARINI (Francisco Marini Neto)	
19	MENDES (Orozimbo Mendes Amaral)	
20	MIAKE (Mário Miake)	
21	QUIRINO (Marcos D Quirino)	
22	RATTON (Antônio C Ratton)	
23	TONINHO TIRONI (Antônio J Tironi)	
24	VIEIRA (Geraldo D Vieira)	
25	ZÉ DE CASTRO (José Castro)	
26	ZÉ DE MELO (Oldair C Melo)	
27	ZÉ FIDÉLIS (José Fidélis Neto)	

Quadro 6: *Corpus*: Classificação dos nomes da Apelista – Zona Urbana  
 APELIDO MOTIVADOS PELA PROCEDÊNCIA GEOGRÁFICA

<b>Apelido</b>		
<b>Nº</b>	<b>Masculinos</b>	<b>Femininos</b>
1	BAIANO (Robson A G Fonseca)	BAIANA (Vicentina M S Pereira)
2	CAETÉ (Edson G Pereira)	
3	CANGERANA (Claudiney A Melo)	
4	CHILENO (Hector C F Zapata)	
5	ESPAÑHOL (Juan G Granelle)	
6	PARACATU (Fernando da Silva Barbosa)	
7	PREFEITO DA FORMIGUINHA (Tarcísio J Santos)	
8	SABARÁ (Waldir D Castro)	
9	ZÉ ZABUMBA (José G Gonçalves)	

Quadro 7: *Corpus*: Classificação dos nomes da Apelista – Zona Urbana  
**APELIDO MOTIVADOS PELO COMPORTAMENTO**

<b>Apelido</b>		
<b>Nº</b>	<b>Masculinos</b>	<b>Femininos</b>
1	ANTÔNIO TURQUINHO (Antônio Santos)	
2	MARCELO DOIDO (Marcelo Gonçalves)	
3	ZÉ CALADO (José G Teixeira)	

Quadro 8: *Corpus*: Classificação dos nomes da Apelista – Zona Urbana  
**APELIDO MOTIVADOS PELO ASPECTO FÍSICO**

<b>Apelido</b>		
<b>Nº</b>	<b>Masculinos</b>	<b>Femininos</b>
1	ARAPONGA (Geraldo F Alves)	CLEUSA BAIXINHA (Cleusa M Borges)
2	ALDO PEZÃO (José Aldo Pinto)	PAQUITA (Cremildes Q Coelho)
3	ALEMÃO (Edson F Malta)	
4	CABEÇÃO (José E Costa)	
5	CABECINHA (Helder B Souza)	
6	CARAFINA (José O Pereira)	
7	CHINA (Jefferson Souza)	
8	CHINA (Wallysson D França)	
9	COELHO (Luciano C Guimarães)	
10	ELZINO DA CADEIRA (Elzino B Sacramento)	
11	GIGANTE (Gilmar V Lopes)	
12	GIRAFÁ (Dênio G Costa)	
13	GORDO (Francisco G Nascimento)	
14	JOÃO GRANDE (João P Andrade)	
15	PAULINHO GORDO (Paulinho G Prado)	
16	TONHO FEIO (Antônio Oliveira)	
17	TUCANO (Heitor Z Oliveira)	
18	BIGODE (Antônio M Ferreira)	
19	BIGODE (Antônio S Silveira)	
20	DR SILVEIRA (José M Romero)	
21	NANICO (Onias Guimarães Tolentino)	

Quadro 9: *Corpus*: Classificação dos nomes da Apelista – Zona Urbana  
**REFERÊNCIA À PROCEDÊNCIA GEOGRÁFICA**

<b>Referência</b>		
<b>Nº</b>	<b>Masculinos</b>	<b>Femininos</b>
1	JÔ DA BAHIA (Joabs S Lopes)	
2	JOAQUIM DOS MACACOS (Joaquim L C Silva)	
3	MARQUINHO DO CORUMBÁ (Marcos S Alves)	
4	WILSON GAÚCHO (Wilson Pochmann)	

Quadro 10: *Corpus*: Classificação dos nomes da Apelistas – Zona Urbana  
REFERÊNCIA À PROFISSÃO

Referência		
Nº	Masculinos	Femininos
1	ADILSON ADVOGADO (Adilson G Moreira)	BEL DA PH (Maria Isabel F Pereira)
2	AFONSO DA PADARIA (Afonso C Ribeiro)	BIANA DA PADARIA CENTRAL (Fabiane de São José Teixeira)
3	AFONSO MULAMBO (Afonso C Andrade)	BRUNA DA COMPACTA (Bruna S Rocha)
4	ALCENDINO DO POSTO (Alcendino R Filho)	CATARINA DA AVON (Catarina B Souza)
5	ALENCAR DA REFRIGERAÇÃO (Alencar B De Oliveira)	CIDA COSTUREIRA (Aparecida F S Nascimento)
6	AMARILDO CANTOR (Amarildo S Souza)	CLÁUDIA ENFERMEIRA (Elzi Cláudia Mascarenhas)
7	ARI DA CAIXA (Ari A Rabelo)	CLAUDINHA DA LOJA (Cláudia A Souza)
8	ARI DO TOPA TUDO (Ari V Oliveira)	DICA COSTUREIRA (Geralda O Melo)
9	BATISTA LANTERNEIRO (José B Silva)	DIVINA COSTUREIRA (Benedita D Costa)
10	BELO BISCOITEIRO (Belizário J Silva)	EFIGÊNIA FLORISTA (Efigênia A Fernandes)
11	BICHINHO DA CEMIG (Antônio J A Oliveira)	ELIZABETH DO OXUM (Elisabeth Souza)
12	BOI DA LANCHONETE (Ricardo D da Cruz)	FATINHA ENFERMEIRA (Maria F A Santos)
13	BRÁS DA PREFEITURA (Geraldo B Souza)	GERALDA ENFERMEIRA (Geralda A Ferreira)
14	BRAU BALAIEIRO (Geraldo S Barbosa)	IVONETE DO BAR (Ivonete M C Lima)
15	CANARINHO DO TÁXI (Alcir C Amorim)	JU DO NÚCLEO (Juliana A Santos)
16	CARLINHOS DA NATUREZA (Carlos W O Coelho)	LIA DO PASTELZINHO (Maria S Reis)
17	CARLOS DO ÔNIBUS (Carlos A A Oliveira)	LÚCIA PROFESSORA (Lúcia A Mesquita)
18	CASCÃO DA FUNDVINTE (Antônio R Silva)	LURDINHA SALGADEIRA (Lourdes Santos)
19	CHICO PEDREIRO (Adilson M Silva)	MARCIANA CABELEREIRA (Marciana A Oliveira)
20	CÍCERO SAPATEIRO (Cícero Souza)	MARIA HELENA DA MASSAGEM (Maria H S O Ferreira)
21	CLAUDINEI DA SAMARITANA (Claudinei Silva)	MARILIS DO SALÃO (Marilis T Freitas)
22	DANIEL DO MERCADINHO (Daniel O Menezes)	MARLENE DO MUNDINHO (Marlene S T Silva)
23	DIÉCO SAPATEIRO (Euzébio D Tironi)	MIRIAN DO VIOLÃO (Mirian C T Pinto)
24	DOMINGOS DO BAR (Domingos E Morais)	NÉLIA DA CLÍNICA SORRISO (Nélia M R Cassimiro)
25	DUQUE CARREIRO (Jésus J Silva)	RENATA DA LOJA VITRINE (Renata G Fernandes)
26	EBINHO DA MARMORARIA (Ébio Resende Luz)	ROMILDA COSTUREIRA (Romilda L Gonçalves)
27	EDILSON DO GÁS (Edilson M Silva)	ROSA COSTUREIRA (Rosângela R Ferreira)
28	EDINHO BORRACHEIRO (Ederson R Souza)	SÔNIA DO AÇOUGUE (Sônia Maria Oliveira)
29	EDINHO TORNEIRO (Hederson M Guimarães)	SUELENE MANICURE (Suelene A L Franklin)
30	ELTON DO CORREIO (Elton C P Pereira)	TEREZINHA ENFEIRMEIRA (Terezinha A A Oliveira)

31	FIINHO PEDREIRO (José R Adami)	TEREZINHA PINTORA (Terezinha A Pinto)
32	FRANÇA DA AMBULÂNCIA (João E França)	VANENSE DA RACCO (Vanense A Borges)
33	GERALDO DA CEMIG (Geraldo A Marques)	ZAÍTA DO BAR (Zaíta Vieira)
34	GERALDO DA COPASA (Geraldo D Silvério)	
35	GERALDO DO SOM (Geraldo A Castro)	
36	GERALDO MECÂNICO (Geraldo R Pereira)	
37	GORDO DA AMPLA (Geraldo M Fernandes)	
38	GUILHERME DO SINAL VERDE (Guilherme Silvestrini)	
39	HENRIQUE DA GRÁFICA ALADIM (Henrique F Melo)	
40	IRACI DO TÁXI (Iraci P Silva)	
41	JESUS DA MÁQUINA (Jesus J Santos)	
42	JÔ DA REFRIGERAÇÃO (Josué F Gomes)	
43	JOÃO BARBEIRO (João J C Pereira)	
44	JOÃO DO BAR (João B Resende)	
45	JOÃO DO FERRO VELHO (João D Marques)	
46	JONAS DO AÇOUGUE (Jonas R Oliveira)	
47	LAÉRCIO BARBEIRO (Laércio R Sousa)	
48	LASCÃO DA AMPLA (Vicente L Santos)	
49	LEANDRO PEDREIRO (Leandro J Silva)	
50	LELINHO VEREADOR (Wesley G Rocha)	
51	LEVI DO BAR (Levi J Silva)	
52	LÚCIO DO BAR (Luciano I Santos)	
53	LUIGI DO CARTÓRIO (Luigui Fraga e Greco)	
54	MACAQUINHO DA GRÁFICA (Wagner Jorge)	
55	MADEIRA DO SOM (Marcos A Madeira)	
56	MAMÃO DA PEDREIRA (Gilberto S Sampaio)	
57	MANÉ CARTEIRO (Manoel R Sousa)	
58	MÁRCIO TORNEIRO (Márcio P Santos)	
59	MARCOS DA AF (Marcos G Teixeira)	
60	MARGARIDA MECÂNICO ( Wilson J Silva)	
61	MARQUINHO DENTISTA ( Marcos Vinicius )	
62	MARQUINHO DO HOTEL 3 IRMÃOS ( Marcos A Costa)	
63	MARQUINHO MECÂNICO ( Marcos A G Domingos)	
64	MAURILES CAPOTEIRO ( Mauriles M Fernandes)	
65	MOISÉS DA SAPEZINHA (Moisés P Silva)	
66	MOITA SERRALHEIRO (Cleiton Machado Da Silva)	
67	MOTOMAX (Leonardo)	
68	NAIM DA CEMIG (Naim J D Salomé)	
69	NÍZIO DENTISTA (Nízio A Amaral)	

70	OSVALDO DO SOM (Osvaldo C Damasco)	
71	PAULO PROFESSOR (Paulo M Filho)	
72	PEDRO LEITEIRO (Pedro A S Souza)	
73	PÉPE NAIM DA CEMIG (Joaquim M Trindade)	
74	REGINALDO DA ALUMINAS (Reginaldo F Santos)	
75	RENILDO DA GRÁFICA ALADIM (Renildo Pinto da Rocha)	
76	RICARDO DA MEGA SIMPLES (Ricardo Moura)	
77	RINTINTIM (Valtair F De Paula)	
78	SILVANO DENTISTA (Silvano G Júnior)	
79	SOUZA DA PM (José Maria L Souza)	
80	TADEU PEDREIRO (Antônio Tadeu Pinto)	
81	TARCÍSIO CHAVEIRO (Tarcísio T Melo)	
82	TARCÍSIO DO TRATO DE ESTEIRA (Tarcísio Resende)	
83	TED DO AÇOUGUE ARAGUAIA (Reginaldo A Vale)	
84	TEGUÉ DO BAR (Wagner F Borges)	
85	TIÃO DO PÃO DA HORA (Wender S Luiz)	
86	TIAZINHO SOLDADO (Sebastião Rodrigues Filho)	
87	TIEL DA FARMÁCIA BELA VISTA (Salatiel G V Oliveira)	
88	TONHO DO OURO (Antônio E Fonseca)	
89	TONINHO DO BRADESCO (Antônio S Rodrigues)	
90	TOREIRO DA PREFEITURA (José A Clementino)	
91	VANINHO BORRACHEIRO (Geovano S Martins)	
92	VICENTE DA MINAS GARDEN (Vicente P Santos)	
93	VICENTINHO DA PREFEITURA (Vicente A Silva)	
94	WALDEMAR CARRERO (Waldemar J Silva)	
95	ZÉ CARRERO (José J Silva)	
96	ZÉ DA CEMIG (José Nascimento )	
97	ZÉ DA PAPELARIA (José P Silva)	
98	ZÉ DO CAIXÃO (José A Gonçalves)	
99	ZÉ DO ÓCULOS (José A Freitas)	
100	ZÉ DO PORTÃO (José S Oliveira)	
101	ZÉ DOUTOR (José G Costa)	
102	ZÉ MARIA DA CASA DO AGRICULTOR (José M Cordeiro)	
103	ZÉ MARIA DA COPASA (José Maria Teodoro)	
104	ZÉ MECÂNICO (José R leite)	
105	ZÉ PEDREIRO (José Luiz Nunes Teixeira)	

106	ZÉ SERRALHEIRO (José S Oliveira)	
107	ZÉ SOARES DA FINACAR (José M Soares)	
108	ZÉ SOLDADO (José R Machado)	

Quadro 11: *Corpus*: Classificação dos nomes da Apelista – Zona Urbana  
REFERÊNCIA FAMILIAR

Referência		
Nº	Masculinos	Femininos
1	ADALBERTO DO VIQUINHO (Adalberto R Fonseca)	ADÉLIA DO NACOLA (Adélia M F Castro)
2	ADARLAN DO VIQUINHO (Adarlan R Fonseca)	ALINE DO QUINZINHO (Aline S Teodoro)
3	ADÉCIO DO DEDÃO (Adécio M Castro)	ANA DO FABINHO (Ana M M Resende)
4	ALBERTO DO DADÁ ( Alberto F Pinto)	APARECIDA DA SÃO JOÃO FIALHO (Maria A Araújo)
5	ALBERTO DO JUQUINHA (Alberto de Oliveira Araújo)	APARECIDA DO TONINHO (Aparecida M Moreira)
6	ALDO DO GONÇALINHO (Aldo A Pereira)	ARLENE DO CILICO (Arlene A Sousa)
7	ALDO DO VIQUINHO (Aldo F Fonseca)	BELA DO TUNIQUINHO (Isabel A Assis)
8	ALEXANDRE DO DEDÃO (Alexandre M Castro)	BELINHA DO TURA (Maria B Ribeiro)
9	AMARILDO DO TONHO DO CLARO (Amarildo T Meneses)	BETE DO LAZINHO (Filomena D E Mariano)
10	ANDRÉ DO CANARINHO (André R Jorge)	BIDA DO NEGO (Concebida M Alexandre)
11	BAGRINHO DO CIÇO (Jader T Souza)	BINHA DO JÉ GRILO (Ariadne A Rabelo)
12	BAGRINHO DO JÉ IMBILINA (Élvio A Vilaça)	CELESTE DO TONINHO (Maria C S Melo)
13	BETO DO ALBERTO (Humberto G Mitre)	CIDA DO CABINHO (Maria A C Rodrigues)
14	BETO DO ALBERTO MOURA (Alberto F Filho)	CIDA DO JUCA LEITE (Aparecida C Leite)
15	BETO DO MIZINHO (Humberto Barros)	CIDA DO LININHO (Aparecida C Paula)
16	BOI DO MOA (Ademir T Andrade)	CIDINHA DO MAZINHO (Aparecida P R Silveira)
17	BONIFÁCIO DO BADOLA (Bonifácio A Oliveira)	CLÉO DA RAQUILDA (Cleonice A Pinto)
18	CHICÃO DO TONIEL (Francisco R G Pereira)	DALVA JOAQUIM QUINCOTE (Dalva C A Santos)
19	CHICO BRECHÓ (Francisco B Oliveira)	DARCI DO IDE (Darci S T Silva)
20	CHICO DO ALBERTO (Francisco G Mitre)	DÉIA DO ROBERTO (Carla A A Sarah)
21	CHICO DO CANDINHO (Geovane G Ferreira)	DICA DO FRAIM (Maria J Pereira)
22	CHICO DO CHIQUINHO DO PIO (Francisco A Silva)	DOLORES DO BELO (Dolores N S Vaz)
23	CHICO DO JOÃOZINHO DO DADÁ (Francisco M Pinto)	EDIRLENE DO DEDE (Edirlene C F Souza)
24	CHICO DO TONIEL (Francisco R G Pereira)	ELIANE DO ROSSINI (Eliane de Carvalho)
25	CHICO DO TOTOCA (Walter T Morais)	ELIETE DO CATINGA (Eliete P A Gonçalves)
26	CHIQUINHO BARROSINHO (Francisco R Barroso)	ELVINHA DO ZI (Élvia M M Cecoti)
27	CHIQUINHO PIO (Francisco Martins)	EUZETI DO TONIEL (Euzeti G Pereira)
28	CHIQUINHO VILAÇA (Francisco Costa)	FABIANA DO NUTE (Fabiana Guilherme)

29	CLARINDO DO OTO (Clarindo M Neto)	FÁTIMA DO GATO (Maria F M Resende)
30	CLÁUDIO DA JORGETA (Cláudio G M Amorim)	FIA DO TATE (Luizia M P Souza)
31	CLÁUDIO DO BARRUZINHO (Cláudio J R Barroso)	FILHA DO CULERA (Maria D F Martins)
32	CLÉBER DO SINHO (Cléber S Rafael)	FLÁVIA DO ZÉ DO GATO (Flávia A C Ferreira)
33	CULA DO MIZINHO (Clodomir Barros Filho)	GERALDA DO BONITO (Geralda C Souza)
34	DANDINHO DO BAGRINHO ( Marciana A S Vilaça)	GERALDA DO PÃO DE QUEIJO (Geralda I O Freitas)
35	DAVID DO SALIM (David Salomão)	GERALDA DO ZOTI (Geralda Leonel)
36	DÉ DO NONÔ (Edes G Amorim)	GLÓRIA DO TAQUINHO ( Maria G G Salomé)
37	DECO DO SAROBA (José R Rodrigues)	ILZA DO TECO (Ilza C Amorim)
38	DEMAR DO VIQUINHO (Ademar R Fonseca)	IVONETE DO NILO (Ivonete T Divino)
39	DEMIR DO DININHO (Aldemir R Moraes)	IZABEL DO TURQUINHO (Izabel C A Rocha)
40	DI DO ZOTI (Maurício J Santos)	JU DO BRECHÓ (Juliana Andrade De Souza)
41	DIDI DO CASSIMIRO (Vagner N Cassimiro)	JU DO CHEFE (Juceli G D Vieira)
42	DINO DO VIQUINHO (Alcendino F Rodrigues)	LANA DO BEIJO (Mariana R Pereira)
43	DONIZETE DA RAQUILDA (José D Pinto)	LANDA DO TÔE SAPATEIRO (Iolanda G Souza)
44	EDINHO DO CARRANCA (Edson P Amaral)	LENA DO ZEBRINHA (Marelene S P Nascimento)
45	ELDINHO DO JÉ DO JUQUINHA (Helder R Araújo)	LENA DO DECO (Maria H Alexandre)
46	ELOIZ DO ZÉ DO JUQUINHA (Eloiz R R Araújo)	LENA DO NINO (Maria H L Bernardes)
47	FILHO DO CHICO ADAMI (Francisco R Adami)	LENA IRMÃ DA TITA (Maria H J Paula)
48	FIO GANGORRA (Dilermando S Benevenuto)	LIA CARIOCA (Maria J Oliveira)
49	GAGUINHO DO PATACA ( Iran A Arújo)	LIA DO PICO (Maria A Tironi)
50	GANSO MARIANO ( Mauro Rezende)	LIA DO VALTER (Maria S Reis)
51	GERALDINHO DO BEIJO (Geraldo R Pereira)	LICINHA DO DININHO (Alice R Chaves)
52	GERALDINHO DO INÁCIO (Geraldo F Vaz)	LÍGIA DO BITICO (Lígia S Mitre)
53	GERALDO DO ZÉ GORDO (Geraldo A Gonçalves)	LILA FILHA DO JACARÉ (Maria C Clara)
54	GIBA DO TIBICO (Gilberto A S Mitre)	LINDA DO BEIJO (Mariana R Pereira)
55	GILMAR DA LURDINHA (Regismar F Santos)	LOURDES DO GRINGO (Maria L G Santos)
56	GOMÉ DO MIZINHO (Igomer Barros Neto)	LOZA DO PIO (Luzia Martins Teles)
57	HEBER DO CIÇO (Heber R Souza)	LU DO TELÉ (Luciana A Picanha)
58	IVAN DO GATO (Ivan Carlos C Ferreira)	LÚCIA DO LU (Lúcia H R Santos)
59	JAIR DO TATINHA (Jair D S Gregório)	LÚCIA DO LÚCIO (Lúcia C A Nogueira)
60	JAIRO DO TATINHA (Jairo L S Gregório)	LÚCIA DO PEREIRA (Lucinéia M Pereira)
61	JARBAS DO SOBINGO (Jarvas Amorim)	LÚCIA DO ZÉ DO DACO (Ana Lúcia S Alves)
62	JESUS DA MADALENA (Jesus E Souza)	LUCIRA DO TUBARÃO (Lucira R Santos)

63	JOÃO DA MUNDA (João P Souza)	LURDINHA DO TIÃO DOMINGOS (Maria L Lopes)
64	JOÃO DO DADÁ (João E Pinto)	MAGALI DO TINHO DO DILICO (Magaly R Oliveira)
65	JOÃO DO FITE (João A Araújo)	MAGDÁLIA DO TUBARÃO (Magdália F Santiago)
66	JOÃOZINHO DO JANJÃO (João José G Teixeira)	MALENA DO VADICO (Malena R T Melo)
67	JOAQUIM DA TININHA (Joaquim G Souza)	MÁRCIA DO AGOSTINHO DO TEIA (Márcia F Domingos)
68	JOAQUIM DO NHÔ (Joaquim M Trindade)	MÁRCIA DO ZÉ LINO (Maria I L M Guimarães)
69	JOAQUIM DO QUINCA (Joaquim C Souza)	MARCIANA DO REIS (Marciana A S Santos)
70	KAKÁ DA MARTA (Heliomar de Lima)	MARCÍLIA DO JAIME FONTES (Marcília F F Souza)
71	KLÉCIO DO JAIME (Klécio M V David)	MARCÍLIA DO PIO FERREIRA (Marcília S Pereira)
72	LAZO DO GALDINO (Lázaro A Gonçalves)	MARIA DO ANÍSIO (Maria R Mansur)
73	LELÉ DO DEDÃO (Antônio M C Castro)	MARIA DO CANDINHO (Maria J P Ferreira)
74	LÉO DA D. CHORA (Leomar F Silva)	MARIA DO CICI (Maria C Soares)
75	LEY DO TULUIA (Wanderley A Silva)	MARIA DO GUI (Maria G Oliveira)
76	LILICO DO LAZO (Mauro G Gonçalves)	MARIA DO IBI (Maria C Amaral)
77	LUÇO DA CATULINA (Lúcio A Vasconcelos)	MARIA DO PÉ DE PORCO (Maria C Silva)
78	LUIZ DO ELPÍDIO (Luiz Gonçalves)	MARIA DO RONALDO (Maria R Oliveira)
79	LUIZ DO JOAQUIM DO ZECA (Luiz Gonçalves)	MARIA DO ZÉ RUXINHO (Maria F M Camargos)
80	MAMÃO DO CHIQUINHO PIO (Antônio M Martins)	MARIA HELENA DO TAQUINHO (Maria H M Rabelo)
81	MANÇO DO ZÉ AMÂNCIO (Amâncio S Castro)	MARIA TEREZA DA BOLA (Maria T S Gonçalves)
82	MANÉ DO GUI (Manoel S G Oliveira)	MARIETA DO INÁCIO (Marieta V Sacramento)
83	MARCIANO DO SÔXICO (Marciano Gonçalves)	MARIINHA DO LICO VAZ (Maria R Costa)
84	MARCINHO DO BERRÉ (José Márcio de Barros)	MARISA DO LAZO (Marisa H Gonçalves)
85	MARINHO DO JAIRO (Edmar O Guimarães)	MARISTELA DO ZÉ LICA (Maristela G Magalhães)
86	MARINHO DO PIO (Donaldo D Martins)	MARLENE DO JOAQUIM DO ZECA (Marelene Gonçalves)
87	MARQUINHO DO JOÃO DO CHICO (Marco A Costa)	MARLI DA CINICA (Marli S Amorim)
88	MARQUINHO DO LAZO (Marcos G Gonçalves)	MARLY DO ELOI (Marly G Pinto)
89	MATEUS DO CHICO GONÇALVES ( Mateus G Barroso)	MARTA DO KENNEDY (Marta R S Oliveira)
90	MAURÍCIO DO CICI (Maurício V Oliveira)	MARTA DO NEI (Marta R I Marquês)
91	MIZINHO DO GOMÉ (Clodomir Barros)	MARTHA DO CHEPEBA (Geralda M Pereira)
92	MOISÉS DO MOISEZITO (Moséis Ribeiro)	MÉRCIA DO GÚI (Mércia S G Oliveira)
93	MOISÉS DO PIO (Moisé M Silva)	MÍRIAN DO MARQUINHO DO SINFRÔNIO (Marian A R Souza)
94	NADINHO DO CHUCA (Ronaldo F Lima)	MÔNICA DO GONÇALINHO (Mônica I P Amaral)

95	NATE DO NONÔ DO TECO MANATE (Henrique G Amorim)	NÁDIA DO SIMÃO (Nádia N O Gonçalves)
96	NÊGO DA NINICA (Luciano P Pessim)	NANÁ DO JOAQUIM VITOR (Altina F Oliveira)
97	NEGO DO RUMÃO (Reginaldo S Oliveira)	NANÁ DO LEZINHO (Nair T da Cunha)
98	NÊGO DO ZÉ DO GATO (Ediberto J C Ferreira)	NEIDE DO SIMÃO (Neide M G Rodrigues)
99	NELSON DO DONGADO (Nelson Carvalho)	NENE DO DONDOCA (Raimunda B Souza)
100	NÉLSON DO TOTOCA (Nélson T Morais)	NENÊ DO JÓ (Maria C A Silva)
101	NENÊ DO PEDRO DO ANJO (Maria C A Castro)	NENÊ DO VICENTE BERNARDO (Antonieta R Romero)
102	NENÊ DO VICO (Walemar Oliveira)	NENEM DO CHICO RITA (Maria E Martins)
103	NENEM DO ELPÍDIO (José X Gonçalves)	NENEM DO EMÍLIO (Venturina P Canaan)
104	NILO GIOABA (Jesus R Pereira)	NENEM DO TEZINHO (Maria J Ferreira)
105	NONATO DE BEIJO ( Raimundo Nonato)	NENEM DO TOTÓ DO ZUÊ (Cecília B Santos)
106	OSVALDO DO CHICO ADAMY ( Osvaldo V Adamy)	NICA DO JÃO ZAIA (Ana Maria de Oliveira)
107	PAULINHO DO NECA ( Paulo R Souza)	NIEDA DO CACHOEIRA ( Nieda L G Teixeira)
108	PAULO DO TUNIEL ( Paulo F G Pereira)	NILCE DO BENONE (Nilce G A Salomé)
109	PEDRO DA VITÓRIA ( Pedro C S Salomé)	NINA DO PATROCÍNIO (Helena E F Machado)
110	PEDRO MARIANO ( Pedro F Silva)	NINHA DO LU (Marciana O Costa)
111	PRIGUINHO DA RAIMUNDA ( Paulo Quinto Barroso)	NÍVIA DO CHICO BARBUDO ( Nívia S Amorim)
112	REINALDO DO ÉLCIO ( Reinaldo G Amorim)	NOEME DO ZÉ COSTELA ( Noeme V M Teixeira)
113	RENAN DO BARBUDO ( Francisco Renan M Oliveira)	NOEME DO ZEZICO ( Noeme M Pereira)
114	ROBERTO QUIJINHO ( Roberto F Santos)	OLINDA DO JORGINHO ( Olinda Jorge Alves)
115	SALOMÃO DO SALIM ( Salomão D Filho)	PAULA DO DIVINO ( Ana Paula R Carlos)
116	SÉRGIO DA ZUCA ( Paulo Sérhio C Ferreira)	QUEL DA DEISE ( Raquel R C Silva)
117	SEVERO DO ZÉ IMBILINA (Severo Agésimo Vilaça)	ROSA DO JOTA ( Rosa G R Assis)
118	SÍLVIO DO TOTÔ ( Sílvio L Ramos)	ROSA DO PACOLÉ ( Rosa A S Fernades)
119	SIMÃO DO ELPÍDIO ( Simão Gonçalves)	ROSA DO TULUIA ( Rosana A Silva)
120	SIMÃO DO LUCAS ( Simão P Fonseca)	ROSÂNGELA DA TEREZA DO EDGAR ( Rosângela R Pereira)
121	TAQUINHO DA GLÓRIA ( Eustáquio C Salomé)	ROSIMARY DO MATIOMAN ( Rosimary M Maia)
122	TARCÍSIO DA NINA-CORREIO ( Tarcísio M Alves)	SALMA DO MARCELO ( Salma A A Resende)
123	TARCÍSIO DO CUPERTINO ( José T Lara)	SILVANIA DO TIÃO DO ALADIM ( Silvana Rocha)
124	TILINHO DO CIDI ( Amarildo G Santos)	SÔNIA DO CACAU ( Sônia R Adamy)
125	TINHO DO DILICO (Vicente R de Oliveira)	TEILA DO LY ( Teila M S Mitre)
126	TÕE DO JUQUINHA ( Antônio O Araújo)	TEREZA DO NOZINHO ( Maria P P Oliveira)
127	TONHO CANHESTRO ( Antônio G Leblon)	TETÉIA DO DIQUINHO ( Cléria M Silva)

128	TONHO DO ALDO ( Antônio D Amaral)	TIDINHA DO ZÉ MOÇA ( Clotildes M L Gonçalves)
129	TONHO DO ATÍLIO ( Antônio R Prado)	VÂNIA DO RAFA ( Vânia M G P Nogueira)
130	TONHO DO CLARIMUNDO ( Antônio C Menezes)	VITA DO ARTUZINHO ( Vita R Castro)
131	TONHO DO CLARO ( Antônio A Menezes)	WILMINHA DA DONA LUCA ( Wilma L M Jorge)
132	TONHO DO DACO ( Antônio Alves)	
133	TONHO DO JUCA (Antônio M Gonçalves)	
134	TONHO DO TORRADO (Antônio R S Neto)	
135	TONHO DO VIQUINHO ( Antônio G Rodrigues)	
136	TONHO GIGANTE ( Antônio L Santos)	
137	TOTÔ DO DADÁ ( Antônio R Pinto)	
138	TOTÓ DO RUBENS ( Tarcísio P Souza)	
139	VALDIR DO ZEZINHO BARBEIRO ( Valdir P Rodrigues)	
140	VANDO (Valdir C Andrade)	
141	VERINHO DO SAROBA ( Silvério M Rodrigues)	
142	WILSON DA SARA ( Wilson Gregório)	
143	XANDE DA LAVINHA ( Alexandre S Gabriel)	
144	XANDE DO ZÉ CUSTELA ( Alexandre M Moura)	
145	ZÉ DA TININHA ( José G Souza)	
146	ZÉ DO BENJAMIM (José T Prado)	
147	ZÉ DO DACO ( José Alves)	
148	ZÉ DO ELPÍDIO ( José G Primo)	
149	ZÉ DO JOÃO PEDRO ( José E Marques)	
150	ZÉ DO JOÃOZINHO ( José M Pinto)	
151	ZÉ DO JUCA DO NEM ( José A Tironi)	
152	ZÉ DO QUIM ( José F S Freitas)	
153	ZÉ DO QUINCA ( José C Souza)	
154	ZÉ DO QUINCA DO GONÇALINHO ( José G Pereira)	
155	ZÉ DO TIÃO ( José P Pereira)	
156	ZÉ DO TUNIEL ( José R G Pereira)	
157	ZÉ DO VIÉ ( José P Borges)	
158	ZÉ DO ZIZI ( José T Rodrigues)	
159	ZÉ LUIZ DA FLÁVIA ( José L R Alkimim)	
160	ZÉ MARIA DO ADEJASMO ( José E Anacleto)	
161	ZÉ MÁRIO DO MOIZESITO ( José M A Ribeiro)	
162	ZÉ MITRE ( José G Mitre)	
163	ZÉ ORLANDO ( José Orlando De Souza)	
164	ZÉ PEQUENO ( José D Souza)	
165	ZEZÉ DO CHICO ADAMY ( José V Adamy)	
166	ZEZÉ DO ZIQUIAS ( Antônio O Leonardo)	

Quadro 12: *Corpus*: Classificação dos nomes da Apelista – Zona Urbana  
NOMES NÃO CLASSIFICADOS

Sem Classificação		
Nº	Masculinos	Femininos
1	ABEIA (Osmar B Nascimento)	ANINHA (Denes M Lara)
2	AFRÂNIO Pica-Pau (Geraldo A T Da Fonseca)	ANITA (Maria N P C Morais)
3	ARITANA (Olavo M Silva)	APARECIDA (Vicentina Silva)
4	ARLINDO (Geraldo A Silva)	BARRA (Luciane O Camargo)
5	ARROIZ (Rodrigo C Oliveira)	BASINHA (Geralda T V Boas)
6	ARTUZINHO (Osvaldo C Damasco)	BETE (Maria B F Azevedo)
7	AUGUSTINHO (Osmar A Silva)	BETINHA (Carmem E Amaral)
8	BABY (Samuel R de Carvalho)	BOLA (Elisângela C Alexandre)
9	BADÉ (Élcio G Freitas)	BRANCA (Vanessa M Teles)
10	BADECO (Judas T Bueno)	BUMBUCA (Raimunda F Santos)
11	BADOLA (Romão A Oliveira)	CATITU (Maria G Vaz)
12	BAGUNÇA (Osmar M Tironi)	CELENA (Eva M A Malta)
13	BALINHA (Osmar H Martins)	DADA (Ana Carolina F Marques)
14	BAMBU (Valdivino Cassimiro)	DADA (Geralda F Marcelino)
15	BANANA (Walter L Salomé)	DADAIA (Maria do Rosário S Alves)
16	BANANINHA (Antônio Tironi)	DADINHO (Suelene A L Franklin)
17	BARROSO (Marcelo P dos Reis)	DEKA (Érica Maria M Batista)
18	BATATA (Marcos F Pessim)	DICA (Geralda G Benevenuto)
19	BEL (Altamiro S Lima)	DICA (Maria R Melo)
20	BERÃO (José R Libério)	DIDICA (Maria A A Pereira)
21	BERRÉ (Mário G Domingos)	DINA (Geralda G Pereira)
22	BETÃO (Genival Bezerra)	DINDICA (Célia A Sousa)
23	BIACA (Roberto P Gonçalves)	DINHA (Elizete M S Araguaia)
24	BIAQUINHA (José M P Gonçalves)	DINHA LIA (Maria José Oliveira)
25	BIAQUINHA BIL (Antônio P Gonçalves)	DOCA (Maria G I Silveira)
26	BICHÃO (Silvânio R Gonçalves)	DONA NÊGA (Maria O Santiago)
27	BINGO (Tancredo A T Neves)	DONA NENÊ (Francisca R Tolentino)
28	BISCOITO (Eurivaldo T Oliveira)	DUCA (Maria C Santos)
29	BISORRO (Roberto Carlos Filipe)	DUNDE (Wilma G Pereira)
30	BODE (Antônio M C Ferreira)	DUNGA (Sônia B F P Silva)
31	BOI (Antônio D Almeida)	DUNGUINHA (Geralda A R Souza)
32	BOLÃO (Valdecir B Machado)	ENEIDA (Aparecida E. Pereira)
33	BOLÔ (Alaor M Araújo)	FANINHA (Maria C B Resende)
34	BONECÃO (Alberto C R Júnior)	FÁTIMA (Célia Fátima)
35	BONECO (Antônio C Paula)	FATINHA DUTRA (Maria de Fátima N Dutra)
36	BORÓ (Geraldo M Rodrigues)	FIA (Geralda M R Oliveira)
37	BOSÓ (Marcos A A Silva)	FIA (Maria G Vaz)
38	BOTINA (Fernando A Cassiano)	FIA (Maria L da Silva)

39	BOXEXA ( Célio Cláudio Notini Pereira)	FIA (Maria A Amaral)
40	BOZÓ ( Geraldo A Cecotti)	FIA Juventina R Assis)
41	BÔZO (Flávio C Gonçalves)	FIA Maria C Silva)
42	BREANZA ( Geraldo Maurício)	FIINHA ( Geralda G Silva)
43	BRECHÓ ( Afonso G Oliveira)	FILHA DO CULERA ( Maria D F Martins)
44	BU ( José L Gabriel)	FUCA ( Altair G Souza)
45	BUCHECHA ( Leandro F Silva)	GRAÇA ( Maria das Graças Menezes)
46	BUDAGA ( Djalma M Almeida)	GRAÇA (Maria das Graças G Santos)
47	BUDI ( José D Segundo)	GUIDA ( Luzia O Amaral)
48	BUDINHO ( José J F Souza)	GURICA ( Maria G C Ferreira)
49	BUIÚ ( Wilian Q Silva)	HIDINHA (SELESTRA H)
50	BUJACO ( Helvécio F Pinto)	ICA ( Elza M Benevenuto)
51	BUNECO ( Antônio C Paula)	ITA ( Balbina C Mende)
52	BUNGA ( José Maria)	KIA ( Maria Luzia Teodoro)
53	BUNHÃO ( Amarildo F Menezes)	KÍSSERA (Maria G C Santos)
54	BURRICO ( Geraldo J Silva)	LECA ( Lucy L Sampaio)
55	BURRINHO ( Geraldo F Alves)	LETA (Maria I Ribeiro)
56	BURRO BRANCO (Cléber A O Lopes)	LETE (Maria C M Nascimento)
57	BURRUCHA ( Alcino F Rodrigues)	LIA ( Maria M Amorim)
58	BURUTA (Arlindo O Clarks)	LIA (Maria R C Batista)
59	BUTÃO ( Carmelito L Gomes)	LILIA ( Rosária M Lara)
60	BUTINA ( Fernando S Cassiano)	LILIA (Maria D C Caetano)
61	BUZANGA ( Fernando S Reis)	LILITA (Maria Mercedes L Menezes)
62	CAÇAROLA ( Euro T Oliveira)	LOURDES ARAGÃO ( Maria L A Santos)
63	CACIQUE ( Antônio C Sérvulo)	LÚCIA (Ana M Oliveira)
64	CADINHO (Waldemar J Silva)	LÚCIA (Marilucy F Gonçalves)
65	CAFÉ ( Aldo O Pinto)	LULUCA ( Maria F Santos)
66	CAJU ( Carlos A C Morais)	LUXE (Terezinha A L Silva)
67	CALANGO ( Rodney R Carvalho)	MADU (Esther Amorim)
68	CAMBOTE ( Geraldo C Souza)	MAGDA (Margarida A Rodrigues)
69	CAMELO ( Gilson S Reis)	MAGRELA ( Marciana G Nascimento)
70	CAMINHONEIRO ( Mauro G Gonçalves)	MARIA PARANÁ ( Maria S Passos)
71	CAMUCHO ( Carlos M R Tolentino)	MEL (Maria das Graças)
72	CANAPAU ( Antônio F Vaz)	MINININHA ( Maria L L Silva)
73	CANARINHO ( Élcio L M Jorge)	NAIR (Anair A S Paula)
74	CANECO ( Elmo A Fernandes)	NÊ (Adriana R Santos)
75	CANETA ( Marciel G Teixeira)	NEGUINHA (Conceição B Ceccoti)
76	CANUDO ( Sebastião N Souza)	NENÊ (Ilda M Souza)
77	CANZIL ( Edilson V Fonseca)	NENE (Maria C L Silva)
78	CAPADO ( Cleber R Souza)	NENE (Raimunda B Souza)
79	CAPIM ( Expedito D Nunes)	NENZINHA ( Elza C Carvalho)
80	CAPITÃO ( Ivalteir R Melo)	NÊSA (Marinês F Rodrigues)
81	CARAMELO ( Israel T Fonseca)	NEZA (Tereza M Pessim)

82	CARIRU ( Carlos S Santos)	NINA (Maria G Silva)
83	CAROÇO ( Alcides G Silva)	NINA (Maria L T Silva)
84	CARRANCA ( Edson C Silva)	NINA GOIABA ( Ana M P Januário)
85	CARRERO ( Helvécio C Benevenuto)	NINICA ( Maria I F Gonçalves)
86	CARRETEL ( Etel G Gonçalves)	NINICA ( Rosa Adelina Filha)
87	CASCATINHA ( José M Herculano)	NININHA ( Maria C S Gonçalves)
88	CASCAVEL ( Wilton M Costa)	NININHA ( Maria Luiza Alves)
89	CASCUDO (José M Gonçalves)	NININHA (Edna L S Reis)
90	CASTEJON ( Eleomar P F E Silva)	NININHA (Esperança M Castro)
91	CAVALO (Éder C Mascarenhas)	NININHA (Maria S O Pinto)
92	CAVICO ( Antônio P Oliveira)	NININHA (Venilda B Martins)
93	CEBOLA ( Helder S Pereira)	NITA (Maria C B Oliveira)
94	CEREZO ( Osvaldo R Oliveira)	NITITA (Perpétua R S Mariano)
95	CHAPÉU ( José C Melo)	NIZETE (Maria Nizete V Pimentel)
96	CHARRABA ( Antônio B Souza)	NOLA (Leonor M L Silva)
97	CHAVECO ( Osmar V Fonseca)	NUNUCA (Maria F Santos)
98	CHEFE ( Almir G Vieira)	PASQUINHA (Geralda P de Castro)
99	CHIBIL ( Geraldo V Jacinto)	PETA (Perpétua A C Araújo)
100	CHICO (Antônio C Castro)	PIKITITA ( Maria O A Rezende)
101	CHICO (Adilson M Silva)	PILAR (Maria Pilar M Carvalho)
102	CHICO MULATA ( Francisco G Sobrinho)	PILAR (Maria Pilar Tironi)
103	CHININHA ( Evandro C Souza)	PINDUCA ( Mônica E Franklin)
104	CHUDO ( Maicou Q da Silva)	PÍTI ( Marli O Silva)
105	CHUPETA ( Silvério R Gonçalves)	PITUCA ( Rosângela S Castro)
106	CICA (Wender Teixeira Cecote)	PLUK (Rejane S Resende)
107	CIGANO ( Dimas C Pereira)	POCAHONTAS ( Yasmim M Barros)
108	CINCO ( César E Rocha)	POMPÉIA (Maria Pompéia Pereira)
109	CINTICO ( Vicente M Teixeira)	PORCINA ( Patrícia A Souza)
110	CIRILO ( Francisco Modestino)	PRETA ( Maria J O Sante)
111	CLARÉ MOÇA ( Antônio M C Gonçalves)	PRETA ( Maria L Ferreira)
112	CLAUDINHO (Claudinei O Batista)	PRETA ( Mercês F Oliveira)
113	CLAUDINHO BOLACHA ( Claudinei O Batista)	PRETA (Maria A B Andrade)
114	COCÃO ( Hilton C Gomes)	PUTICA ( Maria A S Barbosa)
115	COCO ( Valdecides N Mendonça)	QUINHA ( Maria da C Firmino)
116	COCO ( Valdinei M F Oliveira)	QUINHA ( Maria A Silva)
117	COCO MULATA ( Geraldo C Barcelos)	QUISERA ( Maria G C Santos)
118	COLORIDO ( José N Souza)	QUITA ( Maria I Rodrigues)
119	COQUINHO ( Ronaldo G Marcelino)	SEZINHA (Mercedes S M Romero)
120	CUECA ( Geraldo C de Castro)	SIENE (Maria S R Menezes)
121	CUEIO ( Rafael M Tironi)	SIUCA (Ilma F Lopes)
122	CUIKA ( Judas T Cândido)	TÂNA (Maria L F Gomes)
123	CULATA ( Lúcio L Nogueira)	TATA (Hortência Melo)
124	CURÉ ( Roberto F Carvalho)	TECA (Afonso Dorotéia G Silva)

125	CURUJINHA ( Geraldo M Barbosa)	TÉIA (Ananéia P Leonardo)
126	CUTIA ( Geraldo E Rodrigues)	TEINHA (Rosa I O Rodrigues)
127	CUZIDO ( Marcos R S Paula)	TÉTA (Hortência Melo)
128	DADAL ( Reinaldo A Marques)	THUCA (Edna A Ribeiro)
129	DADAL ( Ricardo K Amaral)	TI ÉRIKA Érika G S Malta)
130	DADAL ( Rinaldo A Marques)	TIDA (Aparecida F N Andrade)
131	DADINHO (Geraldo R Gonçalves)	TIDA (Maria A C Egídio)
132	DAIDAI ( Geraldo C Marcelino)	TIETA (Sônia A F C Lima)
133	DAL ( Gláucio E S Salomé)	TIMBINHA (Cláudia L Neces)
134	DEDÉ ( José E B Andrade)	TIMILY (Emily Jorge Flores)
135	DEDETE ( Vicente P Prado)	TINA (Afonsina C Silva)
136	DÉDI ( Rômulo David)	TINHA (Alice R Luís)
137	DEIZ CONTO ( Sinfrônio S Martins)	TINHA (Julieta B Marques)
138	DELEGADO ( Neli C Gomes)	TIRENE (Irene A C Resende)
139	DELEU ( Geraldo M Costa)	TITA (Maria J S Gomes)
140	DENDECA ( Geraldo M Moreira)	TITINHA (Maria de Fátima)
141	DENGO ( Messias E Souza)	TUCA (Isa B Santos)
142	DEZ PRAS DUAS ( Hélder M Jorge)	TUCA (Maria C M Ferreira)
143	DEZ PRAS SEIS ( Aléssio F S Salomé)	TUCA (Tereza C de Oliveira)
144	DI ( Ednaldo J Reis)	TUÍCA (Nirce B Ferreira)
145	DICO ( Geraldo R Vieira)	TUQUINHA (Alfa de o Souza)
146	DICO CUTIA ( Nilton A Oliveira)	TUTUCA (Maria D Senra)
147	DICO VANGELO (Geraldo Carlos)	VICA (Olívia R Amorim)
148	DIDI (André C Molensio)	
149	DILA ( Valder C Silva)	
150	DILÉ ( Dilermando Manuel Tavares de Oliveira)	
151	DINHO (Geraldo A Castro)	
152	DINHO CAETÉ ( Edson G Pereira)	
153	DINHO ROLA ( Vicente G R Assis)	
154	DO (Afonso M Silveira)	
155	DONIZETE (Carlos Donizete Santos)	
156	DOUGÃO (Renato V Leite)	
157	DUQUE ( Jader J S Gregório)	
158	FAÍSCA ( Ailton Firmino)	
159	FAN ( Marcelo A Silva)	
160	FARELINHO ( Antônio R Martins)	
161	FAUSTÃO ( Carlos A T Colares)	
162	FEIJÃO ( Thiago B Leonel)	
163	FERMOLD ( Samuel R Gonçalves)	
164	FERRUGE ( Ferdinando M Castro)	
165	FIDANGA ( Álvaro M Gonçalves)	
166	FIICO( Antônio Gonçalves)	
167	FINQUINHO ( Hebert R Oliveira)	

168	FOCA ( Ademar T Andrade)	
169	FOFÃO (Reginaldo E Gonçalves)	
170	FU (Ricardo A Silva )	
171	FUEIRO ( Jaci Teixeira do Amaral)	
172	FUSQUINHA ( Wilson Teixeira)	
173	GAFANHOTO ( Francisco J Ferreira)	
174	GALAPALO ( Kathryn F Lara)	
175	GALO VÉIO ( Newton B Sousa)	
176	GAMBÁ ( Carlos R Labiapari)	
177	GÃO ( Tarcísio M Alves)	
178	GARDENAL ( Hélio L Cruz)	
179	GARRAFINHA ( João B Silva)	
180	GASOLINA ( Adalberto G Santos)	
181	GASTÃO ( Álvaro M Santos)	
182	GATINHO ( José G Santos)	
183	GAÚCHO ( Marcos A Pereira)	
184	GERALDÃO ( Geraldo G Santos)	
185	GERALDO ABELHA ( Geraldo M C Silva)	
186	GERALDO TIRONI ( Geraldo S M Toroni)	
187	GIBA ( Genivaldo S Sousa)	
188	GONTIJO ( José L Melo)	
189	GRILO ( Adalton S Silva)	
190	GRILO ( Fernando quinto R Tolentino)	
191	GRILO ( Valdir Freitas)	
192	GRINGO ( José M Gomes)	
193	GROSELHA ( Marco A R de Carvalho)	
194	GUINGUIM ( Efraim R Oliveira)	
195	HILTON CUTIA ( Hilton A Oliveira)	
196	IECA ( José M Teodoro)	
197	ISAÍAS (Geraldo F Souza)	
198	JACARÉ ( Rogério C Dutra)	
199	JILOCA ( Júlio C A Saudânia)	
200	JOÃO PASSARINHO ( João Mariano)	
201	JOÃO VILAÇA ( João C Rodrigues)	
202	JOAQUIM BASÍLIO ( Joaquim F Cruz)	
203	JOAQUIM GOIABA ( Joaquim R Pereira)	
204	JOÍTA ( João L Souza)	
205	JOSÉ ANGU ( José A Gonçalves)	
206	JOSÉ TITO ( José T Reis)	
207	JOTA ( José Firmino)	
208	JOYTA ( João Luiza Souza)	
209	JUCA ( José N Santos)	
210	JURUNA ( Mário José N Dias)	
211	JUSA ( Josias N S Filho)	

212	KALANGO ( Rodney R Carvalho)	
213	KALAPALO ( Kethlyn F Lara)	
214	KATONHO ( Claiton R Rodrigues)	
215	KEIDY-TAPÃO ( robson Keyde)	
216	KENINHO (Eudes R Assis)	
217	KIKO ( José B Oliveira)	
218	KIKO (Francisco P Martins)	
219	KIKO (Marcos P V Oliveira)	
220	KITINHO ( José R Silva)	
221	LADINHO (Geraldo T Sobrinho)	
222	LADO (Geraldo R Silva)	
223	LALADO (Geraldo R Pinto)	
224	LAMPIÃO ( José C Ferreira)	
225	LANA (Regiane G Tomaz)	
226	LATINO ( Rony Ribeiro)	
227	LÉ (Élcio C Amorim)	
228	LÉ (Geraldo de Oliveira)	
229	LELÉ (Waldir T Marques)	
230	LEO (Marcelo A G Aragão)	
231	LETE (Gervio R senra)	
232	LEX LUTOR ( Nilton C M Moura)	
233	LILÃO (Wilian D Teixeira)	
234	LILICO GARRAFINHA ( Adelino B Silva)	
235	LILO (Carlos A Salomé)	
236	LIQUINHO ( Marcelo S Salomé)	
237	LOBERA ( Antônio E Pereira)	
238	LOLÓ (Lucíola A S Costa)	
239	LOPITO ( Miguel J Costa)	
240	LOXA ( Aristeu G Barroso)	
241	LUBINHO ( Lucélio A Cordeiro)	
242	LUIZÃO (Luís A Oliveira)	
243	LUNETTA ( Carlos Duarte)	
244	MACARRÃO ( Antíno G Resende)	
245	MADROGA (Douglas N Vilaça)	
246	MANCÃO ( José N Tomaz)	
247	MANDIOCA ( Fernando C Oliveira)	
248	MANDIOCA ( Vicente P E Gonçalves)	
249	MANÉ GALINHA ( Manoel P Fonseca)	
250	MANGA ( Ronaldo T Carvalho)	
251	MARIANO (Lucas O Oliveira)	
252	MÁRIO BERRÉ ( Mário G Domingos)	
253	MÁRIO BORÁ ( Mário L Machado)	
254	MARQUINHO GOIABA ( Marcos R Pereira)	
255	MARRETA ( Aroaldo J Santos)	

256	MATIOMEN ( Élvio S Oliveira)	
257	MEIOTA ( José Carlos de Araújo)	
258	MELO ( Júlio F S Barbosa)	
259	MEXERICA ( Ailton B Morais)	
260	MOA ( Ademar T Andrade)	
261	MOCOTÓ ( José A Moreira)	
262	MOIADO ( Expedito G Barroso)	
263	MÕITA ( wagner J Oliveira)	
264	MÔRA ( João E Ferreira)	
265	MORANGUINHO ( Jacinto Carlos Silva)	
266	MULEQUE ( Jadir G Silva)	
267	MUQUEKA ( José Agostinho Filho)	
268	MURANGA ( Júlio C Ferreira)	
269	MÚSICO ( Luís A Evangelista)	
270	NATIÔ ( Paulo G Mitre)	
271	NÊ (Geraldo Oliveira)	
272	NEGÃO ( Sifrônio J P Souza)	
273	NÉLSON TICRIN ( Néelson H M Jorge)	
274	NEM (Aroaldo Souza)	
275	NEM APOLINÁRIO (João I Apolinário)	
276	NEM ZABUMBA ( João G Silva)	
277	NENE (Américo O Gonçalves)	
278	NENÊ (Héder G C Nicomedes)	
279	NENE (Luciomar de Castro)	
280	NENECO ( Antônio F Rocha)	
281	NENECO CAXIAS ( José Felisbino Neto)	
282	NENEM (Geni S Alves)	
283	NENO ( José E Almeida)	
284	NENZINHO ( Milton S Mercês)	
285	NININHO (Adriano P Toledo)	
286	NINO (Amarildo J F Lopes)	
287	NINO PAROBA ( Osvaldo Bernardes)	
288	NÍSIO GIOABA ( Jesus R Pereira)	
289	NOTE (Rinaldo A Silva)	
290	OREIA ( Maciel M P Fonseca)	
291	PACHOLA ( Cristóvam A Gonçalves)	
292	PACU ( Josias L de Oliveira)	
293	PADRE ( Elisimar S Resende)	
294	PADRE ( Olavo Rezende da Silva)	
295	PADRE ( Reginaldo S Gonçalves)	
296	PALINHA ( Paulo M Teles)	
297	PALITO ( Natalício G Gonçalves)	
298	PANÇA ( Cléber J C Oliveira)	
299	PANDEIRO ( Emerson P Silva)	

300	PAQUINHA ( Múcio G Tolentino)	
301	PASTEL ( Kenderson C Silva)	
302	PASTOGO ( Geraldo A Gonçalves)	
303	PATACA ( Iran A Araújo)	
304	PATO ( Mário F Silva)	
305	PATRÍCIO (José H Ferreira)	
306	PAU VÉIO ( Sebastião Arcísio)	
307	PAULINHO MULATA ( Paulo Gonçalves)	
308	PAULINHO PIRATA ( Paulo G Anastácio)	
309	PÉ DE MULA ( Mauro O Ferreira)	
310	PÉ DE PATO ( Helvércio A Marques)	
311	PEDRÃO (Geraldo P Silva) ??	
312	PEDRO BRAGA ( Pedro N Braga)	
313	PELÉ ( Geraldo P Alves)	
314	PELÉ ( Geraldo P Alves)	
315	PEMBA (Vilson F Barbosa)	
316	PENINHA ( Marcelino M Moreira)	
317	PERDÃO ( Alvimar A Cunha)	
318	PERNAIADA ( José M Teixeira)	
319	PESCOÇO ( Carlos H Santos)	
320	PETÊCO ( Marciano A Ferreira)	
321	PEZÃO( José A Pinto)	
322	PICA PAU ( Bruno T Fonseca)	
323	PINDICO ( Ivan M M Jorge)	
324	PIÔIO ( Douglas Ribeiro)	
325	PIPICO ( Dayvison J L Arruda)	
326	PIRACAIÁ ( Marcos A Correia)	
327	PIRATA ( Paulo G Anastácio)	
328	PIRU ( Eduardo dos Santos)	
329	PIRUÁ ( Alfeu Moraes Santos)	
330	PIRUÁ FILHO ( Agnaldo M Santos)	
331	PIRUÁ VÉIO ( Alvimar M Santos)	
332	PIRULITO ( José E Oliveira)	
333	PITA ( Francisco F da Silva)	
334	PITANGUINHA ( Wilson Gregório)	
335	PITERA ( Silvério R Santiago)	
336	POLÍCIA ( Anésio J Eduardo)	
337	PONEIS ( Newton R Pereira)	
338	PONTILA ( Waldelino J Ferreira)	
339	PÔTE ( Joaquim F Guimarães)	
340	POTIOCA ( Rinaldo B Leonel)	
341	PRAXEDYS ( Marcus P Resende)	
342	PRECATA ( Alvimar T Tironi)	
343	PREGO ( Dimas Anacleto)	

344	PRETINHO ( Luís Fernando Santiago)	
345	PRETO ( José M Santos)	
346	PSIQUILA ( Antônio L Santos)	
347	PUDIM ( José D Segundo)	
348	PUEIRA ( Lauro C G F Pinto)	
349	PULGA ( Nilton R Pereira)	
350	PURQUINHA ( Hélio F Fonseca)	
351	PURQUINHO ( Tarcísio M teles)	
352	QUADRADO ( Altair da silva)	
353	QUEIJINHO ( Armando Santiago)	
354	QUIJINHO ( Roberto F Santos)	
355	QUINCARÁ ( Clalton V de Camargos)	
356	QUINHOLA ( Joaquim R de Carvalho)	
357	QUINZINHO ( Joaquim A Rodrigues)	
358	QUINZINHO ( Joaquim T Filho)	
359	QUINZINHO (João Marques Neto)	
360	QUITINHO (José R da Silva)	
361	QUITO ( Ivam Souza Santiago)	
362	QUITO (Francisco J Santos)	
363	RASGADO ( Francisco C B A )??	
364	RATÃO ( Roner G Pereira)	
365	RATINHO ( Antônio C da Silveira)	
366	RATINHO ( Vânio B Martins)	
367	RATO ( Clécio R de Souza)	
368	REGINA (Aparecida Regina P Assis)	
369	REMELA ( Rodrigo C Leite)	
370	RENI LUCAS (Joaquim R Fonseca) ??	
371	RIBITE ( Aladim R Barros)	
372	ROMEU TUMA (Romeu Silva)	
373	ROXO ( Ailton R Gonçalves)	
374	ROYAL ( Leandro C Ribeiro)	
375	SABÃO ( Antônio Vilaça)	
376	SABARÁ ( Waldir D Castro) ??	
377	SACOLA ( Antônio E Carmargos)	
378	SACRAMENTO (Maria Sacramento Silva))	
379	SAIÃO (Luis C G Carvalho)	
380	SAL DE FRUTA (Vicente L Santos)	
381	SAMARA (Marlene M Silva)	
382	SAMBANGA (Luiz G Ferreira)	
383	SAMURÁ (Antônio M Oliveira)	
384	SAROBINHA (Anéxio B Rodrigues)	
385	SAROCA (Nilo J Brasil)	
386	SHORTINHO (Willer R Oliveira)	
387	SILBER CAPETA (Silber R C Camargos)	

388	SITE (João C Costa)	
389	SMALL JUNIOR (Júnior A Dias Aguiar)	
390	SO ZÉ (Flávio C Souza)	
391	SOMBRINHA (Noberto P Silvério)	
392	SUCUPIRA (Edimilson R Martins)	
393	SUCURI (Luís C Neto)	
394	TAIOBA (Geraldo Cir Oliveira)	
395	TAMPINHA (Antônio G Prado)	
396	TÂNA (Sebastião Gomes)	
397	TARZAN (Geraldo G Rocha)	
398	TARZAN (Geraldo M Jesus)	
399	TATÁ (José T Lara)	
400	TATÃO (Sebastião A Silva)	
401	TATE (Luiz C Souza)	
402	TAURANA (Jaime A Amorim)	
403	TECO (Alcimar A Nascimento)	
404	TECO (Vicente A Souza)	
405	TELÉ (José N Santos)	
406	TERÉ (Antônio E Prado)	
407	TESTA (Antônio M S Clementino)	
408	TETE (Antônio O Borges)	
409	TETI (Donizete A Teixeira)	
410	TETO (Ailton S Silva)	
411	THURA (Adlaton Santiago)	
412	TI LUIS (Luiz C Vilaça)	
413	TI LUIZ (Luiza Carlos Silva)	
414	TIÃO (Chistrian A Sousa)	
415	TIÃO (Élvio M Freitas)	
416	TIBÔRA (Marcos A Barroso)	
417	TICO (Aparecido M Oliveira)	
418	TICO (Júnior T Couto)	
419	TICO (Reginaldo S Gonçalves)	
420	TICRIM (Nelson H M Jorge)	
421	TIDANGA (Álvaro M Gonçalves)	
422	TIKIKÁ (Henrique D pereira)	
423	TILAPA (Isaac O Ferreira)	
424	TILENO (Hector C F Zapata)	
425	TIMÁRIO (Mário O Alves)	
426	TIMBA (José Maurício de Castro)	
427	TIMBURÉ (Alvimar T Rabelo)	
428	TIMINGO (Domingos M Tironi)	
429	TINDORA (Geraldo Lázaro dos Santos)	
430	TINHO (Carlos D Paula)	
431	TINHO (Norberto O Silvério)	

432	TINICA (Cícero Souza)	
433	TININHO (Marciano A Silva)	
434	TIO (Alécio P Reis)	
435	TIO MÁRIO (Mário O Alves)	
436	TIQUINHO (Carlos E Gomes)	
437	TIRIRICA (José M Romero)	
438	TIRIRICA (Juarez Farias)	
439	TIRIRICA (Valdeci A R Silva)	
440	TITICE (Dietrich S Tironi)	
441	TITIKA (Henrique D Pereira)	
442	TITO (Vandeir R Silva)	
443	TOCO (Camilo D Rabelo)	
444	TOIZINHO COTA (Antônio P Santos)	
445	TOMÁS (Antônio Tomás Filho)	
446	TONHO CAXIAS (Antônio J silva)	
447	TONHO CUADOR (Carlos A Silva)	
448	TONHO DE LILINO (Antônio C Paula)	
449	TONHO LISEU (Antônio C Filho)	
450	TONHO TURQUINHO (Antônio Santos)	
451	TONTILA (Waldelino J Ferreira)	
452	TORNADO (Antônio L Silva)	
453	TORRESMO (Nélson C Oliveira)	
454	TÔTI (Antônio L Silva)	
455	TOTÓ (Jacó B De Oliveira)	
456	TRANSTEMA (Israel G Pinto)	
457	TRAVA (Cadmo Z Oliveira)	
458	TRIBA (Roberto B Amorim)	
459	TUBARÃO (Silvério R Santiago)	
460	TUCA (Francisco P Diniz)	
461	TUCA (Geremias N Souza)	
462	TUCANO (José A Barreto)	
463	TUCICA (Wilson Hilário)	
464	TUCO (Vicente D Souza de Oliveira)	
465	TUDE (Adelino T Martins)	
466	TULÃO (Sílvio A Silva)	
467	TUMATE (Ricardo Martins)	
468	TUNDI (Edilei R Silva)	
469	TUNGA (Antônio Melo)	
470	TUNICO FARINHA (Antônio C Neto)	
471	TUPICA (Domingos Pinto)	
472	TURBINADO (Hélio R Santos)	
473	TUTE (Aldair da Silva Santos)	
474	TUTI (Marciano B Oliveira)	
475	TUTU (Ameris C Batista)	

476	VADICO (Osvaldo B Silveira)	
477	VÊGO (Luciano P Pessim)	
478	VELA ( Carlos Mitre)	
479	VICENTÃO (Vicente M Freitas)	
480	VICENTE GOIABA (Vicente P Pereira)	
481	VICO (Álvaro F Filho)	
482	VIOLA (Cleber A Lima)	
483	VOVÔ (Lucas de Oliveira)	
484	VOVÔ (Mário Lúcio F Teles)	
485	XAVINHO (Antônio C Santiago)	
486	XÔCHA (José M Pereira)	
487	ZAÍA (Geraldo Fsouza)	
488	ZANGADO (Adriano C Ribeiro )	
489	ZANGADO (Leonardo S Oliveira)	
490	ZÉ (Jáder T Souza)	
491	ZÉ ANGU (José A Gonçalves)	
492	ZÉ BAIXINHO (José M Lopes)	
493	ZÉ CAVACO (José Maria)	
494	ZÉ DO BOLO (José R Gastão)	
495	ZÉ DO BREU (José E Costa)	
496	ZÉ DO RÊGO (José B Amaral)	
497	ZÉ DOIDO (José R Oliveira)	
498	ZÉ GOTÃO (José M Castro)	
499	ZÉ GRAIA (José M Anjos)	
500	ZÉ LEITE (José B Lara)	
501	ZÉ MARIA CAVACO (José Maria)	
502	ZÉ TUCANO (José A Barreto)	
503	ZECA (José M S Azevedo)	
504	ZETE (Paulo D P Labiapari)	

Quadro 13: *Corpus*: Classificação dos nomes da Apelista – Zona Rural  
HIPOCORÍSTICO FORMADO POR REDUÇÃO

<b>Hipocorístico</b>		
<b>Nº</b>	<b>Masculinos</b>	<b>Femininos</b>
1	CANJO (Arcanjo N Pereira)	
2	ZELITO (Joselito Anacleto da Silva)	

Quadro 14: *Corpus*: Classificação dos nomes da Apelista – Zona Rural  
HIPOCORÍSTICO FORMADO POR REDUPLICAÇÃO DE SÍLABAS

<b>Hipocorístico</b>		
<b>Nº</b>	<b>Masculinos</b>	<b>Femininos</b>
1	SR. TATÁ (Altamiro L Lopes)	

Quadro 15: *Corpus*: Classificação dos nomes da Apelista – Zona Rural  
HIPOCORÍSTICO FORMADO POR REDUÇÃO OU ABREVIÇÃO COM SUFIXO

<b>Hipocorístico</b>		
<b>Nº</b>	<b>Masculinos</b>	<b>Femininos</b>
1	MINDINHO (Ormindo S Lara)	
2	VANDINHO (Helly Wander P Silva)	
3	VANINHO (Elvane Ribeiro Rezende)	

Quadro 16: *Corpus*: Classificação dos nomes da Apelista – Zona Rural  
APELIDO DERIVADO DO SOBRENOME

<b>Apelido</b>		
<b>Nº</b>	<b>Masculinos</b>	<b>Femininos</b>
1	TIBURÇO (José Tiburço do Canto)	

Quadro 17: *Corpus*: Classificação dos nomes da Apelista – Zona Rural  
APELIDO MOTIVADOS PELOAS ASPECTO FÍSICO

<b>Apelido</b>		
<b>Nº</b>	<b>Masculinos</b>	<b>Femininos</b>
1	JAPONÊS (Mario Y S Kataoka)	
2	ZÉ DO ÓCULOS (José A de Freitas)	

Quadro 18: *Corpus*: Classificação dos nomes da Apelista – Zona Rural  
REFERÊNCIA À PROCEDÊNCIA GEOGRÁFICA

<b>Apelido</b>		
<b>Nº</b>	<b>Masculinos</b>	<b>Femininos</b>
1	OSVALDO DA CACHOEIRA (Osvaldo Resende)	

Quadro 19: *Corpus*: Classificação dos nomes da Apelista – Zona Rural  
REFERÊNCIA À PROFISSÃO

<b>Referência</b>		
<b>Nº</b>	<b>Masculinos</b>	<b>Femininos</b>
1	JOÃO CARPINTEIRO (João D Silva)	MÁRCIA DO BAR (Márcia C Santos)
2	RENATO DO CORREIO (Renato R Gonçalves)	TONHA DO ASILO (Antônia de Sousa Silva)
3	SIMÃO PEDREIRO (Simão P Oliveira)	

Quadro 20: *Corpus*: Classificação dos nomes da Apelista – Zona Rural  
REFERÊNCIA FAMILIAR

<b>Referência</b>		
<b>Nº</b>	<b>Masculinos</b>	<b>Femininos</b>
1	AMBROSIO DO DUDU (Ambrósio P Filho)	ADRIANY DA ZÉLIA (Adriany G Magalhães)
2	CARLINHO DO JUQUINHA (Marlos M Gonçalves)	AMÉLIA DO KIBANDA (Amélia E Carvalho)

3	CARLINHOS DO ALDO (Luiz Carlos Carvalho)	ANA ZÉ LICA (Ana G Magalhães)
4	CHICO DA LELEI (Francisco M Oliveira)	BENEDITA DO DIONÍZIO (Benedita C Resende)
5	CHICO DO PEDRO CHIQUINHO (Francisco Salomé)	BRANCA DO TOK (Maria C de Freitas)
6	CIRINHO DO TOTE (Cir Teotônio Pio)	CECÍLIA DO SILVÉRIO (Cecília R Rocha)
7	CLAUDINHO DO ZÉ CUMBINHA (Cláudio Fernandes)	CÉLIA TIÃOZINHO (Maria Célia de Sousa)
8	DENILSON DO TONHO CAXIA (Adenilson B Silva)	CIDINHA DO PEDRO CACHIMBO (Maria A Anacleto)
9	DINHO DO CHICO ADAMY (Wander Vaz Adamy)	DADI DO ZINHO (Marciana T Pereira)
10	DININHO DO ADERBAL (Geraldo S Costa)	DOLOR DO PEDRO CHIQUINHO (Dolor S A Salomé)
11	DINO DO SALVADOR (Geraldo P de Souza)	DUNGA DO PADRINHO (Aparecida I Anacleto)
12	ELCINHO DO TONHO ORMINDO (Élcio W da Silva)	ELOIZA DO JOÃOZINHO (Eloiza Maria S Brochado)
13	ELDER DO JUQUINHA (Élder)	FÁTIMA DO DIONÍSIO (Aurora Fátima de Rezende)
14	GAMAIR DA CELINA (Gamair J Resende)	GERALDA DO LILINHO (Geralda Maria do Carmo)
15	JUAREZ DO NÊGO (Juarez de Mascarenhas)	GERALDA DO PELÉ (Geralda Maria S Souza)
16	JÚLIO DO CHIQUINHO (Júlio M Silva)	GLÓRIA DO THIEN (Maria G Gonçalves)
17	LEOMAR DO TÔE DO ZOTE (Leomar Antônio Freitas)	ISABEL DA QUINHA (Isabel C F Fabiana)
18	LUCAS DO ZOTE (LUCAS F Santos)	KÁTIA DO BETO NEM (Kátia S S Freitas)
19	MARCIEL DO ZÉ MARCELO (Marciel P Sousa)	LADICA DO SIJA (Geralda S Silva)
20	NENÊ DO CHIQUINHO (Altamira F da Silva Sdrudolini)	LELA DO JACÉ (Marciana P Rocha)
21	NENÊ DO GUIGUINHO (José da Rocha)	LENA DA KITA (Lucilene C Freitas)
22	NENÊ DO INHÔ (Antônio José de Freitas)	LÚCIA DO DIONÍSIO (Lúcia R Rezende)
23	NENZICO DA ADRIANA (Arcendino de Freitas Filho)	LUCÍLIA DO NONÔ (Lucília S Freitas)
24	PAULO DO ZOTE (Paulo de Freitas)	LURDINHA DO CURIM (Maria de Lourdes Rezende)
25	ROGÉRIO DO ZÉ DO ZOTE (Rogério O Santos)	MARIA DO CARMO DO JOÃO DUARTE (Maria do Carmo)
26	TADEU DA TININHA (Judas Tadeu Gonçalves)	MARIA DO NANÁ (Maria M Vicente)
27	TADEU DO SIJA (Judas Tadeu Silva)	MARIA DO TINECO (Maria S Silva)
28	TAQUINHO DO TUNICO (Aline de Freitas Morais)	MARIANA DO ZÉ SANAIA (Mariana A Silva)
29	TÓIM DO DICO (Antônio F Lopes)	NATÁLIA DO TONICO (Natália Maria Morais)
30	VICENTE DO TIADÓSIO (Vicente T Pereira)	NAZARÉ DO LÍBANO (Nazaré Maria Pacífico)
31	ZITO DO ZÉ MARCELO (Marilton José de Souza)	NICE DO ZÉ ORMINDO (Nilce S Rocha)
32	ZIZINHO DO CHICO DO ZICO (José T Felisbino)	NINA DO MILO (Esperança Mascarenhas)
33		ODETE DO TILOI (Odete D R Lopes)
34		PIEIDADE DO TICHÉ (Maria Piedade Sousa)

35	QUITA DO TOK ( Geralda V Freitas)
36	REGINA DO DICO ( Maria R Freitas)
37	RITA DA QUINHA (Rita C F e Castro)
38	ROSA DO CHICO RITA (Rosa M Gonçalves)
39	ROSA DO PREGO (Rosa A S Cândido)
40	ROSÁRIA DO MARAMBA ( Rosária O Libano)
41	SIMONE DO CURIM ( Simone Anacleto)
42	SIOMARE DO NENZICO ( Siomare Anacleto da Silva)
43	SUELI DO ZÉ BOMBA (Sueli R Mascarenhas)
44	TERESA DO NÊGO ( Teresa H Mascarenhas)
45	TEREZINHA DO CUBU ( Terezinha Maria J Jacinto)

Quadro 21: *Corpus*: Classificação dos nomes da Apelistas – Zona Rural  
NOMES SEM CLASSIFICAÇÃO

Sem classificação		
Nº	Masculinos	Femininos
1	BARÃO ( Moisés Rezende)	DECI LEOPOLDO ( Adeci Costa)
2	BONECÃO ( Alberto de C Ribeiro)	DEUSDETE (Suzana Ribeiro Rezende)
3	CURUJA ( Cristian H Romano)	DOCE ( Suelly Maria da Rocha)
4	GILBERTO ARNALDO ( Gilberto J Freitas)	MARIA CHIQUINHA ( Caridade Maria Silva)
5	JOAQUIM MANOEL ( Joaquim G Souza)	TUTUCA ( Maria das Graças Nunes)
6	KARÁ ( José F Teixeira)	
7	LAK ( Geraldo Rodrigues)	
8	NENZÍCO ( Jovenício P Silva)	
9	PREGO NENEM ( Anderson Silva)	
10	TELECO ( Ananias A freitas)	
11	TOBÓ ( Inácio ribeiro da Silva)	
12	TOLÃO ( Getúlio S da Rocha)	
13	VICENTE TONICO ( Vicente L de Moraes)	
14	ZÉ CASQUEIRA ( José G Pereira)	
15	ZÉ PRETO (José Luciano de Lima)	
16	ZINGA (José Carlos Dias)	

## ANEXO B- Entrevistas

### INFORMANTE 1 – APELIDO: FEIJÃO

DATA DE NASCIMENTO: **07/04/95**    **15 ANOS**    SEXO: **MASCULINO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

ASSIM, QUANDO EU ERA MAIS NOVO, TODO DIA A GENTE JOGAVA BOLA, NÉ. AÍ, ELAS COMEÇARAM A ME CHAMAR DE FEIJÃO.

**2) QUEM O APELIDOU?**

FOI UM PRIMO MEU.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_\_\_ NÃO    \_\_\_\_\_ SIM.      X   EM PARTES

MEUS PAIS, NÃO. MEUS TIOS CHAMAM, ÀS VEZES TAMBÉM. MAIS OS MEUS COLEGAS.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

\_\_\_\_\_ NÃO      x   SIM.

AH, ÀS VEZES NA CASA DA MINHA NAMORADA. NO MEU TRABALHO ME CHAMAM DE FEIJÃO.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

\_\_\_\_\_ NÃO      X   SIM.

MUITOS TÊM.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

\_\_\_\_\_ NÃO      X   SIM.

AH, DEPENDE DO LUGAR QUE EU ESTOU, NÃO CHAMO, NÃO. UM LUGAR MAIS SÉRIO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_\_\_ NÃO      X   SIM.

NÃO TENHO NADA CONTRA, NÃO. NO INÍCIO NÃO GOSTEI, NÃO.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

\_\_\_\_\_SIM    \_\_\_\_\_ NÃO    X EM PARTES

ÀS VEZES AJUDA, PORQUE VOCÊ NÃO CONHECE O NOME DA PESSOA, SÓ O APELIDO.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

\_\_\_\_\_X\_ SIM    \_\_\_\_\_ NÃO

AJUDA TAMBÉM.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

\_\_\_\_\_SIM    \_\_\_\_\_ NÃO      X   EM PARTES

ÀS VEZES É. NO MEU CASO, ACHO QUE NÃO FOI PARA PREJUDICAR, NÃO.

**INFORMANTE 2 – APELIDO: MOSCA**

DATA DE NASCIMENTO: **12/11/95**    **15 ANOS**    SEXO: **MASCULINO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

EU NÃO SEI DIREITO. FOI NA SALA DE AULA E CADA UM FALA UMA HISTÓRIA E ELE MESMO (QUEM APELIDOU) NÃO SABE DIREITO. UMA DAS HISTÓRIAS É QUE EU FICAVA VOANDO NA SALA, “PEGANDO MOSCA”.

**2) QUEM O APELIDOU?**

FOI UM COLEGA DE SALA, O LUCÃO, LUCAS GONÇALVES.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_ NÃO     X  SIM.

TODO MUNDO. MEU PAI, NÃO. MINHA MÃE DE VEZ EM QUANDO, MEUS IRMÃOS SIM.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

\_\_\_ NÃO     X  SIM.

NA ESCOLA, PELOS PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

X  NÃO    \_\_\_ SIM.    EM PARTES

MEU PAI TINHA APELIDO DE MOLEQUE, MAS NINGUÉM ATUALMENTE O CHAMA ASSIM.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

X  NÃO    \_\_\_ SIM.

SEMPRE CHAMO POR APELIDO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_ NÃO     X  SIM.

GOSTO, DESDE O INICÍO.

**9)A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

X  SIM    \_\_\_ NÃO

ACHO QUE AQUI EM CLÁUDIO TODO MUNDO É CONHECIDO POR APELIDO, AÍ EU ACHO MAIS ÚTIL QUE A OUTRA.

**8) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

X  SIM    \_\_\_ NÃO

ACHO, ACHO SIM.

**9) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

\_\_\_ SIM    \_\_\_ NÃO     X  DEPENDE

EU ACHO QUE TEM APELIDO QUE A PESSOA NÃO GOSTA, DEPENDE MUITO DA PESSOA. NÃO É 100 % CARINHOSO, NÃO.

**INFORMANTE 3 - APELIDO: PAÇOQUINHA**

DATA DE NASCIMENTO: **30/09/96**    **14 ANOS**    SEXO: **FEMININO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

- 1) DE ONDE VEM?**  
 DAQUI DA ESCOLA. EU COMPRAVA TODO DIA AQUELE DOCE.
- 2) QUEM O APELIDOU?**  
 COLEGAS DA SALA.
- 3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**  
 NÃO     SIM.  
 SÓ OS COELGAS DE SALA QUE ME CHAMAM MESMO.
- 4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**  
 NÃO     SIM.  
 EM TODOS OS LUGARES QUE VOU SEM MEUS COLEGAS, PORQUE SÓ ELES ME CHAMAM.
- 5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**  
 NÃO     SIM.  
 FALAMOS O NOME MESMO.
- 6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**  
 NÃO     SIM.  
 NA IGREJA, NO SERVIÇO.
- 7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**  
 NÃO     SIM.  
 GOSTO, JÁ ME ACOSTUMEI. NO INICÍO, NÃO.
- 9) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**  
 SIM     NÃO EM PARTES  
 FACILITA PORQUE TEM MUITA GENTE QUE É SÓ CONHECIDA PELO APELIDO.
- 10) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**  
 SIM     NÃO  
 ACHO QUE SIM.
- 11) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**  
 SIM     NÃO     EM PARTES  
 ACHO, NEM SEMPRE, NÉ, PORQUE TEM UNS QUE NÃO GOSTAM DO APELIDO E TEM GENTE QUE INSISTE E CONTINUA CHAMANDO.

**INFORMANTE 4 - APELIDO: RATO, BALAIÓ DE BESOURO**DATA DE NASCIMENTO: **06/01/95**      **15 ANOS**      SEXO: **MASCULINO**LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA**1) DE ONDE VEM?**

AH, NA 4ª SÉRIE, CHEGOU UM CARA PERTO DE MIM E FALOU QUE EU PARECIA UM RATO. AÍ EU ACHEI RUIM “PARA RACHAR”, NÉ. RATO, TINHA QUE SER UM APELIDO MAIS BONITINHO. AÍ, TODO MUNDO COMEÇOU A ME CHAMAR DE RATO E EU APELEI. AÍ, QUANTO MAIS EU APELAVA, MAIS ME CHAMAVAM. E AGORA PEGOU. E BALAIÓ DE BEZOURO POR CAUSA DA MINHA COR, NÉ.

**2) QUEM O APELIDOU?**

O RATO FOI UM COLEGA, AGORA BALAIÓ DE BEZOURO FOI O TI FU, VOCÊ CONHECE?

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**\_\_\_\_ NÃO      X   SIM.

CHAMAM. MEU PAI ME CHAMA CADA HORA DE UM NOME, MINHA MÃE É LEO.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**  X   NÃO    \_\_\_\_ SIM.

ACHO QUE NÃO EXISTE MAIS NÃO. SÓ PELOS PROFESSORES E ALGUNS DA FAMÍLIA.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**\_\_\_\_ NÃO      X   SIM.

MEU PAI TEM, UM TANTO. MINHA MÃE NÃO. MINHAS AVÓS TÊM.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**  X   NÃO    \_\_\_\_ SIM.

É SÓ APELIDO, MESMO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**\_\_\_\_ NÃO      X   SIM.

AGORA GOSTO. NÃO GOSTAVA NÃO. AGORA GOSTO. ATÉ ME APRESENTO ASSIM.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**  X   SIM    \_\_\_\_ NÃO    EM PARTES

AJUDA BASTANTE, PORQUE TODO MUNDO SE CONHECE POR APELIDO AQUI EM CLÁUDIO.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**  X   SIM    \_\_\_\_ NÃO

AJUDA BASTANTE.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**\_\_\_\_ SIM    \_\_\_\_ NÃO      X   EM PARTES

DEPENDE DO APELIDO, NÉ. A MAIORIA DAS VEZES É. O MEU CASO FOI, QUER DIZER, NÃO FOI, MAS ACABOU FICANDO NÉ.

**INFORMANTE 5- APELIDO: TI BAFO**

DATA DE NASCIMENTO: **07/04/95**    **15 ANOS**    SEXO: **MASCULINO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

PORQUE QUANDO EU ERA MAIS NOVO, FALARAM QUE EU PARECIA COM O PERSONAGEM BAFO DO DESENHO DO PATETA.

**2) QUEM O APELIDOU?**

FORAM MEUS COLEGAS DA 5ª SÉRIE.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_ NÃO     X  SIM.

MEUS PAIS NÃO, MEUS IRMÃOS, SIM. MEUS PRIMOS TAMBÉM.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

\_\_\_ NÃO     x  SIM.

MUITO POUCO, POR EXEMPLO, ENTRE OS PROFESSORES E MEUS PAIS.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

\_\_\_ NÃO     X  SIM.

MUITOS.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

x  NÃO    \_\_\_ SIM.

SÓ PELO APELIDO MESMO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_ NÃO    \_\_\_ SIM.  X  EM PARTES.

UAI, NEM SEMPRE. PORQUE PODEM ACHAR QUE É OUTRA COISA. MAS JÁ PEGOU, JÁ.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

X  SIM    \_\_\_ NÃO

EU ACHO QUE AJUDA.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

X  SIM    \_\_\_ NÃO

AJUDA TAMBÉM. SE FALAR SÓ O NOME É MEIO DIFÍCIL RECONHECER.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO  EM PARTES  
 DEPENDE DA PESSOA E DO APELIDO TAMBÉM. ACHO QUE DEPENDE DO APELIDO.

**INFORMANTE 6- APELIDO: BINHA**

DATA DE NASCIMENTO: **01/08/94**    **16 ANOS**    SEXO: **FEMININO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

DESDE QUANDO EU ERA PEQUENA, MINHA IRMÃ COMEÇOU A ME CHAMAR DE BINHA, AÍ TODO MUNDO COMEÇOU A ME CHAMAR DE BINHA TAMBÉM.

**2) QUEM O APELIDOU?**

MINHA IRMÃ MENOR.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

NÃO  SIM.

ASSIM, TODOS, NA SALA, FORA DELA, MENOS NO SERVIÇO.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO  SIM.

SÓ NO SERVIÇO, NA MINHA FAMÍLIA TODOS ME CHAMAM POR APELIDO.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO  SIM.

SÓ MEU PAI E MINHA MÃE.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO  SIM.

SÓ EM LUGARES ESPECIAIS. EM BANCO, NO TRABALHO DA PESSOA.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

NÃO  SIM.

GOSTO. ACHO RUIM, NÃO. MEU NAMORADO TAMBÉM ME CHAMA.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO EM PARTES

AJUDA, AJUDA BASTANTE.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

AJUDA, PORQUE A GENTE NÃO CONHECE O NOME DA PESSOA.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO EM PARTES

EU ACHO. NA MINHA OPINIÃO É CARINHOSO. EU GOSTO DE SER CHAMADA, AGORA NEM TODOS GOSTAM, NÉ.

**INFORMANTE 7- APELIDO: BOCA**

DATA DE NASCIMENTO: **07/08/94**    **16 ANOS**    SEXO: **MASCULINO**

LOCAL QUE RESIDE:     ZONA RURAL  
                                    ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

DEM DAQUI DA ESCOLA, OS MEUS COLEGAS DA CLASSE A GENTE ESTUDAVA NA 6ª, AS MENINAS DA SALA. UM DIA NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, EU TINHA MANIA DE FICAR COM A BOCA ABERTA, PARA RESPIRAR, AÍ COMEÇARAM A ME CHAMAR DE BOCA D'ÁGUA, SÓ QUE EU NÃO GOSTAVA NÃO, AÍ COMEÇARAM A ME CHAMAR SÓ DE BOCA MESMO.

**2) QUEM O APELIDOU?**

OS COLEGAS DA SALA.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_ NÃO    \_\_\_X\_\_\_ SIM.

A MAIORIA DAS PESSOAS, 90 % DAS PESSOAS. MEU PAI E MINHA MÃE, NÃO.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

\_\_\_ NÃO    \_\_\_X\_\_\_ SIM.

MEUS PROFESSORES NÃO ME CHAMAM, SÓ ALGUNS DE BRINCADEIRA MESMO.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

\_\_\_ NÃO    \_\_\_ SIM.    X EM PARTES

MEU PAI E MINHA MÃE TÊM MAIS NO DIMINUTIVO, NÉ. MINHA MÃE CHAMA APARECIDA E A GENTE CHAMA ELA DE CIDA, MEU PAI CHAMA ADILSON, E CHAMAM ELE DE DILSINHO. MEU IRMÃO, NÃO.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

\_\_\_ NÃO    \_\_\_X\_\_\_ SIM.

QUANDO ESTOU NA CASA DELES E A MÃE ESTÁ PERTO, ASSIM MAIS POR RESPEITO, MAS NO TRABALHO DELES EU CHAMO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_ NÃO    \_\_\_ SIM.    \_\_\_X\_\_\_ EM PARTES

NO COMEÇO EU NÃO GOSTAVA, NÃO, MAS AGORA EU JÁ ACOSTUMEI.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

\_\_\_X\_\_\_ SIM    \_\_\_ NÃO

AJUDA MUITO, QUEM É MAIS CONHECIDO POR APELIDO, FACILITA.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

\_\_\_X\_\_\_ SIM    \_\_\_ NÃO

A FAMÍLIA TEM QUE PERMITIR, MAS FICA MAIS FÁCIL DE RECONHECER , SIM.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

\_\_\_X\_\_\_ SIM    \_\_\_ NÃO

QUANDO A PESSOA JÁ TEM UM APELIDO POR CERTO TEMPO, JÁ É UM CARINHO, QUANDO GOSTAM. NO COMEÇO É... ATÉ ACOSTUMAR. QUANDO EU TIVER A MINHA FAMÍLIA EU NÃO VOU COLOCAR APELIDO NÃO, MAS SE OS OUTROS CHAMAREM E ACOSTUMAR. MAS FAMÍLIA CHAMA MAIS PELO NOME MESMO.

**INFORMANTE 8- APELIDO: FORMIGA, GIGANTE, PAREDE**

DATA DE NASCIMENTO: 04/02/94    16 ANOS    SEXO: MASCULINO

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

AH, ERA PEQUENO, NO 1º ANO AÍ MEUS COLEGAS FORAM LÁ E ME APELIDARAM DE FORMIGA. PORQUE EU ERA MIUDINHO.

**2) QUEM O APELIDOU?**

MEUS COLEGAS.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_ NÃO    \_\_\_X\_\_\_ SIM.

SIM, TODO MUNDO ME CHAMA DE APELIDO, SÓ A MINHA MÃE QUE ME CHAMA DE RODRIGO. ATÉ MEUS TIOS ME CHAMAM POR APELIDO.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

\_\_\_ NÃO    \_\_\_x\_\_\_ SIM.

NA ESCOLA E MINHA MÃE.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

\_\_\_ NÃO    \_\_\_X\_\_\_ SIM.

TEM. QUASE TODO MUNDO, SÓ MINHA MÃE QUE NÃO, ELA NÃO GOSTA. MINHA VÓ É A MARIA TEM APELIDO DE LIA, MEU TIO É O GIL, CHAMA GILBERTO.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

\_\_\_ NÃO    \_\_\_X\_\_\_ SIM.

SÓ EM LUGAR QUE OS OUTROS NÃO CONHECEM. AÍ NÃO CHAMO MUITO PARA OS OUTROS NÃO APOSAR. PERTO DOS PAIS EU CHAMO PORQUE ME CHAMAM TAMBÉM.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_ NÃO    \_\_\_ SIM. \_\_\_x\_\_\_ EM PARTES

AH, NÃO ESQUENTO CABEÇA MAIS NÃO. AH, NO INÍCIO NÃO GOSTAVA.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

\_\_\_X\_\_\_ SIM    \_\_\_ NÃO

É BEM MAIS FÁCIL, A GENTE NÃO CONHECE AS PESSOAS PELO NOME MAIS.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

\_\_\_X\_\_\_ SIM    \_\_\_ NÃO

É BEM MAIS FÁCIL.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**  
 \_\_\_\_SIM \_\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ EM PARTES  
 É, MAS DEPENDE DO APELIDO, ÀS VEZES A PESSOAS NÃO GOSTA.

**INFORMANTE 9- APELIDO: PINTINHO E PINGUIM**

DATA DE NASCIMENTO: 31/10/1990    **20 ANOS**    SEXO: **MASCULINO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

NA VERDADE MEU PAI CHAMA TODO MUNDO DE PINTINHO, MAS COMIGO COMEÇOU, POIS EU ERA BEM PEQUENINHO E AMARELO, CABELINHO LOIRINHO, PARECIA UM PINTINHO. E O PINGUIM, É PORQUE NOS FOMOS VIAJAR E EU FICAVA SÓ DENTRO DO QUARTO COM O AR CONDICIONADO LIGADO E OS MENINOS ME APELIDARAM, OS MEUS AMIGOS.

**2) QUEM O APELIDOU?**

MEU PAI.(PINTINHO). MEUS AMIGOS (PINGUIM).

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

TUDO MUNDO. MINHA FAMÍLIA ME CHAMA MAIS DE PINTINHO, MEUS AMIGOS DE PINGUIM.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

\_\_\_\_ NÃO \_\_\_x\_ SIM.

SÓ NO CASO DE CIDADES DE FORA QUE NÃO ME CONHECEM. NA ESCOLA, COLEGAS E PROFESSORES ME CHAMAVAM TAMBÉM.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

\_\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

A MAIORIA. TEM MEU TIO FRED, QUE É FREDERICO. TEM MINHA MÃE QUE CHAMA RAIMUNDA, MAS O APELIDO DELA É MUNDINHA. MEU PAI, EU JÁ VI UM MONTE DE GENTE O CHAMANDO POR APELIDO, IGUAL DENTE DE SAPO, QUAL MAIS ELE TEM, DEPUTADO. O GUSTAVO MEU IRMÃO TAMBÉM TEM, MANGÃO.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA? \_\_\_x\_ NÃO \_\_\_\_ SIM.**

EU SEMPRE OS CHAMO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA? \_\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.**

NÃO IMPORTO, NÃO. ACHO ATÉ BOM. NÃO TEM NENHUMA SITUAÇÃO QUE EU NÃO GOSTE.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

\_\_\_\_SIM \_\_\_\_ NÃO X EM PARTES

OLHA, EU NÃO USO NÃO. MAS O PESSOAL LÁ DE CASA USA.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

\_\_\_X\_\_\_ SIM \_\_\_ NÃO

FAVORECE, FAVORECE DEMAIS. ATÉ TEVE O VÔ DE UM AMIGO MEU E EU NÃO SABIA QUE ERA VÔ DELE NÃO, ATÉ É O DO JUNINHO. AÍ, FALARAM O APELIDO DELE LÁ.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

\_\_\_SIM \_\_\_ NÃO X EM PARTES

AH, NA MAIORIA DAS VEZES A GENTE APELIDA POR SACANAGEM, ASSIM PARA ZOAR, MAS É UM GESTO DE CARINHO PORQUE VOCÊ NÃO FAZ UMA COISA DESSA COM UMA PESSOA QUE VOCÊ NÃO TEM AMIZADE, INTIMIDADE. NO INÍCIO NINGUÉM GOSTA, MAS A GENTE CHAMA ASSIM MESMO. TEM O BURRO, QUE É O TÚLIO FILHO DO SÍLVIO DO TOTÔ, A GENTE CHAMAVA SÓ DE BURRO, E ELE NÃO GOSTAVA NÃO, AÍ ELE ACOSTUMOU.

**INFORMANTE 10- APELIDO: TI MILTON**

DATA DE NASCIMENTO: 24/02/94 16 ANOS SEXO: MASCULINO

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

AH FOI ASSIM. NAS FÉRIAS, A MINHA IRMÃ FOI PARA A CASA DA MINHA AVÓ, MINHA IRMÃ E MEU PRIMO. AÍ O RELÓGIO DESPERTOU, E FALAVA ASSIM: TI NINILSON, TI NINILSO, A MINHA IRMÃ FALAVA TI NINILSOM AÍ MEU PRIMO FALOU, NÃO, É TI MILTON. AÍ TODO MUNDO COMEÇOU A ME CHAMAR ASSIM. AÍ FOI E PEGOU.

**2) QUEM O APELIDOU?**

MEU PRIMO.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_ SIM. \_\_\_X\_\_\_ EM PARTES

A MAIORIA, QUEM NÃO ME CHAMA SÃO OS MEUS TIOS, MINHA MÃE E MINHA NAMORADA, SÓ. OS OUTROS TODOS ME CHAMAM. NO TRABALHO UNS CHAMAM.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_\_\_ SIM.

MEUS PROFESSORES. MAS QUEM ME CONHECE ME CHAMA SÓ DE TI MILTON.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_\_\_ SIM.

SÓ MINHA IRMÃ QUE NÃO. MEU PAI É FLESH E MINHA MÃE TIDI.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_\_\_ SIM.

OH, NAS CASAS DELES, PERTO DOS PAIS.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_\_\_ SIM.

GOSTO. TEM NADA CONTRA NÃO. SEMPRE GOSTEI.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO EM PARTES

AH SIM, É BEM MELHOR, NÉ. O NOME VOCÊ PODE NÃO CONHECER, MAS O APELIDO, SIM.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

AH, É BEM MAIS FÁCIL, NÉ.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO X EM PARTES

SE NÃO FOR PARA APELAR É, NÉ. PARA ATIÇAR OUTRA PESSOA, NÃO. É CARINHOSO SE NÃO FOR PARA ATIÇAR A OUTRA PESSOA, NÉ.

**INFORMANTE 11- APELIDO: BISCOITO**

DATA DE NASCIMENTO: **11/08/50**      **60 ANOS**      SEXO: **MASCULINO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

VEM DESDE PEQUENO. O GALO VÉIO TINHA UM CAMINHÃO E ERA UMA MARAVILHA E , NÓS , AS CRIANÇAS FICAVÁAMOS DOIDAS. E ELE ARRUMOU UMA NAMORADA LÁ NO FRAZÃO, SÓ QUE TINHA MUITA PORTEIRA, MUITA TRONQUEIRA, ELE IA À NOITE E PRECISAVA DE UM PARA ABRIR AS PORTEIRAS. E ELE TINHA MUITA AMIZADE COM MEU PAI, E GOSTAVA MUITO DE MIM TAMBÉM, AÍ ELE PEDIU AO PAI SE QUANDO ELE FOSSE PARA LÁ SE EU PODIA O ACOMPANHAR. MEU PAI DISSE QUE PODIA E EU IA ACOMPANHANDO ELE. E NAQUELA ÉPOCA, OS NAMOROS ANTIGOS, ERA DE COSTUME TOMAR CAFÉ E A MÃE DELA FAZIA UM BISCOITO, ELA ERA DANADA NUM BISCOITO FRITO. FAZIA E COLOCAVA NUMAS PENEIRAS E EU ENTRAVA NAQUELES BISCOITOS, MAS EU COMIA E COMIA. E FOI PASSANDO E TEVE UM DIA QUE ELE RESOLVEU IR E ME CHAMOU, MAS AÍ ELE DISSE: Ô BISCOITO, VAMOS COMIGO. E EU ACHEI AQUILO RUIM. E NAQUELA ÉPOCA, NÃO PODIA XINGAR NINGUÉM, NEM RESPONDER E EU TIVE A AUDÁCIA DE FALAR UM PALAVRÃO. ELE ME OLHOU ASSIM, E ME ENCHEU DE CORO, ME BATEU E NÃO ME LEVOU MAIS. E ME LEVOU NO MEU PAI, EXPLICOU O QUE ACONTECEU. AÍ FOI OUTRO CORO. E O APELIO FICOU ATÉ HOJE.

**2) QUEM O APELIDOU?**

GALO VÉIO.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

NÃO  SIM.

TODOS. NO MEU TRABALHO, NA PREFEITURA. A MINHA ESPOSA ME CHAMA DE VALDINHO E ALGUNS IRMÃOS. MAS O RESTO É BISCOITO.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO  SIM.

EM SÃO PAULO, QUANDO MOREI LÁ UMA ÉPOCA. AÍ ME CHAMAVAM PELO NOME OU MINEIRINHO.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

TEM. MEU PAI ERA ZI TAPERAS, A GENTE TINHA UMA CERÂMICA E LÁ TINHA UMA TAPERAS VELHA. E MEU PAI E MEUS TIOS PEGARAM O APELIDO DE "TAPERAS". ERA "OS TAPERAS".

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

\_\_\_X\_ NÃO \_\_\_ SIM.

QUANDO EU CONHEÇO POR APELIDO, EU CHAMO SÓ POR ELE. MEUS IRMÃO, TEM O EURICO, O PACHOLA, O CATATUA, O ZÉ BOI,

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_ SIM. \_\_\_X\_ EM PARTES

NA ÉPOCA EU ACHEI RUIM, AGORA NÃO ME IMPORTO, NÃO.

**8) A LISTA TELEFÔNICA "APELISTA" REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

\_\_\_X\_ SIM \_\_\_ NÃO

AJUDA. E MUITO. A MAIORIA DAS PESSOAS AQUI A GENTE COMEÇA POR APELIDO.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

\_\_\_X\_ SIM \_\_\_ NÃO

FAVORECE, FAVORECE MUITO.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

\_\_\_X\_ SIM \_\_\_ NÃO

SIM, EU ACHO QUE É.

**INFORMANTE 12- APELIDO: BRANCA**

DATA DE NASCIMENTO: 21/012/57 53 ANOS SEXO: FEMININO

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

MEU TIO CHAMADO CIRO, ELE JÁ MORREU. QUANDO EU NASCI, NASCI BRANQUINHA, DO CABELO PRETO E OS MEUS LÁBIOS ERAM VERMELHINHOS E NAQUELA ÉPOCA JÁ EXISTIA A HISTORINHA DA BRANCA DE NEVE, ENTÃO ELE CHEGOU LÁ PARA VISITAR A MINHA MÃE, ELE ERA IRMÃO DA MINHA MÃE, E FALOU ASSIM: "NOSSA, MAS ELA É IGUALZINHA A BRANCA DE NEVE!". E AÍ NUNCA MAIS ME CHAMARAM PELO NOME. AQUI EM CLÁUDIO, NINGUÉM SABE QUEM É A MARIA DO ROSÁRIO, NÃO.

**2) QUEM O APELIDOU?**

TIO CIRO, IRMÃO DA MAMÃE.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

TODO MUNDO, ATÉ OS MÉDICOS, OS PADRES. ATÉ O PADRE ULISSES FALOU COMIGO OUTRO DIA, AÍ EU FALEI, AH NÃO PADRE VOCÊ PODIA ME ERRAR AÍ, E FALAR MEU NOME. EU GOSTO QUE ME CHAMA DE MARIA DO ROSÁRIO. É O MEU NOME, EU GOSTO DO MEU NOME. QUANDO OS MEUS SOBRINHOS ESTÃO ASSIM, APRENDENDO A FALAR EU JÁ ENSINO ASSIM OH, TIA MARIA, VAMOS FALAR TIA MARIA, MAS QUANDO ELES APRENDEM MESMO, VIRA TIA BRANCA E FICA.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO  SIM.

SÓ QUANDO EU FUI NA DOUTORA MAURITÂNIA, EM DIVINÓPOLIS. LÁ ELA ME CHAMAVA DE ROSÁRIO. AQUI EM CLÁUDIO NÃO, OS MÉDICOS, OS DENTISTAS, AS MINHAS FREGUESAS, AS MINHAS COLEGAS, MINHAS AMIGAS, TUDO ME CHAMA DE BRANCA.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO  SIM.  EM PARTES

MEUS FILHOS TÊM. HUMBERTO É O SEU MADRUGA, O CRISTIANO É COCÃO. MEU PAI E MINHA MÃE, NÃO.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO  SIM.

POR APELIDO É APELIDO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

NÃO  SIM.

NÃO GOSTO. GOSTO QUE ME CHAME DE MARIA DO ROSÁRIO.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO

AJUDA. POR EXEMPLO, O MEU BRANCA MANICURE, TODO MUNDO ACHA.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

AJUDA, MUITO, MUITO. JÁ PENSOU SE EU MORRO E FALA ASSIM: MARIA DO ROSÁRIO... NINGUÉM VAI. SE FALAR BRANCA TODO MUNDO VAI SABER QUE É EU, NÉ.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO  EM PARTES

NEM SEMPRE. AGORA MESMO, ESTAVA PASSANDO AQUI NA RUA DA MÁRCIA DO ELOIZ, VOCÊ SE LEMBRA DE FALAR NA MARROA, ELA NÃO GOSTAVA QUE CHAMAVA POR ESTE APELIDO, CRITICANDO QUE ELA ERA MUITO GORDA, EXAGERADA. AÍ CHEGOU UM MOÇO E MANDOU CHAMAR A MARROA, AÍ A FILHA DELA FALOU. OLHA ELA NÃO GOSTA QUE FALA ESSE NOME. QUER DIZER, TEM UNS APELIDOS BEM SEM GRAÇAS, NÉ.

**INFORMANTE 13- APELIDO: GATINHO**

DATA DE NASCIMENTO: **19/03/62**      **48 ANOS**      SEXO: **MASCULINO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

DIZ A MINHA MÃE QUE ME CHAMOU ASSIM, PORQUE EU ERA MUITO MAGRINHO, NÉ MUITO 'ZOLHUDO' IGUAL GATO, NÉ. AÍ FICOU.

**2) QUEM O APELIDOU? MINHA MÃE.****3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_ NÃO     SIM.

TODO MUNDO. MINHA ESPOSA, MINHA MÃE, MEUS IRMÃOS.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO    \_\_\_ SIM.

MUITO DIFÍCIL, MUITO DIFÍCIL. SÓ UMA PESSOA ME CHAMA PELO NOME, SÓ UM TIO MEU, MAIS VELHO.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

\_\_\_ NÃO     SIM.

TEM, MUITOS TÊM.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO    \_\_\_ SIM.

QUANDO CONHEÇO POR APELIDO SÓ CHAMO POR ELE, EM QUALQUER LUGAR.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_ NÃO     SIM.

GOSTO, JÁ ACOSTUMEI JÁ, É COMO SE FOSSE O MEU NOME PARA FALAR A VERDADE. EU ACHO TÃO NATURAL, NÉ, QUALQUER PESSOAS QUE CHEGA AQUI, EU FALO GATINHO, É NATURAL, EU ACHO TÃO NATURAL. PARA AS PESSOAS ÀS VEZES NÃO, ÀS VEZES CHEGA UM VENDEDOR AQUI E FALA "NÓ! MAS TE CHAMAR DE GATINHO", E COMEÇAM A RIR, SABE.

**8) A LISTA TELEFÔNICA "APELISTA" REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM    \_\_\_ NÃO

EU ACHO QUE SIM.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM    \_\_\_ NÃO

FAVORECE COM CERTEZA.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM    \_\_\_ NÃO

AH, EU ACHO QUE SIM. PARA MIM FOI. TEM CASOS QUE NÃO, TEM GENTE QUE NÃO GOSTA.

**INFORMANTE 14- APELIDO: LAZICA, LAZINHA.**DATA DE NASCIMENTO: **08/08/57**      **53 ANOS**      SEXO: **FEMININO**LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA**1) DE ONDE VEM?**

PRIMEIRO FOI MINHA MÃE, NÉ, PORQUE EU ERA MUITO PEQUENINHA, “DEIXA EU POR UM APELIDO PARA ELA PARA FICAR MAIS BONITINHA. AÍ ME CHAMAVA DE LÁZARA, LAZINHA, AÍ COMEÇOU ME CHAMAR DE LAZICA.

**2) QUEM O APELIDOU?**

MINHA MÃE.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_ NÃO      X   SIM.

TODO MUNDO ME CHAMA POR UM OU OUTRO.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

\_\_\_ NÃO      X   SIM.

A MINHA CUMADRE, ELA MORA EM DIVINÓPOLIS, ELA ME CHAMA SÓ DE LÁZARA E O MEU MARIDO TAMBÉM.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

\_\_\_ NÃO      X   SIM.

MEU PAI TEM, MINHA MÃE, NÃO, ELA CHAMA LUZIA MESMO. MEU PAI É O NENZICO CAROLA, TODO MUNDO CONHECE ELE ASSIM. ELE SE CHAMA WILSON.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

  X   NÃO    \_\_\_ SIM.

QUANDO CONHEÇO POR APELIDO, É APELIDO MESMO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_ NÃO      X   SIM.

GOSTO. EU GOSTO MAIS DO QUE LÁZARA.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

  X   SIM    \_\_\_ NÃO

AJUDA DEMAIS. ATÉ QUE A GENTE LEMBRA QUEM QUE É. AQUI É A CIDADE DO APELIDO, AÍ EU ACHO MAIS FÁCIL DE ACHAR.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

  X   SIM    \_\_\_ NÃO

AJUDA, AJUDA MUITO RECONHECER QUEM É.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

  X   SIM    \_\_\_ NÃO

EU ACHO, É UM CARINHO MUITO GRANDE, É EMOCIONANTE. MEU FILHO MAIS NOVO, O PAULO VICTOR, O APELIDO DELE É DÉ. O PEDRO HENRIQUE DE

PEDRINHO, E TEM APELIDO DE LAZICA TAMBÉM OS AMIGOS DELE CHAMA, E MEU MARIDO QUE CHAMA PEDRO E TEM APELIDO DE PEDRÃO. LÁ EM CASA É TUDO PEDRO AÍ TEM QUE DIFERENCIAR , NÉ.

**INFORMANTE 15- APELIDO: MACARRÃO**

DATA DE NASCIMENTO: **19/08/64**      **46 ANOS**      SEXO: **MASCULINO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

QUANDO EU ERA MENINO, EU NÃO GOSTAVA DE COMER MACARRÃO E MEU PAI ATÉ ME BATEU POR CAUSA DISSO.

**2) QUEM O APELIDOU?**

FORAM OS MENINOS DA RUA QUE SABIAM DA HISTÓRIA QUE EU NÃO GOSTAVA DE MACARRÃO. EU XINGAVA, JOGAVA PEDRA, MAS NÃO ADIANTAVA.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_ NÃO     X  SIM.

TUDO MUNDO ME CONHECE COMO MACARRÃO.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

X  NÃO    \_\_\_ SIM.

AQUI EM CLÁUDIO É SÓ MACARRÃO. SÓ NA ESCOLA QUE NÃO, OS PROFESSORES, NÃO, MAS OS COLEGAS SIM.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS? \_\_\_ NÃO     X  SIM.**

MUITOS TÊM. TEM MEU IRMÃO RIBITE QUE CHAMA ALADIM., TEM O CLÁUDIO QUE TEM APELIDO DE BUCUDO, TEM O GERALDO QUE TEM APELIDO DE BURRO BRANCO, TEM O ZÉ QUE É MAIS VELHO QUE EU QUE TEM APELIDO DE RUCK, E O CHIQUINHO QUE TRABALHA NA PREFEITURA QUE TEM APELIDO DE PACOTE.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?  X  NÃO    \_\_\_ SIM.**

NADA. QUE EU ME LEMBRE, NÃO. QUALQUER LUGAR QUE EU ESTEJA EU CHAMO POR APELIDO. ACHOU RUIM, É UMA VEZ SÓ, EU NÃO CHAMO MAIS. AÍ SE ELE ACHAR RUIM, AÍ EU FALO MEU NOME NÃO É MACARRÃO É RAIMUNDO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA? \_\_\_ NÃO     X  SIM.**

PARA MIM TANTO FAZ. EU NÃO IMPORTO NÃO, O POVO JÁ ACOSTUMOU. QUANDO EU ERA MOLEQUINHO EU NÃO AGRADAVA, NÃO. MAS ERA COISA DE CRIANÇA, NÉ.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?  X  SIM    \_\_\_ NÃO**

AJUDA, AJUDA BASTANTE. E MUITO.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

X  SIM    \_\_\_ NÃO

AJUDA. POR APELIDO É MAIS FÁCIL VOCÊ CONHECER A PESSOA. PORQUE MUITA GENTE NÃO CONHECE O NOME DA PESSOA.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

\_\_\_SIM \_\_\_ NÃO \_\_\_X\_\_\_ EM PARTES

UAI, ISSO MANDA MUITO DA PESSOA, NÉ. PORQUE TEM GENTE QUE JÁ NÃO GOSTA. JÁ TEM GENTE QUE NÃO IMPORTA, DESDE O INÍCIO. PORQUE APELIDO É MUITO COMUM, NÉ, PRINCIPALMENTE AQUI EM CLÁUDIO. QUANDO EU ERA MENINO EU NÃO GOSTAVA, AGORA QUALQUER ADULTO NÃO VAI SE IMORTAR. SE IMPORTAR AÍ É QUE PEGA.

**INFORMANTE 16- APELIDO: BADÉ E BOCA D'ÁGUA**

DATA DE NASCIMENTO: **26/02/61 49 ANOS** SEXO: **MASCULINO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) VOCÊ TEM APELIDOS?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM. QUAL?

BADÉ E BOCA D'ÁGUA.

**2) DE ONDE VEM?**

DIZIAM QUE BADÉ ERA UM LADRÃO DE GALINHAS QUE TINHA PERTO DO FORNO, ATUAL PH TRANSPORTES. COMO EU TAMBÉM ROUBAVA GALINHAS, RECEBI ESTE APELIDO.

**3) QUEM O APELIDOU?**

UM CONHECIDO MEU, O ZUTA, PAI DO MARSAL.

**4) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

MUITOS. A MAIORIA.

**5) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

POR ALGUMAS PESSOAS, A MINHA ESPOSA, POR EXEMPLO, QUASE NÃO ME CHAMA POR APELIDO, MUITO RARO MESMO. AGORA LUGAR, AQUI NA CIDADE É RARO.

**6) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

QUASE TODOS. MEUS FILHOS TÊM, MAS MAIS NO DIMINUTIVO, CARINHOSO, FREDERICO, FRED, GUSTAVO, GU.

**7) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

ALGUNS AMIGOS, DEPENDENDO DO LUGAR NÃO OS CHAMO, ÀS VEZES NO TRABALHO, NUM AMBIENTE MAIS FORMAL.

**8) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_\_ NÃO \_\_\_\_ SIM. X NEUTRO

JÁ ACOSTUMEI, NÃO É QUESTÃO NEM DE GOSTAR, NÃO ME IMPORTO DE SER CHAMADO PELO APELIDO.

**9) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

X SIM \_\_\_\_ NÃO

MUITO. AUXILIA BASTANTE

**10) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

X SIM \_\_\_\_ NÃO

FAVORECE, COM CERTEZA.

**11) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

\_\_\_\_ SIM \_\_\_\_ NÃO X EM PARTES

DE CERTA FORMA, SIM. CARINHOSO E UMA MANEIRA DE SE IDENTIFICAR, FALO MAIS PELA INTIMIDADE. SE É UMA PESSOA MAIS ÍNTIMA SUA, MAIS CHEGADA ELA TEM A LIBERDADE DE TE CHAMAR, PORQUE ÀS VEZES TEM CERTAS PESSOAS QUE POR NÃO TER TANTA LIBERDADE, APESAR DE SABER DO APELIDO, NÃO TE CHAMA POR NÃO TER ESTA LIBERDADE. ACHO QUE É MAIS POR UM LADO DE AMIZADE.

#### INFORMANTE 17- APELIDO: FRED

DATA DE NASCIMENTO: 01/08/68 **42 ANOS** SEXO: **MASCULINO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

O APELIDO FRED É O DIMINUTIVO DO MEU NOME, FREDERICO E COMEÇOU EM CASA MESMO, COM MEUS PAIS.

**2) QUEM O APELIDOU?**

MINHA MÃE.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_\_ NÃO X SIM.

TODOS. SÓ ALGUMAS EXCEÇÕES, QUANDO ME LIGAM DO BANCO, UMA COISA ASSIM, ELES TRATAM PELO NOME.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

X NÃO \_\_\_\_ SIM.

QUE EU ME LEMBRE, NÃO. APENAS QUANDO RECEBO TELEFONE DE DESCONHECIDOS.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

\_\_\_\_ NÃO X SIM.

A MINHA MÃE TEM APELIDO DE TIA NÊM, ELA SE CHAMA NANCI. MINHA FILHA, EU A CHAMO SÓ DE FILHA.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

NORMALMENTE, SE FOR AO FÓRUM EU NÃO CHAMO POR APELIDOS. NO AMBIENTE DE TRABALHO DELAS SE ESTÁ SÓ GENTE CONHECIDO, EU CHAMO. SÓ SE TIVER UMA PESSOA MAIS IMPORTANTE, AÍ NÃO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

GOSTO.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

\_\_\_SIM \_\_\_ NÃO

AUXILIA MUITO, POIS TODOS DA CIDADE TÊM APELIDO, UTILIZO MUITO.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

\_\_\_X\_ SIM \_\_\_ NÃO

AJUDA, POIS NORMALMENTE FALA O NOME DA PESSOA E ENQUANTO NÃO FALA O APELIDO A GENTE NÃO SABE QUEM É.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

\_\_\_X\_ SIM \_\_\_ NÃO

CREIO QUE SIM, NA MINHA OPINIÃO, SIM. NORMALMENTE A GENTE FAZ POR BRINCADEIRA SEM QUE OFENDA AS PESSOAS. QUANDO A PESSOA FICA OFENDIDA AÍ QUE O APELIDO PEGA MESMO.

**INFORMANTE 18- APELIDO: LELÉ, LELÉ DO DEDÃO**

DATA DE NASCIMENTO: **22/08/56**      **54 ANOS**      SEXO: **MASCULINO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

LELÉ VEM DE CRIANCINHA, PARECE QUE EU TINHA DOIS OU TRÊS MESES E A MINHA TIA ME LEVOU PARA CASA DELA, NO FUNDO MORAVA UMA PESSOA QUE TINHA APELIDO DE LELÉ; E NISSO ALGUÉM CHAMOU LÁ, E EU CHORANDO, E CHAMARAM LELÉ DE LÁ E EU CHORANDO DE CÁ, VAI OLHAR O LELÉ, AÍ FICOU.

**2) QUEM O APELIDOU?**

MINHA TIA.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

TUDO MUNDO, INCLUSIVE MINHA MÃE ME CHAMAVA POR APELIDO, INCLUSIVE ERA A ÚNICA DA FAMÍLIA QUE NÃO TINHA APELIDO. TODOS OS IRMÃOS TINHAM. MINHA ESPOSA TAMBÉM ME CHAMA.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

\_\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

QUANDO EU TRABALHAVA NO BANCO, POR TELEFONE, ERA PELO NOME. NO ATENDIMENTO, GERALMENTE, ERA O APELIDO.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

\_\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM

TODOS OS IRMÃOS TÊM. MEUS FILHOS SÓ CARINHOSOS, NO DIMINUTIVO.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

\_\_\_X\_ NÃO \_\_\_ SIM.

NORMALMENTE QUANDO A GENTE CONHECE POR APELIDO A GENTE CHEGA E CHAMA, EM QUALQUER LUGAR.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

ACHO ÓTIMO. LELÉ COM MAIOR PRAZER.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

\_\_\_X\_ SIM \_\_\_ NÃO

ACHO MUITO BOA. NORMALMENTE A GENTE PROCURA POR APELIDO E DESCOBRE O NOME.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

\_\_\_X\_ SIM \_\_\_ NÃO

PELO APELIDO AJUDA A VER QUEM É A PESSOA, VOCÊ SE LEMBRA DA PESSOA.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

\_\_\_X\_ SIM \_\_\_ NÃO

ACREDITO QUE SIM, QUANDO É FEITO DE MANEIRA TRANQUILA, SEM HAVER RAIVA NAQUELE MOMENTO, PORQUE MUITAS VEZES, A GENTE VÊ AQUI PELOS MENINOS, QUE FICAM INFESADOS COM ALGUMA COISA E CHAMA O OUTRO POR APELIDO, AÍ ELE NÃO GOSTA. MAS O QUE SURGE ASSIM, NUMA BRINCADEIRA, ESPONTÂNEO E MESMO EM CASA,. LÁ EM CASA MESMO ERA O PAPAÍ QUE PUNHA APELIDO NOS FILHOS. CARINHOSO SEMPRE É BEM ACEITO.

**INFORMANTE 19- APELIDO: LUCINHA**

DATA DE NASCIMENTO: 26/01/76 34 ANOS SEXO: FEMININO

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

MINHA MÃE CONTA QUE FOI ELA E PAPAÍ QUE COMEÇARAM, PORQUE LUCILENE ELAS ACHAM EXTENSO, AÍ ACHARAM MELHOR LUCINHA.

**2) QUEM O APELIDOU?**

MEUS PAIS.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

TUDO MUNDO. MEU MARIDO, NO MEU TRABALHO, NINGUÉM ME CONHECE POR LUCILENE.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

NA SALA DE AULA. QUANDO ME CHAMAVAM A ATENÇÃO ERA “LUCILENE”.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM

A MAMÃE CHAMA-SE MARIA E TEM APELIDO DE NIQUITA, PAPAÍ É JOSÉ SEBASTIÃO E TEM APELIDO DE ZEZINHO, MEU IRMÃO É LUIZ CARLOS E TEM APELIDO DE CACAU, E ASSIM VAI. A MAIORIA TEM.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

ACONTECE COM MEUS IRMÃOS, NÃO NUM LUGAR ESPECÍFICO, MAS COMO SEI O NOME DELES COSTUMO FALAR O NOME E NÃO O APELIDO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

ADORO. MAIS QUE MEU NOME.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

\_\_\_X\_ SIM \_\_\_ NÃO

MUITO, MUITO, MUITO, MESMO. ÀS VEZES VOCÊ NEM CONHECE O NOME DA PESSOA SÓ O APELIDO AÍ VOCÊ VAI LÁ E BUSCA E É RAPIDÃO.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

\_\_\_X\_ SIM \_\_\_ NÃO

ACHO, SENÃO VOCÊ NÃO CONHECE A PESSOA QUE VAI ANUNCIAR. JAMAIS VOCÊ VAI SABER.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

\_\_\_X\_ SIM \_\_\_ NÃO

EU ACHO. O MEU EU ADORO. ESPERO QUE TODO MUNDO QUE TEM UM APELIDO GOSTE TAMBÉM, SE NÃO FOR OFENSIVO TENHO CERTEZA QUE A PESSOA VAI GOSTAR TAMBÉM.

**INFORMATE 20- APELIDO: MUNDINHA, RAIMUNDINHA**

DATA DE NASCIMENTO: **14/01/65**      **45 ANOS**      SEXO: **FEMININO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

MUNDINHA É O DIMINUTIVO DE RAIMUNDA E TEM ALGUNS IRMÃOS QUE ME CHAMAM DE RAIMUNDINHA.

**2) QUEM O APELIDOU?**

AS PESSOAS DA MINHA CASA.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

NÃO  SIM.

MUITA GENTE ME CHAMA DE MUNDINHA, COLEGAS DE ESCOLA ERA MAIS RAIMUNDA.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO  SIM.

ALGUMAS PESSOAS, POR EXEMPLO, A CUMADRE FLÁVIA, ME CHAMA SÓ DE RAIMUNDA, A NOSSA AMIZADE FOI DE ESCOLA, ENTÃO A GENTE ESTUDAVA NO MARIA DIAS COELHO, E ELA ME CHAMA DE RAIMUNDA. QUE EU ME LEMBRE SÃO POUQUÍSSIMAS PESSOAS QUE ME CHAMAM DE RAIMUNDA.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO  SIM

TEM O MEU PAI NÉ, QUE ERA CHAMADO DE BIACA, AÍ MEUS IRMÃOS VIRARAM BIACA, BIAQUINHA. MEUS FILHOS TÊM, MAS EU NÃO CHAMO NÃO, QUEM OS CHAMA É O DIMAS. O GUSTAVO, POR EXEMPLO, QUE TEM APELIDO DE MANGÃO, NINGUÉM AQUI EM CASA CHAMA PORQUE FOI COLOCADO POR AMIGOS. O JORGE LUCAS O DIMAS O CHAMA DE PINTINHO, PINTO. ELE NASCEU MUITO BRANQUINHO, LOIRINHO DE CABELO AMARELINHO PARECENDO UM PINTINHO MESMO. TEM GENTE QUE ACHA QUE É ATÉ POR OUTRAS COISAS, MAS NÃO É NÃO. E O GABRIEL, DESDE QUE NASCEU O DIMAS O CHAMA DE ZÉ. ENTÃO JÁ TEM GENTE QUE CHAMA O GABRIEL DE ZÉ. ELE SEMPRE GOSTOU, ELA ACHAVA CARINHOSO, AGORA QUE DE VEZ EM QUANDO QUE ELE DIZ QUE NÃO SE CHAMA ZÉ. O JORGE LUCAS EU ACHO QUE ELE PREFERE SER CHAMADO DE PINTINHO, PORQUE FICA MAIS ÍNTIMO. O PAI DELE FALA “Ô PINTO”, EU FALO JORGE LUCAS OU EMENDO JORLUCAS, EU NÃO CONSIGO CHAMÁ-LO DE PINTINHO.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO  SIM.

AS CHAMO EM QUALQUER LUGAR. TEM ALGUMAS PESSOAS QUE A GENTE OUVE FALAR , QUE COMENTAM QUE NÃO GOSTAM DO APELIDO, AÍ A GENTE ATÉ TENTA NÃO CHAMAR, QUE ERA MAIS AMIGA, QUE TINHA MAIS INTINIDADE, IGUAL A NENECA DO CRISPIM, PARECE QUE ELA NÃO GOSTA MUITO, MAS QUANDO EU FALO ADRIANA FICA ESQUISITO, PORQUE EU SÓ A CHAMAVA DE NENECA, ERA EU ELA, A ISABEL O CARLOS, ENTÃO ÀS VEZES EU FALO ADRIANA OU SAI NENECA. A BONECA, A CLÁUDIA, TAMBÉM OUVI FALAR QUE ELA NÃO GOSTA AÍ ÀS VEZES EU FALO, ATÉ QUE AGORA EU FALO MAIS É CLÁUDIA. SÃO ESTES CASOS ASSIM. O BUTÃO DO ALBERTO, ELE NÃO GOSTA, A CIDADE INTEIRA O CHAMA DE BUTÃO E CONFORME A PESSOA ASSIM QUE NÃO TEM MUITA INTIMIDADE, ELE NÃO GOSTA, ELE ACHA QUE A PESSOA ESTÁ ASSIM, DESFAZENDO DELE, PEJORATIVO. AÍ ATÉ MESMO A GENTE BRINCA, O CHAMA DE TÃOZINHO OU HELTON, MAS É DIFÍCIL.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

NÃO  SIM.

EU GOSTO, NÃO ME INCOMODA. ACHO ATÉ QUE TODA RAIMUNDA DEVERIA TER APELIDO DE MUNDINHA PARA SUAVIZAR.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO

AJUDA.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

FAVORECE. ENQUANTO NÃO FALA O APELIDO, A GENTE FICA TÃO MAL ACOSTUMADA QUE NEM PRESTA ATENÇÃO NO NOME E VOCÊ PENSA ASSIM, “EU NÃO VOU SABER QUEM É.”

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO  EM PARTES

EM CERTOS CASOS SIM, MAS A MAIORIA DOS CASOS EU ACHO QUE AS PESSOAS VÃO ACOSTUMANDO COM ISSO. FAZEM ATÉ MESMO SEM PERCEBER, É UMA COISA ASSIM, NATURAL. EU PENSO QUE É ESTRANHO PARA QUEM CHEGA DE FORA, TEM UM AÍ QUE MAL CHEGOU E ELES O CHAMAM DE GIGANTE, GRANDÃO, OU QUALQUER COISA ASSIM PORQUE A PESSOA NÃO SABE COMO INTERPRETAR AQUILO. ELA PENSA SERÁ QUE ESTÃO DEBOCHANDO DE MIM E TAL, DESFAZENDO DE MIM, EU CREIO QUE ACONTECE ASSIM, DEPOIS QUE A PESSOA VÊ QUE É UMA CARACTERÍSTICA DA CIDADE, EU PENSO QUE ELA DEVE ATÉ SE SENTIR HONRADA PORQUE ELA ESTÁ FANZENDO PARTE DA FAMÍLIA CLAUDIENSE E É UMA REFERÊNCIA, NÉ, O APELIDO VAI VIRAR UMA REFERÊNCIA. POR EXEMPLO, VOCÊ SE CHAMA GERALDA, AÍ A PESSOA OLHA E TE UM PÔE UM APELIDO. GERALDA TEM MUITAS, MAS O SEU APELIDO, NÃO. É UMA COISA PESSOAL, IDENTIFICA A PESSOA. ISSO VAI FAZER PARTE DA IDENTIDADE DA PESSOA. E ISSO VAI PEGANDO. ERAM POUCOS QUE ME CHAMAM DE MUNIDNHA, AÍ VOCÊ CASA, VEM FILHOS, AMIGOS DOS FILHOS, FAMÍLIA DO MARIDO... SE EU CHEGAR E FALAREM QUE A RAIMUNDA CHEGOU VOCÊ NÃO VAI SABER, SE FOR MUNDINHA, VOCÊ JÁ SABE. ENTÃO EU ACHO QUE É POR ISSO QUE INDEPENDENTE DO APELIDO SER DE MAU GOSTO, ELA ACABA ACEITANDO PORQUE ELA SERÁ ÚNICA.

#### INFORMANTE 21- APELIDO: QUINQUIM BARBA

DATA DE NASCIMENTO: **06/06/61**      **79 ANOS**      SEXO: **MASCULINO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

##### 1) DE ONDE VEM?

PORQUE MEU PAI, NENHUM DA FAMÍLIA ASSINAVA “BARBA”, ERA O NOME DA MÃE DELE QUE CHAMAVA “MARIA BÁRBARA” E MEU PAI QUANDO FOI PARA A ESCOLA, ELES O APELIDARAM DE JOAQUIM BARBA. QUANDO EU NASCI, FICOU O FILHO DO JOAQUIM BARBA, FICOU QUINQUIM, E NA ESCOLA ME APELIDARAM DE QUINQUIM BARBA.

##### 2) QUEM O APELIDOU?

DESDE DE PEQUENO. MINHA MÃE E MEU PAI ME CHAMAVAM ASSIM.

##### 3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?

NÃO  SIM.

TUDO MUNDO. PARA COMEÇAR EU JÁ VIAJEI ESSE BRASIL INTEIRO, COM O ZÉ CAPITÃO, VIAJAMOS 35 ANOS COM RODEIO, ENTÃO EM TODO LUGAR QUE NÓS CHAGÁVAMOS ERA REGISTRADA A PRESENÇA DE “ZÉ CAPITÃO E QUINQUIM BARBA”.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO  SIM.

PORQUE EU SEMPRE ME APRESENTAVA POR QUINQUIM BARBA, ATÉ MINHAS CORRESPONDÊNCIAS CHEGAM ASSIM. AQUI TEM MUITA GENTE NOS CLÁUDIO QUE NÃO SABE O MEU NOME.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO  SIM.

SÓ A MINHA IRMÃ MAIS VELHA QUE ERA MARIA BARBA. OS OUTROS ERAM OS NOMES MESMOS, ACOMPANHADOS DE “BARBA”.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO  SIM.

QUANDO SE APRESENTA POR APELIDO JÁ CHAMO ASSIM, SE ELA NÃO FIZER QUESTÃO QUE CHAME PELO NOME.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

NÃO  SIM.

EU JÁ ACOSTUMEI. QUANDO FALAM JOAQUIM EU PASSO ATÉ POR BOBO. EU NÃO ACHO QUE SOU EU.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO

AJUDA. IGUAL NO MEU CASO ME CONHECEM POR QUINQUIM BARBA, NÃO SABE NEM MEU SOBRENOME.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

AJUDA MUITO, PRINCIPALMENTE AQUI EM CLÁUDIO QUE É A CIDADE DO APELIDO, AJUDA DEMAIS, AJUDA DEMAIS.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO  EM PARTES

DEPENDE DA REGIÃO. UMA VEZ, NEGOCIANDO COM UMA PESSOA DE CARMO DA MATA DISSE QUE PODERIA LIGAR AQUI PARA A TELEFONIA E FALAR COM A LOURDES PARA CHAMAR O QUINQUIM BARBA. AÍ ELE DISSE: CLÁUDIO É BAIXO ATÉ NISSO, HEIN. ORA, ELE PODIA ME RESPONDER DE OUTRO JEITO. EU TANTO DOU VALOR NA PESSOA QUE TEM APELIDO QUANTO A QUE TEM O NOME CERTO. O NOME NÃO QUER DIZER NADA. PORQUE LÁ NÃO É COMUM IGUAL AQUI.

**INFORMANTE 22- APELIDO: LENGA**

DATA DE NASCIMENTO: **15/10/32**      **70** ANOS      SEXO: **FEMININO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

TINHA UMA PAGEM QUE TRABALHAVA LÁ EM CASA, MADRINH' ANA, ERA FILHA DE ESCRAVA. AJUDOU A MÃE NOS CRIAR. AÍ, NÃO SEI BEM SE EU FICAVA ATRÁS DELA RECLAMANDO, RESMUNGANDO, AÍ ELA DIZIA: PARE COM ESSA LENGUA LENGUA AÍ.

**2) QUEM O APELIDOU?**

MADRINH' ANA, A PAGEM.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

NÃO  SIM.

TODO MUNDO. TODO MUNDO.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO  SIM.

NA SALA DE AULA.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO  SIM.

TODOS.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO  SIM.

CHAMO, MAS EU NÃO GOSTO MUITO NÃO. AÍ, ÀS VEZES EU CHAMO PELO NOME.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

NÃO  SIM. X IMPARCIAL

AH, EU JÁ ACOSTUMEI, NÉ. TODO MUNDO ME CHAMA ASSIM. PARA ME APRESENTAR EU FALO MEU NOME, MARIA DO ROSÁRIO.

**8) A LISTA TELEFÔNICA "APELISTA" REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO

NORMALMENTE A GENTE CONSULTA.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

AH SIM, AJUDA MUITO.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO X EM PARTES.

PARA ALGUNS É. MAS QUANDO A PESSOA NÃO GOSTA, NÃO FICA SATISFEITA COM APELIDO, AÍ NÃO NÉ. PORQUE AQUI EM CLÁUDIO ELES PÕEM MUITO APELIDO. PELO JEITO QUE A PESSOA É, CONFORME OS HÁBITOS DA PESSOA, QUANDO CHEGA DE FORA. AQUI O, TEM UM PEDREIRO QUE O NOME DO SERVENTE, ELE VEIO DE CANOAS, AQUI PERTO, NÉ. ENTÃO NÓS O CHAMAMOS DE CANOAS. O PEDREIRO É QUE CHAMOU, MAS O NOME DELE É DIFÍCIL.

**INFORMANTE 23- APELIDO: NÊM**DATA DE NASCIMENTO: 01/08/68      **42 ANOS**      SEXO: **FEMININO**LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA**1) DE ONDE VEM?**

ESSE APELIDO VEIO DAS PESSOAS QUE NÃO SABIAM FALAR O MEU NOME. DESDE PEQUENINHA, TENTAVAM FALAR NANCI, NÃO CONSEGUIAM, FALAVAM NENEM, NENEM. AÍ MINHA MÃE DISSE QUE NENÉM, NÃO. QUE NÊM ERA MAIS FÁCIL. ATÉ PARA ELA ESCREVER.

**2) QUEM O APELIDOU?**

MINHA MÃE.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_ NÃO      X   SIM.

TUDO MUNDO, TODO MUNDO. É DIFÍCIL UMA PESSOA QUE ME CHAMA DE NANCI. SÓ OS MÉDICOS QUE ME CHAMAM DE NANCI, OS DE DIVINÓPOLIS E OS DAQUI TAMBÉM.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

  X   NÃO    \_\_\_ SIM.

TUDO É TIA NÊM, SÓ OS MÉDICOS. NO SUPERMERCADO, EM LOJAS, ATÉ OS PADRES ME CHAMAM DE TIA NÊM.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

\_\_\_ NÃO      X   SIM.

ALGUNS. MEU FILHO FRED, O DIMAS NÃO. MEUS NETOS, ANA KEYLA, A GENTE CHAMA DE KEKEILA.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

  X   NÃO    \_\_\_ SIM.

NA VERDADE, CHAMO POUCOS DE APELIDO. POR EXEMPLO O MARIDO DA ADRIANA, QUE TODO MUNDO O CHAMA DE BOCA, EU FALO CLÁUDIO. AGORA A PAQUITA, EU CHAMO DE PAQUITA MESMO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_ NÃO      X   SIM.

GOSTO. ADORO. ACHO MELHOR PORQUE UNS FALAVAM ERRADO NANCI, CICI, ENTÃO EU GOSTO.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

  X   SIM    \_\_\_ NÃO

ELA ME AJUDA, AJUDA MUITO, QUANDO SÓ CONHEÇO POR APELIDO AÍ EU PROCURO NELA.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

  X   SIM    \_\_\_ NÃO

ALGUNS, POIS DAQUI DE CASA EU NÃO ESCUTO. VOCÊ ESCUTA A MÚSICA, MAS NÃO ESCUTA AO FALAR. SÓ QUANDO EU ESTOU NA RUA, AÍ SIM.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO

UAI, EU ACHO QUE SIM, FACILITA MAIS AS PESSOAS CHAMAREM, POIS ÀS VEZES É UM NOME GRANDE, A PESSOA NÃO SABE FALAR, PELO APELIDO EU ACHO MELHOR.

**INFORMANTE 24- APELIDO: TIBÔRA**

DATA DE NASCIMENTO: **25/02/38**    **72 ANOS**    SEXO: **MASCULINO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

NUMA TARDE, MINHA MÃE ME DEU BANHO E DISSE QUE ÍAMOS VISITAR A D. MARICOTA. D MARICOTA ERA UMA SENHORA QUE MORAVA ALI, HOJE ONDE MORA O JOÃO DO FITE, NUMA CASA ANTIGA. EU ERA MENINO E EU CHEGUEI LÁ NA PORTA DO QUARTO, A MINHA MÃE ASSENTADA NO BEIRAL DA CAMA E ELA DISSE: “Ô TABORÔ”. AÍ EU DISSE, NÃO, EU ME CHAMO MARCO ANTÔNIO. AÍ ME MÃE ME DISSE PARA EU CHEGAR PERTO E ELA ME PÔS A MÃO E DISSE: MAS QUE TABORÔ DANADO, HEIN. EU ERA BAIXINHO E BARRIGUDINHO. E MEU IMÃO MAIS VELHO, QUE JÁ É FALECIDO, UM COLEGA DELE TAVA NA PORTA, ESCUTOU E SAIU CORRENDO PELA RUA FALANDO “Ô TABOROUA, TABOROUA” E DO TABOROUA VIROU TIBORA.

**2) QUEM O APELIDOU?**

FOI O JÉSUS, AMIGO DO MEU IRMÃO.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

NÃO  SIM.

TUDO MUNDO. ATÉ MEU MÉDICO LÁ DE DIVINÓPOLIS. DESCOBRIU E AGORA ME CHAMA DE TIBORA, MEU CARDIOLOGISTA.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO  SIM.

OLHA, ANTIGAMENTE TINHA A D. NAGIBE CANAÃ, A IVONE, A ZELINHA ME CHAMA SÓ DE MARCO ANTÔNIO. UMAS POUCAS PESSOAS. ERA COSTUME DA D. NAGIBE ME CHAMAR POR NOME, D. VENTURINA TAMBÉM.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO  SIM.

MEUS IRMÃOS, O BERRÉ, O TECO E O TIBORA. AGORA AS MENINAS NENHUMA TINHAM APELIDOS, NÃO.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO  SIM.

SE CONHEÇO POR APELIDO, AS CHAMO ASSIM.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_\_ NÃO \_\_\_\_ SIM. X IMPARCIAL  
NÃO GOSTO E NÃO DESGOSTO, NÃO. QUANDO CRIANÇA NÃO GOSTEI, MAS AGORA NÃO ME IMPORTO.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**  
\_\_X\_\_ SIM \_\_\_\_ NÃO  
AUXILIA, MAS EU USO MAIS A OUTRA MESMO.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**  
\_\_X\_\_ SIM \_\_\_\_ NÃO  
AJUDA, PORQUE AQUI É A CIDADE DOS APELIDOS. SE FALAR MARCO ANTÔNIO DE BARROS, NINGUÉM VAI SABER.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**  
\_\_SIM\_\_ \_\_\_\_ NÃO \_\_X\_\_ EM PARTES  
ACHO QUE NEM SEMPRE NÉ. COSTUMA SER CRÍTICA TAMBÉM.

**INFORMANTE 25- APELIDO: ZINHO BARBEIRO**

DATA DE NASCIMENTO: **30/03/45**    **65 ANOS**    SEXO: **MASCULINO**  
LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
                                   ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**  
VEM DE MENINO. ERA LUIZINHO E COM O TEMPO TIRARAM O LUIZ E FICOU O ZINHO.

**2) QUEM O APELIDOU?**  
O PESSOAL DA MINHA CASA.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**  
\_\_\_\_ NÃO \_\_X\_\_ SIM.  
TODO MUNDO. MINHA ESPOSA, MEUS FREGUESES.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**  
\_\_\_\_ NÃO \_\_x\_\_ SIM.  
TÊM ALGUNS POUCOS QUE ME CHAMAM PELO NOME.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**  
\_\_\_\_ NÃO \_\_X\_\_ SIM.  
MEU IRMÃO MAIS VELHO, O DONDOCA QUE É O SEBASTIÃO, TEM O ZICO QUE CHAMA GERALDO, OS OUTROS, NÃO. É O ZÉ ORLANDO E O LAÉRCIO.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**  
\_\_x\_\_ NÃO \_\_\_\_ SIM.  
A PESSOA QUE EU CHAMO POR APELIDO EU A CHAMO ASSIM EM QUALQUER LUGAR.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_ SIM. **X** NEUTRO

PARA MIM É INDIFERENTE.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

**X** SIM \_\_\_ NÃO EM PARTES

AUXILIA SIM. SE VOCÊ QUISSER PROCURAR UMA PESSOA, PELO APELIDO É MAIS FÁCIL.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

**X** SIM \_\_\_ NÃO

FAVORECE DEMAIS. ÀS VEZES FALA O NOME DA PESSOA E VOCÊ NÃO CONHECE E FALA O APELIDO. VOCÊ IDENTIFICA MAIS RÁPIDO.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

**X** SIM \_\_\_ NÃO

EU ACHO QUE É. NO MEU CASO, POR EXEMPLO, EU ERA MENINO, CHAMADO POR LUIZINHO, COM O TEMPO ERA ZIZINHO, E DEPOIS FICOU ZINHO E ESTÁ ATÉ HOJE. É UM GESTO CARINHOSO. AH NÃO SER AQUELES APELIDOS PEJORATIVOS, NÉ.

#### **INFORMANTE 26- APELIDO: CINICA**

DATA DE NASCIMENTO: **08/07/31**      **79** ANOS      SEXO: **FEMININO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

MEU PAI E MINHA MÃE QUE ME CHAMAVAM ASSIM.

**2) QUEM O APELIDOU?**

MINHA MÃE E MEU PAI.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_ NÃO **X** SIM.

TODO MUNDO. NA ÉPOCA EM QUE EU TRABALHAVA NA ESCOLA ME CHAMAVAM DE D. CENA, OS ALUNOS ME CHAMAVAM ASSIM.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

\_\_\_ NÃO **X** SIM.

AQUI EM CLÁUDIO TÊM PESSOAS QUE ME CHAMA DE FLORESCENA, ÀS VEZES COLEGAS DE TRABALHO QUE TRABALHAVA COMIGO NAQUELE TEMPO ME CHAMAM DE FLORESCENA. A D. ÍDIA, A D. ÂNGELA, A D. MARIA DO GÚI, A ROSA DO JOTA ATÉ HOJE ELA ME CHAMA DE, ELA ERA INSPETORA E ME CHAMAVA DE FLORESCENA.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

\_\_\_ NÃO **X** SIM.

QUASE TODOS. DOS MEUS FILHOS, O PAULINHO TEM APELIDO DE, ELE CHAMA PAULO, NÉ E OS MENINOS O CHAMAM DE URUBU, E O FILHO DELE CHAMA PAULO

E ESTÃO CHAMANDO ELE DE URUBUZINHO. MINHAS IRMÃS TÊM A NENEM, QUE É A FILOMENA.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO  SIM.

EU CHAMO EM TODO LUGAR. MINHAS FILHAS, A NEIDE, EU SÓ CHAMO ASSIM MAS TEM MUITA GENTE QUE A CHAMA DE NEIDINHA. A CLENIR, EU A CHAMO SÓ DE PENINHA, PENA.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

NÃO  SIM.  INDIFERENTE

AH, NÃO ME INCOMODO, NÃO.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO

AJUDA NÉ, PORQUE TEM MUITA GENTE QUE A GENTE NÃO CONHECE PELO NOME, CONHECE PELO APELIDO, NÉ.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

POIS É, QUANDO A GENTE ESCUTA NO RÁDIO, NÃO SABE QUEM É, NÉ, PORQUE FALA PELO NOME E A GENTE CONHECE SÓ POR APELIDO.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO

É MAIS FÁCIL, NÉ. EU ACHO. ENTRE OS MEUS ALUNOS TINHA MUITOS QUE TINHA APELIDO, O QUIOLA, FILHO DO JUCA MOURA, O PICO, QUE CHAMAVA ANTÔNIO. TINHAM MUITOS QUE TINHA APELIDO, NÉ.

#### INFORMANTE 27- APELIDO: DUQUINHA

DATA DE NASCIMENTO: **28/06/40**      **70 ANOS**      SEXO: **FEMININO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

DESDE PEQUENA, NÃO ME LEMBRO POR QUÊ.

**2) QUEM O APELIDOU?**

FOI EM CASA MESMO, MEUS PAIS, IRMÃOS.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

NÃO  SIM.

TUDO MUNDO, NINGUÉM SABE MEU NOME. O POVO DA ROÇA, DA CIDADE, ANTIGO, NOVO. O ANO PASSADO FORAM FALAR LÁ NA IGREJA O MEU ANIVÉRSÁRIO E FALARAM “ROSELMIRA DE CASTRO”, TODO MUNDO FICOU ASSIM SEM SABER, AÍ FALARAM DUQUINHA. ACHO QUE QUASE NINGUÉM SABE COMO EU CHAMO.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**  
 \_\_X\_\_ NÃO \_\_\_ SIM.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**  
 \_\_\_ NÃO \_\_X\_\_ SIM.  
 TEM . O PAI DO BEBETO CHAMAVA LÁZARO, QUANDO ELE MEXIA NO COMÉRIO AÍ ERA UM PROBLEMA ACHÁ-LO, SÓ FALAVAM LÁZARO E NINGUÉM SABIA. TENHO UMA IRMÃ QUE TEM APELIDO DE DICA, ELA CHAMA MARTA.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**  
 \_\_X\_\_ NÃO \_\_\_ SIM.  
 SÓ PELO APELIDO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**  
 \_\_\_ NÃO \_\_X\_\_ SIM.  
 NÃO IMPORTO, NÃO. NUNCA IMPORTEI.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**  
 \_\_X\_\_ SIM \_\_\_ NÃO  
 ANTIGAMENTE JÁ ERA POR APELIDO, QUANDO TINHA TELEFONE PARTICULAR AQUI. TEVE UMA VEZ, NA ÉPOCA QUE O TANCREDO IA PARA A PRESIDÊNCIA, UMA AMIGA NOSSA LIGOU DE SÃO PAULO PARA QUE A GENTE DESSE RECADO PARA UMA PESSOA LÁ NO CORUMBÁ. ELA LIGAVA E A GENTE AVISAVA. AÍ ELA ME PERGUNTOU SE EU TINHA VISTO O JORNAL NACIONAL E EU DISSE QUE NÃO. ELA CONTOU QUE HAVIA PASSADO UMA MATÉRIA SOBRE O RECENSIAMENTO E FALOU DE CLÁUDIO, CIDADE DOS APELIDOS. ISSO É DE MUITO TEMPO.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**  
 \_\_X\_\_ SIM \_\_\_ NÃO  
 FACILITA. AH SE FALAR O NOME A GENTE NÃO CONHECE, NÃO. SÓ SE FOR MUITO CONHECIDO , NÉ.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**  
 \_\_X\_\_ SIM \_\_\_ NÃO  
 É, EU ACHO QUE É, NÉ. AQUI EM CLÁUDIO, AQUI EM CASA MESMO, A TIZINHA CHAMA BEATRIZ, A DUDU CONHEÇOU TITIZ, ENTÃO O APELIDO VEM MAIS ASSIM, DO CARINHO. TEM UNS ATÉ QUE PASSAM, O IRMÃO DO CHINA, O ZEZINHO CARIOCA, ELE ERA CONHECIDO QUANDO NOVO COMO ESPINGUARDA, HOJE NINGUÉM CHAMA.

**INFORMANTE 28- APELIDO: NENÊ**

DATA DE NASCIMENTO: **02/12/26**      **84 ANOS**      SEXO: **FEMININO**  
 LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
                            ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

MINHA MÃE ME CHAMAVA ASSIM DESDE PEQUENININHA. ELA FALAVA “ME DÁ A NENÊ, AÍ” “A NENÊ”. FICOU SENDO APELIDO. AÍ TODOS ME CHAMAVAM ASSIM, FICOU PARA A VIDA INTEIRA. EU TINHA PAVOR DO MEU NOME, MEU NOME É FRANCISCA E EU ACHAVA HORROROSO, QUANDO EU JÁ ENTENDEIA ASSIM, DE NOME, JÁ ESTAVA MAIORZINHA, É VAIDADE DA GENTE, NÉ. ACHAVA MEU NOME FEIO, ERA O OME DA MINHA AVÓ MATERNA, POR ISSO QUE ELAS PUSERAM FRANCISCA. EU GOSTAVA QUE ME CHAMAVAM ERA DE NENÊ. QUANDO PERGUNTAVAM “COMO É QUE VOCÊ SE CHAMA?” EU FALAVA NENÊ PORQUE ACHAVA MEU NOME HORRÍVEL.

**2) QUEM O APELIDOU?**

MINHA MÃE.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

NÃO  SIM.

TODOS AQUI EM CLÁUDIO. NÃO PRECISA NEM EXPLICAR QUEM É. ANTES FALAVAM D. NENÊ DO CARTÓRIO.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO  SIM.

MEUS MÉDICOS FALAM FRANCISCA, TEM O DR. PAULO FREDERICO É UM CARINHO COMIGO, UM ENCANTO. SÃO DE DIVINÓPOLIS. MEUS COLEGAS DE FACULDADE FALAM FRANCISCA, ERA EM DIVINÓPOLIS. TEM DE LAGOA DA PRATA, DE BELO HORIZONTE, MEU PROFESSOR QUE ERA UM ENCANTO COMIGO, DR. SÉRGIO RESENDE ME CHAMA DE D. FRANCISCA, FALA DRª, EU FALAVA QUE ISSO, NÃO PRECISA.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO  SIM.

MUITA GENTE TEM. MÚCIO PAQUINHA, FERNANDO, O GRILO, O OSMAR- BOLÃO, CAMUCHO, CARLOS MÚCIO, TODOS TEM. AS MOÇAS SARINHA, A JUSSARA, A BEL, ISABEL, MALENA NÃO TEM.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO  SIM.

NÃO TENHO ESSA PREOCUPAÇÃO NÃO. SE A PESSOA FOR MAIS ÍNTIMA. SE FOR UMA PESSOA QUE A GENTE TEM MAIS CERIMÔNIA, EU FALO O NOME MEMSO

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

NÃO  SIM.

PREFIRO. ADORO MEU APELIDO DE NENÊ.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO

AQUI PARA CLÁUDIO É, NÉ. PORQUE QUASE TODO MUNDO TEM APELIODO AGORA MESMO ESTAVA PROCURANDO O NOME DO PIQUIRA, PORQUE EU QUERIA UM TELEFONE E EU SEI QUE ELA SABIA O NÚMERO. AÍ ELE ME DEU, ERA DE UM BOMBEIRO. A OUTRA LISTA É MUITO GRANDE, E AS LETRAS MUITO PEQUENINHAS.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

AUXILIA, MUITO. É ATÉ CARINHOSO, NÉ. ESSA MANEIRA DELES RELACIONAREM. A GENTE FICA PENSANDO, QUEM É ESSE E O APELIDO A GENTE LEMBRA.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO ÀS VEZES.

EU ACHO, SINCERAMENTE. TEM UNS TÃO BONITINHOS, NÉ. VOU TE CONTAR UMA COISA QUE ACONTECEU COMIGO NO CARTÓRIO. CHEGOU UM SENHOR LÁ DA BOCAINA PARA REGISTRAR O MENININHO. AÍ COMECEI O REGISTRO E PERGUNTEI “COMO É QUE VAI CHAMAR O MENININHO?”. E ELE DISSE “SOFREU”. UAI POR QUÊ? PORQUE ELE NASCEU NA SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO, DONA. FALEI Ô COITADINHO, NÃO PÕE ESSE NOME NELE NÃO, ELE VAI CRESCER E VAI FICAR TRISTE. ENTÃO, O QUE A SENHORA ACHA? MAS TEMOU, ELE NASCEU NO DIA MAIS TRISTE, NO DIA QUE JESUS MORREU, SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO ELE VAI CHAMARA SOFREU. AÍ NAQUELA ÉPOCA, O GILMAR DO FUTEBOL, NÃO SEI QUAL TIME QUE ERA, FAMOSO GOLEIROACHO QUE ERA ATLÉTICO. AÍ ELE DISSE, ENTÃO FICA A VONTADE DA SENHORA. AÍ DEPOIS DE UNS TREZE ANOS O MENINO FOI LÁ NO CARTÓRIO QUERIA ME CONHECER E ME AGRADECER, PORQUE EU NÃO DEIXEI COLOCAR “SOFREU”. IA FICAR MARCADO, IA SER VÍTIMA DE CRÍTICAS NA ESCOLA. ELE TEMOU UM POUCO MAS ACEITOU. FOI ÓTIMO, NÉ TADINHO.

**INFORMANTE 29- APELIDO: D. TENA**

DATA DE NASCIMENTO: **21/09/27** **83 ANOS** SEXO: **FEMININO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

ME CHAMAVAM ASSIM PORQUE EU ERA MUITO PEQUENININHA, ERA TENINHA. TODOS QUE HERDARAM O NOME DA MINHA AVÓ “FLORESCENA” ERAM CHAMADAS DE “CECENA” OU “CENINHA”, SÓ EU QUE FICOU DIFERENTE. ACHO QUE ERA PARA DIFERENCIAR DAS OUTRAS, NÉ.

**2) QUEM O APELIDOU? MEUS FAMILIARES.**

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

NÃO  SIM.

ATUALMENTE, NÃO. POR CAUSA DO TELEFONE, POIS ELES LIGAM E PERGUNTAM QUEM FALA E EU DIGO: “FLORESCENA”.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO  SIM.

NA ESCOLA, EM BETIM, QUE EU DAVA AULA.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO  SIM.

AQUI EM CLÁUDIO TODO MUNDO TEM, NÉ. MINHA MÃE ERA “ZIZITA”, DE INÊS, INESITA.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

EU PREFIRO NÃO CHAMAR POR APELIDO. CHAMO PELO NOME. MAS QUANDO ACOSTUMA CHAMO PELO APELIDO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_ SIM. X IMPARCIAL NÃO ME IMPORTA NÃO.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

\_\_\_X\_ SIM \_\_\_ NÃO

É MAIS FÁCIL A GENTE CONSEGUIR O TELEFONE PELO APELIDO.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

\_\_\_X\_ SIM \_\_\_ NÃO

AJUDA, NÉ. PELO APELIDO FACILITA, POIS ÀS VEZES A GENTE NÃO SABE O NOME. FACILITA O RECONHECIMENTO.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

\_\_\_X\_ SIM \_\_\_ NÃO

ACHO, PRINCIPALMENTE CRIANÇA PEQUENA QUE A GENTE USA MUITO O DIMINUTIVO, COM CARINHO.

#### INFORMANTE 30- APELIDO: DIDI

DATA DE NASCIMENTO: **16/08/41**      **69** ANOS      SEXO: **FEMININO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

NÃO SEI, NÃO ME LEMBRO. O TENHO DESDE QUE ME ENTENDO POR GENTE.

**2) QUEM O APELIDOU?**

NÃO SEI. ACREDITO QUE TENHA SIDO EM CASA.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

TODOS ME CHAMAM. NÃO ESTOU MAIS NA ESCOLA PARA FALAREM OS NOMES, NÉ. NA IGREJA, TUDO. SÓ QUANDO É UMA COISA OFICIAL, NÉ. ATÉ NO EXTERIOR ELES ME CHAMAM POR APELIDO.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

\_\_\_X\_ NÃO \_\_\_ SIM.

ATÉ OS MÉDICOS QUANDO FICAM SABENDO DO APELIDO PASSAM A ME CHAMAR ASSIM. NEM AS QUE ME CONVERSANDO COMIGO PELA PRIMEIRA VEZ, JÁ CHEGAM FALANDO O APELIDO.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

TODOS, TODOS OS IRMÃOS, OS PAIS.

6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?  
 NÃO  SIM.  
 QUANDO AS CONHEÇO POR APELIDO, AS CHAMO POR ELES.

7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?  
 NÃO  SIM.  
 GOSTO.

8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?  
 SIM  NÃO  
 ACHO. ELA ME AUXILIA.

9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?  
 SIM  NÃO  
 FAVORECE. PORQUE OS NOMES, NÃO SABEMOS QUASE NENHUM.

10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?  
 SIM  NÃO X ÀS VEZES.  
 ÀS VEZES. ESSES QUE SE APELIDA EM RUA, NÃO ACHOQ EU É CARINHOSO NÃO. NUMA SITUAÇÃO DE VEXAME, CONSTRANGEDORA. AGORA DENTRO DE CASA, NO DIMINUTIVO É UMA MANEIRA CARINHOSA, NÉ.

#### INFORMANTE 31- APELIDO: CHICÃO

DATA DE NASCIMENTO: 06/12/95 16 ANOS SEXO: MASCULINO  
 LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

1) DE ONDE VEM?

TEM DOS MEUS FAMILIARES, SABE. MEU TIO, IRMÃO DA MINHA AVÓ, ELE TINHA APELIDO DE CHICÃO E AÍ PEGOU, PASSAR A ME CHAMAR ASSIM.

2) QUEM O APELIDOU?

FORAM MEUS TIOS.

3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?

NÃO  SIM.

CHAMAM, TODO MUNDO ME CHAMA DE CHICÃO. ATÉ ESSE POVO MAIS VELHO, OS IRMÃOS DA MINHA AVÓ, MEUS PAIS NA MAIORIA DAS VEZES.

4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?

NÃO  SIM. SÓ AQUI NA ESCOLA.

5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?

NÃO  SIM. EM PARTES

TEM, MEU PAI, POR EXEMPLO SE CHAMA EDVANDO E TEM APELIDO DE VANDINHO, MEU TIO TEM APELIDO DE PANDERO POR CAUSA QUE ELE É FORTE, ASSIM.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X SIM.

DEPENDE DO LUGAR, NÉ. ASSIM NA DIRETORIA, NA ESCOLA, IGREJA ESSES LUGARES ASSIM, NÃO CHAMO, NÃO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X SIM.

GOSTO, SEMPRE GOSTEI.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

\_\_\_X SIM \_\_\_ NÃO

MUITO, PORQUE TEM MUITA GENTE AQUI QUE A GENTE SÓ CONHECE O APELIDO E NÃO SABE O NOME, NÉ.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

\_\_\_X SIM \_\_\_ NÃO

ACHO QUE AJUDA, MELHORA BASTANTE.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

\_\_\_ SIM \_\_\_ NÃO \_\_\_X DEPENDE

DEPENDE DO APELIDO E DE QUEM ESTÁ APELIDANDO. O MEU ACHO QUE FOI NÉ, VEIO DOS MEUS PARENTES E ELES NÃO IAM QUERER ME CHATEAR.

#### INFORMANTE 32- APELIDO: CHIQUINHA

DATA DE NASCIMENTO: **20/07/93**      **17 ANOS**

SEXO: **FEMININO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL

ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

VEM DE UM COLEGA DE ESCOLA E DE ÔNIBUS. AÍ NO ÔNIBUS ERA AQUELA BAGUNÇA E VEIO O APELIDO. ELA ME ACHAVA PARECIDA COM A CHIQUINHA DO CHAVES; EU USO ÓCULOS, ELA TAMBÉM; SOU MAGRINHA, ELA TAMBÉM.

**2) QUEM O APELIDOU?**

COLEGA DE ESCOLA E DE ÔNIBUS.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_ SIM. \_\_\_X\_\_\_ A MAIORIA

CHAMA. NA MINHA CASA SÓ AS MINHAS IRMÃS, MEUS PAIS, NÃO. ÀS VEZES ME CHAMAM DE SISI, POIS É MAIS CURTO.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X SIM.

NA ESCOLA, OS PROFESSORES, NÃO. MAIS OS COLEGAS DA RUA DO QUE DA ESCOLA.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_ SIM. X EM PARTES

TEM. MEU PAI É VAGALUME, PORQUE ELE ANDAVA MUITO DE NOITE. MEU IRMÃO, TORRÃO PORQUE ELE É MORENINHO. MINHA MÃE, NÃO.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_ X SIM.

TEM UNS QUE SIM, OUTROS QUE , NÃO. POIS TEM UNS QUE A GENTE SÓ CONHECE POR APELIDO, NÉ, NÃO SEI O NOME. AGORA, TENS OUTROS QUE EU SEI O NOME AÍ EM IGREJA OU EM SITUAÇÃO FORMAL, AÍ EU NÃO CHAMO, NÃO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_ SIM. X NÃO IMPORTA

NÃO IMPORTO NÃO. EU NÃO GOSTAVA, NÃO. AGORA JÁ ACOSTUMEI. AGORA EU ATÉ GOSTO.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

X SIM \_\_\_ NÃO

ACHO QUE SIM, PORQUE UNS TEM APELIDOS OUTROS NÃO TEM. E PARA DIVULGAR TAMBÉM.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

X SIM \_\_\_ NÃO

AJUDA, PORQUE ÀS VEZES A GENTE NÃO SABE O NOME E SÓ SE CONHECE POR APELIDO.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

\_\_\_ SIM \_\_\_ NÃO X DEPENDE

DEPENDE DO APELIDO. TENS UNS QUE SÃO PARA OFENDER MESMO, OUTROS, NÃO. O MEU ACHO QUE NÃO FOI OFENSIVO, VEIO DE UM AMIGO.

**INFORMANTE 33- APELIDO: LADICO, TETEU**

DATA DE NASCIMENTO: 13/10/96 15 ANOS SEXO: MASCULINO

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

AH, ERA UM MOÇO QUE MORAVA NO POVOADO QUE EU MORO QUE FALAVA GROSSO. AÍ QUANDO EU ERA MENOR, EU FALAVA GROSSO TAMBÉM E MEUS COLEGAS FICARAM ME CHAMANDO DE LADICO.

**2) QUEM O APELIDOU?**

MEUS COLEGAS, QUANDO EU TINHA UNS 7 ANOS.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

X NÃO \_\_\_ SIM.

NA MINHA CASA ELES ACHAM RUIM DE ME CHAMAREM DE LADICO. MEUS PRIMOS ME CHAMAM DE TETEU. E TAMBÉM EU FIZ UMA CAMISA DE JOGAR BOLA AQUI NA ESCOLA E EU COLOQUEI TETEU. MEUS COLEGAS ME CHAMAM DE LADICO.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

SÓ NA MINHA CASA E NA CASA DA MINHA TIA. O RESTO ME CHAMAM DE LONGE, DE PERTO.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM. EM PARTES

A MAIORIA TEM. MEU TIO TEM APELIDO DE BUTINA, TEM O MARRINHO, MANELO.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

DEPENDE DA SITUAÇÃO, NÉ. SE A SITUAÇÃO FOR FORMAL, QUE NÃO PODE CHAMAR, FALAR UMAS PALAVRAS INADEQUADAS. MAS DEPENDENDO DO OUTRO LUGAR, NÃO, AÍ É COLEGA MESMO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

GOSTO, VINDO DE AMIGO NÉ. SE IMPORTAR AÍ É QUE ELES CHAMAM MESMO.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

\_\_\_X\_ SIM \_\_\_ NÃO

AUXILIA, PORQUE EM CIDADE GRANDE, IGUAL AQUI QUE O POVOADO É MAIOR, TEM GENTE QUE NÃO CONHECE TODO MUNDO. AI SE FALAR O APELIDO VOCÊ CONHECE QUEM É.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

\_\_\_X\_ SIM \_\_\_ NÃO

FAVORECE, DEMAIS, NÉ.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

\_\_\_SIM \_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ DEPENDE

DEPENDE DAS PESSOAS, NÉ. SE FOR ASSIM, UM INIMIGO, AÍ JÁ NÃO É CARINHOSO. AGORA VINDO DE AMIGO, ASSIM, É.

**INFORMANTE 34- APELIDO: MULA**

DATA DE NASCIMENTO: 18/06/95 15 ANOS

SEXO: FEMININO

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

MEUS COLEGAS ME CHAMAM ASSIM PORQUE SOU BAIXINHA, GORDINHA, FORTINHA, PELO ASPECTO FÍSICO.

**2) QUEM O APELIDOU?**

MEUS COLEGAS DE SALA.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?** NÃO  SIM.

A SALA INTEIRA ME CHAMA. NA MINHA CASA, NÃO.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?** NÃO  SIM.

NA MINHA CASA, NO TRABALHO TAMBÉM, NÃO.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?** NÃO  SIM. EM PARTES

MEU PAI, MINHA MÃE. MEU PAI SE CHAMA NECÉSIO, TEM APELIDO DE CAXAPÁ. MINHA MÃE DE TARTARUGA. ELA SE CHAMA MAGALI, MAS TEM APELIDO DE TARTARUGA, PORQUE ELA É BAIXINHA E GORDINHA TAMBÉM.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?** NÃO  SIM.

NA IGREJA, POR EXEMPLO, NÃO PODE CHAMAR. AGORA EM FESTA, PODE. PERTO DOS PAIS E NA ESCOLA EU OS CHAMO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?** NÃO  SIM.

GOSTO, NO COMEÇINHO ESTAVA MEIO DIFÍCIL DE ACOSTUMAR, NÉ.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?** SIM  NÃO

ACHO QUE FICA PORQUE MUITA GENTE SE CONHECE POR APELIDO, NÉ.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?** SIM  NÃO

AJUDA, PORQUE MUITA GENTE SE CONHECE POR APELIDO, NÉ. FICA BEM MAIS FÁCIL, PORQUE A GENTE NÃO CONHECE PELO NOME.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?** SIM  NÃO  DEPENDE

É, DEPENDE DO APELIDO, NÉ. AÍ, EU ACHO QUE É BOM. O MEU FOI CARINHOSO, VEIO DE AMIGA, NÉ, É O QUE ELAS ACHAM.

**INFORMANTE 35- APELIDO: PINDOBINHA, HARRY POTTER**

DATA DE NASCIMENTO: 28/04/96 15 ANOS

SEXO: MASCULINO

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL ZONA URBANA**1) DE ONDE VEM?**

HARRY POTTER É PORQUE EU USO ÓCULOS E PAREÇO COM AQUELE PERSONAGEM DO FILME. E O PINDOBINHA PORQUE MEU PAI TEM APELIDO DE PINDOBA, ENTÃO COMO EU SOU FILHO DELE, ELES ME APELIDARAM DE PINDOBINHA.

**2) QUEM O APELIDOU?**  
PESSOAL ONDE MORO E AS PESSOAS DO MEU TRABALHO.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**  
 NÃO  SIM.  
SÓ DE VEZ EM QUANDO. PINDOBINHA É SÓ QUANDO EU ESTOU LÁ NO CONDOMÍNIO ONDE EU TRABALHO. E HARRY POTTER SÓ NA MINHA COMUNIDADE. AQUI NA ESCOLA, NÃO.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**  
 NÃO  SIM.  
AQUI NA ESCOLA, E ALGUMAS VEZES NA PRÓPRIA COMUNIDADE.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**  
 NÃO  SIM.  EM PARTES  
MEU PAI TEM, PINDOBA.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**  
 NÃO  SIM.  
NA IGREJA, POR EXEMPLO. EU NEM TENHO COSTUME DE CHAMAR POR APELIDOS, SÓ TIPO ASSIM, TEM UNS QUE EU NÃO CONHEÇO PELO NOME VERDADEIRO. TEM UM COLEGA MEUA QUI, ELE SE CHAMA BRUNO, E ELE É IRMÃO DE UMA AMIGA DA MINHA IRMÃ. AÍ ELA FOI LÁ E CASA E PERGUNTOU SE EU CONHECIA O IRMÃO DELA. AÍ PERGUNTEI COMO ELE SE CHAMAVA E ELA DISSE BRUNO. EU NÃO CHECIA NENHUM BRUNO NA ESCOLA, MAS QUAL É O APELIDO DELE? AÍ ELA ME DISSE “BANANÃO”, AH, ENTÃO EU O CONHEÇO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**  
 NÃO  SIM.  NÃO IMPORTA  
NÃO ME IMPORTO, NÃO. NUNCA ME IMPORTEI. JÁ FUI CHAMADO SÓ POR ZOAÇÃO TAMBÉM, MAS NÃO ME IMPORTEI.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**  
 SIM  NÃO  
ACHO, NO CELULAR DO MEU PAI TEM UM TANTO DE APELIDO LÁ, FICA MAIS FÁCIL PARA IDENTIFICAR.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**  
 SIM  NÃO  
ACHO, PELO APELIDO A CIDADE INTEIRA CONHECE.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**  
 SIM  NÃO  DEPENDE  
NÃO, EM TODAS NÃO. ÀS VEZES OS COLEGAS COLOCAM APELIDO SÓ PARA INCOMODAR O OUTRO, NÉ. NO MEU CASO É CARINHOSO.

**INFORMANTE 36- APELIDO: CALANGO**

DATA DE NASCIMENTO: **20/09/94**      **16 ANOS**      SEXO: **MASCULINO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

CALANGO É PORQUE EU CORRIA MUITO, NÉ. CORRIA IGUAL A UM CALANGUINHO. JOGAVA BOLA, DESDE PEQUENININHO, AÍ EU CORRIA PRA CARAMBA. ERA O QUE MAIS CORRIA. AÍ ELES COLOCARAM ESTE APELIDO. OS OUTROS É POR CAUSA DO MEU NOME.

**2) QUEM O APELIDOU?**

FORAM MEUS COLEGAS. O DOUGLAS, O PESSOAL QUE JOGAVA BOLA COMIGO.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_ NÃO    \_\_X\_ SIM.

ALGUM DOS APELIDOS. OS MEUS COLEGAS, É MAIS O CALANGO. AS PESSOAS MAIS VELHAS SÃO OS OUTROS. MEUS PAIS ME CHAMAM PELO NOME MESMO.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

\_\_\_ NÃO    \_\_X\_ SIM.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

\_\_\_ NÃO    \_\_X\_ SIM.    EM PARTES

MUITOS TEM. O MEU PAI, O NOME DELE É JOSÉ CARLOS E O APELIDO DELE É ZINHO, MEU AVÔ, É ANTÔNIO E O APELIDO DELE É NENÊM.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

\_\_\_ NÃO    \_\_X\_ SIM.

TEM. POR EXEMPLO PERTO DOS PAIS DELA, EU NÃO GOSTO NÃO. ASSIM, GENTE MAIS VELHA TAMBÉM, EM FESTA, NA ESCOLA.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_ NÃO    \_\_X\_ SIM.

AH, A GENTE ACOSTUMA NÉ. ANTES EU NÃO GOSTAVA, NÃO. EU LARGAVA PRO LADO, AÍ EU FUI ACOSTUMANDO E NÃO ADIANTA BRIGAR, NÃO.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

\_\_X\_ SIM    \_\_\_ NÃO

AH, AQUILO LÁ, FACILITA MUITO, VOCÊ ESTÁ É DOIDO.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

\_\_X\_ SIM    \_\_\_ NÃO

AQUI NA CACHOEIRA É ASSIM. FALA O NOME E DEPOIS O APELIDO.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

\_\_\_ SIM    \_\_\_ NÃO    \_\_X\_ DEPENDE

É. DEPENDE DO APELIDO É UM GESTO CARINHO. DEPENDE DO APELIDO QUE TEM UNS QUE É DE SACANAGEM MESMO. ENTÃO O APELIDO É UMA CARACTERÍSTICA.

**INFORMANTE 37- APELIDO: LALADO.**

DATA DE NASCIMENTO: 17/01/94 16 ANOS SEXO: MASCULINO

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

O EDWALDO, O DOUGLAS PEGARAM ESSA MANIA DE ME CHAMAR ASSIM, POIS MEU PAI TEM APELIDO DE LALADO. AÍ FALAM QUE EU PAREÇO COM ELE, SOU BAIXINHO IGUAL ELA, AÍ PEGOU.

**2) QUEM O APELIDOU?**

FORAM MEUS COLEGAS.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

NÃO  SIM.

SÓ MEUS COLEGAS DA ESCOLA E DA CACHOEIRA. MAIS MEUS AMIGOS. SE A MINHA MÃE ME CHAMASSE DE APELIDO, MEU PAI QUE IRIA ATENDER.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO  SIM.

EU SOU MAIS CHAMADO PELOS MEUS COLEGAS, NA RUA E AMBIENTE INFORMAL.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO  SIM. EM PARTES

TEM, BASTANTE. MEU PAI É LALDO, MINHA MÃE ANA MARIA É ANINHA. MEUS IRMÃOS NÃO TÊM.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO  SIM.

QUANDO É FESTA. OU ESTÁ PERTO DE UMA PESSOA DE RESPEITO, DO PAI, AÍ EU NÃO CHAMO, NÃO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

NÃO  SIM.

NÃO ACHO RUIM, NÃO. JÁ PEGOU MESMO.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO

AJUDA MUITO. A GENTE CONSULTA QUANDO NÃO SABE O NOME, SÓ O APELIDO.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

BASTANTE.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

    SIM     NÃO   X   DEPENDE

DEPENDE DO APELIDO, SE NÃO OFENDER A PESSOA. QUANDO MAGOA NÃO É MUITO BOM, NÃO.

**INFORMANTE 38- APELIDO: MANDINHA**

DATA DE NASCIMENTO: **20/10/95**      **15 ANOS**

SEXO: **FEMININO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL

ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

DEM DO MEU NOME, AMANDA. E EU SEMPRE FUI A MENOR DA TURMA. AÍ SEMPRE A MENORZINHA, FICOU MANDINHA.

**2) QUEM O APELIDOU?**

OS MENINOS DA SALA. MINHA MÃE ME CHAMA ASSIM SÓ QUANDO QUER PEDIR ALGUMA COISA.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

  X   NÃO     SIM.

MAIS SÃO OS MEUS COLEGAS DA SALA.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

    NÃO   X   SIM.

NA ESCOLA POR ALGUNS PROFESSORES E A MAIORIA DAS PESSOAS O MEU SERVIÇO.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

    NÃO   X   SIM. EM PARTES

MUITOS TÊM. MEUS PRIMOS, TEM O QUEIJINHO.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

    NÃO   X   SIM.

DEPENDE DE ONDE. ÀS VEZES TAMBÉM ESQUEÇO O APELIDO E CHAMO PELO NOME, OU AO CONTRÁRIO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

    NÃO   X   SIM

GOSTO, NÃO IMPORTO, NÃO.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

  X   SIM     NÃO

AÍ É MAIS FÁCIL. QUANDO VOCÊ CONHECE A PESSOA E NÃO SABE O NOME, SÓ O APELIDO.

NA MINHA CASA USAM BASTANTE.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO  
AJUDA, NÉ.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO  DEPENDE  
DEPENDENDO DO APELIDO É. QUE SURGE DENTRO DE CASA GERALMENTE É. MAS ENTRE OS COLEGAS, NEM TODOS.

**INFORMANTE 39- APELIDO: RAFA, FINHA**

DATA DE NASCIMENTO: **29/04/95**      **15 ANOS**      SEXO: **FEMININO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

DEM DO MEU NOME MESMO. DE MAÍSA RAFAELA.

**2) QUEM O APELIDOU?**

COMEÇOU DENTRO DE CASA E MEUS COLEGAS PASSARAM A ME CHAMAR TAMBÉM.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

NÃO  SIM.  
AQUI NA ESCOLA, NÃO. MAS NA MINHA COMUNIDADE, SIM. MUITA GENTE ME CHAMA.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO  SIM.  
ENTRE OS PROFESSORES. MESU COLEGAS QUE ME CHAMAM DE MAÍSA.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO  SIM. EM PARTES  
A MINHA MÃE CHAMA MARIA APARECIDA E O APELIDO DELA É TIDA, MINHA TINHA CHAMA MARCIANA E É CONHECIDA COMO LELA. MEU TIO, ELE CHAMA CAMILO E MUITA GENTE CHAMA ELE DE NEGO. MINHAS IRMÃS, DANIELA, DANI E MARIA GABRIELA, GABI.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO  SIM.  
CHAMO QUANDO SÃO ESTES MAIS CARINHOSOS CHAMO EM QUALQUER LUGAR. NA ESCOLA, OU QUANDO NÃO TENHO MUITO COSTUME , NÃO CHAMO , NÃO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

NÃO  SIM. GOSTO.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO  
AUXILIA.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

AJUDA, MUITO.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO  DEPENDE

NO MEU CASO É. TEM UNS CASOS QUE NÃO. TEM UNS QUE PÕE SÓ POR GRACINHA.

#### INFORMANTE 40- APELIDO: TUCANO

DATA DE NASCIMENTO: 16/02/95 15 ANOS

SEXO: MASCULINO

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL

ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

EU QUE COMECEI, PORQUE A GENTE JOGAVA BOLA E TINHA QUE TER APELIDO NA CAMISA, AÍ EU NÃO SABIA NENHUM E COLOQUEI TUCANO. OLHE O MEU NARIZ E TAMBÉM É UM BICHO MUITO BONITO, NÉ.

**2) QUEM O APELIDOU?**

EU MESMO.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

NÃO  SIM.

A MAIORIA. MEUS PAIS, NÃO. SÓ OS MENINOS MAIS CHOCOS.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO  SIM.

NA ESCOLA, PELOS PROFESSORES. ÀS VEZES PELOS COLEGAS DA SALA. NA CACHOEIRA A MAIORIA.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO  SIM. EM PARTES

MEUS IRMÃOS, MEUS TIOS, TUDO TEM.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO  SIM.

TEM LUGAR QUE EU NÃO CHAMO, NÃO. EM FESTA, NA ESCOLA. PERTO DOS PAIS SE TIVER MUITO CHOCO EU CHAMO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

NÃO  SIM.

JÁ ACOSTUMEI.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO

UAI, VOCÊ TÁ DOIDO. AJUDA DEMAIS. A GENTE SÓ CONHECE PELO APELIDO.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

MESMA COISA.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO  DEPENDE

É, DEPENDO DO APELIDO É. O MEU É JÁ ACOSTUMEI. QUANSO ESTÁ OFENDENDO, NÃO É NÃO.

#### INFORMANTE 41- APELIDO: ID

DATA DE NASCIMENTO: **29/01/76**      **44 ANOS**      SEXO: **MASCULINO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

NÃO SEI COMO COMEÇOU, MAS TENHO ESTE APELIDO DESDE CRIANÇA, MAS NÃO COMEÇOU LÁ EM CASA, NÃO. ACHO QUE FOI COM COLEGAS DE RUA.

**2) QUEM O APELIDOU?**

COLEGAS DA RUA, EU ACHO.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

NÃO  SIM.

TODO MUNDO. NO MEU TRABALHO, INCLUSIVE MEU PATRÃO, MEUS SOBRINHOS “TIO ID”.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO  SIM.

NÃO ME LEMBRO. ACHO QUE ME CHAMAM ASSIM EM TODO LUGAR.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO  SIM.

MUITOS TÊM.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO  SIM.

CHAMO DE APELIDO QUANDO TENHO MAIS LIBERDADE COM A PESSOA, ÀS VEZES NO TRABALHO DELA NÃO CHAMO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

NÃO  SIM.

GOSTO, SIM. NÃO ME IMPORTO.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO

AJUDA MUITO. É MAIS FÁCIL E RÁPIDO OLHAR PELO APELIDO.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

AJUDA MUITO. A GENTE DESCOBRE QUEM É POR CAUSA DO APELIDO QUE É FALADO DEPOIS DO NOME.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO

DESDE QUE SEJA COM RESPEITO, SIM. ATÉ BRINCAM COMIGO QUANDO SAIO DA MISSA: “ID EM PAZ E QUE O SENHOR VOS ACOMPANHE”.

**INFORMANTE 42- APELIDO: JÉ LITO**

DATA DE NASCIMENTO: **01/06/72**    **38 ANOS**                      SEXO: **MASCULINO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

UÉ, TODO MUNDO ACHA MAIS FÁCIL FALAR JÉ LITO, POIS MEU NOME É JOSELITO.

**2) QUEM O APELIDOU?**

UAI, DESDE PEQUENO, NÉ. AQUI NO BALCÃO, AO INVÉS DE FALAR JOSELITO QUE É MAIS DIFÍCIL, FALAM JÉ LITO. MEUS PAIS TAMBÉM ME CHAMAVAM ASSIM.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

NÃO     SIM.

TODO MUNDO.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO     SIM.

SÓ NA ESCOLA. TINHA UMA DAS PROFESSORAS QUE ME CHAMAVA PELO NOME CERTO. OS OUTROS ERAM PELO APELIDO.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO     SIM.

MEU PAI TEM NÉ, NENZICO.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO     SIM.

EU AS CHAMO EM QUALQUER LUGAR.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

NÃO     SIM.  INDIFERENTE

NÃO ACHO RUIM, NÃO. HORA NENHUMA.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM     NÃO

FACILITA MUITO, E MUITO. UAI CHEGA LÁ PARA PROCURAR, POR EXEMPLO, JOÃO PAULO, AÍ VOCÊ PROCURA JOÃO VETERINÁRIO; DR. HELDER, O NÊM.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

X SIM  NÃO  
AJUDA, AJUDA MUITO.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

X SIM  NÃO

É, AH É. TEM UNS CASOS DE APELIDO QUE O POVO FICA MEXENDO, MAS DEPOIS ACOSTUMA, NÉ, MAS NÃO ACHAM RUIM, NÃO, NINGUÉM ACHA RUIM.

**INFORMANTE 43- APELIDO: MANINHO**

DATA DE NASCIMENTO: **21/03/63** 47 ANOS SEXO: MASCULINO

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

NÃO LEMBRO, ISSO AÍ VEM DESDE CRIANÇA. A VILMICE FALAVA MANDINHO OU MANINHO. VEM DO NOME, MESMO.

**2) QUEM O APELIDOU?**

COMEÇOU NA RUA.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

NÃO  X SIM.

ATÉ UNS DEZ ANOS ATRÁS ERA SÓ MANINHO, MAIS COM O TEMPO PASSARM A ME CHAMAR PELO NOME, MAIS NO SETOR PROFISSIONAL.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

X NÃO  SIM.

É DIFÍCIL, SE ACONTECE DE EM ALGUM LUGAR ME CHAMAR “Ô DILERMANDO” EU FICO PENSANDO QUEM É.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

X NÃO  SIM. EM PARTES

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

X NÃO  SIM.

QUANDO EU COMEÇO POR APELIDO EU CHAMO POR APELIDO, NÃO CHAMO QUASE NINGUÉM POR NOME. TANTO FAZ TANTO FEZ ONDE ESTÁ.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

NÃO  X SIM.

GOSTO. RECONHEÇO MAIS PELO APELIDO DO QUE PELO NOME.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

X SIM  NÃO

AUXILIA, MUITO.

**9) QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

FAVORECE, SIM. SENÃO A GENTE NEM SABE QUEM É.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO

ACHO QUE SIM, DESDE QUE NÃO ESTEJA OFENDENDO.

**INFORMANTE 44- APELIDO: TELECO**

DATA DE NASCIMENTO: **28/10/62**    **43 ANOS**                      SEXO: **MASCULINO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL

ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

ESTA HISTÓRIA COMEÇOU QUANDO EU ERA PEQUENO, NÉ, SEI LÁ, 10 ANOS, OU ANTES DISSO, QUE EU ME LEMBRE. O AVÓ DA MINHA ATUAL ESPOSA COMEÇOU A ME CHAMAR DE “CAPELETE”, AÍ, “CAPELETE”, ‘CAPELETE” E O MEU PAI QUE TRADUZIU PARA TELECO, DE CAPELETE PARA TELECO. FALAR CAPELETE ERA MEIO COMPLICADO E AÍ COMEÇOU A ME CHAMAR DE TELECO E PEGOU.

**2) QUEM O APELIDOU?**

O AVÓ DA TELMA, O TOTOCA E MEU PAI TRANSFORMOU O APELIDO. MEU PAI ERA MUITO AMIGO DELE E EU FICAVA NA CASA DELE.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

NÃO  SIM.

TUDO MUNDO. HOJE SE ME CHAMA DE ANANIAS EU ATÉ NÃO RECONHEÇO, EU ATÉ PREFIRO QUE FALA TELECO PORQUE QUANDO FALA ANANIAS EU FICO PROCURANDO.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO  SIM.

OLHA, ALGUÉM ME CHAMAR PELO NOME É BEM DIFÍCIL. ATÉ NO MEU TRABALHO QUE EU MEXO COM REPRESENTAÇÃO, AGORA TODOS OS MEUS CLIENTES ME CHAMAM DE TELECO, ANTES QUANDO EU ME APRESENTEI ERA ANANIAS, DEPOIS QUE DESCOBRIRAM VIROU TELECO. SÓ TEM DUAS PESSOAS QUE SÓ ME CHAMAM DE ANANIAS: A MINHA SOGRA, A D. LADIR, QUE JÁ FALECEU, E A D. FRANCISCA QUE FOI A DIRETORA DA ESCOLA.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO  SIM.

ASSIM, QUASE QUE É SÓ EU MESMO. MEUS IRMÃOS A GENTE SEMPRE CHAMA PELO NOME MESMO. LEOMAR, LEANDRO, AGORA EU SOBROU TUOD PARA MIM.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO  SIM.

É SÓ APELIDO. ACHO QUE NÃO ENCONTREI NENHUMA SITUAÇÃO QUE ME FIZESSE CHAMAR PELO NOME MESMO. SEMPRE É O APELIDO, NÉ.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_\_\_ SIM.

GOSTO. GOSTO. NÃO IMPORTO. NENHUMA SITUAÇÃO. GOSTO DESDE PEQUENO. SEMPRE GOSTEI DO TELECO.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

\_\_\_X\_\_\_ SIM \_\_\_ NÃO

COM CERTEZA, COM CERTEZA. ÀS VEZES A PESSOA PERGUNTA O NOME AÍ A GENTE NÃO SABE FALAR. AÍ A GENTE JÁ PERGUNTA “TEM APELIDO”, TEM. AÍ NA HORA A GENTE JÁ ‘MATA’ QUEM É.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

\_\_\_X\_\_\_ SIM \_\_\_ NÃO

COM CERTEZA. ÀS VEZES FALA O NOME E VOCÊ JÁ FICA ESPERANDO PARA ESCUTAR O APELIDO PARA IDENTIFICAR.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

\_\_\_X\_\_\_ SIM \_\_\_ NÃO

EU ACREDITO QUE SIM. NA MINHA OPINIÃO, SIM, SABE. EU ACHO QUE OS APELIDOS QUE NÃO SÃO MUITO BEM VINDOS, NINGUÉM COLOCA. O APELIDO QUE A GENTE COLOCA, TODO MUNDO ACEITA, E PARA TODO MUNDO VIRA O SEGUNDO NOME. AQUI NA CACHOEIRA, EM CLÁUDIO TODO MUNDO PEGA APELIDO NUMA BOA. QUANDO NÃO ACEITA, PEGA DE TODO JEITO.

#### **INFORMANTE 45- APELIDO: ZÉ MATÉIA, BEIÇUDO, BICHO BRAVO**

DATA DE NASCIMENTO: 14/02/51 59 ANOS SEXO: MASCULINO

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

TEVE UM CACLOCO UM DIA LÁ EM CASA E OLHOU PARA MIM E DANOU ME CHAMAR DE BEIÇO, BEIÇUDO. NÓS BRINCÁVAMOS MUITO, ENCHENDO CAMINHÃO DE CARVÃO, LÁ NÉ. E FOI COMEÇANDO COM ESSE APELIDO E FOI PEGANDO. O BICHO BRAVO FOI O TAQUINHO DO EDGAR QU ME PÔS ESSE APELIDO POR CAUSA DO MEU NETO. O TAQUINHO CHEOU LÁ EM CASA E PERGUNTOU CADÊ O VOVÔ. AÍ ELE RESPONDEU QUE NÃO ERA O VOVÔ NÃO, QUE ERA O BICHO BRAVO. E AÍ, ACABOU. FICOU BICHO BRAVO ATÉ HOJE. E O JÉ MATÉIA É POR CAUSA DO MEU NOME” JOSÉ ARIMATÉIA”.

**2) QUEM O APELIDOU?**

FORAM OS AMIGOS.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_\_\_ SIM.

TUDO MUNDO. NA MINHA CASA ANTIGAMENTE PELOS MEUS PAIS, NÃO.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO  SIM.

NA VERDADE VARIA DE APELIDO, DEPENDE DO LUGAR ME CHAMAM DE UM JEITO.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO  SIM.  EM PARTES

MEU IRMÃO TEM APELIDO DE “CAMBURÃO”, MEU PAI ERA “VERMELHO”, PORQUE ELE ERA BRANCO E ERA RUIVO, NÉ. FICAVA VERMELHO FÁCIL.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO  SIM.  DEPENDE

ALGUMAS EM CHAMO, OUTRAS NÃO. TEM UM CUNHADO DELE AÍ, (COLEGA DO LADO) QUE TINHA UM APELIDO, O TONHO JORGE E ELE ME CHAMA DE BEIÇUDO. AÍ EU FALEI, Ô TONHO, UMA HORA VOU TE CHAMAR DE APELIDO TAMBÉM, CAPIVARA. AÍ ELE NUNCA MAIS ME CHAMOU DE BEIÇUDO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

NÃO  SIM.

GOSTO, ME ACOSTUMEI, NÃO IMPORTO, NÃO. NO INÍCIO QUE COMEÇARAM A ME CHAMAR DE BEIÇUDO EU NÃO ACHEI MUITO BOM, NÃO. MAS DEPOIS EU PENSEI, ‘AH, NÃO TEM JEITO MESMO’. E PRONTO E ACABOU.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO  EM PARTES

ALGUNS AJUDAM, OUTROS NÃO AJUDAM. ÀS VEZES VOCÊ CONHECE SÓ PELO NOME, AÍ NÃO TEM JEITO, NÉ. ÀS VEZES VOCÊ SE ENGANA COM O JEITO QUE VOCÊ CONHECE A PESSOA NÉ.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO  EM PARTES

ALGUMAS PESSOAS AJUDAM, NÉ. PORQUE SE VOCÊ CONHECE POR APELIDO E FALA NA IGREJA, O NOME COMPLETO, MAS VOCÊ NÃO CONHECE PELO NOME. O DIA QUE O CIGANO MORREU, EU NÃO CONHECI, EU NÃO SABIA QUE ERA ELE. NA HORA QUE FALOU “CIGANO” QUE EU RECONHECI, E ELE ERA QUASE MEU TIO, NÉ. O PESSOAL ACOSTUMA, NÉ. O APELIDO FAVORECE. VOCÊ CONHECE ELES POR APELIDO.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO  DEPENDE

EU ACHO QUE É PELO COSTUME, NÉ. NEM SEMPRE É CARINHO. PELO COSTUME DE CHAMAR, NÉ. QUANDO COMEÇOU ME CHAMAR DE BEIÇO, EU NÃO GOSTEI, MAS DEPOIS EU VI QUE NÃO IA ADIANTAR, NÉ.

**INFORMANTE 46- APELIDO: CACÁ**DATA DE NASCIMENTO: **10/02/54**    **57 ANOS**                      **SEXO: FEMININO**LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA**1) DE ONDE VEM?**

MARIA DO CARMO DO TONICO, REFERÊNCIA AO MEU PAI, LÁ EM CLÁUDIO O NOME DO MEU PAI NÃO TEM ESSE PESO. ENTRE OS SOBRINHOS TIA CACÁ. INCLUSIVE QUANDO PASSARAM DA LISTA TELEFÔNICA QUEM ESTAVA EM CASA ERA A ANÁLIA (SOBRINHA) E ELA FALOU TIA CACÁ. EU SEMPRE TRABALHEI COM OS MEUS ALUNOS SOBRE A REFERÊNCIA DO NOME, DA IDENTIDADE E A IMPORTÂNCIA MESMO DO NOME QUE A GENTE RECEBE NO BATISMO. E CONTAVA A HISTÓRIA DO MEU NOME E A IMPORTÂNCIA DE CHAMAR MARIA, EU GOSTO DO MEU NOME, NÃO GOSTO DE APELIDOS. NÃO GOSTO QUE ME CHAMEM DE CARMINHA, SÓ DE MARIA, AGORA OS AMIGOS DOS MEUS SOBRINHOS, PEGARAM O TIA CACÁ. MAS É NA INTIMIDADE. AGORA NA VERDADE, O MEU APELIDO A QUI DENTRO DE CASA ENTRE OS MEUS IRMÃO, VOCÊ NÃO SABE QUAL QUE É, É CÁMA. A ZEZÉ MINHA IRMÃ, CASADA, MÃE DE FILHOS ELA NÃO FALAVA NEM MARIA DO CARMOS, ENM MARIA SÓ. ÀS VEZES COM OS FILHOS DELA ELA FALAVA A TIA CACÁ. MAS ELA SE REFEREINDO ERA CAMA. UMA VEZ NUM CONSULTÓRIO MÉDICO, EU FALEI ALGUMA COISA E ELA DISSE “QUE ISSO, CÁMA, VOCÊ ESTÁ DOIDA”. OS OUTROS MENISNOS TAMBÉM, OS MAIS NOVOS FALAVAM. MAS ELA SOBRETUDO E O MARCELO. O MARCELO DEPOIS DE DESAPEGOU E PASSOU A FALAR MARIA DO CARMO. ELA MORREU FALANDO CAMA. JÁ OS SOBRINHOS EU NÃO DEIXEI. É CARINHOSO MAIS NÃO É USUAL.

**2) QUEM O APELIDOU?**

TIA CACÁ OS SOBRINHOS, DESDE O PRIMEIRO, NÃO SEI QUEM COMEÇOU.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**\_\_\_ NÃO      X   SIM.

MEUS SOBRINHOS, SIM.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**\_\_\_ NÃO      X   SIM.

SOU MAIS CHAMADA NO MEIO FAMILIAR.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**\_\_\_ NÃO      X   SIM

MUITOS TEM.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**\_\_\_ NÃO      X   SIM.

SELECIONO O LUGAR, E EVITO O MÁXIMO, CHAMAR AS PESSOAS POR APELIDO TENDO EM VISTA MEU TRABALHO COMO EDUCADORA E EU FALAVA MUITO SOBRE A QUESTÃO DO BULLYNG, QUE MUITOS SÃO CARINHOSOS MAS MUITOS SÃO OFENSIVOS. EU CARREGUEI A CARGA DE UM APELIDO EM CLÁUDIO POR MUITOS ANOS E EU FALAVA, NÃO, ESTE APELIDO NÃO É MEU. OS MEUS IRMÃOS EU NÃO SEI FALAR SEM SER O APELIDO, TEM O IAIÁ, O GERALDO. ELE É CONHECIDO COMO GERALDO DO TONICO, MAS A MAIORIA DAS PESSOAS DA

COMUNIDADE FALAM IAIÁ. SAIU DO LIMITE DOMÉSTICO E FOI PARA A COMUNIDADE.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

NÃO  SIM.

GOSTO. QUANDO MEUS SOBRINHOS ME CHAMAM SINTO-ME MUITO MAIS FELIZ. SINTO FELIZ. ACHO AGRADÁVEL. NÃO SEI QUEM FALOU PRIMEIRO, SE FOI EU QUE ENSINEI AOS MAIS VELHOS, PARA FUGIR DO CAMA. A ZEZÉ EXERCEU MAIOR INFLUÊNCIA, POIS QUANDO O MEU PRIMEIRO SOBRINHO NASCEU EU TINHA 16 ANOS, EU TENHO UM SOBRINHO MAIS VELHO QUE PAROU DE ME CHAMAR DE TIA CACÁ, ME CHAMA DE TIA MARIA, O CÉBER. OS OUTROS TODOS ME CHAMAM. EU ACHO ESSE APELIDO CARINHO, MAS É MAIS FAMILIAR. ALGUMAS PESSOAS FALAM E “AÍ, CACÁ, MAS NÃO SÃO MUITAS PESSOAS ALÉM DO CEIO FAMILIAR.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO

OLHA, EU ACREDITO QUE SIM, EU PELO MENOS COMO EDUCADORA, POR 33 ANOS, EU RECONHEÇO OS PAIS DOS MEUS ALUNOS MUITO MAIS PELOS APELIDOS QUE PELO NOME, INFELIZMENTE. PORQUE EU TRABALHAVA O VALOR DO NOME E O MEIO ME FAZIA RECORRER MAIS AO APELIDO. E COMO VIROU TRADIÇÃO, DIVULGOU, FOI PARA A MÍDIA, PARA O FAUSTÃO AQUELA COISA, ALGUMAS PESSOAS EU NÃO SEI RECORRE PELO APELIDO MAS SIM PELA REFERENCIA DA FAMILIA QUE NA MAIORIA DAS VEZES TRAZ A REFERÊNCIA DA FAMÍLIA, OU UM APELIDO.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

COM CERTEZA. POR EXEMPLO ANUNCIOU O FALECIMENTO DA FULANA DE TAL MÃE DO ZÉ ALVES, OU MÃE DO ZÉ MOÇA, AÍ EU JÁ SEI, AGORA DE FALASSE SÓ O NOME DELA OU A REFERÊNCIA DA FILHA MAIS VELHA QUE NEM COMEÇO DIREITO, QUEM É MAIS CONHECIDO, O ZÉ ALVES. QUANDO O PAI DA CLEUDIA FALEU, FALOU O NOME E O TOTE, AÍ EU RECONHECI, MAS SE ALGUÉM NÃO RECONHECESSE NEM O NOME NEM O APELIDO, FALAVAM PAI DA CLEUDIA. AÍ JÁ É A REFERÊNCIA. SEMPRE TENDO UM APELIDO OU UMA REFERÊNCIA FAMILIAR, SENÃO NINGUÉM VAI OU ASSUSTA AS PESSOAS. UMA VEZ MORREU UMA CECÍLIA AQUI, ANUNCIOU LÁ EM CLÁUDIO E FALOU EM MONSEHOR JOÃO ALEXANDRE. MUITA GENTE SE ASSUTOU ACHANDO QUE ERA A MÃE, LIGOU, INVISIVE O ADALBERTO ESTAVA EM UMA REUNIÃO, E AVISARAM. A CECÍLIA DA CACHOEIRA QUE ELES TINHAM REFERÊNCIA LÁ EM CLÁUDIO ERA A CECÍLIA, MAMÃE. ENTÃO TEVE GENTE QUE LIGOU, SE MANIFESTOU. SE ESSA CECÍLIA QUE FOI ANUNCIADA TIVESSE ALGUMA REFERÊNCIA NÃO CAUSAVA CONFUSÃO.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO  DEPENDE

EM NÍVEL FAMILIAR, SIM. SOCIAL, DE GRUPOS DE AMIGOS, COMO CLÁUDIO TEM MUITOS APELIDOS, NÃO. PORQUE A PESSOA ACEITA PORQUE ELA NÃO TEM OUTRA ALTERNATIVA. TENHO CERTEZA QUE SE PERGUNTAR AO MARRUCO SE ELE GOSTA DO APELIDO, TENHO CERTEZA QUE NO FUNDO NO FUNDO ELE NÃO GOSTA, COM O NOME TÃO BONITO, JOÃO MARQUES, E EU FAÇO QUESTÃO DE O CHAMAR DE JOÃO MARQUES. MAS SE ELE TALVEZ FOSSE CONTRA, COMO EU AS PRIMEIRAS VEZES QUE ESCUTEI O APELIDO DE PIOLHO, ME SOOU MUITO MAL.

HOJE, NÃO. FALAVA COM MEUS ALUNOS QUE SE ME CHAMASSEM EU NÃO ATENDERIA, POIS SABIA QUE NÃO ERA COMIGO, MAS LÁ NO FUNDO EU ME IMPORTAVA, SIM. E SE EU OUVIR, AINDA ME INCOMODA, MAS EU NÃO DOU PESO. QUANDO ESSE APELIDO NASCE NO CEIO FAMILIAR, COM APROVAÇÃO DA PESSOA, É. ATRIBUÍDO, POR GRUPOS SOCIAIS, AMIGOS, SITUAÇÕES JOCOSAS, NÃO.

**INFORMANTE 47- APELIDO: CIDA**

DATA DE NASCIMENTO: **30/07/63**    **48 ANOS**                      **SEXO: FEMININO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

TEM DA FAMÍLIA MESMO, ENTRE OS PRÓPRIOS IRMÃOS. MEU NOME É MARIA APARECIDA, ACHO QUE VEM MAIS DOS IRMÃOS QUE DOS MEUS PAIS, PORQUE LÁ EM CASA TODOS QUE TEM APELIDOS FORMA OS PRÓPRIOS IRMÃOS QUE COLOCARAM.

**2) QUEM O APELIDOU?**

PROVAVELMENTE MEUS IRMÃOS.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_ NÃO      X   SIM.

TODAS AS PESSOAS. TODAS, MEUS PAIS, AQUI NO MEU TRABALHO. QUANDO EU VOU ME APRESENTAR, ME APRESENTO COMO CIDA.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

\_\_\_ NÃO      X   SIM.

SÓ NO CONSULTÓRIO MÉDICO, ME CHAMARAM NA HORA DE MARIA, MARIA GONÇALVES, QUE É O MEU SOBRENOME, AÍ EU FIQUEI LÁ, PERDIDA, NEM PENSEI QUE ERA COMIGO. FALARAM UMAS TRÊS VEZES, AÍ DEPOIS QUE EU ME TOQUEI, PENSEI, GENTE NÃO ME CHAMAM E ESTÃO CHAMANDO ESSA MARIA GONÇALVES. DEMOREI MUITO PARA PERCEBER QUE ERA COMIGO. PERGUNTARAM: A MARIA GONÇALVES NÃO ESTÁ? TODO MUNDO, NÃO.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

\_\_\_ NÃO      X   SIM

SIM, MINHA MÃE TEM APELIDO, TENHO UM IRMÃO GÊMEO. O NOME DELE É CLÁUDIO ANTÔNIO E COLOCAMOS O APELIDO NELE DE CANTONHO, QUANDO A GENTE ERA CRIANÇA, DIZEM QUE FUI EU, QUE NÃO DAVA CONTA DE FALAR O NOME. E ALGUMAS PESSOAS O CHAMAM DE CATONHO.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

\_\_\_ NÃO      X   SIM.

EU TENHO UMA AMIGA QUE TEM APELIDO E TEM ALGUNS LUGARES QUE EU NÃO A CHAMO, TIPO NO LOCAL E TRABALHO, NUM LUGAR PÚBLICO, MAIS SÉRIO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_ NÃO      X   SIM.

EU GOSTO. PREFIRO O APELIDO.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO

COM CERTEZA. A GENTE NÃO CONHECE QUASE NINGUÉM PELO NOME.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

TAMBÉM ACHO QUE AJUDA. AQUI TEM ESSE COSTUME, FALA O NOME E MAIS CONHECIDO POR. E QUANDO FALA O NOME DA PESSOA, FICA LEMBRANDO DO SOBRENOME PARA TENTAR ADIVINHAR.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO

ACHO QUE SIM, NA MAIORIA DAS VEZES. TEM MUITAS PESSOAS QUE PÕEM APELIDOS POR GOZAÇÃO, MAS ACREDITO QUE NA MAIORIA DAS VEZES É CARINHOSO, SIM.

**INFORMANTE 48- APELIDO: DEDÉIA**

DATA DE NASCIMENTO: **02/07/65**    **45 ANOS**                      SEXO: **FEMININO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

DESDE PEQUENA, COMEÇOU DENTRO DE CASA.

**2) QUEM O APELIDOU?**

MEUS PAIS, IRMÃO, DENTRO DE CASA.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

NÃO     SIM.

QUASE TODO MUNDO.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO     SIM.

EM ALGUMAS LOJAS, NO SUPERMERCADO QUE COMPRO, ONDE ASSINO LIDÉLIA.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO     SIM

POUCOS. MEUS FILHOS, NÃO TÊM. MEU IRMÃO TELECO.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO     SIM.

DEPENDE DO LUGAR E DA SITUAÇÃO EU CHAMO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

NÃO     SIM.

GOSTO. NENHUMA SITUAÇÃO.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO

ÓTIMA. PORQUE A GENTE NUNCA SABE OS NOMES DAS PESSOAS.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

COM CERTEZA. JUSTAMENTE POR CONHECERMOS MAIS PELOS APELIDOS.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO

ACHO, PORQUE AS PESSOAS CHAMAM POR ALGO MAIS FÁCIL DE FALAR E ACABA QUE ACOSTUMA.

#### INFORMANTE 49- APELIDO: DELINHA

DATA DE NASCIMENTO: 25/02/63 48 ANOS SEXO: FEMININO

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

EU NÃO SEI QUEM CONHEÇOU, FOI ALGUÉM LÁ DE CASA.

**2) QUEM O APELIDOU?**

FAMILIARES, TALVEZ IRMÃOS MAIS NOVOS.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

NÃO  SIM.

NÃO É TODO MUNDO, NÃO. A MAMÃE NÃO FALA, TEM VÁRIAS PESSOAS QUE ME CHAMAM SÓ DE DÉLIA. AQUI, NO MEU TRABALHO SÓ O REGINALDO (CHEFE) ME CHAMA DE DÉLIA. O PAPAÍ JÁ FALA DELINHA. ENTRE OS MEUS IRMÃOS TODOS FALAM DELINHA.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO  SIM.

PELA MINHA MÃE, PELO CHEFE DO MEU TRABALHO. A MAIORIA FALA DELINHA.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO  SIM

SIM, TEM O TELECO, A LULUDE, CHAMA MARIA DE LOURDES, O BERIMAR, O APELIDO DELE É DIMAS.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO  SIM.

TEM LUGARES QUE EU NÃO FALO. A SILVANA POR EXEMPLO TEM APELIDO DE MANGANGA, NÉ. SÓ A CHAMO ASSIM, MAS SE EU VOU LÁ NO BANCO NÉ, EU NÃO FALO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.  
NÃO ME IMPORTO, NÃO. NUNCA ME IMPORTEI.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

\_\_\_X\_ SIM \_\_\_ NÃO

ACHO QUE AJUDA, PORQUE A GENTE CONHECE MUITOS POR APELIDO. AQUI MESMO NO POSTO, EU CONHEÇO MUITAS PESSOAS PELO NOME E APELIDO. IGUAL AO TADEU CARTEIRO QUE SABE OS DOIS. ÀS VEZES ME PERGUNTAM: FULANO DE TAL É QUEM? SEI CONHEÇO PELO NOME E APELIDO.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

\_\_\_X\_ SIM \_\_\_\_\_ NÃO

COM CERTEZA.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

\_\_\_SIM \_\_\_ NÃO X DEPENDE

É, DEPENDE DO APELIDO, NÉ. TEM MUITOS APELIDOS FEIOS, NÉ, QUE COLOCAM BEM ESQUISITOS, TEM UNS QUE AS PESSOAS NEM GOSTAM, COLOCAM SÓ PARA “ENCHER O SACO”.

**INFORMANTE 50- APELIDO: TAINHA, TIA TÁIA, NATÁLIA DO TONICO**

DATA DE NASCIMENTO: **28/07/51**      **60 ANOS**                      SEXO: **FEMININO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

TAINHA É UM APELIDO DA MINHA JUVENTUDE, TAINHA É UM PEIXINHO, NÉ. O TAQUINHO DO TOTOCÁ ME CHAMAVA DE TAINHA, POR CAUSA DO PEIXINHO PORQUE EU ESCORREGAVA MUITO. PARA A COMUNIDADE É NATÁLIA DO POSTO, POIS EU TRABALHEI NO POSTO MUITO TEMPO. PARA OS SOBRINHOS, O DIMINUTIVO DE NATÁLIA, TIA TÁIA. E NATÁLIA DO TONICO, COLOCARAM NA LISTA COMO REFERÊNCIA AO MEU PAI, NÃO SEI QUEM.

**2) QUEM O APELIDOU?**

COLEGAS DA JUVENTUDE, SOBRINHOS, PESSOAS AO FAZER REFERÊNCIA AO MEU TRABALHO.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_X\_ NÃO \_\_\_ SIM.

A MAIORIA DAS PESSOAS ME CHAMAM POR NATÁLIA.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

\_\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

\_\_\_X\_ NÃO \_\_\_ SIM

A MAMÃE SE CHAMA CECÍLIA E TODOS A CHAMAM DE CECÍLIA DO TONICO. O MEU PAI TINHA PORQUE ANTÔNIO RESENDE ERA O TONICO, O DIMINUTIVO DE ANTÔNIO, TONICO DA JOVE, REFERÊNCIA DA MÃE DELE.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO  SIM.

NÃO, EU SOU BEM ATRAPALHADA, EU NÃO TENHO ESSE CUIDADO. SE EU CHAMO POR APELIDO EU CHAMO EM QUALQUER LUGAR, EM QUALQUER SITUAÇÃO. MAS QUANDO EU SEI O NOME EU O FALO. AQUI TEM UMA PESSOA QUE TODOS AS CHAMAM DE LIDINHA, EU SÓ FALO ELÍDIA. AGORA O TADEU DO CORREIO, EU JÁ GRITO E FALO “Ô TADEU DO SIJA”, MAS EU NÃO TENHO ESSE CUIDADO DE OLHAR ONDE É QUE EU ESTOU, NÃO. SOU DESCUIDADA, MAS TAMBÉM PORQUE NÃO SÃO APELIDOS ASSIM, PEJORATIVOS, SÃO CARINHOSOS, NÃO SÃO PARA OFENDER.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

NÃO  SIM.

A QUALQUER UM QUE ME CHAMAR EU ACHO BOM. NUNCA , NUNCA ME IMPORTEI COM NENHUM, ESTÁ TUDO ÓTIMO.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO

COM CERTEZA, NÉ. NÃO SEI NO MEU CASO NÉ. ACHO ATÉ QUE NÃO. MAS ACHO QUE ELA É MUITO IMPORTANTE, POIS CONHECEMOS MAIS PELOS APELIDOS.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

EU ACHO CORRETO, COM CERTEZA. PORQUE SE FALAR O NOME ÀS VEZES A PESSOA NÃO SABE. IDENTIFICAR É SEMPRE BOM. EU TIVE UM AMIGO, UM NAMORADO DE INFÂNCIA QUE FALAVA QUE A QUI NA CACHOEIRA ERA CHIQUE. FALAVA O NOME DA PESSOA FALA DO VÔ, DA VÔ E DO TIO. E ASSIM QUE É BOM. EU TINHA UM AMIGO QUE ERA O NELSON DO TIÃO DO JOÃO DOMINGOS, ENTÃO TRÊS GERAÇÕES. É IMPORTANTE IDENTIFICAR.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO  DENPENDE

SIM. EU ACHO QUE APELIDO, NO NOSSO CASO É COISA CARINHOSA, COISA BOA, UM APELIDO É RUIM POR EXEMPLO QUANDO TEM INTENÇÃO DE OFENDER.

**INFORMANTE 51- APELIDO: CAXIMBO**

DATA DE NASCIMENTO: 26/03/45 64 ANOS SEXO: MASCULINO

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

NA ÉPOCA EM QUE EU ERA CRIANÇA, ENTÃO EU TINHA UM PÉ DE CÔCO, ESSES COQUINHOS PEQUENINHOS, QUE SEMPRE TINHA UM BURQUINHO ASSIM DOS LADOS. ENTÃO EU ENFIAVA UM PAUZINHO E FICAVA COM ELE NA BOCA. AQUI TINHA MUITA GENTE QUE FUMAVA CAXIMBO, ENTÃO TINHA UM TAL DE ESPULETA, QUE PASSAVA LÁ TODO DIA E EU ESTAVA LÁ MEXENDO COM OS CÔCOS E COMEÇOU A FALAR CAXIMBINHO, CAXIMBINHO E FICOU.

**2) QUEM O APELIDOU?**  
OUTRO DE APELIDO, O ESPULETA.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**  
\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_\_\_ SIM.  
MUITA GENTE. SÃO POUCOS QUE NÃO ME CHAMAM.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**  
\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_\_\_ SIM.  
EU TRABALHEI EM SÃO PAULO 4 ANOS, ENTÃO LÁ NINGUÉM NÃO SABIA, EU NÃO CONTEI. MAS POR AQUI, NÃO TEM NINGUÉM, EM CLÁUDIO, NA BOCAINA, NINGUÉM. SÓ UNS QUE NÃO GOSTAM QUE CHAMAM ELES DE APELIDOS AÍ EU PROÍBO DE FALAR O MEU TAMBÉM. MAS OS OUTROS TUDO É CACHIMBO.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**  
\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_\_\_ SIM. EM PARTES  
TEM UM QUE ERA O JOAQUIM, ELES CHAMAM ELE DE CURIM. UM CUNHADO MEU QUE TRAMBÉM JÁ MORREU ELES CHAMAVAM ELE DE BICU. TEM APELIDO AÍ DE TODO TIPO.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**  
\_\_\_X\_\_\_ NÃO \_\_\_ SIM.  
PODE SER EM QUALQUER SETOR, EU CHAMO DE APELIDO PORQUE ELES ME CHAMAM. TODO LUGAR QUE EU CHEGO ME CHAMAM DE CAXIMBO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**  
\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_\_\_ SIM.  
EU NÃ IMPORTO, NÃO. FAZER O QUE. ELES ME CHAMAM E EU NEM LIGAVA.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**  
\_\_\_X\_\_\_ SIM \_\_\_ NÃO  
AJUDA , PORQUE TEM MUITA GENTE QUE A GENTE SÓ CHAMA POR APELIDO E A GENTE NÃO SABE O NOME.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**  
\_\_\_X\_\_\_ SIM \_\_\_ NÃO  
TEM PESSOAS QUE SE FALAR SÓ O NOME E NÃO FALAR O APELIDO NINGUÉM SABE.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**  
\_\_\_SIM \_\_\_ NÃO X DEPENDE  
EU ACHO QUE É ASSIM, QUANDO A PESSOA NÃO IMPORTA, IGUAL A MIM, ASSIM TANTO FAZ ME CHAMAR. SE A PESSSOA NÃO LIGA.

**INFORMANTE 52- APELIDO: LÚCIA**

DATA DE NASCIMENTO: **10/10/45**    **65 ANOS**    SEXO: **FEMININO**  
LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

UAI, EU NÃO GOSTAVA DO NOME DE MARIA PORQUE TINHA MUITA MARIA NA ESCOLA. AÍ EU TINHA UMA COLEGA QUE CHAMAVA LÚCIA, AÍ EU MUDEI O MEU NOME. EU ACHAVA O MÁXIMO, POIS ERA UMA RARIDADE. O RESTO ERA MARIA E JOÃO. AÍ NA ESCOLA MESMO FORMA ME CHAMANDO DE LÚCIA E FICOU ATÉ HOJE.

**2) QUEM O APELIDOU?**

EU MESMA.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

NÃO  SIM.

TUDO MUNDO, MEU MARIDO, EM CLÁUDIO, AQUI NA CACHOEIRA.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO  SIM.

EM LUGAR NENHUM. ATÉ NA HORA DE FAEZR NOTINHA NO SUPERMERACDO, TUDO ACEITAM LÚCIA.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO  SIM

TEM. TODOS TEM. O MITIU, O MARIDO DA ROBERTA ELE SE CHAMA REGINALDO MITSHUAKI. O OUTRO SE CHAMA RINALDO CHIAKI, O PESSOAL O CHAMA DE CHIAKI. MEU SEGUNDO FILHO EU NÃO QUERIA APELIDO DE JEITO NENHUM, AÍ TINHA UM COLEGUINHA QUE FALAVA: AH NÃO CHAMAR DE MITSHUAKI É MUITO GRANDE, É MITIU. E PEGOU.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO  SIM.

AH, EU SEMPRE FALO O APELIDO. ACOSTUMA, NÉ.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

NÃO  SIM.

AH, GOSTO, ACOSTUMEI. A VIDA INTEIRA, NÉ.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO

EU ACHO, É UMA BOA.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

AJUDA, MUITO. FALA O NOME E APELIDO. ÀS VEZES FALA O NOME, VOC~E ESTÁ DISTRAÍDA.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO X DEPENDE

TEM APELIDO QUE É CARINHOSO, NÉ, TEM OUTROS QUE NÃO. DEPENDE DO APELIDO. SE FOR UM APELIDO ASSIM, RESPEITÁVEL, PORQUE TEM APELIDO DE

TODO TIPO, NÉ. O MEU EU QUE ESCOLHI, NÉ. EU QUE ME APELIDOU , POIS ACHAVA QUE TINHA MARIA DEMAIS NESSE MUNDO E NÃO QUERIA SER MAIS UMA.

**INFORMANTE 53 - APELIDO: NINA**

DATA DE NASCIMENTO: **19/10/32**    **78 ANOS**                      SEXO: **FEMININO**

LOCAL QUE RESIDE:     ZONA RURAL  
                                    ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

SOU CHAMADA ASSIM DESDE CRIANCINHA, MEUS PAIS ME CHAMAVAM ASSIM. ENGRAÇADO QUE DEPOIS DE MIM, TEM UM TANTO DE GENTE COM O MESMO NOME PORQUE ACHARAM BONITO E COM O MESMO APELIDO. TODO MUNDO QUE VEM AQUI E FICA SABENDO MEU NOME E ACHAM MUITO BONITO, EU ACHO FEIO “PRA CARAMBA”.

**2) QUEM O APELIDOU?**

MEUS PAIS.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_\_ NÃO      X   SIM.

DE POUCO TEMPO PARA CÁ QUE DESCOBRIRAM QUE EU CHAMO ESPERANÇA. TODO MUNDO ME CHAMA DE NINA. UM OU OUTRO QUE ME CHAMA DE ESPERANÇA. A TEREZA AQUI DO LADO ME CHAMA. POR EXEMPLO, UMA PESSOA QUE TEM O PRIMEIRO CONTATO COMIGO ME CHAMA DE ESPERANÇA, MAS DEPOIS JÁ VIRA NINA.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

\_\_\_\_ NÃO      X   SIM.

QUANDO AS PESSOAS ME CONHECEM PELA PRIMEIRA VEZ. DE UNS CINCO ANOS ATRÁS QUE PASSARAM A SABER MAIS O MEU NOME. ACHO QUE DEPOIS QUE O MEU MARIDO MORREU, AÍ EU FIQUEI TOMANDO MAIS A FRENTE DE TUDO, NÉ, DE NEGÓCIOS, DE IMPOSTO, DO SÍTIO QUE A GENTE TEM, ENTÃO EU TOMEI FRENTE DE TUDO, NÉ. NÃO SABIA NEM IR AO BANCO. ENTÃO, POR ISSO PASSARM A CONHECER O MEU NOME. MAS ATÉ AÍ NÃO CONHECIAM, NÃO.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

\_\_\_\_ NÃO      X   SIM. EM PARTES

TEM , TODO MUNDO TEM. A QUITA CHAMAVA MIRENE, A NELITA CHAMAVA ANELITA, O NENÉM CHAMA VICENTE. MEUS MENINOS TUDO TEM.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

  X   NÃO    \_\_\_\_ SIM.

QUANDO CONHEÇO POR APELIDO É SÓ APELIDO. NEM SEMPRE SABE O NOME , NÉ. É IGUAL EU, MUITA GENTE NÃO SABE. ÀS VEZES ACONTECE ASSIM, FULNAO DE TAL CHAMA PELO NOME, AÍ A GENTE PENSA, MAS ELE CHAMA ASSIM, NEM SABIA.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_\_ NÃO      X   SIM.

UAI, TEM QUE GOSTAR , NÉ. NÃO IMPORTO NÃO, É DESDE DE PEQUENININHA. ERA BEM RARO MEU APELIDO E MEU NOME. TEM POUCAS “NINAS”. AQUI NA CHACHOEIRA TEM DUAS. DE VEZ EM QUANDO VEM CONTA DELA PARA MIM, PROCURAM POR ELA AQUI.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO

PELO APELIDO É MAIS FÁCIL, NÉ, PROCURAR. PORQUE A GENTE NEM SEMPRE CONHECE PELO NOME, NÉ. AGORA, MEU MARIDO TRABALHAVA NO CORREIO, NÉ. ELE CONHECIA TODO MUNDO AQUI NA CHACHOEIRA PELO NOME, ENDEREÇO, ONDE MORAVA E EM CLÁUDIO TAMBÉM, PORQUE ELE TRABALHOU LÁ. ELE CONHECIA PELO NOME, APELIDO. NA ÉPOCA ELE SABIA TUDO. O NOME DELE ERA VALDOMIRO E APELIDO ERA MIRO, ELE ERA IRMÃO DO BENONE RIBEIRO.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

SE NÃO FALA O APELIDO, SÓ O NOME, A GENTE NÃO CONHECE.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO  DEPENDE

TEM UNS QUE SIM, TEM UNS QUE NÃO. TEM UNS QUE CHAMAM POR SACANAGEM. IH, MAS É TANTO APELIDO, AQUI NA COCHOEIRA É IGUAL EM CLÁUDIO. TEM APELIDO DE MAIS. TEM UNS QUE TEM APELIDO FEIO.

**INFORMANTE 54- APELIDO: NINICA**

DATA DE NASCIMENTO: **12/12/45** **65 ANOS** SEXO: **FEMININO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

NÃO LEMBRO O PORQUÊ, MAS EU ERA PEQUENA E COMEÇOU NA MINHA FAMÍLIA COM A MINHA MÃE E MEUS IRMÃOS, POIS MEU PAI EU NÃO O CONHECI.

**2) QUEM O APELIDOU?**

NA MINHA CASA, MINHA MÃE E MEUS IRMÃOS.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

NÃO  SIM.

NINGUÉM ME CONHECE PELO NOME.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO  SIM.

DESDE A ESCOLA ERA NINICA, MESMO. A PROFESSORA É QUE ME CHAMAVA PELO NOME MESMO.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO  SIM.  EM PARTES

TEM. MEUS PAIS NÃO TINHAM, DEPOIS MAIS TARDE QUE MINHA MÃE FICOU COM O APELIDO DE VOVÓ MARGARIDA. E MEUS IRMÃOS TODOS TÊM APELIDO. E O

NOME DOS MEUS IRMÃOS SÃO TODOS LINDOS. ACHO TODOS LINDOS. JÁ O MEU E DA MINHA IRMÃ MAIS VELHA, ACHEI QUE ELES JUDIARAM TANTO DOS NOMES. MEU IMÃO MAIS VELHO SE CHAMA BENÍCIO E TEM APELIDO DE FIFICO. O SEGUNDO ELE CHAMAVA VINÍCIUS E TINHA APELIDO DE NENÊ. E TEM O JOVENÍCIO , TEM APELIDO DE NENZICO. E MINHA IRMÃ MAIS VELHA, ERA A RAIMUNDA COM APELIDO DE FIA.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO  SIM.

EU FALO É O APELIDO MESMO. EU CONHEÇO ASSIM.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

NÃO  SIM.

EU PREFIRO. TAMBÉM NINGUÉM ME CONHECE PELO MEU NOME.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO

AJUDA. E MUITO. CONSULTO. EU JÁ FIQUEI CONSTRANGIDA COM UM RAPAZ QUE ME PERGUNTOU O NOME D EUM SENHOR E EU NÃO SOUBE INFORMAR, AÍ EU PERGUNTEI O QUE ELE FAZIA. AÍ ELE ME INFORMOU A PROFISSÃO AÍ QUE EU IDENTIFIQUEI. EU NÃO SABIA O NOME DELE, SÓ O APELIDO.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

AJUDA. PRIMEIRO FALA O NOME DA PESSOA E DEPOIS MAIS CONHECIDO COMO.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO  DEPENDE

AH, CERTOS APELIDOS ACHO QUE SIM. NO MEU CASO EU GOSTO. AGORA TÊM ALGUNS APELIDOS QUE A PESSOA NÃO GOSTA E TAMBÉM A GENTE ACHA QUE NÃO DEVIA POR. EU CRIEI MEUS FILHOS SEM POR NENHUM. O TENHO MEU MARIDO TEM. QUASE QUE A CACHOEIRA INTEIRA TEM.

#### INFORMANTE 55- APELIDO: ZÓIO

DATA DE NASCIMENTO: **05/04/30** **80 ANOS** SEXO: MASCULINO

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

ICHI, TÊM MUITOS ANOS ISSO. A D. AMÉLIA DO TOTOCA QUE ME POS ISSO. MAS EU NÃO POSSO EXPLICAR, ELA QUE COMEÇOU NÉ. AÍ COMEÇAM A BRINCAR ZÓIO, ZOVIDO, ZOREIA.

**2) QUEM O APELIDOU?**

D. AMÉLIA DO TOTOCA, NÓS TRABALHAMOS JUNTOS.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

NÃO  SIM. TODO MUNDO.

4) **TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO  SIM.

SÓ SE FOR NUM LUGAR ESTRANHO. LÁ EM SÃO PAULO QUEM JÁ ME CONEHECE ME CHAMA PELO APELIDO.

5) **TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO  SIM. EM PARTES

NÃO. MEU PAI TINHA O MESMO NOME QUE O MEU.

6) **AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO  SIM.

TEM PESSOA QUE EU CHAMO SÓ DE APELIDO, TEM OUTRAS QUE É PELO NOME. LÁ EM CLÁUDIO TEM UM AGORA , O SAMBANGA, QUE SE FALAR COM ELE ASSIM AGORA ELE BRIGA. AÍ TODO MUNDO CHAMAVA ELE DE SAMBANGA. MAS AGORA ELE CONSEGUIU TIRAR, NINGUÉM CHAMA MAIS.

7) **VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

NÃO  SIM.

ACHO BÃO. ACHO BÃO. OS MENINOS CHAMAM, TODO MUNDO.

8) **A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO

AJUDA DEMAIS, NÉ.

9) **E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

AH SIM. AQUI TEM MUITOS QUE FALAR O NOME VOCÊ NÃO SABE. SÓ CONHECE PELO APELIDO.

10) **PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO  DEPENDE

ACHO QUE É, É A MESMA COISA. SE A PESSOA NÃO ACHAR RUIM. POSSO FALAR CAXIMBO QUE ELE NÃO SE IMPORTA.

#### **INFORMANTE 56- APELIDO: FRANCISCA DA TININHA**

DATA DE NASCIMENTO: **10/06/31** **80 ANOS** SEXO: **FEMININO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

1) **DE ONDE VEM?**

A REFERÊNCIA DO NOME DA MINHA MÃE. CHAMAVA-SE DE CONSTATINA, ELA FOI CRIADA COM A AVÓ DELA, A MÃE BINA, A GENTE A CHAMAVA DE MÃE BINA E LÁ PUSERAM O APELIDO DE TININHA, POR CAUSA DE CONSTANTINA. E O AVÔ DELA SE CHAMAVA CONSTANTINO, O CHAMAVMA DE PAPAI TININHO.

**2) QUEM O APELIDOU?**

AS PESSOAS DE MANEIRA GERAL.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

NÃO  SIM.

QUALQUE PESSOAS QUE PRECISAR DAR UMA REFERÊNCIA VAI FALAR ASSIM.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO  SIM.

O ÚNICO LUGAR QUE NÃO USAVAM ESSA REFERÊNCIA ERA NO COLÉGIO. NO MEU TRABALHO, SE FOSSEM FAZER REFERÊNCIA A OUTRAS PESSOAS DE FORA DA ESCOLA USAVAM, DO CONTRÁRIO, NÃO.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO  SIM.  EM PARTES

TEM A MINHA IRMÃ QUE MORA EM DIVINÓPOLIS, O NOME DELA É MARIA E TEM APELIDO DE CHIQUINHA. OS HOMENS ELES FALAVAM, ZÉ DA TININHA, MAS AQUI EM CASA ERA CHAMADO DE JOSÉ.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO  SIM.

NA VERDADE TEM PESSOAS QUE NÃO TEM COMO NÃO CHAMÁ-LAS, POIS SÓ SE CONHECE POR ELE. A LIDINHA POR EXEMPLO, EU SÓ A CHAMO DE LIDINHA, ELA SE CHAMA ELÍDIA, FOI MINHA COLEGA.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

NÃO  SIM.

UAI ME SINTO BEM, PORQUE TODA VIDA FOI ASSIM.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO

AUXILIA, NÉ, PORQUE TEM UTA GENTE QUE A GENTE NÃO SABE O NOME.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

FAVORECE TAMBÉM, DESDE QUE NÃO DEIXEM DE MENCIONAR O NOME DA PESSOA.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO  DEPENDE

NEM SEMPRE. ÀS VEZES TEM UM APELIDO FEIO, SE FALAM ASSIM POR EXEMPLO, MARIAZINHA, É CARINHO. SE FALA ZÉ. AGORA “DEZ PRAS DUAS”, MEXE COM UM DEFEITO DA PESSOA, UMA MANEIRA DE ANDAR. TEM UMA PESSOA AQUI QUE SE CHAMA ANA ELIZA E A APELIDARAM DE ZÁ, OLHA QUE FEIO. EU NÃO A CHAMO DE ZÁ. TEM UM MENINO QUE NÓS CRIAMOS, VEIO PARA CÁ COM 2 ANOS E 4 MESES. TODO MUNDO O CHAMAVA DE JÔSE, OU SÓ O CHAMO DE JOSEMAR.

**INFORMANTE 57- APELIDO: LADICA**DATA DE NASCIMENTO: **06/11/45**    **65 ANOS**                      **SEXO: FEMININO**LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA**1) DE ONDE VEM?**

UAI, COM MEUS PAIS, NÉ. DESDE QUE EU ME ENTENDO POR GENTE, TODO MUNDO ME CHAMA DE LADICA. EU TINHA UM PRIMO, QUE NEM MORAVA AQUI, ERA DE CARMÓPOLIS, SABE, FILHO DA IRMÃ DA MINHA MÃE, ELE TINHA APELIDO DE LADICO, MAS EU NEM SEI O NOME DELE.

**2) QUEM O APELIDOU?**

MEUS PAIS.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**\_\_\_ NÃO      X   SIM.

TODO MUNDO. SE FALAR GERALDA NINGUÉM SABE.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**\_\_\_ NÃO      X   SIM.

NA ESCOLA, NÉ. QUANDO EU ESTUDAVA EM CLÁUDIO, NO MAGISTÉRIO, OS PROFESSORES NO CASO, NO PRINCÍPIO, OS COLEGAS, PORQUE DEPOIS QUE DESCOBRIRAM, TODO MUNDO FALAVA LADICA E É ATÉ HOJE.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**\_\_\_ NÃO      X   SIM.    EM PARTES

TODO MUNDO TEM. MINHAS IRMÃS TODAS TINHAM. SÓ UM IRMÃO QUE NÃO, É O ÚNICO IRMÃO HOMEM, E SÓ ELE QUE NÃO TEM. ELE SE CHAMA JUDAS TADEU E TODO MUNDO O CHAMA DE TADEU. MEU PAI TINHA APELIDO, ELE SE CHAMAVA SIGESMUNDO E TINHA APELIDO DE SIJA. A MAMÃE, NÉ, CONCEIÇÃO, CONCEIÇÃO MARIA E TODO MUNDO A CHAMAVA DE CEÇÃO, CEÇÃO DO SIJA. A REFERÊNCIA DO MARIDO, NÉ.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**  X   NÃO    \_\_\_ SIM.

SÓ PELO APELIDO. NA MAIORIA DAS VEZES A GENTE NEM SABE OU NEM LEMBRA, PORQUE ESTÁ TÃO ACOSTUMADO, NÉ

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**\_\_\_ NÃO      X   SIM.

EU NÃO IMPORTO, NÃO. ÀS VEZES QUANDO ME CHAMAVA POR GERALDA, QUANDO ESTUDAVA EM CLÁUDIO, EU FICAVA ASSIM PENSANDO “SERÁ QUE SOU EU”? DE TÃO ACOSTUMADA QUE A GENTE FICA.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**  X   SIM    \_\_\_ NÃO

DEMAIS. A GENTE USA SÓ A LISTA DE APELIDOS AQUI.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

AJUDA E ELES FALAM O NOME PRÓPRIO E O APELIDO, SE NÃO FALAR, POUCOS SABEM. FALA FULANO DE TAL E MAIS CONHECIDO COMO.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO

EU ACHO, EU ACHO. PRINCIPALMENTE, IGUAL MEU CASO, QUE VEIO DE DENTRO DE CASA NÉ. IGUAL LIDINHA,, MAS TEM APELIDOS TÃO DIFERENTES, NÉ. AS MINHAS IRMÃS, TEM A ELÍDIA, QUE É LIDINHA, MARIA DO CARMO É LILITA, A IOLANDA É LANDA, A CASSILDA É TIDE, BETHE, A ANA ELISABETH, A MARIA TRINDADE QUE É LIA, E O TADEU QUE NÃO TEM. ENGRAÇADO ESTA HISTÓRIA DE APELIDO, O MEU AVÓ SE CHAMAVA ROMUALDO E TINHA PELIDO DE SANAIA, AGORA A MINHA IRMÃ IOLANDA COLOCOU O NOME NA FILHA DELA DE SANAIA. ELA FALOU QUE SE FOSSE HOMEM OU MULHER SERIA SANAIA. UM NOME QUE VEIO DE UM APELIDO.

**INFORMANTE 58- APELIDO: LUZIA DA TININHA**

DATA DE NASCIMENTO: **26/01/37**    **74 ANOS**                      **SEXO: FEMININO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

TININHA ERA MINHA MÃE. SE CHAMAVA CONSTANTINA ISABEL DE SOUSA. TODO MUNDO A CHAMAVA DE TININHA, ERA UMA PESSOA, ASSIM, MUITO QUERIDA. SE CHEGARAVA ALGUÉM NA CIDADE, UM MÉDICO, UM PADRE ELA FAZIA APRIMEIRA VISITA. ERA MUITO SOCIAL. FAZIA QUESTÃO DE CONHECER AS PESSOAS , ESTAR COM AS PESSOAS, ERA UMA PESSOA MUITO POPULAR.

**2) QUEM O APELIDOU?**

AS PESSOAS EM GERAL

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

NÃO  SIM.

A MAIORIA DAS PESSOAS. GERALMENTE QUANDO A GENTE TRABALHAVA, NÃO, AS PESSOAS NOS CHAMAVAM DE DONA. ERA DONA LUZIA.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO  SIM.

NA ESCOLA, COMO FALEI. ÀS VEZES ALGUÉM POR BRINCADEIRA FALA “LUZIA DA TININHA”.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO  SIM. EM PARTES

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO  SIM.

É MUITO DIFÍCIL EU CHAMAR AS PESSOAS POR APELIDOS, EU PREFIRO CHAMAR PELO NOME. ATÉ PORQUE MUITOS DE NOSSOS ANTIGOS ALUNOS AGORA JÁ SÃO

PAIS DE FAMÍLIA, SÃO AVÓS, ENTÃO A GENTE O CONHECEU PELO NOME DA ESCOLA E CONTINUA CHAMANDO PELO NOME DA ESCOLA.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

GOSTO. DE MANEIRA NENHUMA. A GENTE ACHA ATÉ INTERESSANTE. AGORA AQUI EM CASA TODOS SÃO DA TINHINHA, MENOS O JOAQUIM QUE É DO MANOEL, NOME DO MEU PAI. OS DEMAIS DA TININHA.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

\_\_\_X\_ SIM \_\_\_ NÃO

EU ACREDITO QUE AUXILIA SIM. PORQUE AQUI TEM PESSOAS QUE MUDARAM DEPOIS QUE JÁ GANHARAM APELIDO. OLHAR PELO APELIDO É MAIS RÁPIDO.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

\_\_\_X\_ SIM \_\_\_ NÃO

FAVORECE. OLHA ACONTECEU UM FATO MUITO INTERESSANTE. NÓS TIVEMOS UM ALUNO AQUI QUE SE CHAMAVA GERALDO, CHAMA ELE É VIVO AINDA E TRABALHAVA NO EXPEDITO SUPERMERCADO E TEM APELIDO DE ZULA. A FRANCISCA LIGOU PARA LÁ E PERGUNTOU: É O GERALDO QUE ESTÁ FALANDO, ELE FALOU NÃO AQUI, É O ZULA. A PESSOA SE ACOSTUMA TANTO QUE SE ESQUECE DO PRÓPRIO NOME.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

\_\_\_SIM \_\_\_ NÃO X DEPENDE

ÀS VEZES, SIM, ÀS VEZES NÃO. ÀS VEZES, UMA CRIANÇINHA, ASSIM CARINHOSO, BEBEZINHA, A GENTE COMEÇA A FALAR UM APELIDO E AQUILO PEGA. MAS QUANDO ADULTA ALGUÉM TENTA COLOCAR UM APELIDO E AÍ PEGA. ENTÃO, DEPENDE DA SITUAÇÃO.

**INFORMANTE 59- APELIDO: TIA TÓDIA, CUSTÓDIA DO JOAQUIM DA TININHA**

DATA DE NASCIMENTO: **15/07/33**    **78 ANOS**                      SEXO: **FEMININO**

LOCAL QUE RESIDE:  ZONA RURAL  
 ZONA URBANA

**1) DE ONDE VEM?**

EM VEZ DE FALAR TIA CUSTÓDIA, FALAM TIA TÓDIA E FICOU MUITA GENTE , FICOU QUASE QUE UM APELIDO. E AINDA FALAM, A REFERÊNCIA DO MEU MARIDO E DA FAMÍLIA DELE: CUSTÓDIA DO JOAQUIM DA TININHA. MEU MARIDO É IRMÃO DA FRANCISCA, FILHOS DA TININHA. E AQUI, TEM DUAS CUSTÓDIAS NA CACHOEIRA, ENTÃO TEM QUE TER A DIFERENÇA.

**2) QUEM O APELIDOU?**

MEUS SOBRINHOS. O OUTRO PARA DIFERENCIAR DA OUTRA CUSTÓDIA.

**3) TODOS TE CHAMAM PELO APELIDO?**

\_\_\_ NÃO \_\_\_X\_ SIM.

TIA TÓDIA, LÁ EM CLÁUDIO TEM MUITO RAPAZ QUE ME CHAMA DE TIA TÓDIA.

**4) TEM ALGUM LUGAR EM QUE VOCÊ NÃO É (NÃO FOI) CHAMADO POR APELIDO?**

NÃO  SIM.

OS PADRES, AS MINHAS AMIGAS MESMOS, NO CLUBE DE MÃES, É UMA TURMA DE SENHORAS, ELAS ME CHAMAM DE CUSTÓDIA.

**5) TODOS NA SUA FAMÍLIA TEM APELIDOS?**

NÃO  SIM. EM PARTES

TEM. MEUS FILHOS MESMOS TEM APELIDOS, O SILVANO TEM APELIDO DE BICHÃO, O SILVÉRIO TEM APELIDO DE CHUPETA. MINHA MÃE TINHA, SE CHAMAVA ROSA, E TODOS A CHAMAMA DE ROSINHA, MEU PAI JOAQUIM, NA REGIÃO ERA CONHECIDO POR QUINCA. MINHAS IRMÃS NEM TODAS TINHAM.

**6) AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE POR APELIDO TEM ALGUM LUGAR QUE VOCÊ NÃO AS CHAMA?**

NÃO  SIM.

TENS UNS QUE EU NÃO CHAMO POR APELIDO. MAS TEM OUTROS QUE ACABO CHAMANDO. AQUI MESMO TEM UM O JOSÉ TEIXEIRA, É MARCINEIRO. A MÃE DELE O CHAMAVA DE ZEZINHO, MAS TODO MUNDO O CONHECE POR CARÁ. LÁ EM CLÁUDIO TEM UM O MOSQUITO, ESSE MESMO EU FALO MOSQUITO PORQUE TODO MUNDO FALA. SÃO DOIS QUE EU FALO SÓ O APELIDO. MAS QUANDO EU SEI O NOME EU FALO.

**7) VOCÊ GOSTA DE SER CHAMADO POR APELIDO? TEM ALGUMA SITUAÇÃO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?**

NÃO  SIM.

GOSTO. NUNCA TEVE SITUAÇÃO, ATÉ GOSTO, É CARINHOSO, NÉ.

**8) A LISTA TELEFÔNICA “APELISTA” REALMENTE TE AUXILIA QUANDO NECESSITA FAZER UMA CONSULTA?**

SIM  NÃO

É BOM, NÉ, EU ACHO. PORQUE ÀS VEZES A GENTE NEM SABE O NOME, AÍ É MAIS FÁCIL NÉ. COMO CLÁUDIO É CONHECIDA POR CIDADE DOS APELIDOS, AQUI NA CACHOEIRA TAMBÉM TEM MUITO. AQUI TEM UM MECÂNICO, NÃO SEI SE VOCÊ CONHECE, ELE CONVERSAVA COM AS PESSOAS E FALAVA ASSIM: “Ô PADRINHO, COMO É QUE VAI”? CHAMAVA OS OUTROS DE PADRINHO AÍ O APELIDO PASSOU PARA ELE. LÁ TEM ATÉ O ESCRITO: OFICINA DO PADRINHO. ELE FICOU SENDO PADRINHO MESMO.

**9) E QUANDO É ANUNCIADA A NOTA DE FALECIMENTO, O USO DO APELIDO FAVORECE O RECONHECIMENTO?**

SIM  NÃO

AJUDA, NÉ. PRIMEIRO FALA O NOME E DEPOIS FALA CONHECIDO POR TAL.

**10) PARA VOCÊ: APELIDAR É UM GESTO CARINHOSO?**

SIM  NÃO  DEPENDE

AH, NÃO. NEM TODOS SÃO CARINHOSOS NÃO. A PESSOA NÃO IMPORTANDO. COMO EU TENHO LÁ EM CLÁUDIO UMA CONHECIDA, A ZICA, ELA JÁ TÁ BEM VELHINHA, QUASE NÃO SAI, E O MARIDO DELA TEM APELIDO DE BANANA, ELE JÁ ESTÁ VELHO TAMBÉM, MAS ELE NÃO GOSTA, NEM VER. NUNCA GOSTOU. SE ALGUEM FALA COM ELE MESMO, ELE DÁ O TROCO. ENTÃO TEM APELIDOS QUE AS PESSOAS NÃO GOSTAM. IGUAL AOS MEUS FILHOS, ELES NÃO SE IMPORTAM.

